

PATRÍSTICA

GREGÓRIO MAGNO

Regra Pastoral



GREGÓRIO MAGNO

REGRA PASTORAL

Prefácio

Dom Moacyr Grechi, OSM

Introdução e notas

Heres Drian de Oliveira Freitas, OSA



Índice

APRESENTAÇÃO

Prefácio

Introdução

Em nome do Senhor, títulos dos capítulos

Gregório a João, reverendíssimo e santo irmão, meu colega no episcopado

PRIMEIRA PARTE: CONDIÇÕES PARA ASSUMIR O MAIS ALTO GRAU DO MINISTÉRIO PASTORAL

Capítulo 1: Não ouse assumir a responsabilidade do magistério quem não estiver preparado.

Capítulo 2: Não assumam a responsabilidade do governo das almas aqueles que não colocam em prática na própria vida o que aprenderam com o estudo.

Capítulo 3: Sobre o peso da responsabilidade do ministério. É necessário relativizar as adversidades e temer os sucessos.

Capítulo 4: Frequentemente, as tarefas exaustivas do ministério desestabilizam e dissipam o espírito.

Capítulo 5: Sobre aqueles que poderiam exercer bem o ministério pastoral pelo exemplo de suas virtudes, mas a ele se subtraem, buscando a própria tranquilidade pessoal.

Capítulo 6: Aqueles que, por humildade, se subtraem à responsabilidade do ministério pastoral são verdadeiramente humildes quando não resistem ao projeto de Deus.

Capítulo 7: Acontece, às vezes, que alguns aspirem de modo louvável ao ministério da pregação, e que outros, de modo não menos louvável, a ele sejam obrigados.

Capítulo 8: Sobre aqueles que cobiçam o poder e se apressam em citar, a serviço da própria paixão, uma instrução do Apóstolo.

Capítulo 9: Aqueles que querem presidir frequentemente lisonjeiam o próprio coração com falsas promessas de realizar boas obras.

Capítulo 10: Quem deve assumir o governo das almas?

Capítulo 11: Quem não deve assumir o governo das almas?

SEGUNDA PARTE: A VIDA DO PASTOR

Capítulo 1: (12)* Como deve comportar-se aquele que, legitimamente, acede ao ministério pastoral?

Capítulo 2: (13) O pastor seja puro nos pensamentos.

Capítulo 3: (14) O pastor tenha sempre uma ação exemplar que convença.

Capítulo 4: (15) Que o pastor guarde um silêncio discreto e tenha uma palavra

útil.

Capítulo 5: (16) O pastor tenha uma atenção plena de compaixão para com cada pessoa, uma contemplação que o desapegue da terra mais que todos os outros.

Capítulo 6: (17) Que o pastor tenha uma humildade que faça dele, para as pessoas de bem, um companheiro e um zelo enérgico pela justiça contra os vícios dos delinquentes.

Capítulo 7: (18) Que o pastor não deixe, nas suas ocupações exteriores, enfraquecer seu cuidado com a vida interior; que na sua aplicação à vida interior, não negligencie o cuidado das ocupações exteriores.

Capítulo 8: (19) Que o pastor não se proponha a agradar aos homens com o seu zelo, mas se empenhe naquilo que a eles pode agradar.

Capítulo 9: (20) O pastor deve saber que, frequentemente, os vícios assumem a aparência das virtudes.

Capítulo 10: (21) Um discernimento necessário ao pastor: é preciso repreender ou dissimular, ser enérgico ou usar ternura?

Capítulo 11: (22) Quando o pastor de almas deve se aplicar a meditar a lei divina.

TERCEIRA PARTE: COMO O PASTOR QUE VIVE COM COERÊNCIA DEVE INSTRUIR E EXORTAR OS SEUS FIÉIS?

Prólogo

Capítulo 1: (23) A grande diversidade requerida na arte da pregação.

Capítulo 2: (24) É preciso admoestar de modo diferente os homens e as mulheres.

(25) É preciso admoestar de modo diferente os jovens e os idosos.

(26) É preciso admoestar de modo diferente os pobres e os ricos.

Capítulo 3: (27) É preciso admoestar de modo diferente os tipos joviais e os melancólicos.

Capítulo 4: (28) É preciso admoestar de modo diferente os súditos e os superiores.

Capítulo 5: (29) É preciso admoestar de modo diferente os servos e os patrões.

Capítulo 6: (30) É preciso admoestar de modo diferente os sábios deste mundo e os incultos.

Capítulo 7: (31) É preciso admoestar de modo diferente os atrevidos e os tímidos.

Capítulo 8: (32) É preciso admoestar de modo diferente os pretensiosos e os pusilânimes.

Capítulo 9: (33) É preciso admoestar de modo diferente os impacientes e os pacientes.

Capítulo 10: (34) É preciso admoestar de modo diferente os benévolos e os invejosos.

Capítulo 11: (35) É preciso admoestar de modo diferente as pessoas sinceras e as

pessoas mentirosas.

Capítulo 12: (36) É preciso admoestar de modo diferente quem tem saúde e quem é doente.

Capítulo 13: (37) É preciso admoestar de modo diferente aqueles que, por medo do castigo, vivem sem fazer o mal e aqueles que são de tal modo endurecidos no mal que nem mesmo o castigo os pode corrigir.

Capítulo 14: (38) É preciso admoestar de modo diferente os taciturnos e os tagarelas.

Capítulo 15: (39) É preciso admoestar de modo diferente os preguiçosos e os impulsivos.

Capítulo 16: (40) É preciso admoestar de modo diferente os mansos e os coléricos.

Capítulo 17: (41) É preciso admoestar de modo diferente os humildes e os orgulhosos.

Capítulo 18: (42) É preciso admoestar de modo diferente os obstinados e os inconstantes.

Capítulo 19: (43) É preciso admoestar de modo diferente os gulosos e os temperantes.

Capítulo 20: (44) É preciso admoestar de modo diferente aqueles que, sensíveis aos pobres, doam de seus bens, e aqueles que tentam roubar dos bens dos outros.

Capítulo 21: (45) É preciso admoestar de modo diferente aqueles que, sem desejar os bens dos outros, não distribuem dos seus e aqueles que doam daquilo que possuem, mas sem deixar de roubar do que é dos outros.

Capítulo 22: (46) É preciso admoestar de modo diferente os litigiosos e as pessoas tranquilas.

Capítulo 23: (47) É preciso admoestar de modo diferente os semeadores de discórdias e os artesãos de paz.

Capítulo 24: (48) É preciso admoestar de modo diferente aqueles que não compreendem corretamente os textos da lei santa e aqueles que a compreendem corretamente, mas não a anunciam humildemente.

Capítulo 25: (49) É preciso admoestar de modo diferente aqueles que, ainda que preparados para exercer o ministério da pregação, temem fazê-lo por excessiva humildade e aqueles que, porque não preparados ou por causa da idade, não deveriam pregar, mas se precipitam a fazê-lo.

Capítulo 26: (50) É preciso admoestar de modo diferente aqueles que obtêm os sucessos temporais que desejam e aqueles que, cheios de ambições mundanas, fracassam sob o peso das adversidades.

Capítulo 27: (51) É preciso admoestar de modo diferente aqueles que são

vinculados pelo matrimônio e aqueles que são livres.

Capítulo 28: (52) É preciso admoestar de modo diferente aqueles que se reconhecem culpados de pecados da carne e aqueles que ignoram esses pecados.

Capítulo 29: (53) É preciso admoestar de modo diferente aqueles que choram pecados de obras e aqueles que os cometeram somente com o pensamento.

Capítulo 30: (54) É preciso admoestar de modo diferente aqueles que choram os próprios pecados sem, porém, deixar de cometê-los e aqueles que os abandonam, porém, sem os chorar.

Capítulo 31: (55) É preciso admoestar de modo diferente aqueles que se gloriam dos pecados cometidos e aqueles que os condenam sem, porém, evitá-los.

Capítulo 32: (56) É preciso admoestar de modo diferente aqueles que são dominados por uma improvisa paixão e aqueles que se deixam deliberadamente aprisionar pelos pecados.

Capítulo 33: (57) É preciso admoestar de modo diferente aqueles que cometem pequenas faltas, mas frequentemente, e aqueles que se cuidam de cometer as pequenas, mas que, às vezes, se afundam nas mais graves.

Capítulo 34: (58) É preciso admoestar de modo diferente aqueles que nem sequer começam a fazer o bem e aqueles que, havendo começado, não o levam até o fim.

Capítulo 35: (59) É preciso admoestar de modo diferente aqueles que fazem o mal ocultamente e o bem à vista de todos, e aqueles que fazem o bem em segredo e, todavia, por algumas de suas ações públicas, permitem que se pense mal deles.

Capítulo 36: (60) Quando a exortação se dirige a grande número de ouvintes, como encorajar as virtudes de cada um sem, porém, fazer crescer os vícios opostos às virtudes?

Capítulo 37: (61) Sobre a exortação que se deve fazer individualmente a quem sofre de paixões contrárias.

Capítulo 38: (62) É preciso tolerar defeitos menores para extirpar vícios mais graves.

Capítulo 39: (63) Aos espíritos incultos, não altas pregações.

Capítulo 40: (64) Os atos e a palavra do pregador.

QUARTA PARTE: (65) COMO O PREGADOR, APÓS TER OBSERVADO DEVIDAMENTE ESTAS REGRAS, DEVE REENTRAR EM SI MESMO, DE MODO QUE NEM A SUA VIDA, NEM A SUA PREGAÇÃO O INDUZAM A SE ORGULHAR

A humildade

APRESENTAÇÃO

Surgiu, pelos anos 40, na Europa, especialmente na França, um movimento de interesse voltado para os antigos escritores cristãos, conhecidos tradicionalmente como “Padres da Igreja”, ou “Santos Padres”, e suas obras. Esse movimento, liderado por Henri de Lubac e Jean Daniélou, deu origem à coleção “Sources Chrétiennes”, hoje com centena de títulos, alguns dos quais com várias edições. Com o Concílio Vaticano II, ativou-se em toda a Igreja o desejo e a necessidade de renovação da liturgia, da exegese, da espiritualidade e da teologia a partir das fontes primitivas. Surgiu a necessidade de “voltar às fontes” do cristianismo.

No Brasil, em termos de publicação das obras destes autores antigos, pouco se fez. A Paulus Editora procura, agora, preencher esse vazio existente em língua portuguesa. Nunca é tarde ou fora de época para rever as fontes da fé cristã, os fundamentos da doutrina da Igreja, especialmente no sentido de buscar nelas a inspiração atuante, transformadora do presente. Não se propõe uma volta ao passado através da leitura e estudo dos textos primitivos como remédio ao saudosismo. Ao contrário, procura-se oferecer aquilo que constitui as “fontes” do cristianismo para que o leitor as examine, as avalie e colha o essencial, o espírito que as produziu. Cabe ao leitor, portanto, a tarefa do discernimento. Paulus Editora quer, assim, oferecer ao público de língua portuguesa, leigos, clérigos, religiosos, aos estudiosos do cristianismo primevo, uma série de títulos, não exaustiva, cuidadosamente traduzida e preparada, dessa vasta literatura cristã do período patrístico.

Para não sobrecarregar o texto e retardar a leitura, procurou-se evitar anotações excessivas, as longas introduções estabelecendo paralelismos de versões diferentes, com referências aos empréstimos da literatura pagã, filosófica, religiosa, jurídica, às infindas controvérsias sobre determinados textos e sua autenticidade. Procurou-se fazer com que o resultado desta pesquisa original se traduzisse numa edição despojada, porém, séria.

Cada obra tem uma introdução breve com os dados biográficos essenciais do autor e um comentário sucinto dos aspectos literários e do conteúdo da obra suficientes para uma boa compreensão do texto. O que interessa é colocar o leitor diretamente em contato com o texto. O leitor deverá ter em mente as enormes diferenças de gêneros literários, de estilos em que estas obras foram redigidas: cartas, sermões, comentários bíblicos, paráfrases, exortações, disputas com os heréticos, tratados teológicos vazados em esquemas e categorias filosóficas de tendências diversas, hinos litúrgicos. Tudo isso inclui, necessariamente, uma disparidade de tratamento e de esforço de compreensão a um mesmo tema. As constantes, e por vezes longas, citações bíblicas ou simples transcrições de textos escriturísticos devem-se ao fato de que os Padres escreviam suas reflexões sempre com a Bíblia numa das mãos.

Julgamos necessário um esclarecimento a respeito dos termos patrologia, patrística e Padres ou Pais da Igreja. O termo patrologia designa, propriamente, o estudo sobre a vida, as obras e a doutrina dos Pais da Igreja. Ela se interessa mais pela história antiga, incluindo também obras de escritores leigos. Por patrística se entende o estudo da doutrina, das origens dessa doutrina, suas dependências e empréstimos do meio cultural, filosófico, e da evolução do pensamento teológico dos Pais da Igreja. Foi no século XVII que se criou a expressão “teologia patrística” para indicar a doutrina dos Padres da Igreja distinguindo-a da “teologia bíblica”, da “teologia escolástica”,

da “teologia simbólica” e da “teologia especulativa”. Finalmente, “Padre ou Pai da Igreja” se refere a escritor leigo, sacerdote ou bispo, da antiguidade cristã, considerado pela tradição posterior como testemunho particularmente autorizado da fé. Na tentativa de eliminar as ambigüidades em torno desta expressão, os estudiosos convencionaram em receber como “Pai da Igreja” quem tivesse estas qualificações: ortodoxia de doutrina, santidade de vida, aprovação eclesiástica e antiguidade. Mas os próprios conceitos de ortodoxia, santidade e antiguidade são ambíguos. Não se espere encontrar neles doutrinas acabadas, buriladas, irrefutáveis. Tudo estava ainda em ebulição, fermentando. O conceito de ortodoxia é, portanto, bastante largo. O mesmo vale para o conceito de santidade. Para o conceito de antiguidade, podemos admitir, sem prejuízo para a compreensão, a opinião de muitos especialistas que estabelece, para o Ocidente, Igreja latina, o período que, a partir da geração apostólica, se estende até Isidoro de Sevilha (560-636). Para o Oriente, Igreja grega, a antiguidade se estende um pouco mais, até a morte de são João Damasceno (675-749).

Os “Pais da Igreja” são, portanto, aqueles que, ao longo dos sete primeiros séculos, foram forjando, construindo e defendendo a fé, a liturgia, a disciplina, os costumes, e os dogmas cristãos, decidindo, assim, os rumos da Igreja. Seus textos se tornaram fontes de discussões, de inspirações, de referências obrigatórias ao longo de toda tradição posterior. O valor dessas obras que agora a Paulus Editora oferece ao público pode ser avaliado neste texto: “Além de sua importância no ambiente eclesiástico, os Padres da Igreja ocupam lugar proeminente na literatura e, particularmente, na literatura greco-romana. São eles os últimos representantes da Antiguidade, cuja arte literária, não raras vezes, brilha nitidamente em suas obras, tendo influenciado todas as literaturas posteriores. Formados pelos melhores mestres da Antiguidade clássica, põem suas palavras e seus escritos a serviço do pensamento cristão. Se excetuarmos algumas obras retóricas de caráter apologético, oratório ou apuradamente epistolar, os Padres, por certo, não queriam ser, em primeira linha, literatos, e sim arautos da doutrina e moral cristãs. A arte adquirida, não obstante, vem a ser para eles meio para alcançar este fim. (...) Há de se lhes aproximar o leitor com o coração aberto, cheio de boa vontade e bem-disposto à verdade cristã. As obras dos Padres se lhe reverterão, assim, em fonte de luz, alegria e edificação espiritual” (B. Altaner e A. Stuiber. *Patrologia*, São Paulo: Paulus, 1988, pp. 21-22).

A Editora

PREFÁCIO

Na apresentação da coleção “Patrística”, lê-se o seguinte: *Surgiu, pelos anos 40, na Europa, especialmente na França, um movimento de interesse voltado para os antigos escritores cristãos e suas obras, conhecidos, tradicionalmente, como “Padres da Igreja” ou “Santos Padres”. Esse movimento, liderado por Henri de Lubac e Jean Daniélou, deu origem à coleção “Sources Chrétiennes”, hoje com centena de títulos... No Brasil, em termos de publicação das obras desses autores antigos, pouco se fez. A Paulus Editora procura, agora, preencher esse vazio...*

Graças a Deus! Considero-me um privilegiado. Na Teologia, no “Marianum”, em Roma, incentivado por bons professores, descobri os “Santos Padres” e a excelente Biblioteca; nela podia encontrar seus escritos em mais de uma língua. Aprofundei-me mais em Santo Agostinho, aliás autor de nossa Regra (OSM). Li também Ambrósio, Cirilo de Jerusalém, Gregório, Crisóstomo e outros, além dos textos da Liturgia das Horas.

Temos, agora, uma tradução da “Regula Pastoralis”, de São Gregório Magno ou Gregório, o Grande. Uma riqueza de obra, pela sua organicidade e metodologia pastoral.

A “Regula Pastoralis” teve enorme difusão na Idade Média e é lida com fruto ainda hoje pelos pastores de almas, constituindo para o clero e para o episcopado aquilo que foi a “Regula Benedicti” para os monges (Gregório Magno, Dicionário Patrístico e de Antiguidades Cristãs (Paulus/Vozes, p. 200).

Já tinha lido textos em latim (da Liturgia das Horas e outros), uma tradução italiana da *Regula* que ganhei do Frei Clodovis Boff, na década de 80, e, agora, lendo e relendo-a em italiano e português, percebi que realmente ela deve ser lida por nós, pastores de hoje, com muito proveito.

Gregório é de uma humildade impressionante. Já no final da introdução do livro que ele escreve a João, bispo de Ravena, e a quem dedica o texto, lemos: *Gregório a João, reverendíssimo e santo irmão, meu colega no episcopado*. E ele afirma: *Muitos, porém, semelhantes a mim pela inexperiência, não sabendo avaliar-se a si mesmos, aspiram a ensinar o que não aprenderam e consideram o fardo deste magistério tanto mais leve quanto mais ignoram sua grandeza. Estes se sintam repreendidos desde o início deste livro, e porque não informados e precipitados desejam ocupar a mais alta cátedra de ensinamento, a dignidade episcopal, já desde o início do nosso discurso sejam rechaçados pela ousadia de sua precipitação*.

Na mesma linha e com a mesma atualidade, lemos um texto do capítulo 8 da primeira parte: *Na maioria das vezes, aqueles que cobiçam o poder se apressam em citar, a serviço da própria paixão, uma instrução do Apóstolo: “Se alguém aspira ao episcopado, deseja uma boa coisa”. Todavia o Apóstolo, mesmo louvando esse desejo, em seguida o converte em motivo de temor, pois imediatamente acrescenta: “É necessário, porém, que o bispo seja irrepreensível”*. Note-se, porém, que ele falava num tempo em que aqueles que estavam à frente do rebanho eram conduzidos, por primeiro, aos suplícios do martírio. Então, sim, era louvável aspirar ao episcopado, quando já se sabia, com certeza, que, por meio desse ministério, chegar-se-ia às mais graves torturas. Eis por que o ministério episcopal é definido “uma boa coisa” quando diz: *Se alguém aspira ao episcopado, deseja uma boa coisa*. E a mesma “cobiça do poder” continua ainda hoje, infelizmente. O Cardeal Bernardin Gantin, por muito tempo presidente da Congregação para os Bispos, dizia, numa entrevista à revista *30 Dias*, que o grande mal, na escolha de bispos, era o carreirismo, ânsia de poder,

manobras espúrias etc. Nesse mesmo sentido, assim se expressava o Cardeal Martini, emérito de Milão, a um grande jornal italiano. E eu também, bispo dos fundões da Amazônia, próximo a completar trinta anos de episcopado, tenho constatado muito sofrimento do povo, de padres, irmãs, por escolhas infelizes de bispos, fruto de ambição, manobras e comportamentos feitos para agradar e impressionar, e medo doentio de tomar posição. Carreirismo! O Beato Antonio Rosmini-Serbatì já dizia coisas melhores!

Também no capítulo 8 da segunda parte, temos palavras que refletem sabedoria e conhecimento do povo: *É necessário também saber que os bons pastores devem procurar ser agradáveis para atrair, com a amabilidade da estima que gozam, ao amor da verdade, e não pelo prazer de ser amados, mas para tornar a sua amabilidade como uma estrada pela qual conduzir o coração dos fiéis ao amor do seu criador. É difícil que um pregador não amado seja ouvido de boa vontade, mesmo que diga verdades sacrossantas. O Pastor deve, portanto, procurar que seus fiéis o amem para conseguir que o escutem e, todavia, não deve procurar um afeto dirigido a si mesmo, para não se descobrir em luta, na secreta cobiça do poder do seu pensamento, contra aquele que, pelo ministério assumido, parece servir. Paulo faz compreender bem tudo isso quando nos revela a sua secreta preocupação, dizendo: “Como eu, que me esforço para agradar a todos em todas as coisas”, acrescentando, porém, em seguida: “Se estivesse procurando agradar aos homens, já não seria servo de Cristo”. Paulo, portanto, quer agradar e não o quer: no seu desejo de ser aceito, não mira a si mesmo, mas somente, através dele, tornar a verdade agradável aos homens.*

Nessa construção do autêntico Pastor, mestre e guia de seu rebanho, sobressaem a missão e a vida de dedicação do pastor, o método de ensino e as virtudes. Na terceira parte, logo no início, no prólogo, escreve: *Havendo exposto como deve ser um pastor, demonstraremos agora como deve ser o seu ensinamento. Como, de fato, já ensinou antes de nós Gregório Nazianzeno, de venerável memória, nem a todos convém uma única e mesma exortação, pois nem todos estão sujeitos aos mesmos hábitos de vida. Porque, com frequência, o que é útil a alguns prejudica a outros.*

O primeiro capítulo da terceira parte traz toda uma série de situações espirituais que pedem um modo próprio de abordagem. Os casos são tratados de dois em dois, segundo sua relação e oposição: homens e mulheres; jovens e idosos; pobres e ricos. No seu conjunto, mais de trinta, que, mesmo na sua simples enumeração, mostram a grande experiência humana e psicológica do autor e seus dotes de discernimento espiritual. E mesmo com o uso muitas vezes, a meu ver, forçado da interpretação alegórica da Bíblia, devido a seu conhecimento profundo do conjunto da Sagrada Escritura, dos Padres da Igreja, experiência, inclusive monástica, e santidade, sua doutrina é simples, realista, lúcida e atual.

Só um exemplo do capítulo 2: *É preciso admoestar de modo diferente os pobres e os ricos. Comanda aos ricos deste mundo que não sejam orgulhosos e não coloquem confiança nas suas precárias riquezas.* É preciso notar com atenção que o mestre da humildade não diz, referindo-se aos ricos, “pede”, mas “comanda”, porque com a fragilidade se deve usar compreensão, mas, para com o orgulho, nenhuma honra é devida. Aos ricos, portanto, o que é justo dizer é bom que seja dito com tom de comando, visto que estes se incham com pensamentos de orgulho acerca de seus bens passageiros.

Vale a pena encerrar a leitura com o discurso das virtudes na quarta parte do livro, principalmente com a humildade, pois como disse no início desta apresentação, era o que distinguia o pastor gregoriano: *Quando se compadece de ter adquirido muitas virtudes, é bom refletir sobre as próprias insuficiências e humilhar-se: ao invés de considerar o bem realizado, necessita*

considerar aquilo que se ignora a cumprir.

Dom Moacyr Grechi
Arcebispo de Porto Velho

INTRODUÇÃO

Porque a mais antiga biografia de Gregório Magno foi composta mais de um século (713) depois de sua morte (604)¹, é preciso recorrer a informações que nos são oferecidas por seus contemporâneos, como Gregório de Tours² e Isidoro de Sevilha,³ e a seus próprios escritos para se falar da vida do grande pontífice.⁴

Nasceu em Roma, por volta de 540, de família senatorial e cristã, com personagens ilustres e veneráveis, como o Papa Félix III (483-492), o presbítero Gordiano e o Papa Agapito (535-536).

Jovem de manifesta capacidade intelectual, recebeu excelente educação, conforme os moldes do impulso cultural de Justiniano, que sublinhava a legislação romana; daí a possibilidade de Gregório ter estudado Direito.

Em 572/573, foi nomeado prefeito da cidade.⁵ Deixou o cargo, porém, não muito mais tarde (574/575), para tornar-se monge, transformando a casa paterna no mosteiro de Santo André, do qual deve ter estado à frente.⁶ Como monge, Gregório instituiu, além do de Santo André, outros seis mosteiros em propriedades suas na Sicília.

Ainda que sua predileção pela Regra de São Bento seja atestada,⁷ não o é que tenha professado essa mesma regra ou que tenha tido algum vínculo jurídico com mosteiros beneditinos. Sua vida monástica é marcada pela autodisciplina, a humildade e a meditação das Sagradas Escrituras.⁸

Vive em Roma, no mosteiro que fundara, até 579, quando o Papa Pelágio II⁹ ordenou-o diácono e enviou-o a Constantinopla como legado pontifício. Aí, acompanhado de alguns monges de seu mosteiro romano, continuou a viver seu ideal monástico. Nesse período, começou a compor sua primeira obra, a maior em matéria exegetica,¹⁰ um *Comentário ao Livro de Jó (Expositio in Iob)*, conhecido também como *Lições Morais* ou *Lições Morais do Livro de Jó (Moralia, ou Moralia in Iob)*, que concluirá somente anos mais tarde (c. 595).

Em 585/586, volta a Roma, a seu mosteiro de Santo André. O Papa Pelágio II nomeia-o seu secretário e conselheiro.¹¹ Morto o papa, em fevereiro de 590, Gregório foi logo aclamado pontífice. Resistiu, tendo recorrido inclusive ao imperador e, falida tal tentativa, fugiu para as montanhas nos arredores de Roma. E mesmo assim, em 3 de setembro de 590, à força, foi sagrado bispo de Roma.

Seu pontificado de 14 anos (Gregório faleceu em 12 de março de 604) não foi marcado por notáveis controvérsias teológicas, como o de alguns de seus predecessores ou sucessores, mas pela dilaceração causada pelas guerras de então e pela decadência do Império. Dilaceração e decadência iniciadas no séc. V, mas dos quais Gregório, durante seu pontificado, colhe os frutos mais nocivos, agravados por calamidades como inundações e pestes.

O grande pontífice empenhou-se na reestruturação das instituições religiosas, que ressentiam da dilaceração e da decadência, e estendeu essa reestruturação ao sociopolítico.

Com os longobardos, que, entre 560-570, tinham invadido a Itália¹² e continuavam a fazer

incursões violentas contra os exércitos do Oriente nas terras ocidentais do Império, propôs tréguas e fez acordos diplomáticos¹³ mirantes à paz entre vencidos e vencedores nos territórios ocupados. Proveu, como administrador do *Patrimônio de São Pedro*, que ele reorganizou, a distribuição de víveres para os cidadãos, especialmente os pobres.

No que diz respeito à reestruturação das instituições religiosas, promoveu intensa atividade missionária junto aos povos bárbaros, especialmente no norte da Europa – como entre anglo-saxões, que tinham manifestado tal desejo –, com vistas à difusão da unidade da fé em Cristo e adesão a essa. Aos povos já cristãos aconselhou ética na política administrativa e exortou – ora mais, ora menos incisivamente – à unidade da Igreja, mais pela unidade da fé do corpo místico de Cristo que pela uniformidade de usos.

Gregório, ademais, interveio na nomeação de bispos – para erradicar dela a simonia e para recuperar a credibilidade do episcopado – e na moralização do clero. Reforçou o monacato – de onde nomeou muitos bispos e missionários – e preparou a conversão dos longobardos arianos. Na liturgia, incrementou o canto, reorganizou o *Sacramentário*, ampliou o *Antifonário*, fomentou as celebrações dos mártires e as ocorrências importantes do ano litúrgico.

Conhecedor das necessidades materiais e espirituais de sua grei, administrador e reformador, Gregório mostrou-se verdadeiro *pastor*. Não gratuitamente tornou-se *Magnus* (Grande, Magno). Suas homilias e cartas apontam quão atento era a seus interlocutores, a seus fiéis, com os quais mantinha contato direto.

Sua biografia leva a pensar que tivesse plena e humilde consciência de falar e atuar *em nome do único Pastor*, ao qual os pastores devem assemelhar-se. Daí a insistência do *Servus servorum Dei*¹⁴ no modo de ser e agir dos pastores, dos bispos, dos prepostos à cura das almas:

“Seria necessário explicar minuciosamente como se deve comportar em todos estes casos, mas tememos alongar-nos e muito. Propomo-nos a fazê-lo em outra obra, com a ajuda de Deus, se, nesta vida de fadigas, tivermos ainda algum tempo”,¹⁵ diz Gregório Magno, depois de ter elencado brevemente os tipos de pessoas às quais o pastor deve se dirigir tendo em conta distintas situações – o que faz ver como fosse importante para o pontífice a atenção em relação a cada indivíduo de sua grei.¹⁶ Gregório teve tempo para cumprir o que se propusera e eis a Regra Pastoral (*Reg. Past.*), obra transbordante de acurado e perspicaz zelo para com a cura de almas.

Sua preocupação pastoral nota-se também em outros textos, como, por exemplo, além dos já citados, uma carta aos quatro patriarcas e a Anastásio, ex-patriarca de Antioquia,¹⁷ e a XVII homilia sobre os evangelhos.¹⁸

Nesses textos, Gregório chama a atenção para a existência de ministros mais dedicados às honras acarretadas pelo ministério que ao exercício do ministério sem si.

Seu tempo, de fato, é marcado pela presença de ministros mais ocupados com questões seculares que com a cura de almas. Considere-se que a Igreja tinha seus territórios – o *Patrimônio de São Pedro* –, sua produção agrícola e pecuária... Com isso, ser ministro equivalia a estar em certa posição de honra e destaque também do ponto de vista civil.¹⁹ O que não dificilmente acarretava em entrar a fazer parte do ministério por ambições meramente humanas. Seguramente, Gregório não o ignorava. Já antes de ter assumido o pontificado, viu a necessidade de abordar a questão. Nisso a

motivação interna da *Reg. Past.*²⁰ e o que explica a maturidade e disposição da obra, dada pelo autor mesmo.²¹

A ocasião para pôr mãos à obra, ou seja, sua motivação externa, foi uma cordial repreensão de João, bispo de Ravena, a Gregório por ter se esquivado de assumir o ministério episcopal. A *Reg. Past.*, então, além de um projeto de anos antes do pontificado, é a resposta, composta no início de seu pontificado,²² de Gregório a João.

Nesta, depois do *proêmio*,²³ tem-se uma divisão em quatro partes. No projeto do pontífice, tal disposição permite-lhe, ao argumentar concatenadamente, chegar gradualmente à alma do leitor.

Na primeira parte,²⁴ assim como ávidos, gananciosos e orgulhos não devem assumir o ministério pastoral, Gregório Magno trata também do como alguém que tenha aptidão para o desenvolver não deva fugir do ministério por desejo de dedicar-se unicamente à contemplação. E sempre com atenção aos riscos que a demasiada atividade traz contra a estabilidade do espírito, adverte que seja alguém nutrido de útil humildade, que não tenha ambições de poder.

Que o pastor não seja cego, isto é, que não seja alguém que não sabe colher experiência da contemplação; que não seja manco, ou seja, alguém que não percorre o caminho da perfeita justiça; que não seja alguém que tenha nariz ou pequeno ou grande e torto, quer dizer, alguém que não saiba agir com discernimento ou que se perca em detalhes; que não seja alguém com defeitos nas mãos e nos pés, isto é, que não seja incapaz de percorrer os caminhos de Deus; que não tenha problemas de pele ou nos olhos, a saber, alguém débil em relação aos pecados da carne.

Com essa leitura alegórica de Levítico 21 – como, aliás, alegórica é sua interpretação de grande parte dos textos das Escrituras, sobremaneira do Antigo Testamento –, Gregório encerra a primeira parte, dedicada a indicar “aquilo que torna digno o acesso ao magistério pastoral, e também como aquele que é indigno deve temer chegar até ele”.²⁵ Diversamente dito, indica os pressupostos para se assumir ou não o ministério pastoral, os sinais de idoneidade ou não em relação à vocação, missão e santidade do sacerdócio. Em suma: o pontífice diz do motivo para se assumir ou não o ministério. Feito isso, passa-se à segunda parte,²⁶ que busca definir como vive,²⁷ como é, qual o comportamento do pastor que chegou dignamente ao ministério. É sob tal ótica que se deve compreender a diferença e superioridade, de que fala Gregório, do pastor em relação à grei: superioridade no comportamento moral. Daí a insistência num silêncio prudente e numa fala útil, na importância de admoestar seriamente, sem receios ou segundas intenções, e de serem verdadeiros apoios para a grei. Para isso, Gregório mostra o quanto é necessário ao pastor, modelo de quem governa, reger com humildade e como serviço, fruto de uma relação constante e profunda com a Palavra de Deus.

Nessa segunda parte, Gregório Magno apresenta as características, as virtudes do pastor:²⁸ sábio, pleno de amor pelas realidades do alto, transparente, de reta conduta moral, coerente, leal, exemplar, humilde e isento de interesses pessoais. O pastor é alguém que quer ser amado para salvar as almas daqueles que o amam. Por isso ele é solidário e caridoso; empenhado na mortificação e contra os vícios, adversário dos erros, zeloso pela justiça, próximo de quem faz o bem, casto, contemplativo e ativo – como diríamos hoje, e sem negligenciar isto ou aquilo. É alguém que se serve útil e discretamente da palavra; é dado, portanto, ao silêncio; dedicado às exigências do ministério.

Indicadas as virtudes sem as quais um pastor de almas não pode ser tal, Gregório passa, na terceira parte,²⁹ à indicação de como os pastores devam ensinar.³⁰

É, de fato, ao ensinar, que o pastor evidencia como seu próprio ser se desvela como testemunha e ensina mais pelos atos que pelas palavras.³¹ O pontífice assinala, com isso, que não há cisão entre o que se é e o que se faz, o que se ensina, ou seja, sublinha a unidade entre o ser e o agir do ministro, que ensina, especialmente, atento aos distintos estados de espírito de seus ouvintes e às diversas situações em que se possam encontrar. E aqui ele faz, com perspicaz atenção e urgência dialética, considerações acerca de 36 diferentes tipos de ouvintes aos quais pregar, ensinar.

Gregório não se esquece, porém, de fazer notar como o pastor deva estar atento também a si mesmo, sobremaneira em relação às suas virtudes e aos riscos que corre; riscos oriundos, principalmente, do orgulho, cujo oposto é a humildade. Esta, de fato, é a matéria – mesmo tendo repetido seu valor e sua importância ao longo de todo o texto – da quarta parte.³² Em sua brevidade, esta faz as vezes de conclusão da obra.

Sem a virtude da humildade, o pastor pode cair como presa do orgulho, que leva a imaginar-se protagonista de todo o bem que se realizou, ou se realiza, mediante e em sua pessoa. Brevemente: a humildade é que conserva o pastor enquanto tal.

Assim, a primeira, a segunda e a quarta partes tratam do pastor em si, e a terceira, não desconexa das anteriores, de sua atividade. Atividade que evidencia a razão de o pastor ter assumido o ministério, como é o pastor e como ele esteja atento a si mesmo, em coerência desde o primeiro momento, digamos, de sua vocação, e ao longo de toda ela. Disso, vê-se que *Regra* não se refere tanto a normas, a preceitos, ainda que a terceira parte da obra, extremamente desproporcional em relação às outras, possa fazê-lo parecer. O termo *Regra* (*Regula*) tem o significado de *ordem* (*ordo*) dos medievais, a saber, o de modo de vida. *Regra* indica, portanto, uma descrição do dinamismo entre o ser e o agir do pastor, a quem foi destinada,³³ mesmo se não exclusivamente.³⁴

A *Reg. Past.*, texto de grande atualidade e utilidade, não só para ministros ordenados, mas para todos os envolvidos em atividades pastorais, gozou, desde cedo, de boa fama. Ainda durante a vida do autor, sua difusão foi rápida, tendo sido traduzida até mesmo ao grego. Sua divulgação, durante o pontificado de Gregório, deveu-se, especialmente, à obra evangelizadora dos monges – dos quais muitos tinham sido discípulos do próprio Gregório – na Inglaterra, onde já no século IX foi traduzida ao vernáculo, e na Alemanha, bem como, mais tarde, por todo o território do Império Carolíngio e pela Península Ibérica.

¹ A este respeito, veja-se B. COLGRAVE, *The earliest life of Gregory the Great, by an anonymus monk of Whitby*, Cambridge, 1985.

² *Historia Francorum* 10 [Patrologia Latina 71,527-529].

³ *De viris illustribus* 40 [PL 83,1102-1103].

⁴ Os escritos de Gregório Magno, especialmente as *Cartas* (*Registrum Epistularum*), arquivadas desde o início de seu pontificado – ainda que não todas tenham chegado até nós –, informam-nos, ademais, acerca da situação religiosa e sociopolítica de seu tempo. Esta introdução, que tem presente primeiramente os textos gregorianos e de seus contemporâneos, não ignora, no entanto, biografias ou informações posteriores, como a acenada à nota 1; e as biografias de PAULUS WINFRIDUS DIACONUS, *De gestis Longobardorum* [PL 95,433-672], do final do séc. VIII, e a de JOHANNES DIACONUS, *Vita Gregorii* [PL 75,59-242], do fim do IX século.

⁵ Experiência que, mesmo se breve, pode ter-lhe sido útil na administração do *Patrimonium Petri* (*Patrimônio de São Pedro*), as propriedades pontificias pela Europa.

⁶ Cf. *Dialogi* 3,33 e 4,57.

⁷ Cf. *Dialogi* 2,36.

⁸ Elementos de presença constante em seus escritos e em seu empenho de “moralização”.

⁹ Ou Bento I; cf. JOHANNES DIACONUS, *Vita Gregorii*, 1,25 [PL 75,72].

¹⁰ Mas que bem pode ser situada entre obras de moral (cf. B. ALTANER/A. STUIBER, *Patrologia*, Paulus,³2004, p. 465). Com efeito, provavelmente fruto de sua agudeza de espírito e da própria experiência, nesta obra, Gregório dá, já, demonstração de profundo conhecimento da mente e do coração humanos.

¹¹ Parece ser de Gregório a composição da *Epistula III*, publicada pelo Papa Pelágio II, sobre a condenação dos *Três Capítulos*.

¹² Mas também com outros povos bárbaros. Antes dos longobardos, quando Gregório contava, aproximadamente, 6 anos, viu Roma ser assediada e saqueada pelos godos.

¹³ Experiência que tivera anteriormente, quando legado do Papa em Constantinopla, pediu auxílio do Imperador e aconselhou a este sobre acordos a serem feitos.

¹⁴ *Servo dos servos de Deus*. Expressão da qual Gregório é o primeiro a fazer uso, e que passará a constar dentre os títulos do bispo de Roma depois dele.

¹⁵ *Moralia in Job* 30,13 (obra que parece quase como que um esboço da que ora oferecemos ao leitor; cf. B. JUDIC, *Préparation du “Pastorale” dans les “Moraes”*, em GRÉGOIRE LE GRAND, *Règle Pastorale*, Paris, 1992 [Sources Chrétiennes 381-382], vol. 1 [381], pp. 17-21). No mesmo parágrafo que se acaba de indicar, Gregório fala do desejo de *tratar, em outra obra, do ministério da exortação*; isto é, da atividade do pregador, do pastor.

¹⁶ Das cartas, sobremaneira, vê-se o quão pontuais e acertadas fossem suas observações acerca do espírito humano.

¹⁷ Cf. *Registrum epistolarum* 1,24.

¹⁸ Cf. *Homiliae in Evangelia* 1,17 (em fase de preparação para publicação nesta coleção). Textos pouco posteriores (590-593) ao ter assumido a Cátedra de Pedro. Igualmente impregnadas de atenção pastoral, bem como de mística, são as homilias sobre as profecias de Ezequiel (*Homiliae in Hiezechielem*), de pouquíssimo depois (593-594). Outras homilias do pontífice chegaram até nós: sobre o Cântico dos Cânticos (*Expositio in Cantincum Cantorum*) e sobre o Livro dos Reis (*Expositio in Librum primum Regum*). Além destas obras, são também conhecidos seus *Diálogos* (*Dialogi*), que contém uma série de *vidas edificantes* da Península Itálica.

¹⁹ O mundo sociopolítico-cultural e religioso de Gregório é assaltado por inúmeros males, dos quais a alguns acenou-se acima (sociedade desordenada, desagregada, indisciplinada, extremamente pobre, ameaçada pelos bárbaros...). Ele, ao observar o quanto a própria Igreja ressentisse sobre e em si mesma os males sociais), afirma, no início de seu pontificado: “[...] assumi a nave envelhecida e fortemente golpeada; de fato, por toda parte entram as ondas e as tábuas apodrecidas por quotidiana e violenta tempestade anunciam o naufrágio” (*Registrum epistolarum* 1,24). Apesar de seus problemas morais internos, a Igreja gozava ainda de não pouco influxo na vida quotidiana da sociedade romana. E isso, não por questões ideológicas ou de poder, mas por ser a única instituição a manter certa organização e proximidade da própria sociedade. Daí ser depositária de alguma fê por parte dos cidadãos. O Estado, corrompido, já não supria as necessidades do povo, nem parecia interessar-se pelo bem civil. Em 593, por exemplo, os governantes abandonaram a cidade diante de uma iminente incursão dos longobardos. A Gregório não restou senão assumir também o governo civil e, diretamente, organizar até mesmo as defesas militares.

²⁰ Cf., acima, nota 15.

²¹ Cf. *Registrum epistolarum* 1,24a. Essa carta de Gregório provavelmente acompanhava o exemplar da *Reg. past.* enviado a seu dedicatário, o bispo João de Ravena. Não tardou, porém, em fazer parte da obra como uma sua apresentação ou proêmio.

²² Cf. *Registrum epistolarum*, 1,24.

²³ Cf. nota 21.

²⁴ Cf. *Reg. past.* 1,1-11.

²⁵ *Reg. past.* 1,11.

²⁶ Cf. *Reg. past.* 2,1-11.

²⁷ “Demonstraremos agora como deve viver aquele que ao magistério chegou dignamente”; *Reg. past.* 1,11.

²⁸ “Havendo exposto como deve ser um pastor, demonstraremos agora como deve ser o seu ensinamento”; *Reg. past.* 2,11.

²⁹ Cf. *Reg. past.* 3,1-40.

³⁰ Cf. nota 28.

³¹ Cf. *Reg. past.* 3,10.

³² Cf. *Reg. past.* 4.

³³ Com efeito, a *Regra Pastoral* chegou a figurar legislativamente entre obras aconselhadas a bispos; cf. *Concílio de Tours* (813).

³⁴ Sugeriu-se que esta seja aplicável mesmo a outras dimensões e situações de autoridade, que não exclusivamente a eclesiástica, que se torna a primeira, o modelo e o exemplo das outras; cf. R. MARKUS, *Gregory the Great's "Rector" and his Genesis*, em J. FONTAINE/R. GILLET/S. PELLISTRANDI (ed.), *Grégoire Le Grand*, Actes du colloque de Chantilly, 15-19 septembre 1982, Paris, 1986, pp. 136-146.

EM NOME DO SENHOR, TÍTULOS DOS CAPÍTULOS*

- 1.** Não ouse assumir a responsabilidade do magistério quem não estiver preparado.
- 2.** Não assumam a responsabilidade do governo das almas aqueles que não colocam em prática na própria vida o que aprenderam com o estudo.
- 3.** Sobre o peso da responsabilidade do ministério; é necessário relativizar as adversidades e temer os sucessos.
- 4.** Frequentemente, as tarefas exaustivas do ministério desestabilizam e dissipam o espírito.
- 5.** Sobre aqueles que poderiam exercer bem o ministério pastoral pelo exemplo de suas virtudes, mas a ele se subtraem, buscando a própria tranquilidade pessoal.
- 6.** Aqueles que, por humildade, se subtraem à responsabilidade do ministério pastoral são verdadeiramente humildes quando não resistem ao projeto de Deus.
- 7.** Acontece, às vezes, que alguns aspirem de modo louvável ao ministério da pregação, e que outros, de modo não menos louvável, a ele sejam obrigados.
- 8.** Sobre aqueles que cobiçam o poder e se apressam em citar, a serviço da própria paixão, uma instrução do Apóstolo.
- 9.** Aqueles que querem presidir, frequentemente, lisonjeiam o próprio coração com falsas promessas de realizar boas obras.
- 10.** Quem deve assumir o governo das almas?
- 11.** Quem não deve assumir o governo das almas?
- 12.** Como deve comportar-se aquele que, legitimamente, acede ao ministério pastoral?
- 13.** O pastor seja puro nos pensamentos.
- 14.** O pastor tenha sempre uma ação exemplar que convença.
- 15.** Que o pastor guarde um silêncio discreto e tenha uma palavra útil.
- 16.** O pastor tenha uma atenção plena de compaixão para com cada pessoa, uma contemplação que o desapegue da terra mais que todos os outros.
- 17.** Que o pastor tenha uma humildade que faça dele, para as pessoas de bem, um companheiro e um zelo enérgico pela justiça contra os vícios dos delinquentes.
- 18.** Que o pastor não deixe, nas suas ocupações exteriores, enfraquecer seu cuidado com a vida interior; que na sua aplicação à vida interior, não negligencie o cuidado das ocupações exteriores.
- 19.** Que o pastor não se proponha a agradar aos homens com o seu zelo, mas se empenhe naquilo que a eles pode agradar.
- 20.** O pastor deve saber que, frequentemente, os vícios assumem a aparência das virtudes.
- 21.** Um discernimento necessário ao pastor: é preciso repreender ou dissimular, ser enérgico ou usar ternura?
- 22.** Quando o pastor de almas deve se aplicar a meditar a lei divina.
- 23.** A grande diversidade requerida na arte da pregação.
- 24.** É preciso admoestar de modo diferente os homens e as mulheres.
- 25.** É preciso admoestar de modo diferente os jovens e os idosos.
- 26.** É preciso admoestar de modo diferente os pobres e os ricos.

27. É preciso admoestar de modo diferente os tipos joviais e os melancólicos.
28. É preciso admoestar de modo diferente os súditos e os superiores.
29. É preciso admoestar de modo diferente os servos e os patrões.
30. É preciso admoestar de modo diferente os sábios deste mundo e os incultos.
31. É preciso admoestar de modo diferente os atrevidos e os tímidos.
32. É preciso admoestar de modo diferente os pretensiosos e os pusilânimes.
33. É preciso admoestar de modo diferente os impacientes e os pacientes.
34. É preciso admoestar de modo diferente os benévolo e os invejosos.
35. É preciso admoestar de modo diferente as pessoas sinceras e as pessoas mentirosas.
36. É preciso admoestar de modo diferente quem tem saúde e quem é doente.
37. É preciso admoestar de modo diferente aqueles que, por medo do castigo, vivem sem fazer o mal, e aqueles que são de tal modo endurecidos no mal que nem mesmo o castigo os pode corrigir.
38. É preciso admoestar de modo diferente os taciturnos e os tagarelas.
39. É preciso admoestar de modo diferente os preguiçosos e os impulsivos.
40. É preciso admoestar de modo diferente os mansos e os coléricos.
41. É preciso admoestar de modo diferente os humildes e os orgulhosos.
42. É preciso admoestar de modo diferente os obstinados e os inconstantes.
43. É preciso admoestar de modo diferente os gulosos e os temperantes.
44. É preciso admoestar de modo diferente aqueles que, sensíveis aos pobres, doam de seus bens, e aqueles que tentam roubar dos bens dos outros.
45. É preciso admoestar de modo diferente aqueles que, sem desejar os bens dos outros, não distribuem dos seus, e aqueles que doam daquilo que possuem, mas sem deixar de roubar do que é dos outros.
46. É preciso admoestar de modo diferente os litigiosos e as pessoas tranquilas.
47. É preciso admoestar de modo diferente os semeadores de discórdias e os artesãos de paz.
48. É preciso admoestar de modo diferente aqueles que não compreendem corretamente os textos da lei santa, e aqueles que a compreendem corretamente, mas que não a anunciam humildemente.
49. É preciso admoestar de modo diferente aqueles que, embora preparados para exercer o ministério da pregação, temem fazê-lo por excessiva humildade e aqueles que, porque não preparados ou por causa da idade, não deveriam pregar, se precipitam a fazê-lo.
50. É preciso admoestar de modo diferente aqueles que obtêm os sucessos temporais que desejam, e aqueles que, cheios de ambições mundanas, fracassam sob o peso das adversidades.
51. É preciso admoestar de modo diferente aqueles que são vinculados pelo matrimônio, e aqueles que são livres.
52. É preciso admoestar de modo diferente aqueles que se reconhecem culpados de pecados da carne e aqueles que ignoram esses pecados.
53. É preciso admoestar de modo diferente aqueles que choram pecados de obras e aqueles que os cometeram somente com o pensamento.
54. É preciso admoestar de modo diferente aqueles que choram os próprios pecados sem, porém,

deixar de cometê-los, e aqueles que os abandonam, porém, sem os chorar.

55. É preciso admoestar de modo diferente aqueles que se gloriam dos pecados cometidos, e aqueles que os condenam sem, porém, evitá-los.

56. É preciso admoestar de modo diferente aqueles que são dominados por uma imprevista paixão, e aqueles que se deixam, deliberadamente, aprisionar pelos pecados.

57. É preciso admoestar de modo diferente aqueles que cometem pequenas faltas, mas frequentemente, e aqueles que se cuidam de cometer as pequenas, mas que, às vezes, se afundam nas mais graves.

58. É preciso admoestar de modo diferente aqueles que nem sequer começam a fazer o bem, e aqueles que, havendo começado, não o levam até o fim.

59. É preciso admoestar de modo diferente aqueles que fazem o mal ocultamente e o bem à vista de todos, e aqueles que fazem o bem em segredo e, todavia, por algumas de suas ações públicas, permitem que se pense mal deles.

60. Quando a exortação se dirige a grande número de ouvintes, como encorajar as virtudes de cada um sem, porém, fazer crescer os vícios opostos às virtudes?

61. Sobre a exortação que se deve fazer individualmente a quem sofre de paixões contrárias.

62. É preciso tolerar defeitos menores para extirpar vícios mais graves.

63. Aos espíritos incultos, não altas pregações.

64. Os atos e a palavra do pregador.

65. Como o pregador, após ter observado devidamente estas regras, deve reentrar em si mesmo, de modo que nem a sua vida nem a sua pregação o induzam a se orgulhar.

* Índice presente nos mais antigos manuscritos e que se atribui ao próprio Gregório. A divisão em livros (ou partes) e capítulos obedece a critérios modernos de edição.

GREGÓRIO A JOÃO, REVERENDÍSSIMO E SANTO IRMÃO, MEU COLEGA NO EPISCOPADO

Querido irmão, com benigna e humilde insistência tu me desaprovas pelo fato de, escondendo-me, eu ter querido subtrair-me às responsabilidades do ministério. Para que não pareça para alguns que tal fardo seja leve, exponho nas páginas deste livro tudo o que penso sobre a sua importância, de modo que quem está livre dele não aspire a ele imprudentemente; e quem o tenha incautamente desejado, prove grande temor por tê-lo obtido.

Este livro divide-se em quatro partes, para que penetre, um pouco por vez, no ânimo do leitor, por meio de argumentações ordenadas. De fato, é necessário que quem for chamado ao mais alto grau do governo pastoral – quando as circunstâncias urgentes o exigem – examine seriamente sobre como chegou aos vértices das responsabilidades pastorais; e se chegou de modo legítimo, considere como é a sua vida; se a sua vida for coerente, examine como é o seu ensinamento; e se o ensinamento for correto, ele deve, a cada dia, reconhecer a sua própria fraqueza, para que nem a humildade o afaste da dignidade que lhe foi oferecida, nem a sua conduta de vida a contradiga; o seu ensinamento não desqualifique a sua vida, nem a presunção ensoberbeça o seu ensinamento. Portanto, primeiro de tudo, o temor modere o desejo; depois, a conduta de vida confirme um magistério assumido sem ter sido buscado. Logo, é indispensável que o bem que o Pastor manifesta com a sua vida se difunda, também, por meio da sua palavra. Resta, por último, que, considerando a sua própria fraqueza, humilhe-se diante da perfeição das suas obras, a fim de que o inchaço do orgulho não a cancele aos olhos do Juiz invisível.

Muitos, porém, semelhantes a mim pela inexperiência, não sabendo avaliar-se a si mesmos, aspiram ensinar o que não aprenderam e consideram o fardo deste magistério tanto mais leve quanto mais ignoram a sua grandeza. Estes se sintam repreendidos desde o início deste livro e porque, não informados e precipitados, desejam ocupar a mais alta cátedra de ensinamento, a dignidade episcopal, já desde o início do nosso discurso sejam rechaçados pela ousadia de sua precipitação.

PRIMEIRA PARTE

**CONDIÇÕES PARA ASSUMIR O MAIS ALTO GRAU DO MINISTÉRIO
PASTORAL**

Não ouse assumir a responsabilidade do magistério quem não estiver preparado.

Ninguém pode presumir de ensinar uma arte senão depois de tê-la apreendido por meio de um estudo atento e meditado. Visto que o governo das almas é a arte das artes, quão grande é a temeridade dos que assumem o magistério pastoral sem ser para isso preparados! Quem não sabe que as feridas da alma são mais secretas do que as da carne? Todavia, acontece frequentemente que alguns que, não conhecendo os ensinamentos do Espírito, não temem de professar-se médicos da alma, enquanto ignora as virtudes terapêuticas dos remédios se envergonharia de se apresentar como médico do corpo.

Mas, pois que, por vontade de Deus, agora os grandes deste mundo se inclinam com reverência diante da religião, não são poucos aqueles que, dentro da Igreja, aspiram à glória das honrarias com o pretexto do ministério pastoral. Aspiram ser considerados mestres, anelam sobressair sobre os outros e – como afirma a Verdade – buscam os primeiros lugares nos banquetes e os primeiros assentos nas assembleias.¹ À medida que estes chegarem, somente por orgulho, ao magistério da humildade, nessa mesma medida serão incapazes de desempenhar dignamente o ministério da cura pastoral que desejam assumir. No exercício do magistério, até mesmo a língua se confunde quando se ensina alguma coisa diversamente do que se aprendeu. Contra estes, o Senhor se lamenta, dizendo por meio do profeta: *Eles reinaram, mas eu não os havia encarregado, se elevaram como príncipes, mas eu os ignorei.*² De fato, reinam pela própria vontade e não por decisão do Rei supremo aqueles que, sem o apoio das virtudes, não chamados por vocação divina, mas ardendo na própria cobiça, roubam os mais altos encargos do ministério pastoral. Todavia, o Juiz das consciências, enquanto os eleva, não os reconhece: ele os tolera, deixando-os agir, mas por um juízo de desaprovação, certamente os ignora. Por isso, àqueles que a ele acorrem mesmo depois de ter realizado milagres, ele diz: *Afastai-vos de mim, operadores de iniquidades; eu não vos conheço.*³ E assim, é duramente desaprovada a incompetência dos Pastores pela voz da Verdade, quando esta diz por meio do profeta: *Até mesmo os pastores não são capazes de entender.*⁴ O Senhor ainda os rejeita, dizendo: *Nem mesmo os doutores da Lei me reconheceram.*⁵ Portanto, a Verdade se lamenta de não ser por eles conhecida e proclama não reconhecer o primado de quem não a conhece, visto que é certo que quem não conhece as coisas do Senhor, é por ele ignorado. Paulo o testemunha: *Se alguém ignora, será ignorado.*⁶

Com frequência, porém, há uma correspondência entre a incompetência dos pastores e o que merecem os seus fiéis; se os pastores, de fato, carecem da luz do conhecimento por sua própria culpa, acontece, em consequência de um rigoroso julgamento, que a sua ignorância se transforma em ocasião de tropeço para aqueles que os seguem. Por isso, a própria Verdade diz no Evangelho: *Se um cego guia outro cego, os dois cairão num buraco.*⁷ Também o salmista, não com o ânimo de quem o deseja, mas no exercício do seu ministério profético, declara: *Que seus olhos fiquem turvos e não enxerguem, que suas costas fraquejem sempre.*⁸ “Olhos” são claramente aqueles que, colocados diante de todos no mais alto grau da dignidade, assumiram o ministério de ser guias no caminho; enquanto aqueles que, seguindo-os, a eles aderem, são chamados “costas”. Portanto, se os olhos se obscurecem, as costas se encurvam: assim, quando aqueles que guiam perdem a luz da ciência, aqueles que os seguem se curvam, inevitavelmente, sob o peso dos seus pecados.

Não assumam a responsabilidade do governo das almas aqueles que não colocam em prática na

própria vida o que aprenderam com o estudo.

Há também alguns que aprofundam, com muita atenção, os ensinamentos do Espírito, mas depois pisoteiam, com a própria conduta de vida, o que conseguem compreender com a inteligência; e ei-los facilmente ensinando o que aprenderam com o estudo, mas não com a prática. O que pregam com as suas palavras, contradizem com as suas ações. Assim acontece que, quando um pastor caminha por despenhadeiros, o rebanho o segue até o precipício. Por isso, o Senhor se lamenta da desprezível ciência dos Pastores, dizendo por meio do profeta: *Enquanto vós bebeis água limpa, turvais o resto com os vossos pés e as minhas ovelhas se nutriam de quanto havíeis pisoteado com os vossos pés e bebiam a água que os vossos pés haviam turvado.*⁹ Os Pastores bebem água cristalina quando se saciam dos mananciais da verdade, compreendida perfeitamente. Sujar com os pés aquela mesma água significa corromper os estudos de uma santa meditação com uma má conduta de vida. São, pois, ovelhas que bebem água enturvada pelos pés dos pastores, os fiéis que não seguem as palavras que escutam, mas que imitam somente aquilo que veem, isto é, os exemplos de uma vida depravada. De fato, estes são sedentos de quanto lhes é dito com as palavras, mas depois são pervertidos pelas obras e, então, é como se bebessem lodo porque as fontes foram poluídas. Por isso, está escrito: *O profeta é um laço estendido para fazer cair.*¹⁰ E, referindo-se aos sacerdotes, diz ainda o Senhor por meio do seu profeta: *Tornaram-se, para a casa de Israel, a pedra que os faz cair na iniquidade.*¹¹

Na verdade, ninguém causa maior dano à Igreja do que aquele que, tendo um título e uma posição que comportam santidade, vive uma vida corrupta. Ninguém se atreve a denunciar suas faltas; e a falta se torna um exemplo que se difunde amplamente quando o pecador é reverenciado por causa do respeito devido à sua posição. Esses indignos evitariam as responsabilidades de uma culpa assim tão grave se meditassem em seus corações com ouvido atento a sentença da Verdade, que afirma: *Quem escandalizar um só destes pequeninos que acreditam em mim, melhor seria para ele pendurar uma pedra de moinho no pescoço, e ser jogado no fundo do mar.*¹² A “pedra de moinho” simboliza o ciclo da vida neste mundo e a sua fadiga, e “o fundo do mar” designa a condenação eterna. Portanto, quando um homem posto em condição que exige santidade escandaliza os outros com a palavra e com o exemplo, seria melhor para ele que as suas ações mundanas o tivessem levado à morte, quando ainda vivia em estado laical, antes que as suas funções sacras o tivessem indicado aos outros, ele, pecador, como exemplo a ser imitado. Porque, caindo somente ele, as penas do inferno o atormentariam de modo mais suportável.

CAPÍTULO 3

Sobre o peso da responsabilidade do ministério. É necessário relativizar as adversidades e temer os sucessos.

Demonstramos, brevemente, com o que dissemos até aqui, quão importante a responsabilidade do governo das almas, para que ninguém que não seja preparado tenha a temerária audácia de assumir estas funções e, pela avidez de alcançar o lugar da máxima dignidade, assuma, ao contrário, o caminho da perdição. Por isso, Tiago, afetuosamente, proíbe: *Não queirais, meus irmãos, tornar-vos todos mestres.*¹³ O próprio Mediador entre Deus e os homens se recusou a receber a realeza sobre a terra, ele que, transcendendo a ciência e a inteligência até mesmo dos espíritos angélicos, reina nos céus desde toda a eternidade. De fato, está escrito: *Jesus, percebendo que tinham vindo para pegá-lo e fazê-lo rei, se retirou sozinho, de novo, para a montanha.*¹⁴ Entretanto, quem poderia, sem a menor culpa, reinar sobre os homens, senão aquele que reinaria sobre o que ele mesmo havia criado? Vindo na carne não somente para nos redimir com a sua Paixão, mas também para nos ensinar com o

seu jeito de viver, oferecendo-se como exemplo para aqueles que o seguiriam, não quis se tornar rei e caminhou espontaneamente para o patíbulo da cruz. Rejeitou a glória suprema que lhe foi oferecida, preferiu a pena de uma morte infame, a fim de que os seus membros aprendessem a recusar os favores do mundo, a não temer as suas ameaças, a amar as adversidades sofridas por causa da verdade, a evitar com temor os sucessos, porque estes, frequentemente, corrompem o coração, enquanto as adversidades, através do sofrimento, o purificam. No sucesso, o homem se esquece de quem é, mas, nas adversidades, ainda que não o queira, se vê quase obrigado a retomar consciência de si. No sucesso, com frequência, o bem antes realizado se corrompe, mas nas adversidades, são canceladas até mesmo as faltas cometidas por tanto tempo.

De fato, geralmente, à escola da adversidade, o coração se submete pela disciplina, mas depois, se se eleva até o mais alto grau do poder, eis este coração totalmente transformado, inebriado pela experiência da glória. Assim aconteceu com Saul, que, num primeiro momento, considerando-se indigno, fugiu para não ser ungido rei;¹⁵ mas depois, assim que recebeu a autoridade real, inchou-se de orgulho. Ávido de ser glorificado diante do povo e, rejeitando ser repreendido publicamente, renegou aquele que o havia ungido rei.¹⁶ Assim também, Davi, em quase todos os seus atos, procurava agradar a seu Criador, mas assim que se sentiu livre do peso da sua prova, deixou-se invadir por um orgulho devastador¹⁷ e tornou-se cruelmente insensível à morte de um homem, tomado que fora pelo desejo dissoluto de uma mulher. Ele, que antes soubera perdoar aos malvados, aprendeu, depois, com fria determinação, a desejar até mesmo a morte dos justos.¹⁸ De fato, uma vez, mesmo tendo o seu perseguidor nas próprias mãos, não quis feri-lo, mas depois fez desaparecer um soldado fiel, prejudicando, além disso, o exército que já se encontrava em dificuldade. Certamente sua culpa o teria excluído do número dos eleitos, se os castigos não o houvessem reconduzido pelo perdão.¹⁹

CAPÍTULO 4

Frequentemente, as tarefas exaustivas do ministério desestabilizam e dissipam o espírito.

Apenas assumidas, as tarefas do ministério pastoral com frequência dispersam o coração em diversas direções, de modo que quem tem a responsabilidade se encontra incapaz de atender, singularmente, a cada uma delas, porque a mente, confusa, é dividida entre muitas ocupações. Por isso, um atento sábio admoesta: *Meu filho, não multipliques tuas ocupações.*²⁰ Isso para dizer que a mente dividida em diversas operações não pode se concentrar plenamente na consideração que cada uma requer. Atraída para fora por uma preocupação excessiva, ela perde, no fundo de si mesma, o firme ponto de apoio da vigilância; torna-se de tal modo solícita com os afazeres exteriores que, descuidando de si, consegue pensar em muitas coisas, mas acaba por não conhecer a si mesma. De fato, quando se imerge mais do que o necessário em ocupações exteriores, se esquece da meta para a qual se dirigia e assim, despreocupando-se de vigiar sobre si mesma, não se dá conta dos danos ao encontro dos quais vai e ignora as suas numerosas faltas.

Ezequias acreditava não pecar quando mostrou aos hóspedes estrangeiros seus depósitos de perfumes,²¹ mas, por esse gesto que havia considerado lícito, teve de suportar a ira do Juiz, com grave dano para os seus descendentes.²² Com frequência, quando abundam os meios, quando é capaz de ações que suscitam a admiração dos fiéis, a alma se exalta nos seus pensamentos e provoca a tremenda ira do Juiz, ainda que, exteriormente, não se manifeste com ações iníquas. Aquele que julga está no íntimo, como também está no íntimo o que é julgado. Cometemos um pecado no nosso coração? Nosso ato interior fica escondido diante dos homens; todavia, nós pecamos sob os olhos de

uma testemunha, o próprio Juiz.

O rei da Babilônia não pecou por orgulho somente quando se deixou vencer por palavras orgulhosas: já antes, quando silenciava seu orgulho, ele ouviu pela boca do profeta a sentença de condenação.²³ Precedentemente, de fato, ele já havia lavado o pecado de soberba que tinha cometido quando anunciou a todas as nações a ele submissas o Deus Todo-Poderoso que descobriu ter ofendido.²⁴ Mas, em seguida, exaltado pelo sucesso do seu poder, comprazendo-se de haver realizado grandes empresas, considerou-se superior a todos e tanto se orgulhou até o ponto de exclamar: *Não é esta a grande Babilônia que eu construí para moradia do rei, com o poder da minha autoridade e para o esplendor da minha glória?*²⁵ Essas palavras fizeram explodir abertamente a vingança daquela ira que a íntima exaltação havia acendido. De fato, o severo Juiz tinha já visto antes, sem ser visto, o que ele depois repreendeu e puniu publicamente. Transformou o rei num animal irracional, separou-o da convivência humana, associou-o, pelo transtorno do seu espírito, às feras do campo, a fim de que, por rigoroso e justo julgamento, ele perdesse o seu aspecto humano por ter se considerado grande, superior a todos os homens.²⁶ Evocando esses fatos, nós não pretendemos desaprovar o poder em si, mas fortalecer a fraqueza do coração contra a tentação de cobiçá-lo, a fim de que os imperfeitos não ousem apoderar-se dos cargos mais altos do ministério, nem aqueles que vacilam sobre um terreno plano corram o risco de pôr o pé à beira de um precipício.

CAPÍTULO 5

Sobre aqueles que poderiam exercer bem o ministério pastoral pelo exemplo de suas virtudes, mas a ele se subtraem, buscando a própria tranquilidade pessoal.

Existem, de fato, alguns que recebem o dom de extraordinárias virtudes e que se destacam por suas grandes qualidades de animadores: eles possuem a transparência de uma castidade por amor, o vigor, fruto da abstinência, a riqueza da doutrina, a humildade que sabe pacientar por longo tempo, a dignidade de uma autoridade firme, o fascínio da bondade, a severidade da justiça. Se eles se recusam a aceitar o encargo supremo ao qual são chamados, acabam por privar-se dos próprios dons, dons que receberam não somente para si mesmos, mas também para os outros. Pensando nos próprios interesses, e não nos dos outros, acabam perdendo justamente aqueles dons que desejam conservar somente para si. Por isso, diz a Verdade aos seus discípulos: *Não pode ficar escondida uma cidade construída sobre um monte. Ninguém acende uma lâmpada para colocá-la debaixo de uma vasilha, mas para colocá-la no candeeiro, onde brilha para todos os que estão em casa.*²⁷ E diz também a Pedro: *Simão, filho de João, tu me amas?*²⁸ Pedro, que respondeu imediatamente que o amava, ouviu: *Se tu me amas, apascenta as minhas ovelhas.*²⁹ Se, portanto, o ministério pastoral é testemunho de amor, aquele que, tendo abundância de virtudes, se recusa a apascentar o rebanho de Deus, prova para si mesmo que não ama o sumo Pastor. Por isso Paulo diz: *Se Cristo morreu por todos, então todos morreram. E se morreu por todos, aqueles que vivem, já não vivem para si, mas para aquele que por eles morreu e ressuscitou.*³⁰

Moisés prescreve que o irmão vivo receba a mulher sem filhos do irmão defunto e com ela gere filhos em nome do seu irmão; se ele se recusar a recebê-la, a mulher lhe cuspa no rosto, o seu parente mais próximo tire dele uma sandália, e a sua casa se chame “*casa do descalço*”.³¹ Irmão do morto é certamente aquele que, aparecendo após a sua gloriosa ressurreição, disse: *Ide, anunciai aos meus irmãos.*³² Ele morreu, por assim dizer, sem filhos, pois não havia completado o número dos seus eleitos. Ao irmão vivo, é dada a ordem de tomar a sua esposa, pois é certamente conveniente que o

cuidado pela santa Igreja seja colocado sobre os ombros daquele com maior capacidade de governar. Se ele não aceitar, a mulher lhe cuspa no rosto, visto que a quem não se dispõe a beneficiar os outros com os dons que recebeu, a santa Igreja lhe desaprova também o que ele faz de bom e isso é como se cuspiasse no seu rosto. Dele é também tirada a sandália de um pé, de modo que a sua casa é chamada “casa do descalço”. De fato, está escrito: *Calçai os vossos pés para preparar-se para anunciar o Evangelho da paz.*³³ Portanto, se assumimos o cuidado dos outros como de nós mesmos, calcemos ambos os pés com as sandálias. Aquele que, ao contrário, pensa no seu próprio benefício e descuida do seu próximo, é como se perdesse a sandália de um pé, caindo no ridículo.

Assim, como dissemos, existem alguns que, enriquecidos com grandes dons, fervorosos nos exercícios da pura contemplação, se recusam a servir seu próximo por meio da pregação; amam o sossego e procuram o isolamento propício para a meditação. Se se devesse julgá-los com rigor sob este aspecto, seriam, sem dúvida, responsáveis pela perda de todos aqueles que poderiam ser beneficiados se eles vivessem fazendo o bem no mundo. Com que ânimo uma pessoa que poderia resplandecer com plena luz para ser útil ao seu próximo prefere retirar-se a servir aos outros, quando o Filho unigênito do Sumo Pai, para ser útil à humanidade, deixou o seio desse Pai³⁴ para vir ao nosso mundo?

CAPÍTULO 6

Aqueles que, por humildade, se subtraem à responsabilidade do ministério pastoral são verdadeiramente humildes quando não resistem ao projeto de Deus.

Existem também alguns que se subtraem simplesmente por humildade, para não ser preferidos àqueles aos quais se consideram inferiores. A sua humildade, acompanhada por outras virtudes, é verdadeira aos olhos de Deus se não se obstinam em rejeitar a tarefa útil ao bem comum que se lhes ordena assumir. Não é verdadeiramente humilde aquele que compreende que, por um desígnio divino, deve assumir o encargo de presidência e que, todavia, o despreza. Se, ao contrário, é submisso às disposições divinas e alheio ao vício da obstinação, quando se lhe impõe o alto encargo de governar, se possui os dons com os quais pode servir aos outros, deve, ao mesmo tempo, dele fugir com todo o coração, e a ele, contra a própria vontade, obedecer.

CAPÍTULO 7

Acontece, às vezes, que alguns aspirem de modo louvável ao ministério da pregação, e que outros, de modo não menos louvável, a ele sejam obrigados.

Às vezes, alguns desejam de modo louvável o ministério da pregação, enquanto outros, de modo não menos louvável, a ele acedem porque obrigados. Podemos constatar facilmente isso, refletindo sobre a conduta de dois profetas: um deles se ofereceu espontaneamente para a missão de pregar, enquanto o outro, cheio de medo, se recusou. De fato, Isaías se ofereceu espontaneamente ao Senhor, que procurava quem enviaria, dizendo: *Eis-me aqui, manda-me.*³⁵ Jeremias, ao contrário, foi enviado e, não obstante, resistiu humildemente, dizendo: *Ah! Senhor Deus, eis que eu não sei falar, porque sou ainda uma criança!*³⁶ Eis que cada um expressou uma palavra diferente da do outro, porém, essa palavra não brotou de uma diferente fonte de amor. De fato, são os preceitos da caridade: o amor a Deus e o amor ao próximo. Desejando ser útil ao seu próximo com a vida ativa, Isaías aspira ao ministério da pregação. Desejando aderir sinceramente ao amor de Deus através da contemplação, Jeremias resiste àquele que o envia a pregar. Portanto, um desejou, de modo louvável, aquilo do qual o outro, também de modo louvável, sentiu medo. Este, por temor de perder, ao falar, aquilo que ganhava com a silenciosa contemplação; o outro, por temor de sentir que, ficando calado, privava de

frutos um apaixonante trabalho.

Todavia, é necessário penetrar sutilmente o ânimo de um e de outro e compreender que quem se recusou não resistiu até o fim, e aquele que quis ser enviado antes se viu purificado por uma brasa do altar.³⁷ Que ninguém se atreva a assumir os ministérios sagrados sem ter sido antes purificado, e que aquele escolhido pela graça divina não contradiga, pelo seu orgulho, a humildade que manifestou externamente. Assim como é muito difícil saber se se está purificado, é mais seguro declinar o encargo da pregação; mas, não se deve, como já dissemos, recusá-lo obstinadamente quando se reconhece que assumi-lo é vontade de Deus. Moisés assumiu de modo admirável as duas atitudes: não quis ser o guia de uma enorme multidão, mas obedeceu.³⁸ Teria sido, talvez, orgulhoso se tivesse assumido, sem trepidação, a condução de um povo numerosíssimo, assim como teria sido igualmente orgulhoso se tivesse se recusado a obedecer à ordem do Criador. Humilde e obediente em ambos os casos, avaliando-se a si mesmo, ele não quis ser o guia destes povos e, no entanto, confiando na força daquele que o enviava, obedeceu.

A partir disso, estas pessoas irreflexivas tomem consciência de quão grave é a sua culpa quando não temem, por ambição pessoal, ser postas como guias de outras se até mesmo os santos tiveram medo de assumir a condução dos povos, mesmo quando Deus lhes ordenava. Moisés, convidado pelo Senhor, trepidou e, todavia, certas pessoas incapazes desejam ardentemente receber um cargo de honra. Encurvadas já pelos próprios pesos, se oferecem voluntariamente para carregar também os pesos dos outros; não podem com a própria carga e a aumentam mais ainda!

CAPÍTULO 8

Sobre aqueles que cobiçam o poder e se apressam em citar, a serviço da própria paixão, uma instrução do Apóstolo.

Na maioria das vezes, aqueles que cobiçam o poder, se apressam em citar, a serviço da própria paixão, uma instrução do Apóstolo: *Se alguém aspira ao episcopado, deseja uma boa coisa.*³⁹ Todavia, o Apóstolo, mesmo louvando esse desejo, em seguida o converte em motivo de temor, pois, imediatamente, acrescenta: *É necessário, porém, que o bispo seja irrepreensível.*⁴⁰ Apresentando, depois, o detalhe das virtudes necessárias, ele esclarece em que consiste ser irrepreensível. Encoraja quanto ao desejo e, ao mesmo tempo, incute temor com o preceito, como se dissesse abertamente: “Louvo o que vós buscais, mas começai a aprender o que buscais, porque se descuidais de conhecer a vós mesmos, a vossa consciência poderia aparecer tão deplorável quanto a vossa pressa de mostrar-vos a todos revestidos de honrarias”. Assim, esse mestre na arte do ministério pastoral por um lado estimula os seus ouvintes e os encoraja; por outro lado, descrevendo a perfeita irrepreensibilidade, os adverte com o temor para defendê-los do orgulho e, elogiando o ministério que buscam, os ajuda a pôr ordem na própria vida.

Note-se, porém, que ele falava num tempo em que aqueles que estavam à frente do rebanho eram conduzidos, primeiramente, aos suplícios do martírio. Então, sim, era louvável aspirar ao episcopado, quando já se sabia, com certeza, que, através desse ministério, se chegaria às mais graves torturas. Eis por que o ministério episcopal é definido *uma boa coisa*, quando diz: *Se alguém aspira ao episcopado, deseja uma boa coisa.*⁴¹ Portanto, aquele que busca o episcopado pela glória desse cargo, e não por ser esse ministério uma *boa coisa*, testemunha, para si mesmo, que não é ao episcopado que aspira. Bem longe de amar a função sagrada, ele a ignora: aspirando ao mais alto posto do ministério pastoral, nos pensamentos ocultos da sua mente, apascenta-se a si mesmo, submetendo os outros; se regozija pelo louvor que recebe; orienta o seu coração para as honrarias;

exulta pela abundância dos bens. Desse modo, procura para si as vantagens deste mundo, sob a aparência de um cargo que deveria reduzir a nada as vantagens deste mundo. E assim, quando a alma visa por orgulho alcançar um ministério sublime e de humildade, desvirtua em seu íntimo aquilo a que exteriormente aspira.

CAPÍTULO 9

Aqueles que querem presidir frequentemente lisonjeiam o próprio coração com falsas promessas de realizar boas obras.

Em geral, aqueles que anelam aceder ao magistério pastoral elaboram alguns projetos de realizar boas obras, e mesmo desejando-as com a intenção de vangloriar-se, dizem e redizem que irão fazer um trabalho importante. Desse modo, uma coisa é a intenção reprimida no íntimo, e outra coisa é o projeto que ocupa o pensamento. Sim, com frequência, a alma se dá uma falsa imagem a si mesma. Com as boas obras, ela finge amar o que na realidade não ama e, por outro lado, nada amar da glória deste mundo, ainda que a ame. Aspirando ao primeiro lugar, ela se faz tímida enquanto o procura, audaciosa quando o consegue. Orientada para o seu objetivo, ela teme não alcançá-lo, mas, assim que o alcança, pensa imediatamente que aquilo que conseguiu lhe era devido por pleno direito. E assim, quando começa a desfrutar mundanamente do primado obtido, facilmente se esquece de todos os seus projetos religiosos.

Por isso, é necessário que, quando se deixa levar pela imaginação além dos limites do realizável, conduza o olho da sua alma sobre as suas ações passadas e avalie o que fez quando era um simples fiel; assim saberá imediatamente se, como superior, poderá realizar as boas obras a que se propunha; porque se é incapaz de aprender a humildade no lugar de honra, quando naquele mais modesto não se deixou de ser orgulhoso. Não sabe esquivar-se dos elogios que lhe são feitos aquele que aprendeu a desejá-los quando não os recebia. Não é em grau de vencer a cobiça, quando se ocupa de prover às necessidades de muitos, aquele a quem não lhe bastam nem mesmo os próprios bens. Portanto, cada um, examinando a sua vida passada, conheça a si mesmo, para que, na sua ânsia de poder, não seja enganado por um projeto ilusório. Frequentemente, quando se aceita a responsabilidade de governo, perde-se o hábito de fazer o bem quando se vivia na tranquilidade. Quando o mar é calmo, o piloto, mesmo inexperiente, sabe conduzir bem um barco, mas, quando o mar é agitado por ondas tempestuosas, até mesmo um hábil marinheiro se encontra em dificuldade. Ora, o vértice do poder não é uma tempestade para a alma? Nela, a barca do coração é agitada pela tempestade dos pensamentos e sacudida incessantemente de lá e de cá, de modo que, por repentinos excessos no falar e no agir, se despedaça batendo-se contra as rochas.

Em meio a essas adversidades, qual caminho seguir e qual linha de conduta manter? Simplesmente esta: aquele que é rico em virtudes assuma o encargo de governar porque foi obrigado a assumi-lo, e aquele que não as possui não o assuma, mesmo ser for obrigado. Se o primeiro se recusa categoricamente, tema de guardar num lenço o dinheiro que recebeu e de ser condenado por tê-lo escondido.⁴² Guardar o dinheiro no lenço significa esconder os dons recebidos no ócio de uma inerte sonolência. Por outro lado, quem aspira a governar esteja atento, para que, através do exemplo, de suas más ações não venha a ser de tropeço para aqueles que querem entrar no Reino, como os fariseus que, segundo a palavra do Mestre, não entram no Reino e impedem que os outros nele entrem.⁴³ Além disso, deve também considerar que, quando a pessoa escolhida para governar assume o cuidado do seu povo, é como um médico que se aproxima de um enfermo. Se no seu agir estão ainda vivas as suas paixões, com qual presunção se apressa a medicar um ferido, ele que traz uma ferida no seu próprio rosto?

Quem deve assumir o governo das almas?

Portanto, deve ser posto como modelo de vida aquele que, morrendo a todas as paixões da carne, vive espiritualmente, que desdenhou as vantagens deste mundo, que não teme adversidade alguma e que deseja somente os bens interiores. Plenamente conformes à sua íntima disposição, não o contrastam nem o corpo com a sua fragilidade, nem o espírito diante da humilhação. Ele não se deixa levar pela cobiça dos bens dos outros; ao contrário, dá generosamente dos seus. Uma inata bondade o inclina a perdoar, mas não transige o que é justo, sendo mais indulgente do que convém. Nada comete de ilícito, mas deplora como próprio o mal cometido pelos outros. Compadece-se pela fraqueza dos outros, com todo o afeto do seu coração, e se alegra com o bem do próximo, assim como se alegra com o seu. Tudo o que ele faz é, para os outros, um exemplo atraente, de modo que não tem de que se envergonhar diante deles, nem mesmo de fatos passados. Esforça-se de viver de tal maneira que seja capaz de irrigar, com as águas de um belo ensinamento, os corações sedentos de sentido. Pelo hábito da oração, aprendeu por experiência que podia obter do Senhor as graças que lhe pedia, ele a quem, de modo especial, diz a palavra profética: *Ainda enquanto tu falas, eu direi: “Eis-me, aqui estou!”*.⁴⁴

De fato, se alguém nos propusesse a nos conduzir para interceder em seu favor diante de um poderoso personagem irritado contra ele e que não conhecemos, responderíamos prontamente: “Não podemos ir para interceder por ti, porque não conhecemos este homem e com ele não temos familiaridade”. Portanto, se uma pessoa se envergonha de interceder perante outra da qual nada obteria, como pode assumir a função de intercessora do povo diante de Deus, ela que não está familiarizada com a sua graça por causa da sua conduta de vida? Ou como pode pedir o seu perdão em favor dos outros quem não sabe se está com ele reconciliado? Nesse caso, é preciso temer também outro fato: que aquele que crê poder aplacar a ira de Deus não seja ele mesmo merecedor dela por causa do seu próprio pecado. Nós todos sabemos muito bem: enviar um intercessor que desagrada significa agravar a ira. Que a pessoa presa ainda nos laços dos desejos terrenos fique atenta: ela poderia acender mais fortemente a ira do severo juiz e, comprazendo-se da sua gloriosa posição, se tornar causa de ruína para os seus fiéis.

CAPÍTULO 11

Quem não deve assumir o governo das almas?

Cada um, portanto, se examine com atenção e não ouse assumir a função de governar se em si mesmo reina ainda o vício que o condena; se uma pesada culpa pessoal o desfigura, que não procure se tornar intercessor pelas culpas alheias. Por isso, diz a Moisés a voz celeste: *Diga a Aarão: Nenhum de seus descendentes, nas futuras gerações, se tiver algum defeito, poderá oferecer os pães ao Senhor, seu Deus e se aproximar para servi-lo*.⁴⁵ Depois, imediatamente, precisa: *Se for cego, ou coxo, ou com o nariz muito pequeno ou muito grande e torto, se tiver um pé, uma mão fraturada, se for corcunda, se tiver os olhos remelentos ou com catarata, se for afetado por eczema ou por impingem, ou por uma hérnia*.⁴⁶

É cego quem não conhece a luz da contemplação divina e que, envolvido pelas trevas da vida presente, incapaz de perceber, com amor, a claridade que vem, não sabe na sua ação para onde dirigir os seus passos. Por isso, se diz na profecia de Ana: *Ele custodiará os passos de seus fiéis, e os ímpios perecerão nas trevas*.⁴⁷ É coxo aquele que vê para onde deve se dirigir, mas, pela fraqueza do seu ânimo, não tem a força de seguir até o fim esta estrada da vida que está sob os seus olhos; porque a sua moleza inveterada não sabe se elevar à estatura firme da virtude e os passos da

sua ação não perseguem efetivamente o objetivo desejado. Consequentemente, diz Paulo: *Levantai vossas mãos cansadas e fortalecei os joelhos enfraquecidos. Endireitai os caminhos por onde deveis passar, a fim de que o aleijado não manque, mas seja curado.*⁴⁸

Tem o nariz pequeno aquele que não é idôneo para discernir. De fato, é pelo nariz que distinguimos os odores agradáveis daqueles desagradáveis. O nariz representa, portanto, justamente, o discernimento pelo qual nós escolhemos as virtudes e desaprovamos os pecados. É por isso que se diz, em louvor da esposa: *Teu nariz é como a torre do Líbano,*⁴⁹ porque é com o discernimento que a santa Igreja observa todos os pontos de onde pode ser atacada e, do alto, percebe os assaltos que os vícios irão lançar. Mas existem alguns que, temendo ser considerados pouco inteligentes, se empenham, com frequência, mais do que é necessário, em certas análises tão minuciosas, que acabam por se confundir pelo excesso de detalhes. Por isso, também se acrescenta: *que têm o nariz grande e torto.* O nariz grande e torto representa a sutileza excessiva do discernimento que, se exagerado nos detalhes, acaba distorcendo a retidão do próprio agir.

Possui o pé ou a mão fraturada aquele que não sabe percorrer, de modo algum, o caminho de Deus e é totalmente privado dos meios para realizar as boas obras. Ele não é como o coxo, que as realiza, ainda que com dificuldade; ao contrário, está totalmente excluído delas. Corcunda é aquele que se curva de tal modo sob o peso das preocupações terrenas que jamais pode elevar os olhos para as realidades do alto, atento somente às ínfimas coisas que são pisoteadas. E, se porventura ele ouve dizer alguma coisa da felicidade da pátria celeste, sobrecarregado como é com o peso dos maus hábitos, não consegue orientar para lá os olhos do coração, porque quem está encurvado pelo hábito das preocupações terrenas não é capaz de orientar para o alto o seu pensamento. É acerca destes que o salmista diz: *Eu estou encurvado e humilhado o dia todo.*⁵⁰ Desaprovando as suas culpas, a Verdade mesma diz: *A semente que caiu entre os espinhos são aqueles que ouviram a Palavra, mas, continuando a caminhar, se afogam nas preocupações, nas riquezas e nos prazeres da vida, e não produzem frutos.*⁵¹

O que tem os olhos remelentos é aquele cujo engenho brilha pelo conhecimento da verdade e, todavia, as suas obras carnis o obscurecem. Nos olhos remelentos, as pupilas são sadias, mas as pálpebras doentes pela contínua secreção de líquido se incham e se enfraquecem, de modo que também a acuidade da pupila fica diminuída. Existem alguns que, pela vida carnal que conduzem, ferem o espírito: sua inteligência inata poderia ter uma visão penetrante do bem, mas o hábito de atos depravados a obscurece. Assim, têm os olhos remelentos aqueles a quem a natureza enriqueceu com uma aguda sensibilidade, mas cujo comportamento corrupto a confunde. Com razão, a eles se diz, por meio do anjo: *Unge teus olhos com colírio para que vejas.*⁵² Nós ungimos os nossos olhos com colírio para ver, quando ajudamos o olhar da nossa inteligência a conhecer a claridade da verdadeira luz, por meio deste remédio que são as boas ações. Tem uma nuvem branca no olho aquela pessoa impedida de enxergar a luz da verdade, pois é cega pela sua pretensão de ser sábia e justa. Negra, a pupila do olho vê; afetada por uma mancha branca, não vê nada. Quando o espírito humano compreende a sua insensatez e seu pecado, ele alcança a experiência da luz interior. Mas ele não entra no esplendor da verdadeira luz à medida que se exalta com pretensão perante os seus próprios olhos. Como se diz a respeito de alguns: *Pretendendo ser sábios, tornaram-se tolos.*⁵³

É afetado por um eczema persistente aquele que é dominado por incessante exigência carnal. No eczema, é como se o fogo das vísceras chegasse à flor da pele. Representa muito bem a luxúria, porque assim como a tentação irrompe do coração e se exprime em atos, assim também é o fogo interno do corpo que explode na infecção da pele. Evidentemente, o corpo fica ferido externamente: a

voluptuosidade não reprimida no pensamento tiraniza também os atos externos. Paulo, de certa maneira, procurava fazer desaparecer o prurido da pele quando dizia: *Não sofrestes tentação alguma que não fosse humana*.⁵⁴ Como se dissesse: “É próprio do ser humano sentir a tentação no seu coração, mas é diabólico, na luta contra a tentação, deixar-se vencer por ela, colocando-a em prática”. A impingem no corpo é também a alma devastada pela cobiça. Se não se domina a cobiça nas pequenas ocasiões, é inevitável que se expanda além das medidas. Na verdade, a impingem recobre o corpo de modo indolor, e cresce sem causar repugnância à sua vítima, deturpando a beleza dos membros. Assim, a cobiça, enquanto dá quase a impressão de causar prazer, provoca úlceras na alma daquele que é por ela atizado, apresentando à mente dele os bens dos quais tomar posse provoca discórdias; fere sem fazer sofrer, porque à alma que arde por riquezas, ela promete a abundância após a queda. Mas os membros perdem o seu nobre aspecto; os belos traços das virtudes são desfigurados pela cobiça; ela irrita o corpo inteiro, porque sob o impulso de todos os vícios, destrói o coração. Paulo o afirma, dizendo: *A cobiça é a raiz de todos os males*.⁵⁵

Tem hérnia aquele que, sem entregar-se a atos infames, tem o espírito incessantemente importunado pela sua obsessiva imagem; é verdade que ele não se deixa arrastar até o ato de pecar, mas o seu coração, sem um sobressalto de reação, cede ao encanto da volúpia. Trata-se de uma sensação de peso anormal: o líquido das vísceras desce aos genitais e estes se incham com desagradável aparência. Portanto, é doente de hérnia aquele que deixa fluir em si mesmo todos os pensamentos sensuais e que carrega no seu coração o peso da infâmia; ainda que não realize atos depravados, não consegue libertar deles o seu pensamento. É incapaz de elevar-se com decisão à prática das boas obras, porque, secretamente, é oprimido por este peso tão torpe.

Portanto, todo homem que for vítima de uma destas anomalias é proibido de oferecer pães ao Senhor; pois, certamente, é incapaz de cancelar os pecados alheios quem ainda é desfigurado pelos próprios.

Nós demonstramos brevemente aquilo que torna digno o acesso ao magistério pastoral e também como aquele que é indigno deve temer chegar até ele. Demonstraremos agora como deve viver aquele que ao magistério chegou dignamente.

¹ Cf. Mt 23,6-7.

² Os 8,4.

³ Lc 13,27.

⁴ Is 56,11.

⁵ Jr 2,8.

⁶ 1Cor 14,38.

⁷ Mt 15,14.

⁸ Sl 68,24.

⁹ Ez 34,18-19.

¹⁰ Os 9,8.

¹¹ Ez 44,12.

¹² Mt 18,6.

¹³ Tg 3,1.

¹⁴ Jo 6,15.

¹⁵ Cf. 1Sm 10,22.

¹⁶ Cf. 1Sm 15,17-30.

¹⁷ Cf. 2Sm 11,3ss.

¹⁸ Cf. 2Sm 11,15.

¹⁹ Cf. 2Sm 12.

²⁰ Eclo 11,10.

²¹ Cf. 2Rs 20,13.

²² Cf. Is 39,4-8.

²³ Cf. Dn 4,16ss.

²⁴ Cf. Dn 3,98-100.

²⁵ Dn 4,27.

²⁶ Cf. Dn 4,28-30.

²⁷ Mt 5,14-15.

[28](#) Jo 21,16.
[29](#) Jo 21,16.
[30](#) 2Cor 5,14-15.
[31](#) Cf. Dt 25,5.
[32](#) Mt 28,10.
[33](#) Ef 6,15.
[34](#) Cf. Jo 1,18; 8,42 etc.
[35](#) Is 6,8.
[36](#) Jr 1,6.
[37](#) Cf. Is 6,6-7.
[38](#) Cf. Ex 3,10-4,18.
[39](#) 1Tm 3,1.
[40](#) 1Tm 3,2.
[41](#) 1Tm 3,1.
[42](#) Cf. Lc 19,20.
[43](#) Cf. Mt 23,13.
[44](#) Is 58,9.
[45](#) Lv 21,17.
[46](#) Lv 21,18.
[47](#) 1Sm 2,9.
[48](#) Cf. Hb 12,12-13.
[49](#) Ct 7,5.
[50](#) Sl 37,7.
[51](#) Lc 8,14.
[52](#) Ap 3,18.
[53](#) Rm 1,22.
[54](#) 1Cor 10,13.
[55](#) 1Tm 6,10.

SEGUNDA PARTE
A VIDA DO PASTOR

(12)* Como deve comportar-se aquele que, legitimamente, acede ao ministério pastoral?

A conduta do prelado deve superar em qualidade aquela do povo, na mesma medida em que o modo de viver do pastor se distingue daquele do rebanho. É necessário, portanto, que considere com atenção o dever que tem de viver uma vida honesta, visto que, justamente, em referência à sua pessoa, o povo é chamado rebanho. Por conseguinte, é indispensável que tenha pensamentos puros, uma ação exemplar que convença, a descrição do silêncio, uma palavra útil, uma atenção plena de compaixão para com cada pessoa, uma contemplação que o desapegue da terra mais que todos, uma humildade que faça dele, para as pessoas de bem, um companheiro, um zelo enérgico pela justiça contra os vícios dos delinquentes, a vontade de nada sacrificar da vida interior pelas ocupações exteriores e de não deixar de prover às necessidades exteriores, com a desculpa de solicitude pela vida interior.

Elencamos uma breve síntese dos temas; ora, os retomaremos, desenvolvendo-os de modo mais amplo.

* Os números entre parênteses, anteposta aos títulos, referem-se à numeração do índice de Gregório. Ver pp. 25-30.

CAPÍTULO 2

(13) O pastor seja puro nos pensamentos.

O pastor seja sempre puro nos pensamentos, a fim de que nada de imundo contamine aquele que assumiu a tarefa de cancelar, dos corações dos outros, as manchas do pecado. Quem se dedica a limpar impurezas procure ter as mãos limpas, de modo que não aconteça que, estando sujas, não manche mais ainda o que vai tocando. Por isso se diz por meio do profeta: *Purificai-vos, vós que levai os vasos do Senhor*.¹ Levam os vasos do Senhor aqueles que assumem o encargo de conduzir as almas de seus irmãos, com a fidelidade da própria vida, aos santuários eternos. Considerem em si mesmos o quanto devem ser purificados, eles que, em virtude de um compromisso pessoal de amor, levam vasos viventes ao templo da eternidade.

Por isso, a Palavra de Deus ordena que sobre o peito de Aarão se coloque, amarrado com cordões, o peitoral do julgamento,² a fim de que o coração do sacerdote não seja possuído por pensamentos vãos, mas seja habitado somente pela sabedoria do espírito. Não aconteça que aquele que fora constituído como exemplo para outros pense algo indiscreto ou inútil, ele que deve sempre manifestar, com a seriedade da vida, quanta sabedoria tem no seu coração. Cuidadosamente se acrescenta que nesse peitoral sejam escritos os nomes dos doze patriarcas. Levar os nomes dos Pais escritos sobre o peito significa meditar interruptamente sobre a vida dos antepassados. O sacerdote caminha de modo irrepreensível quando contempla continuamente os exemplos dos Pais que o precederam, quando escruta sem cessar as pegadas dos santos e reprime os pensamentos ilícitos, para não dar espaço a um agir desordenado. E é apropriado que esse peitoral seja chamado “peitoral do julgamento”, porque o pastor deve sempre discernir o bem e o mal por meio de um exame escrupuloso; e deve se perguntar, com atenção, o que e a quem, quando e como tal coisa convém. Nada buscará para si mesmo, mas considerará seu o bem dos outros. Assim, está escrito: *Colocarás sobre o peitoral do juízo a doutrina e a verdade, que estarão sobre o peito de Aarão, quando ele entrar na presença do Senhor. Aarão levará constantemente sobre o coração, na presença do Senhor, o julgamento dos filhos de Israel*.³ Para o sacerdote, levar o julgamento dos filhos de Israel sobre o seu peito na presença do Senhor significa examinar as causas de seus fiéis, somente segundo os critérios do Juiz interior, sem que alguma complacência humana se misture naquilo que ele administra como representante de Deus e sem que algum ressentimento pessoal exaspere o seu empenho de correção.

Quando se mostrar cheio de zelo contra os vícios alheios, combaterá, antes de tudo, os seus, de modo que a tranquilidade do seu julgamento não seja alterada por uma secreta inveja ou por uma cólera irrefletida. Considerando quanto é temível aquele que governa todas as coisas, isto é, o Juiz interior, não exercitará o poder sobre os seus fiéis senão com grande trepidação. Humilhando a alma do pastor, esse temor a purifica, fazendo com que nem presunção o ensoberbeça, nem o prazer carnal o contamine, nem a cobiça pelos bens terrenos o ofusque com seus pensamentos inoportunos. É impossível que todas essas coisas não coloquem à prova o coração do pastor, mas é necessário combatê-las com prontidão, para que sejam vencidas. Não aconteça que o vício que induz em tentação com o seu fascínio o submeta com a volúpia e, sendo repellido tarde demais, o mate com a ponta afiada do consentimento.

CAPÍTULO 3

(14) O pastor tenha sempre uma ação exemplar que convença.

O pastor tenha sempre uma ação exemplar que arraste: assim, com o seu modo de viver, indicará aos seus fiéis o caminho da vida, e o seu rebanho, dócil à sua voz e ao seu modo de agir, progredirá atraído mais pelos seus exemplos do que pelas suas palavras. O seu cargo exige dele que proclame o ideal e não menos exige que demonstre com ações esse ideal. O coração dos ouvintes é mais facilmente penetrado pelas palavras que encontram confirmação na vida daquele que anuncia, o qual, dizendo, ordena, mas demonstrando com o exemplo, ajuda a concretizar. Por isso, se diz, por meio do profeta: *Sobe a um monte elevado, tu que anuncias boas-novas a Sião.*⁴ Quer dizer: quem se empenha na pregação dos bens celestes, abandonando as obras terrenas, deve manifestar que se mantém firme acima delas; e tanto mais facilmente atrairá os fiéis aos bens melhores quanto mais proclamará as realidades celestes com o exemplo de sua vida.

Eis por que uma lei divina prescreve que, para o sacrifício, o sacerdote receba a espádua do cordeiro, a espádua direita, colocada à parte,⁵ e isso indica que a sua conduta deve ser não somente útil, mas também extraordinária: não se limite a cumprir ações honestas entre os maus, mas supere, pela excelência da sua conduta, as pessoas de bem que lhe são submissas, sendo ele superior a elas, pela dignidade da sua posição. Ademais, ao sacerdote era oferecido como alimento, além da espádua, também a parte tenra do peito, para que ele aprendesse a imolar em si mesmo ao seu Criador esta parte do sacrifício que lhe era prescrito consumir.⁶ Não se limite, portanto, a formar no seu coração a ideia do que é bom, mas, como que oferecendo os ombros da sua conduta, encoraje aqueles que o observam a alcançar os bens supremos. Não aspire a sucesso algum da vida presente, nem tema adversidade alguma, menospreze as adulações deste mundo, considerando o que no íntimo causa temor, e, ao mesmo tempo, não despreze o temor, seguindo a atração dos encantos interiores.

A Palavra divina ordena também que os ombros do sacerdote sejam envolvidos pelo véu umeral,⁷ de modo que ele seja sempre protegido entre os sucessos e as adversidades pela armadura das virtudes; assim, conforme a palavra de Paulo, avançando *com as armas da justiça à direita e à esquerda*,⁸ oriente todo esforço somente em direção do que lhe está adiante, sem se deixar desviar ao convite da menor sedução. No sucesso, não se ensoberbeça, não se abata na adversidade; nenhuma adulação o seduza a ponto de fazê-lo buscar o prazer; a severidade das dificuldades não o desencorajem. Que paixão alguma atenuie o vigor do seu espírito e que, assim, ele possa mostrar toda a beleza do véu umeral que recobre os seus ombros.

É também justamente prescrito que esse véu umeral seja de ouro, jacinto, púrpura, vermelho escarlate e de linho fino retorcido,⁹ para demonstrar qual variedade de virtudes deve resplandecer no

sacerdote. Na veste do sacerdote resplandece, antes de tudo, o ouro, pois nele deve brilhar, primeiro de tudo, uma inteligente sabedoria. Ao ouro se acrescenta o jacinto, luminosa cor do céu, a fim de que tudo o que penetrar com a sua inteligência suscite nele o amor pelos bens celestes, e não o desejo de miseráveis elogios; porque, se se deixar envolver de modo incauto pelos elogios, ele perderá precisamente a compreensão do que é verdadeiro. Ao ouro e ao jacinto se mistura a púrpura, para indicar que, enquanto espera os bens supremos que ele prega, o sacerdote reprimirá no seu coração as sugestões dos vícios e a elas se oporá com um verdadeiro poder real, mirando incessantemente ao ideal de uma íntima regeneração e conservando intacta, pelo seu modo de viver, a veste do reino dos céus. Sobre essa nobreza espiritual, se diz, por meio de Pedro: *Vós sois uma raça eleita, um sacerdócio régio.*¹⁰ Esse nosso poder de submeter os vícios nos é confirmado pelas palavras de João, que diz: *Mas a todos aqueles que o receberam, deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus.*¹¹ É considerando a dignidade desta potência que o salmista diz: *Vejo que honraste sobremaneira os teus amigos, ó Deus; muito se fortaleceu o seu principado!*¹² É que a alma dos santos, quando, manifesta exteriormente, sofrer o desprezo, se eleva, como um príncipe, às maiores alturas. Ao ouro, ao jacinto e à púrpura, se acrescenta o vermelho escarlate, para indicar que, aos olhos do Juiz interior, os frutos das virtudes devem adornar-se de caridade, e tudo quanto resplandece diante dos homens, na presença do Juiz interior, deve ser inflamado pela chama do íntimo amor. A caridade, porque ama a Deus e ao próximo, resplandece como um tecido tingido duas vezes. Por conseguinte, aquele que aspira a ver o seu Criador, mas negligencia o cuidado de seu próximo, ou que se ocupa em atender ao seu próximo, mas é paralisado no amor a Deus, por haver descuidado de um destes dois preceitos, não sabe conservar as duas tintas, o vermelho e o escarlate, sobre o véu umeral. Mas, quando a alma é atenta aos preceitos da caridade, é evidente que a carne será mortificada pela abstinência. Por isso, acrescenta-se ao vermelho e ao escarlate o linho fino retorcido. De fato, da terra nasce um linho fino de resplandecente candor. E o que significa esse linho, senão a castidade corporal, resplandecente de pura beleza? É um linho retorcido que é bordado sobre o magnífico véu umeral, porque a castidade alcança a perfeição de sua pura beleza quando a abstinência mortifica a carne. E quando, com as demais virtudes, progride também o mérito de uma carne mortificada, o candor do fino linho retorcido resplandece entre as cores do véu umeral.

CAPÍTULO 4

(15) Que o pastor guarde um silêncio discreto e tenha uma palavra útil.

Que o pastor guarde um silêncio discreto e tenha uma palavra útil: não revele o que deve calar e não cale o que revelar. Uma palavra imprudente conduz ao erro, um silêncio excessivo mantém no erro aqueles que poderiam ser instruídos. Temendo perder o favor popular, acontece, com frequência, que pastores imprudentes não ousem dizer livremente onde reside o bem e, então, segundo a palavra da Verdade,¹³ não cuidam do rebanho, a eles confiado, com a dedicação do pastor, mas agem como mercenários que fogem quando vem o lobo, escondendo-se no seu silêncio.¹⁴ Assim, o Senhor os admoesta, por meio do profeta, dizendo: *Cachorros mudos que não sabem latir.*¹⁵ E se lamenta deles: *Vós não subistes contra o inimigo para enfrentá-lo, nem construístes muralha para que a casa de Israel pudesse resistir no combate, no dia do Senhor.*¹⁶ Subir contra o inimigo é contrastar os poderes deste mundo, falando livremente em defesa do rebanho. Resistir no combate no dia do Senhor é resistir, por amor da justiça, aos ataques dos perversos. Para um pastor, ter medo de dizer o bem não significa, por este silêncio, voltar as costas? Mas, se enfrenta o perigo pelo seu rebanho, ele opõe ao inimigo uma muralha para a casa de Israel.

Por isso, se diz ainda ao povo que peca: *Teus profetas viram para vocês coisas falsas e*

*insensatas e não te revelaram tuas iniquidades para conduzir-te ao arrependimento.*¹⁷ Na Sagrada Escritura, às vezes, os profetas são chamados doutores, porque, mostrando que o presente é fugaz, eles revelam o que haverá de suceder. Mas a Palavra divina denuncia as suas falsas visões, quando eles, pelo temor de corrigir os vícios, adulam os pecadores com uma vã promessa de segurança. Eles não abrem os olhos sobre a iniquidade dos pecadores, quando calam a voz que os corrigiria. Chave que abre é a palavra que corrige: com a repreensão, desvela a culpa, da qual, com frequência, não adverte a malícia, nem mesmo quem a cometeu. Por isso, Paulo diz: *Para que seja capaz de exortar segundo a sã doutrina e refutar os que a contradizem.*¹⁸ E assim também Malaquias afirma: *Os lábios dos sacerdotes hão de guardar o saber, e é da sua boca que se buscará a doutrina, porque é um mensageiro do Senhor dos exércitos.*¹⁹ Por meio de Isaías, o Senhor admoesta, dizendo: *Grita a plenos pulmões, sem cessar, levanta a voz como trombeta.*²⁰ Todo aquele que acede ao sacerdócio recebe o encargo de arauto: ele avança, gritando, antes da terrível vinda do Juiz. Portanto, se o sacerdote não sabe pregar, como poderá fazer ouvir a sua voz o arauto mudo?

Por isso, o Espírito Santo pousou sobre os primeiros os pastores, em forma de línguas;²¹ aqueles que ele plenificou se tornaram prontamente, sob sua inspiração, homens capazes de falar. Também por isso se ordena a Moisés que o sacerdote, ao entrar na Tenda, levasse ao redor de si os sininhos, para dar assim anúncios de pregação e não ir, com o seu silêncio, ao encontro do juiz que o observa do alto. De fato, está escrito: *Para que se ouça o tilintar dos sininhos quando entra no santuário, e quando sai, na presença do Senhor, e assim não morra.*²² Quando entra ou sai sem que se ouça a sua voz, o sacerdote morre, porque atrai sobre si a ira do juiz invisível; ele caminha sem que ressoe a sua pregação. Com razão, é prescrito que os sininhos sejam pendurados nas suas vestes. O que devemos ver nas vestes do sacerdote, senão boas obras? O profeta atesta: *Que os teus sacerdotes se revistam de justiça.*²³ Os sininhos são pendurados nas vestes para que as obras do sacerdote, unidas ao som de seus lábios, da palavra, proclamem onde se encontra o caminho da vida. Mas, quando o sacerdote se prepara para falar, coloque toda atenção e reflexão, e o faça com grande cautela; se ele se deixar arrastar por um desejo desordenado de falar, o coração daqueles que o ouvem poderá ser atingido pela ferida do erro, e querendo passar por sábio, romperia, de modo insensato, os laços da unidade. Por isso, diz a Verdade: *Tende sal em vós, e conservai a paz uns com os outros.*²⁴ O sal significa a sabedoria da palavra. Quando se esforça por falar sabiamente, tenha grande temor de turbar pelo seu discurso a unidade dos ouvintes. Donde o que Paulo diz: *Não ser sábios mais do que convém, mas ser sábios com moderação.*²⁵ Por isso, na veste do sacerdote, segundo a Palavra divina, aos sininhos se juntam as romãs.²⁶ O que significam essas romãs senão a unidade da fé? De fato, na romã, os numerosos grãos em seu interior são protegidos por fora por uma só casca exterior; do mesmo modo, a unidade da fé protege os inumeráveis povos da santa Igreja, contendo dentro de si diversidade de méritos. Para que o pastor imprudente não se meta apressadamente a falar, como já dissemos, a Verdade mesma grita aos seus discípulos: *Tende sal em vós, e conservai a paz uns com os outros.* Como se, através da figura da veste do sacerdote, dissesse: “Acrescentai romãs aos sininhos para que, em tudo o que dizeis, possais conservar, com vigilante atenção, a unidade da fé”.

Além disso, os pastores devem ter o cuidado de não somente não fazer discursos errôneos, mas devem também evitar dizer a verdade de modo prolixo e desordenado. Porque, muitas vezes, as palavras perdem a sua força sobre o coração dos ouvintes, por causa de uma loquacidade desconsiderada e inoportuna. Essa loquacidade, incapaz de servir, com proveito, aos seus ouvintes, contamina também aquele que a exercita. Por isso se diz oportunamente por meio de Moisés: *O homem que sofre de um fluxo de sêmen será impuro.*²⁷ Na verdade, na alma do ouvinte, a boa

qualidade do discurso proferido faz das palavras ditas o sêmen de um pensamento que se formará; o ouvido acolhe uma palavra, e na mente é gerado um pensamento. “Semeador de palavras”, tal foi justamente o apelido dado ao pregador por excelência pelos sábios deste mundo.²⁸ O homem que sofre de um fluxo de sêmen é, portanto, declarado impuro; escravo de sua loquacidade, ele se contamina com o que, expresso de modo ordenado, poderia gerar no coração dos ouvintes um pensamento justo; mas, com seu fluxo de palavras imprudentes, derrama o sêmen para contaminar e não para o bem de uma descendência. Assim, Paulo, exortando seu discípulo da urgência da pregação, lhe diz: *Rogo a ti, diante de Deus e de Jesus Cristo, que há de vir para julgar os vivos e os mortos, pela vinda do seu Reino: proclama a Palavra, insiste no tempo oportuno e inoportuno.*²⁹ Antes de dizer *inoportuno*, antepôs *oportuno*, porque a palavra inoportuna, se não considera o que é oportuno, perde toda eficácia na mente de quem ouve.

CAPÍTULO 5

(16) O pastor tenha uma atenção plena de compaixão para com cada pessoa, uma contemplação que o desapegue da terra mais que todos os outros.

O pastor tenha uma atenção plena de compaixão para com cada pessoa, uma contemplação que o desapegue da terra mais que todos os outros: pelas entranhas de sua bondade paternal, ele carregará sobre si a enfermidade dos outros; pela altura da sua contemplação, ele se elevará acima de si mesmo, aspirando aos bens invisíveis. Que, elevando-se, se cuide de não ser atento às misérias do próximo e, fazendo-se totalmente próximo das misérias do outro, se cuide de não abandonar as altas aspirações.

Paulo, conduzido ao paraíso, penetrou os segredos do terceiro céu;³⁰ todavia, após estar absorto na contemplação das realidades invisíveis, dirige o olhar da sua alma para o quarto onde repousam humildes seres de carne, e lhes indica como se comportar na sua vida íntima: *Para evitar a imoralidade, cada homem tenha a sua esposa, e cada mulher o seu marido. O marido cumpra o dever conjugal para com a esposa, e a esposa faça o mesmo com o marido.*³¹ E mais adiante: *Não vos recuseis um ao outro, a não ser que estejais de comum acordo e por algum tempo, para vos entregardes à oração; depois disso, voltai a unir-vos, a fim de que Satanás não vos tente.*³² Introduzido nos segredos do céu e, todavia, colocando-se de todo coração no mesmo nível, ele penetra com o olhar o quarto dos pobres seres de carne; o mesmo olhar do coração, elevado ao alto e que fixa sobre as realidades invisíveis, ele o abaixa, cheio de compaixão, na direção dos segredos das fraquezas humanas. Sua contemplação ultrapassa o céu, e sua solicitude não se desinteressa do leito dos esposos; unido pelo laço da caridade ao que está no alto e ao que está embaixo, ele é, em si mesmo, arrebatado com poder pela força do Espírito, e nos outros, pela compaixão, experimenta a fragilidade. Por isso, diz: *Quem fraqueja, sem que eu também me sinta fraco? Quem cai, sem que eu me sinta com febre?*³³ E ainda: *Com os judeus me fiz judeu.*³⁴ Evidentemente, se mostrava tal sem abandonar a sua fé, e sim, dilatando o seu amor: tomando a forma dos infiéis, ele aprenderia por si mesmo como deveria ter compaixão dos outros e a eles fazer o bem que – estando na mesma condição – queria que lhe fosse feito. Por isso, Paulo diz também: *Se perdemos o bom senso, foi por causa de Deus; se nos comportamos com sensatez, foi por vossa causa:*³⁵ ele sabia com a contemplação transcender-se a si mesmo, mas sabia, igualmente, moderar-se, ao colocar-se no mesmo nível dos seus ouvintes.

Jacó viu no alto uma escada para o Senhor, embaixo uma pedra unta de óleo e anjos que subiam e desciam.³⁶ É que os verdadeiros pregadores não se contentam de elevar-se ao alto, pela

contemplação, para aquele que é a cabeça santa da Igreja, isto é, o Senhor, mas pela misericórdia que os anima, descem também até os membros que estão embaixo. Do mesmo modo, Moisés entre e sai, com frequência, da Tenda. Dentro, ele é arrebatado pela contemplação; fora, é pressionado pelas necessidades das pessoas que sofrem. Dentro, medita os segredos de Deus; fora, carrega o fardo dos pobres homens. Nas suas dúvidas, retorna sempre à Tenda e diante da arca da aliança consulta o Senhor. Com isso, sem dúvida alguma, dá exemplo aos pastores: quando hesitarem sobre as decisões a serem tomadas, voltem sempre ao próprio coração, que para eles é a Tenda; consultarão o Senhor diante da arca da aliança, se buscarem em si mesmos, no íntimo, as páginas do livro sagrado para uma solução das suas dúvidas. Por isso, a própria Verdade que, assumindo a nossa humanidade a nós, se revelou, se imerge na oração sobre o monte e nas cidades exerce a sua atividade prodigiosa.³⁷ É um exemplo dado aos verdadeiros pastores, de modo que, se pela contemplação saboreiam já os bens eternos, devem, pela compaixão, se ocupar das necessidades dos fracos. Porque a caridade se lança maravilhosamente para as alturas quando se deixa misericordiosamente atrair para baixo, para as misérias do próximo; e quanto mais ela desce com amor justo às fraquezas, mais retoma com força seu impulso para as alturas.

Que os pastores se apresentem diante dos fiéis de tal forma que estes não se envergonhem de a eles confiar os próprios segredos. Assim, quando são atacados pelas ondas da tentação, como crianças poderão se refugiar no coração do seu pastor como no colo de uma mãe, e o pastor, com o consolo da sua exortação e as lágrimas da sua oração, os purificará das manchas do pecado que ameaça contaminá-los. Por isso, diante da porta do Templo está o Mar de bronze, isto é, a grande bacia para a purificação de quem entra; esse Mar é sustentado por doze touros que mostram, ao exterior, as suas partes dianteiras, mas o resto do corpo fica escondido.³⁸ O que significam os doze touros senão a ordem dos pastores no seu conjunto? A Lei, comentada por Paulo, diz: *Não amordace o boi que debulha o grão*.³⁹ Nós percebemos as obras que os pastores realizam, mas ignoramos o que os espera mais tarde, na presença de um exigente juiz, como misteriosa retribuição. Quando estes pastores, com paciente condescendência, dispõem o próximo à confissão purificadora, é como se levassem sobre si mesmos a grande bacia que está diante da porta do Templo, a fim de que todo aquele que deseja entrar pela porta da eternidade manifeste as suas tentações ao coração do pastor e, por assim dizer, lave as suas mãos, isto é, os atos que projetou e executou, na bacia dos touros. Acontece, com frequência, que o pastor, ao ouvir as tentações alheias, se sinta ele mesmo tentado; desse modo, a água da grande bacia, com a qual todo o povo se purifica, também fica suja. Ao receber a impureza daqueles que se lavam, a água perde a sua límpida pureza. Mas o pastor não deve temer esse perigo, porque Deus, que pesa exatamente todas as coisas, o liberta das tentações tanto mais facilmente quanto maior é a misericórdia com a qual ele se carrega das tentações dos outros.

CAPÍTULO 6

(17) Que o pastor tenha uma humildade que faça dele, para as pessoas de bem, um companheiro e um zelo enérgico pela justiça contra os vícios dos delinquentes.

Que o pastor tenha uma humildade que faça dele, para as pessoas de bem, um companheiro e um zelo enérgico pela justiça contra os vícios dos delinquentes: que ele não se considere em nada superior às pessoas de bem, e quando a culpa dos depravados o exige, não hesite em reconhecer o poder do seu primado. Assim, deixando de lado a dignidade que reveste, se considerará igual aos fiéis que vivem retamente, e com os malfeitores, não temerá afirmar os direitos da justiça. Porque é claro – eu me recordo de haver dito nos Livros Morais⁴⁰ – que a natureza fez nascer iguais todos os homens, mas, variando o grau dos seus méritos, a culpa pospõe alguns aos outros. Ora, as próprias

diferenças que procedem do vício são reguladas pela disposição; como homem algum pode permanecer sempre nesse estado de igualdade, uns serão governados por outros. Portanto, aqueles que governam devem ter presente não a autoridade que lhes confere a sua posição, mas a igualdade de sua condição; não se alegrem de comandar as pessoas, e sim de servi-las.

Nossos antigos Pais são apresentados não como reis, mas como pastores de rebanhos. O Senhor disse a Noé e aos seus filhos: *Crescei e multiplicai-vos e enchei a terra*, e logo acrescentou: *Sede o terror e o pavor de todos os animais da terra*.⁴¹ Se ele lhes permitiu ser o terror e o pavor dos animais da terra, evidentemente, proibiu-lhes que o fossem para os homens. O homem, por sua natureza, foi colocado acima dos animais irracionais e não acima dos outros homens; por isso, lhe é dito que seja temido pelos animais, e não pelos homens. É ensoberbecer-se contra a natureza o querer ser temido por um seu igual. Todavia, é necessário que os pastores sejam temidos pelos fiéis quando se dão conta de que eles não temem a Deus, de modo que sintam o temor de pecar, se não por medo dos julgamentos divinos, ao menos, por medo dos homens. Os pastores não haverão de se orgulhar, de modo algum, por causa desse temor assim sentido; eles não buscam a própria glória, mas a santidade de seus fiéis. Ao exigir esse temor da parte daqueles que vivem na desonestidade, é como se exercessem o poder sobre animais e não sobre homens, porque, na medida em que esses fiéis se comportam como animais, devem submeter-se ao império do temor.

Com frequência, pelo fato mesmo de sua preeminência, o pastor se incha interiormente de orgulho. Tudo está ao seu serviço, suas ordens são executadas prontamente, conforme o seu desejo, seus fiéis o levam às alturas se fazem algo de bom e, por não terem autoridade, a ele não se opõem quando pratica o mal, chegando mesmo a louvar o que deveriam desaprovar. Então, seduzido pelo louvor dos fiéis, o seu coração se exalta. Exteriormente, é circundado por uma grande estima, por dentro se esvazia da verdade; esquecendo-se da sua realidade mais profunda, se perde entre os julgamentos dos outros e se convence de ser como a fama diz sobre ele e não como deveria reconhecer-se no seu íntimo. Despreza os fiéis, não os reconhece iguais a si conforme a natureza; e pensa haver superado, pelos méritos da sua vida, aqueles que lhe estão submissos por causa do poder que recebeu. Considera-se mais sábio que todos aqueles sobre os quais tem autoridade. Coloca-se a si mesmo mais ao alto e se recusa a tratar os outros de igual para igual, ele que a eles está ligado pela condição natural de igualdade. Dessa forma, se assemelha àquele do qual está escrito: *Mira a tudo o que é elevado, e ele mesmo é rei sobre todos os filhos da soberba*.⁴² Porque, procurando chegar à sumidade das sumidades e desprezando a vida de comunhão com os anjos, declara: *Eu estabelecerei minha sede no Norte e serei semelhante ao Altíssimo*.⁴³ Por um admirável julgamento, elevando-se exteriormente à sumidade do poder, ele se encontra na fossa da humilhação. Desse modo, o pastor, desdenhando ser um homem semelhante aos outros homens, se torna semelhante ao anjo da apostasia.

Assim aconteceu a Saul, que, depois de ter sido considerado merecedor pela sua humildade, inchou-se de orgulho pela grandeza do seu poder. Colocado à frente dos outros por causa da sua humildade, foi reprovado por causa do seu orgulho, conforme o testemunho do Senhor, que diz: *Não te constituí, talvez, chefe entre as tribos de Israel quando eras pequeno perante os teus próprios olhos?*⁴⁴ Primeiro viu-se pequeno diante dos seus próprios olhos, mas depois, apoiando-se ao seu poder temporal, não se considerou mais assim. Comparando-se, ele se preferiu aos outros e porque tinha mais poder que todos, se considerou maior que todos. De modo admirável, quando se reconheceu pequeno diante de si mesmo, foi grande diante de Deus; mas quando se acreditou grande, foi pequeno diante de Deus. Portanto, acontece com frequência que, diante do grande número de fiéis que lhe são sujeitos, o coração do pastor se exalta e, seduzido pelos encantos do poder supremo até

transbordar de orgulho, ele se corrompe. Esse poder, evidentemente, o administra bem quem sabe dominá-lo e combatê-lo. Administra-o bem quem sabe manter-se firme diante das culpas e, ao mesmo tempo, sabe considerar-se igual aos outros. De fato, a alma humana muitas vezes se exalta, inclusive quando não se apoia sobre poder algum. Quanto mais se exaltará, então, quando chegar o poder! Ora, faz-se um uso correto desse poder quando se sabe tirar dele o que ajuda e quando se sabe combater as tentações que dele advêm; quando se sabe, com ele, considerar-se igual aos outros e, ao mesmo tempo, dominar com zelo vigoroso aqueles que pecam.

Compreenderemos mais plenamente em que consiste esse discernimento se considerarmos o exemplo do primeiro pastor. Pela iniciativa de Deus, Pedro ocupava o primeiro lugar na Igreja. Ora, como Cornélio, homem justo, se prostrasse humildemente diante dele, Pedro rejeitou esse excessivo sinal de respeito e, reconhecendo-se semelhante a ele, disse: *Levanta-te, não o faças, sou um homem também eu.*⁴⁵ Quando, porém, descobriu o pecado de Ananias e Safira,⁴⁶ imediatamente manifestou de modo claro com qual poder tinha sido posto à frente dos demais. Com uma só palavra, tirou-lhes a vida, vida que ele havia escrutado pelo Espírito, e se recordou, então, de haver a mais alta autoridade na Igreja contra os pecados, coisa que não havia reconhecido quando, vivamente, seus irmãos lhe tributavam honra na presença dos justos. No primeiro caso, a santidade de uma ação merece a igualdade na comunhão; no segundo, o zelo pela justiça pôs às claras o direito da autoridade. Paulo ignorava ter sido preposto aos justos, seus irmãos, quando dizia: *Nós não pretendemos dominar sobre a vossa fé, mas ser colaboradores da vossa alegria.*⁴⁷ E acrescentava em seguida: *De fato, vós estais firmes na fé.*⁴⁸ Era como uma explicação do que havia dito antes: “Nós não pretendemos dominar sobre a vossa fé, porque estais firmes nela; de fato, nós somos iguais a vós na firmeza da qual temos notícia”. Paulo não sabia que era preposto aos seus irmãos, quando dizia: *Tornamo-nos como crianças entre vós.*⁴⁹ E ainda: *Nós somos vossos servos por causa de Cristo.*⁵⁰ Quando, porém, ele soube de culpas que deveriam ser corrigidas, logo retomou o seu papel de mestre, dizendo: *O que vós quereis? Que eu vos visite com o bastão?*⁵¹

Assim, o lugar supremo é ocupado como se deve quando aquele que tem a preeminência domina sobre os vícios, antes que sobre seus irmãos. Mas, quando os superiores corrigem os seus fiéis de suas faltas, é indispensável que, com uma cuidadosa atenção, eles punam, sem dúvida, os pecados, em virtude do seu poder, como exige a regra moral, mas que, ao mesmo tempo, conservem a humildade, reconhecendo-se iguais aos irmãos que corrigem; seria coisa mais digna ainda que, muitas vezes, no nosso íntimo, colocássemos aqueles que corrigimos acima de nós. Nós punimos os seus vícios com o rigor da disciplina, mas, pelos nossos pecados, ninguém nos repreende com palavras de censura. Por isso, temos mais responsabilidade perante o Senhor, quanto mais impunemente pecamos diante dos homens. Por outro lado, enquanto não deixa impunes aqui as suas culpas, a nossa correção torna mais livres os nossos fiéis perante o julgamento divino. Portanto, é necessário conservar a humildade no coração e na ação, o rigor da disciplina. Dito isso, porém, é preciso vigiar com atenção para que, conservando uma excessiva humildade, não se deixem desvanecer os direitos da autoridade e que, rebaixando-se mais do que convém, o superior não possa mais manter, com firmeza, a vida dos fiéis sob o jugo da disciplina. Que os pastores, pois, exteriormente, mantenham-se firmes na atitude que assumem para o serviço dos outros, e que conservem no íntimo o temor que lhes inspira a estima pela qual eles se alegram. Todavia, os fiéis, por sua vez, possam perceber, por meio de certos sinais que discretamente se manifestam, que seus pastores são humildes: assim, verão na sua autoridade uma razão para temer, e na sua humildade, descobrirão um exemplo. Que aqueles que comandam procurem, portanto, sem cessar, que quanto

mais o seu poder aparece grande exteriormente, mais eles se rebaixem interiormente aos próprios olhos, a fim de não sufocar a reflexão da sua mente, nem arrastar o seu coração à complacência de si mesmo e, tornando-se incapaz de exercer o controle sobre a alma, acabe sendo escravizado pela paixão de dominar.

Para que o pastor não deixe que os encantos do poder arrastem o seu coração ao orgulho, foi dito, corretamente, por um sábio: *Nomearam-te como guia? Não fiques envaidecido, mas sê entre os outros como um deles.*⁵² Também Pedro diz: *Não como patrões das pessoas a vós confiadas, mas como modelos do rebanho.*⁵³ A Verdade em pessoa, nos convidando a um mais alto grau de meritória virtude: *Vós sabeis que os chefes das nações as dominam e os grandes exercem o poder sobre elas. Não será assim entre vós, mas quem quiser ser o maior entre vós, seja o vosso servo, e quem quiser ser o primeiro entre vós, seja o vosso escravo; porque o Filho do homem não veio para ser servido, mas para servir.*⁵⁴ Indica também quais suplicios esperam o servo orgulhoso pela autoridade recebida: *Se aquele servo malvado disser em seu coração: “O meu patrão demora a chegar”, e começar a bater nos seus colegas e se meter a comer e a beber com os bêbados, virá o patrão daquele servo no dia em que ele não espera e numa hora que ele não sabe, o separará e o seu destino será com o dos hipócritas.*⁵⁵ E, justamente, é considerado hipócrita aquele que, simulando a disciplina, muda o serviço pastoral em exercício de dominação. Todavia, peca-se, às vezes, mais gravemente ainda, se em relação aos ímpios se procura mais a igualdade que a disciplina. Sob o domínio de um falso amor paterno, Eli não quis punir seus filhos pecadores, e sofreu, junto com seus filhos, perante o juiz soberano, uma cruel condenação.⁵⁶ Por isso lhe foi dito pela voz divina: *Honraste os teus filhos mais que a mim.*⁵⁷ Eis por que o Senhor repreende os pastores por meio do profeta, dizendo: *Vós não enfaixastes quem se havia fraturado, não reconduzistes quem havia se desgarrado.*⁵⁸ Reconduz-se quem se desgarrou quando aquele que cai no pecado é conduzido com vigor ao estado de justiça, graças à solicitude pastoral. E uma atadura enfaixa a fratura, quando a disciplina reprime o pecado, impedindo uma fratura completa.

Mas, com frequência, a fratura se torna mais grave se for enfaixada sem precaução, e a ferida fica muito mais dolorida se as faixas a apertam de modo excessivo. Por isso, corrigindo o pecado de seus fiéis, para curar a ferida, é necessária uma grande atenção para que a compressão seja moderada; assim, fará valer os direitos da justiça contra os delinquentes, sem esquecer a ternura do amor paterno. É preciso, portanto, que o pastor procure ser para os seus fiéis, pela sua ternura, como uma mãe e, pelo rigor moral, como um pai; é preciso, com todo o tato possível, procurar que a severidade não seja rígida demais, nem demasiado remissa a sua ternura. Como já dissemos nos Livros Morais,⁵⁹ tanto o rigor da regra quanto a misericórdia perdem muito se se exerce uma sem a outra. Portanto, aos olhos dos seus fiéis, os pastores devem ter, às vezes, uma misericórdia que provê segundo a justiça e um rigor moral que corrija com bondade. Por isso, como a Verdade nos ensina, o Samaritano levou o ferido quase morto à hospedaria e aplicou sobre as suas feridas vinho e óleo. Era necessário, para as feridas, a ardência do vinho e o conforto do óleo. É absolutamente necessário que quem tem a missão de curar as feridas aplique pelo vinho a ardência da dor, e pelo óleo, a ternura da bondade, de modo que o vinho purifique a podridão e o óleo vivifique o que deve ser curado.

Por conseguinte, é necessário misturar a ternura e a severidade, usar de uma e de outra uma dose certa, a fim de que os fiéis não sejam exasperados por uma exagerada severidade, nem enfraquecidos por uma excessiva bondade. Tudo isso, como recorda Paulo, é bem simbolizado pela arca da Tenda, na qual, com as tábuas da Lei, são conservados o bastão de Aarão e o maná;⁶⁰ porque, se no coração de um bom pastor, junto com a ciência da Sagrada Escritura, estiver o bastão da correção, que esteja

também a doçura do maná. Por isso, disse Davi: *O teu bastão e o teu cajado, eles são o meu conforto.*⁶¹ O bastão golpeia, o cajado serve de apoio. Se, portanto, há o bastão da severidade que golpeia, que haja também o conforto do cajado que serve de apoio. E assim, que haja o amor, mas sem enfraquecer, que haja o vigor, mas sem exasperar; o zelo, sem excessiva severidade, a bondade, sem indulgência desmedida. De modo que, mesclando-se justiça e clemência na arte de governar, o pastor poderá, às vezes, reconfortar o coração dos seus fiéis, fazendo-se temer, mas seja terno para com eles, e com esta ternura, neles suscite o respeito que o temor inspira.

CAPÍTULO 7

(18) Que o pastor não deixe, nas suas ocupações exteriores, enfraquecer seu cuidado com a vida interior; que na sua aplicação à vida interior, não negligencie o cuidado das ocupações exteriores.

Que o pastor não deixe, nas suas ocupações exteriores, enfraquecer seu cuidado com a vida interior; que na sua aplicação à vida interior, não negligencie o cuidado das ocupações exteriores: dedicando-se completamente às atividades exteriores, ele se exaurirá interiormente; ocupando-se somente das atividades interiores, não procurará exteriormente, para o seu próximo, o que lhe é devido. De fato, parecendo esquecer que foram colocados à frente de seus irmãos, responsáveis pelas suas almas, alguns se dedicam, frequentemente, com paixão, aos afazeres do mundo. Estes se apresentam? Eles são felizes de deles se ocuparem. Não se apresentam? Por eles anelam, dia e noite, com uma efervescência de pensamentos tumultuosos. Quando, talvez, por uma interrupção podem respirar um pouco, esta mesma ocasião de calma os faz sentir mais cansados ainda. Consideram um prazer ser oprimidos pelas atividades e fadiga o não trabalhar em ocupações terrenas! Sucede, então, que, enquanto se alegram de ser totalmente tomados pelas inquietações do mundo, ignoram as realidades interiores que deveriam ensinar aos outros. Por causa disso, certamente, os seus fiéis vivem uma vida sonolenta, porque, malgrado o desejo deles de progresso espiritual, tropeçam no exemplo do pastor, como que contra um obstáculo que encontram ao longo do caminho. Quando a cabeça é doente, inútil é o vigor dos membros, e na busca do inimigo, é inútil que o exército avance com rapidez atrás do chefe, se o próprio chefe se perde na estrada. Exortação alguma eleva a alma dos fiéis, admoestação alguma corrige eficazmente as suas culpas: quando o responsável pelas almas se dedica a exercer o ofício de juiz terreno, quando o guarda do rebanho está bem longe das preocupações do pastor. Quando os interesses terrenos absorvem o espírito do pastor, os fiéis não conseguem perceber a luz da verdade, pois a poeira levantada pelo vento das tentações cega os olhos da Igreja.

O redentor do gênero humano, reprimindo em nós a voracidade do ventre, depois de ter dito: *Vigiai para que o vosso coração não fique insensível por causa da gula e da embriaguez*, logo acrescentou: *e das preocupações desta vida*. Depois, ainda, continuando com força, ameaçou: *de modo que aquele dia não caia de repente sobre vós!*⁶² Além disso, anunciou como será a vinda daquele dia, dizendo: *Virá como armadilha, sobre todos aqueles que habitam a face de toda a terra.*⁶³ E disse ainda: *Ninguém pode servir a dois senhores.*⁶⁴ Por isso, Paulo mantém os homens verdadeiramente religiosos longe do contato com o mundo, tomando-os como testemunhas ou, antes, de acordo com eles, quando diz: *Ao se alistar no exército, ninguém se deixará envolver pelas questões da vida civil, a fim de agradar a quem o alistou no regimento.*⁶⁵ Ordena, portanto, aos pastores da Igreja, por um lado, de manterem-se livres de outros interesses, e por outro, lhes indica como fazer quando se trata de prover às necessidades, dizendo: *Se deveis julgar a respeito de interesses temporais, estabelecei como juízes aqueles que são menos considerados na Igreja.*⁶⁶ Isto

é, aqueles que não são ricos de dons espirituais se dedicarão às tarefas temporais. De modo mais claro: não sendo capazes de penetrar os segredos do íntimo, que assumam fora os serviços indispensáveis. Moisés, homem que falava com Deus, é severamente julgado por Jetro, um estrangeiro, porque se ocupava com uma fadiga inútil dos interesses temporais do povo, e lhe dá o conselho de nomear suplentes que, em seu lugar, pudessem dirimir os litígios, e ele pudesse assim, com maior liberdade, conhecer melhor os segredos do mundo espiritual, a fim de instruir o povo.⁶⁷

Portanto, compete aos fiéis a gestão dos bens inferiores, e aos pastores, as altas meditações, de modo que o olho de quem guia o caminho não seja obscurecido pelo distúrbio da poeira. Todos aqueles que presidem são como a cabeça dos fiéis e, para que os pés possam percorrer o justo caminho, a cabeça deve, evidentemente, ver bem adiante este caminho; hesitante será a marcha dos pés, se o corpo, curvando-se, inclina a cabeça para a terra. Com qual disposição interior o responsável pela alma dos seus aceitaria, entre todos, a dignidade pastoral, se ele mesmo estiver absorvido pelas atividades temporais que deveria repreender aos outros? Por isso, o Senhor formula esta ameaça na sua ira por uma justa retribuição, dizendo por meio do profeta: *Acontecerá a mesma coisa ao povo e ao sacerdote*.⁶⁸ O sacerdote fica no nível do povo quando ele, o homem encarregado de um ministério espiritual, faz o que fazem os outros, nos quais se condenam ainda as paixões carnavais.

Com a profunda dor do amor, Jeremias se dá conta disso e o deplora, como na véspera da destruição do Templo, dizendo: *O quê? O ouro se obscureceu, a belíssima cor foi alterada, as pedras do santuário foram dispersas no centro de todas as praças*.⁶⁹ Que coisa simboliza o ouro, o mais precioso de todos os metais, senão a excelência da santidade? Que coisa se expressa com *belíssima cor*, senão a majestade do sacro, amável a todos? O que designam as *pedras do santuário*, senão as pessoas que receberam as sagradas ordens? As *praças*, senão a amplidão da vida presente? Como o termo grego *platos* significa “amplidão”, as praças são assim denominadas por causa do seu amplo espaço. A Verdade mesma nos diz: *É larga a porta e espaçoso o caminho que leva à perdição*.⁷⁰ O ouro se obscurece quando as atividades terrenas contaminam uma vida santa. Uma belíssima cor se altera, quando diminui a estima sentida pelas pessoas cuja vida se acreditava sinceramente religiosa. De fato, quando uma pessoa que fez profissão de santidade se dedica, em seguida, a atividades mundanas, o que os homens nela veneravam empalidece diante dos seus olhos, sendo desprezado como quando uma cor se altera. As pedras do santuário são dispersas nas praças quando aqueles que deveriam dedicar-se, totalmente, aos santos mistérios para o decoro da Igreja procuram, ao contrário, fora, as largas avenidas dos afazeres mundanos. As pedras do santuário eram feitas para brilhar sobre os paramentos do sumo sacerdote, no Santo dos Santos. Quando, porém, os ministros da religião não exigem de seus fiéis, com os méritos da própria conduta de vida, que honrem o seu Redentor, as pedras do santuário não brilham mais sobre as vestes do sumo sacerdote. Elas jazem dispersas nas praças, estas pedras do santuário, quando as pessoas que receberam as sagradas ordens se entregam aos amplos espaços dos próprios prazeres, dedicando-se totalmente aos afazeres terrenos. É importante notar que, no texto bíblico, não se diz que as pedras são dispersas nas praças, mas no centro das praças, porque estas pessoas aspiram a parecer grandes, malgrado as suas atividades terrenas: poderão, assim, às vezes, percorrer largas avenidas, cheias de prazer, e, ao mesmo tempo, se manter no centro das praças, honradas como santas.

Nada impede, por outro lado, ver nas pedras do santuário aquelas mesmas com as quais o próprio santuário foi construído. Essas pedras jazem dispersas no centro das praças, quando aqueles que receberam as sagradas ordens se entregam, por atração, ao serviço das atividades terrenas, enquanto,

por ofício, pareciam ser as colunas da santidade. Às vezes, é preciso tolerar, por compaixão, os afazeres temporais, mas nunca devem ser procurados com amor; sobrecarregando e vencendo com o seu peso a alma que os ama, eles a precipitariam do céu ao abismo profundo. Mas, acontece também que alguns assumem efetivamente o cuidado do rebanho, porém, desejam entregar-se de tal modo às atividades espirituais que acabam por não ocupar-se, de modo algum, das coisas exteriores. Assim, negligenciando totalmente os problemas materiais, não proveem, absolutamente, às necessidades dos fiéis. Não devem se maravilhar se a sua pregação encontra indiferença e vem a ser desprezada. Eles repreendem, é verdade, as faltas, mas sem procurar para os culpados o que lhes é necessário para a vida presente. Então, não são ouvidos de boa vontade. A palavra magistral não penetra o espírito do pobre, se uma mão caridosa não a torna aceita por seu coração. A semente da palavra germina facilmente quando a bondade do pregador a irriga no coração de quem a escuta. Para que consigam fazer penetrar as verdades interiores, é indispensável aos pastores providenciar também os bens exteriores, com uma intenção pura. Os pastores sejam, pois, zelosos quanto ao progresso espiritual dos fiéis, sem deixar, por isso, de prover também às suas necessidades materiais.

É de fato compreensível, como já dissemos, que os fiéis se desencorajem de ouvir a pregação se o pastor se descuida de dar ajuda nas concretas necessidades. Por isso, o primeiro pastor admoesta com solicitude, dizendo: *Exorto os presbíteros que estão entre vós, eu que sou presbítero como eles, testemunha dos sofrimentos de Cristo e participante da glória que vai ser revelada: apascentai o rebanho de Deus que vos foi confiado.* Recomendava, nessa passagem, dar alimento para o coração ou aquele para o corpo? Ele esclareceu, acrescentando: *Provedo às necessidades não por imposição, mas de livre e espontânea vontade, como Deus o quer; não por causa de lucro sujo, mas com generosidade.*⁷¹ Com essas palavras, adverte com bondade os pastores para que, ao satisfazerem as necessidades de seus fiéis, não se firam a si mesmos com a espada da ambição; para que, refazendo as forças de seu próximo pela ajuda dada ao corpo, não fiquem eles mesmos em jejum, privados do pão da justiça. Paulo encoraja essa solicitude pastoral quando diz: *Se alguém não cuida dos seus e principalmente dos que vivem sob o seu teto, esse renegou a fé e é pior que um infiel!*⁷²

Portanto, é preciso que tenham sempre temor e sejam vigilantes: que as preocupações exteriores não enfraqueçam o olhar interior. Com frequência, já o dissemos, quando os pastores se consagram imprudentemente às preocupações temporais, seu amor profundo se resfria e seu coração é tomado pela dissipação; eles não temem se esquecer de ter assumido como missão a direção das almas. Por conseguinte, a pródiga dedicação aos fiéis, mesmo em relação às suas necessidades materiais, deve, necessariamente, se manter dentro de determinados limites. A esse propósito foi dito, com razão, a Ezequiel: *Os sacerdotes não raparão a cabeça, nem deixarão o cabelo crescer à vontade, mas usarão o cabelo bem aparado.*⁷³ São justamente chamados sacerdotes aqueles que presidem a comunidade dos fiéis para lhes assegurar uma santa direção. Os cabelos da cabeça são as preocupações exteriores do espírito; eles crescem insensivelmente sobre o crânio, significando as preocupações da vida presente, que, surgindo, às vezes, de modo inoportuno por causa de uma desatenção, crescem quase sem que nos demos conta. Assim como, portanto, todos aqueles que estão à frente dos outros devem ter solitudes exteriores, mas sem praticá-las com impetuosidade, justamente se proíbe aos sacerdotes de rapar a cabeça e deixar crescer os cabelos. Isso significa que não devem afastar totalmente de si o interesse pelas necessidades materiais dos fiéis, nem também permitir que cresça excessivamente. Por isso, justamente está escrito: *Encurtem os cabelos cortando-os*, querendo dizer: “Sejam acolhidas, à medida que forem necessárias, as preocupações

pelas necessidades materiais, mas sejam também prontamente cortadas, para que não cresçam demasiadamente. Quando, portanto, a vida terrena é protegida por uma série de miradas e concretas providências, as quais, se moderadas, não prejudicam o fervor da alma, então os cabelos sobre a cabeça do sacerdote são conservados para cobrir a pele, mas são cortados para que não desçam sobre os olhos.

CAPÍTULO 8

(19) Que o pastor não se proponha a agradar aos homens com o seu zelo, mas se empenhe naquilo que a eles pode agradar.

Em tudo isso, é necessário que o pastor esteja bem alerta para não ser possuído pelo desejo ardente de agradar aos homens: quando se empenha em aprofundar as realidades interiores, quando provê com sabedoria às necessidades exteriores, ele não buscará mais o amor dos fiéis do que a verdade; quando ele aparece estranho ao mundo, sustentado por suas boas obras, que o amor próprio não o torne estranho ao seu Criador. É inimigo do Salvador o homem que, por causa das suas boas obras, deseja ser amado pela Igreja no seu lugar. Ele é culpado de uma intenção adúltera, como aquele servo que, enviado pelo esposo para levar os presentes para a esposa, arde de prazer à vista dela. Quando esse amor próprio se apodera da alma do pastor, ele o arrasta ora a uma brandura desordenada, ora a um áspero rigor. É por amor-próprio, de fato, que o espírito do pastor cede à desordenada brandura quando, mesmo vendo os fiéis fazendo o mal, se permite não repreendê-los para evitar que diminua a simpatia deles para com ele; às vezes, chega até mesmo a afagar com adulações algumas culpas que deveria repreender. A esse sujeito é dito, com razão, pelo profeta: *Ai daqueles que costuram almofadinhas sob todos os cotovelos e fazem travesseiros para as cabeças de qualquer idade, a fim de seduzir as almas.*⁷⁴ Costurar almofadinhas sob todos os cotovelos significa acariciar com adulações as almas que abandonam a retidão de vida e se entregam aos prazeres deste mundo. É, de fato, como acolher sobre uma almofada o cotovelo ou sobre um travesseiro a cabeça de quem se deita, quando se poupa ao pecador a severidade da repreensão e a ele se oferecem atenções e favores, de modo que, por não tê-lo contrariado de modo algum, permanece tranquilamente no erro.

Ora, os pastores que se amam a si próprios expressam essas complacências, é claro, àqueles que podem lhes prejudicar na sua busca de glória terrena. Oprimem, ao contrário, com violenta severidade aqueles que não dispõem de força contra eles, aos quais nunca fazem uma benévola admoestação, mas os aterrorizam com a força do poder e se esquecem da mansidão que um pastor deve ter. A voz divina corretamente os repreende, com razão, por meio do profeta: *Vós dominastes sobre elas (as ovelhas) com dureza e violência.*⁷⁵ Amando mais a si mesmos que ao seu Criador, eles se levantam com arrogância contra os fiéis e consideram não o que devem fazer, e sim o poder do qual dispõem; sem temor algum do julgamento que os aguarda, eles se glorificam insolentemente de seu poder temporal; são felizes de se permitir livremente também o que é ilícito, sem que algum dos seus fiéis os contradiga. Aquele, portanto, que se empenha em fazer o mal e, todavia, quer que diante disso os outros se calem, torna-se testemunha contra si mesmo que deseja ser amado mais do que a verdade, ao não querer que seja defendida contra ele.

Não existe ninguém que viva de modo que não caia em alguma culpa. Deseja, por conseguinte, ser amado mais do que a verdade aquele que pretende, contra toda a evidência, que ninguém lhe deva perdoar alguma coisa. Por isso, Pedro acolheu de boa vontade a repreensão de Paulo,⁷⁶ e Davi ouviu com humildade a correção de um súdito.⁷⁷ Assim, os verdadeiros pastores não cultivam sentimentos de amor-próprio e consideram humilde gentileza uma palavra livre e clara por parte dos fiéis. É,

portanto, indispensável, que o exercício do poder seja temperado com uma moderação de tal modo sábia que consinta que, quando os fiéis têm justas opiniões, possam livremente expressá-las, sem, obviamente, degenerar em arrogância; por outro lado, a liberdade de expressão concedida não deve ser sem limites, com o perigo de fazer desvanecer a retidão no comportamento. É necessário também saber que os bons pastores devem procurar ser agradáveis para atrair, com a amabilidade da estima de que gozam, ao amor da verdade, e não pelo prazer de ser amados, mas para tornar a sua amabilidade como uma estrada pela qual conduzir o coração dos fiéis ao amor do seu Criador. É difícil que um pregador não amado seja ouvido de boa vontade, mesmo que diga verdades sacrossantas. O pastor deve, portanto, procurar que seus fiéis o amem para conseguir que o escutem e, todavia, não deve procurar um afeto dirigido a si mesmo, para não se descobrir em luta, na secreta cobiça de poder do seu pensamento, contra aquele que, pelo ministério assumido, parece servir. Paulo faz compreender bem tudo isso quando nos revela a sua secreta preocupação, dizendo: *Como eu que me esforço para agradar a todos em todas as coisas,*⁷⁸ acrescentando, porém, em seguida: *Se estivesse procurando agradar aos homens, eu já não seria servo de Cristo.*⁷⁹ Paulo, portanto, quer agradar e não o quer: no seu desejo de ser aceito, não mira a si mesmo, mas somente, através dele, tornar a verdade agradável aos homens.

CAPÍTULO 9

(20) O pastor deve saber que, frequentemente, os vícios assumem a aparência das virtudes.

O pastor de almas deve também saber que, frequentemente, os vícios assumem a aparência das virtudes. Por exemplo, a avareza se apresenta, com frequência, com o nome de parcimônia, enquanto a prodigalidade se esconde sob o falso nome de generosidade. A indulgência excessiva é considerada bondade e a ira desenfreada, vigor de zelo espiritual. Com frequência, considera-se a precipitação como prontidão a executar, e a lentidão no agir como prudência da sabedoria. É, portanto, indispensável que o pastor de almas seja muito atento para distinguir virtudes e vícios, a fim de evitar que, se a avareza toma conta do seu coração, ele se felicite por parecer gestor ecônomo; que se vanglorie por ter sido generoso, quando, ao contrário, a sua prodigalidade é esbanjamento; que conduza os fiéis aos suplícios eternos porque tolerante demais diante do mal que deveria combater; que se atire agressivamente contra o pecado ao ponto de, ele mesmo, cair em culpa mais grave; que enfrente com superficialidade aquilo que poderia ser administrado corretamente e com prudência, intervindo precipitadamente; que converta uma boa ação em má, procrastinando o seu cumprimento.

CAPÍTULO 10

(21) Um discernimento necessário ao pastor: é preciso repreender ou dissimular, ser enérgico ou usar ternura?

É preciso também saber que, em certos casos, o pastor deve prudentemente fechar os olhos sobre os vícios de seus fiéis, porém, deve fazer compreender que ele fecha os olhos; às vezes, existem vícios que é preciso tolerar com sabedoria, outras vezes existem vícios escondidos que devem ser examinados diligentemente; é preciso, às vezes, denunciar com suavidade, outras vezes, repreender com veemência. Sobre alguns vícios, já o dissemos, é preciso fechar os olhos prudentemente, mas fazer compreender que se fecham os olhos, a fim de que o pecador, sentindo-se descoberto e tolerado, se envergonhe de insistir nas faltas que ele vê que são tacitamente toleradas, e seja ele mesmo o juiz que as pune, visto que a paciência do pastor o desculpa com indulgência. É fechando os olhos desse modo que o Senhor, com razão, repreende a Judeia, quando diz por meio do profeta: *Tu*

*mentiste e não te lembraste de mim, nem refletiste no teu coração, porque eu estava em silêncio como um homem que não vê.*⁸⁰ Ele fechou, portanto, os olhos sobre as faltas e o fez notar, pois silenciou em relação ao pecador, mas lhe disse claramente que havia silenciado.

Por outro lado, às vezes existem vícios conhecidos por todos que é preciso tolerar com sabedoria até o momento justo, isto é, durante o tempo em que as circunstâncias não consentem que sejam eficazmente corrigidos. De fato, as feridas sobre as quais se intervém antes do tempo se inflamam gravemente, e se constata que, se os remédios não são dados no momento devido, perdem o seu poder de curar. Todavia, enquanto se procura o momento propício para repreender, a paciência do pastor é colocada à prova, sob o peso das faltas. Por isso, diz muito bem o salmista: *Sobre as minhas costas trabalharam os pecadores.*⁸¹ Nós carregamos os fardos sobre as costas. O salmista se lamenta que os pecadores tenham trabalhado sobre as suas costas, como se ele dissesse claramente: “Carrego, como um peso colocado sobre mim, aqueles que não posso corrigir”.

Existem, ao contrário, alguns vícios escondidos que devem ser diligentemente examinados: ao surgir de certos sintomas, o pastor descobrirá o que se esconde no coração dos fiéis e, apresentando-se a ocasião de uma correção, ele poderá, a partir das pequenas faltas, conhecer as mais graves. Por isso se diz justamente a Ezequiel: *Filho do homem, abre um buraco na parede.* E, em seguida, o profeta acrescenta: *Abri um buraco na parede e vi uma porta. Ele me disse: “Entra para ver as abominações que eles praticam aí”. Entrei e vi imagens com o formato de toda espécie de répteis e animais abomináveis, todos os ídolos imundos da casa de Israel pintados nas paredes.*⁸² Em Ezequiel, é simbolizada a figura dos superiores e, na parede, a obstinação dos súditos. Abrir um buraco na parede não significa abrir uma brecha na dureza de um coração, por meio de investigações penetrantes? Quando ele fez um buraco na parede, apareceu uma porta: uma brecha aberta na dureza de um coração por meio de diligente averiguação ou de oportunas correções, é como uma porta aberta através da qual se veem todos os íntimos pensamentos daquele que recebeu a correção. Justamente, portanto, se continua dizendo: *Entra para ver as abominações que eles praticam aí.* Entra para ver as abominações o pastor que, pelo exame de certos indícios que aparecem exteriormente, penetra de tal modo no coração dos fiéis, que todos os seus pensamentos ilícitos acabam sendo por ele conhecidos. Por isso, o profeta ainda acrescenta: *Entre e vi imagens com o formato de toda espécie de répteis e animais abomináveis.* Os répteis são o símbolo dos pensamentos totalmente limitados às coisas terrenas; os animais, dos pensamentos que se elevam já um pouco da terra, mas que aspiram ainda aos frutos de recompensas humanas. Os répteis, de fato, aderem à terra com todo o corpo; os animais se elevam um pouco da terra com grande parte de seu corpo, mas o desejo de gula os inclinam sempre para a terra. Os répteis estão entre as paredes, quando se agitam no coração pensamentos que jamais se elevam acima dos desejos terrenos. Também os animais estão entre as paredes, quando pensamentos mesmo justos e honestos são orientados pelo desejo de vantagens terrenas e de honrarias; por si mesmos, eles se elevam da terra, mas se submetem ainda às realidades mais baixas, por causa da ambição, que é um instinto voraz.

Com razão, o texto continua: *E todos os ídolos imundos da casa de Israel pintados nas paredes.* Está escrito, de fato: *A cobiça, que é uma idolatria.*⁸³ Depois dos animais, existem os ídolos que são postos sob os nossos olhos, com um objetivo: é verdade que existem homens que se elevam da terra através de boas ações, mas depois a ela retornam por sua desonesta ambição. Corretamente está escrito: *Estavam pintados,* porque, quando as imagens das coisas externas se refletem no nosso íntimo, fica como que desenhado no coração tudo o que se elabora no pensamento através daquelas representações fictícias. Note-se que primeiro se abre um buraco na parede, depois se percebe uma

porta, e enfim aparece a abominação que se escondia; e, de fato, de cada pecado aparecem primeiro os sinais externos, depois se percebe uma porta, aquela da iniquidade descoberta, e enfim se descobre todo o mal escondido no segredo.

Por outro lado, existem faltas que é preciso denunciar com brandura: quando se cai na culpa não por malícia, mas simplesmente por ignorância ou fragilidade, é absolutamente necessário que a correção seja equilibrada por grande moderação. Todos, enquanto estivermos na nossa carne mortal, somos sujeitos às fragilidades da nossa natureza corruptível. Cada um deve, portanto, encontrar em si mesmo os motivos para se compadecer da fragilidade dos outros; não aconteça que alguém, levantando asperamente a voz contra a fragilidade alheia, se esqueça de quem é. Por isso, justamente, Paulo admoesta: *Se alguém for apanhado em alguma falta, cabe a vós, que são espirituais, corrigir com mansidão a essa pessoa. E cada um se cuide para não ser tentado também.*⁸⁴ Como se dissesse claramente: “Quando te desagrada o que tu vês da fragilidade alheia, pensa naquilo que és”, de modo que o espírito modere o seu zelo ao repreender, temendo também para si mesmo a falta que repreende no outro.

Existem, ao contrário, faltas que devem ser repreendidas com veemência para que o autor, quando inconsciente da sua culpa, tome consciência da sua gravidade pelas palavras daquele que o repreende. Se, depois, alguém tenta atenuar o mal que perpetrou, que a severidade da repreensão o faça temer seriamente por si mesmo. O pastor deve manifestar com a palavra da pregação a glória da pátria celeste, dizer com clareza quantas são as insídias do antigo adversário no caminho desta vida, e corrigir com grande zelo e com força as faltas de seus fiéis que não devem ser toleradas com brandura. Se não arde de zelo contra estas faltas, ele será considerado responsável de todas.

Por isso se diz acertadamente a Ezequiel: *Pega um tijolo, coloca-o na tua frente e desenha nele a cidade de Jerusalém.* E acrescenta em seguida: *Depois, faz ao redor um cerco contra ela: constrói barricadas, cava trincheiras, coloca um acampamento e aríetes ao redor dela.* E a ele, para a sua defesa pessoal, logo se acrescenta: *Em seguida, pega uma panela de ferro e coloca-a como muro de ferro entre ti e a cidade.*⁸⁵ Quem representa o profeta Ezequiel senão aquele que tem a tarefa de ensinar? A ele é dito: *Pega um tijolo, coloca-o na tua frente, e desenha nele a cidade de Jerusalém.* Os santos doutores pegam um tijolo quando atraem a si o coração terreno dos seus ouvintes para instruí-los. Colocam o tijolo diante deles, para que deponham toda a atenção da própria alma na vigilância sobre ele. Eles recebem a ordem de, no tijolo, desenhar a cidade de Jerusalém, porque, pregando a corações terrenos, procuram com o maior cuidado mostrar-lhes a visão da paz celeste. Mas, assim como se procura em vão conhecer a glória da pátria celeste se não se toma consciência de quantas são as tentações que o astuto adversário desencadeia contra nós, de modo oportuno se acrescenta: *Depois, faz ao redor um cerco contra ela: constrói barricadas, cava trincheiras.* Os santos pregadores planejam o assédio ao redor do tijolo sobre o qual foi desenhada a cidade de Jerusalém, quando mostram a uma alma ainda ligada à terra, mas já em busca da pátria celeste, quanto é forte o ataque dos vícios que deverá enfrentar no tempo da vida presente. Porque, quando se mostra como cada um dos pecados cria insídias a quem avança no bem, é como se a voz do pregador planejasse um assédio à cidade de Jerusalém.

E assim como devem fazer conhecer não somente como os vícios nos assaltam, mas também como as virtudes, quando são praticadas, nos fortalecem, oportunamente se acrescenta: *Cava trincheiras.* Um santo pregador cava trincheiras quando ilustra quais virtudes se opõem a cada vício. E como, quando cresce a virtude, ordinariamente se intensificam os assaltos da tentação, com razão o texto acrescenta: *Ergue um aterro, edifica um acampamento e coloca aríetes ao redor dela.* O pregador

ergue um aterro quando assinala o crescente intensificar-se da tentação. Edifica um acampamento contra Jerusalém quando adverte os seus ouvintes, que tendem ao ideal, a respeito das insídias sutis e quase imperceptíveis do pérfido inimigo. Ele coloca aríetes ao redor quando nos dá a conhecer as sutilezas da tentação que nos rodeia por todas as partes nesta vida e que atravessa, inclusive, o muro das virtudes.

Mas, se o pastor, ainda que consiga comunicar com perspicácia todas essas certezas, não se inflamar com um santo ciúme contra os pecados de cada um, não adquirirá para si absolvição alguma para a eternidade.

Por isso, com razão, o texto prossegue: *Pega uma panela de ferro e coloca-a como muro de ferro entre ti e a cidade.* A *panela* sugere um fervor espiritual e o *ferro*, o vigor da correção. O que, de fato, arde e atormenta a alma de um pastor mais cruelmente do que o zelo de Deus? Paulo, tomado pelo ardor do qual é símbolo essa panela, dizia: *Quem fraqueja, sem que eu também me sinta fraco? Quem cai, sem que eu me sinta com febre?*⁸⁶ E como quem é inflamado pelo zelo de Deus se mune com forte custódia contra o perigo de ser condenado por sua negligência, justamente se diz: *E coloca-a como muro de ferro entre ti e a cidade.* A panela de ferro é colocada como um muro de ferro entre a cidade e o profeta, quando os pastores, animados agora por grande zelo, o conservam depois como forte defesa posta entre ele e os fiéis, a fim de não ser um dia abandonados ao castigo, por ter sido indolentes na correção.

Em tudo isso é preciso saber que, se a alma do doutor se torna áspera ao corrigir, é muito difícil que não lhe escape alguma palavra que não deveria dizer. Acontece com frequência que, quando a culpa dos fiéis é corrigida com ímpeto exagerado, o mestre deslize em palavras desenfreadas. Quando o fogo da correção ultrapassa a medida, o coração dos pecadores se deprime no desespero. É, portanto, necessário que o pastor que tenha sido rude demais, tomando consciência de haver ferido o coração dos seus fiéis mais do que o devido, recorra sempre, dentro de si, ao arrependimento, a fim de que, por seus gemidos, obtenha o perdão na presença da Verdade, mesmo que a sua culpa provenha precisamente do seu excessivo zelo por ela. O Senhor o expressou com imagens, por meio de Moisés: *Se um homem vai ao bosque com seu amigo para cortar lenha e, impelindo com força o machado para cortar a árvore, o ferro escapa do cabo, atinge o companheiro e o mata, tal pessoa poderá, então, refugiar-se numa das cidades acima mencionadas, ficando com a vida a salvo. Isso para que o vingador do sangue, enfurecido, não persiga o homicida, o alcance e o mate.*⁸⁷ Nós vamos ao bosque com um amigo cada vez que nos dispomos a examinar as faltas dos fiéis. Cortamos lenha simplesmente quando, com intenção de caridade, cortamos os vícios de quem faz o mal. Mas o machado escapa da nossa mão quando a correção se torna excessivamente rude. E o ferro salta do cabo quando, na correção, se deixam escapar palavras muito duras. E ele golpeia e mata o amigo porque a palavra de desprezo faz morrer nele o espírito de caridade. Sim, a alma de quem sofre a correção acaba caindo no ódio se a excessiva correção o condena mais de quanto seria justo. Mas aquele que golpeia imprudentemente a árvore e mata o seu próximo deve fugir para uma das três cidades, para viver bem protegido numa delas; pois, arrependendo-se, chorando lágrimas de penitência e buscando salvação na unidade do sacramento, através da esperança, da fé e da caridade, não é considerado réu de homicídio perpetrado. O parente próximo da pessoa morta, encontrando-o, não o fere a morte e, assim, quando vier o severo Juiz que a nós se uniu, compartilhando a nossa natureza, não o julgará réu de culpa, porque fé, esperança e caridade o colocam sob o abrigo do seu perdão.

(22) Quando o pastor de almas deve se aplicar a meditar a lei divina.

Tudo o que foi dito até aqui será devidamente colocado em prática pelo pastor com uma condição: que, inspirado do alto pelo Espírito de temor e de amor, ele medite diligentemente a cada dia os ensinamentos da Palavra divina. O zelo e a vigilante preocupação da vida celestial não cessem de perder o seu vigor na habitual frequência das pessoas; é necessário, portanto, que as leituras divinas a renovem. É preciso que o pastor, levado a comportar-se segundo os seus antigos sistemas de vida pela frequência das pessoas do mundo, se renove constantemente com anseios de compunção no amor à pátria celeste. De fato, o coração se dissipa ao se deixar levar muito por conversações humanas, e quando consta com certeza que, envolvido pelos tumultos dos afazeres mundanos, decai, deve procurar ressurgir, incessantemente, pela dedicação ao estudo. Por isso, Paulo admoesta o discípulo que está à frente do rebanho, dizendo: *Esperando a minha chegada, dedica-te à leitura.*⁸⁸ E Davi exclama: *Quanto amo a tua lei, Senhor; todo o dia eu a medito.*⁸⁹

Eis ainda por que o Senhor dá este preceito a Moisés sobre o transporte da arca: *Tu farás quatro argolas de ouro, para colocar nos quatro cantos inferiores da arca. Farás também varais de madeira de acácia e reveste-os de ouro; enfia os varais nas argolas de cada lado da arca, para poderem transportá-la. Os varais ficarão colocados nas argolas da arca e nunca serão tirados.*⁹⁰ O que representa a arca senão a santa Igreja? Ordena-se que sejam postas quatro argolas de ouro nos seus quatro cantos, para indicar que, difundindo-se nas quatro partes do mundo, a Igreja é anunciada, sustentada com segurança pelos quatro livros do santo Evangelho. Fazem-se varais de madeira de acácia, que se introduzem nas argolas para o transporte; e isso significa que se há de procurar mestres corajosos e perseverantes como a madeira que não apodrece, de modo que, estando sempre atentos aos ensinamentos dos livros sagrados, proclamem a unidade da santa Igreja e transportem a arca, como inseridos nas suas argolas. Transportar a arca com os varais significa, com bons doutores, levar a santa Igreja, por meio da pregação, às almas que ignoram tudo da fé.

Ordena-se de revestir os varais de ouro, porque enquanto fazem ressoar para os outros a sua palavra, os pastores devem também brilhar pelo esplendor das próprias vidas. Referindo-se a eles, justamente se diz: *Ficarão colocados nas argolas da arca e nunca serão tirados*, o que significa que é indispensável que aqueles que se afadigam no ministério da pregação nunca abandonem o estudo dos livros sagrados. Ordena-se que os varais estejam sempre nas argolas, a fim de que, quando as circunstâncias exigirem que se transporte a arca, não aconteça algum atraso na realização do transporte; e assim, quando o pastor é consultado pelos fiéis sobre algum problema espiritual, seria verdadeiramente vergonhoso se devesse ali, no momento, procurar aprender, quando ele deveria dar a solução. Os varais estejam sempre inseridos nas argolas, de modo que os doutores, meditando incessantemente os textos sagrados nos seus corações, levantem sem demora a arca do testamento e ensinem com prontidão quando se apresenta a necessidade. Por isso, diz bem o primeiro pastor da Igreja exortando os outros pastores: *Sempre prontos a responder a todo aquele que vos pedirá a razão da esperança que está em vós.*⁹¹ Como se dissesse abertamente: “nenhuma demora impeça o transporte da arca e os varais jamais sejam tirados das argolas”.

¹ Is 52,12.

² Cf. Ex 28,15.

³ Ex 28,30.

⁴ Is 40,9.

⁵ Cf. Ex 29,22-26-27; Lv 7,30-34.

⁶ Cf. Lv 10,14-15.

⁷ Cf. Ex 29,5.

⁸ Cf. 2Cor 6,7.

⁹ Cf. Ex 28,8.

¹⁰ 1Pd 2,9.

[11](#) Jo 1,12.
[12](#) Sl 138,17.
[13](#) Cf. Jo 10,12.
[14](#) Cf. Jo 10,12-13.
[15](#) Is 56,10.
[16](#) Ez 13,5.
[17](#) Lm 2,14
[18](#) Tt 1,9.
[19](#) Ml 2,7.
[20](#) Is 58,1.
[21](#) Cf. At 2,3.
[22](#) Ex 28,35.
[23](#) Sl 132,9.
[24](#) Mc 9,49.
[25](#) Cf. Rm 12,3.
[26](#) Ex 28,34.
[27](#) Lv 15,2.
[28](#) Cf. At 17,18.
[29](#) 2Tm 4,1-2.
[30](#) Cf. 2Cor 12,2ss.
[31](#) 1Cor 7,2.
[32](#) 1Cor 7,5.
[33](#) 2Cor 11,29.
[34](#) 1Cor 9,20.
[35](#) 2Cor 5,13.
[36](#) Cf. Gn 28,11-18.
[37](#) Cf. Lc 6,12.
[38](#) Cf. 1Rs 7,23-25.
[39](#) 1Cor 9,9.
[40](#) Cf. Moralia, lib. 21, cap. 10.
[41](#) Gn 9,2.
[42](#) J6 41,26.
[43](#) Cf. Is 14,13-14.
[44](#) 1Sm 15,17.
[45](#) At 10,26.
[46](#) Cf. At 5,3-5.
[47](#) 2Cor 1,24.
[48](#) 2Cor 1,24.
[49](#) 1Ts 2,7.
[50](#) 2Cor 4,5.
[51](#) 1Cor 4,21.
[52](#) Eclo 32,1.
[53](#) 1Pd 5,3.
[54](#) Mt 20,25.
[55](#) Mt 24,48ss.
[56](#) Cf. 1Sm 4,17-18.
[57](#) 1Sm 2,29.
[58](#) Ez 34,4.
[59](#) Moralia, lib. 20, cap. 8.
[60](#) Cf. Hb 9,4.
[61](#) Sl 22,4.
[62](#) Lc 21,34.
[63](#) Lc 21,35.
[64](#) Lc 16,13.
[65](#) 2Tm 2,4.
[66](#) 1Cor 6,4.
[67](#) Cf. Ex 18,17-18.
[68](#) Os 4,9.
[69](#) Lm 4,1.
[70](#) Mt 7,13.
[71](#) 1Pd 5,1-2.
[72](#) 1Tm 5,8.
[73](#) Ez 44,20.
[74](#) Ez 13,18.
[75](#) Ez 34,4.
[76](#) Cf. Gl 2,11ss.
[77](#) Cf. 2Sm 11,7ss.
[78](#) 1Cor 10,33.
[79](#) Gl 1,10.

- [80](#) Is 57,11.
- [81](#) Sl 128,3.
- [82](#) Ez 8,8-10.
- [83](#) Cl 3,5.
- [84](#) Gl 6,1.
- [85](#) Ez 4,1-3.
- [86](#) 2Cor 11,29.
- [87](#) Dt 19,5-6.
- [88](#) 1Tm 4,13.
- [89](#) Sl 119,97.
- [90](#) Ex 25, 12ss.
- [91](#) 1Pd 3,15.

TERCEIRA PARTE

COMO O PASTOR QUE VIVE COM COERÊNCIA DEVE INSTRUIR E EXORTAR OS SEUS FIÉIS?

Prólogo

Havendo exposto como deve ser um pastor, demonstraremos agora como deve ser o seu ensinamento. Como, de fato, já ensinou antes de nós Gregório Nazianzeno, de venerável memória, não a todos convém uma única e mesma exortação, pois nem todos estão sujeitos aos mesmos hábitos de vida. Porque, com frequência, o que é útil a alguns prejudica a outros. Assim acontece que certas plantas nutrem alguns animais e causam a morte de outros; um suave assobio que acalma os cavalos excita os cachorrinhos; o remédio que alivia uma enfermidade de alguns agrava a de outros; o pão que fortifica a vida dos robustos é mortal para os recém-nascidos. Portanto, a palavra dos mestres deve ter presente a condição dos seus ouvintes, de modo que se adapte às necessidades de cada um, todavia, sem jamais renunciar à arte de edificar uma comunidade. O que são as almas atentas dos ouvintes, senão, por assim dizer, as cordas estendidas de uma cítara? O artista que as toca o faz de modo diferenciado, para que não produzam sons dissonantes. As cordas emitem uma melodia harmoniosa porque são tocadas com um mesmo plectro, mas com toques diferentes. Assim, um mestre, para edificar a todos na única virtude da caridade, deve tocar o coração dos seus ouvintes com a mesma doutrina, mas não com um único e idêntico modo de exortar.

CAPÍTULO 1

(23) A grande diversidade requerida na arte da pregação.

É preciso admoestar de modo diferente:

os homens e as mulheres;

os jovens e os idosos;

os pobres e os ricos;

os tipos joviais e os melancólicos;

os súditos e os superiores;

os servos e os patrões;

os sábios deste mundo e os incultos;

os atrevidos e os tímidos;

os pretensiosos e os pusilânimes;

os impacientes e os pacientes;

os benévolos e os invejosos;

as pessoas sinceras e as pessoas mentirosas;

quem tem saúde e quem é doente;

aqueles que, por medo do castigo, vivem sem fazer o mal e aqueles que são de tal modo endurecidos no mal que nem mesmo o castigo os pode corrigir;

os taciturnos e os tagarelas;

os preguiçosos e os impulsivos;

os mansos e os coléricos;

os humildes e os orgulhosos;

os obstinados e os inconstantes;

os gulosos e os temperantes;

aqueles que, sensíveis aos pobres, doam de seus bens e aqueles que tentam roubar dos bens dos

outros;
aqueles que, sem desejar os bens dos outros, não distribuem dos seus, e aqueles que doam daquilo que possuem, mas sem deixar de roubar do que é dos outros;
os briguentos e os pacíficos;
os semeadores de discórdia e os artesãos de paz.
É preciso admoestar de modo diferente:
aqueles que não compreendem corretamente os textos da lei santa e aqueles que a compreendem corretamente, mas não a anunciam humildemente;
aqueles que, ainda que preparados para exercer o ministério da pregação, temem fazê-lo por excessiva humildade e aqueles que, porque não preparados ou por causa da idade, não deveriam pregar, mas se precipitam a fazê-lo;
aqueles que obtêm os sucessos temporais que desejam e aqueles que, cheios de ambições mundanas, fracassam sob o peso de suas adversidades;
aqueles que são vinculados pelo matrimônio e aqueles que são livres;
aqueles que se reconhecem culpados de pecados da carne e aqueles que ignoram esses pecados;
aqueles que choram pecados de obras e aqueles que os cometeram somente com o pensamento;
aqueles que choram os próprios pecados, sem porém deixar de cometê-los e aqueles que os abandonam, porém, sem os chorar;
aqueles que se gloriam dos pecados cometidos e aqueles que os condenam, sem porém evitá-los;
aqueles que são dominados por uma improvisa paixão e aqueles que se deixam deliberadamente aprisionar pelas faltas,
aqueles que cometem pequenas faltas, mas frequentemente, e aqueles que se cuidam de cometer as pequenas, mas às vezes se afundam nas mais graves;
aqueles que nem sequer começam a fazer o bem e aqueles que, havendo começado, não o levam até o fim;
aqueles que fazem o mal ocultamente e o bem à vista de todos e aqueles que fazem o bem em segredo e, todavia, por algumas de suas ações públicas, permitem que se pense mal deles.
Porém, a que serviria haver enumerado toda esta série de formas de exortação se não as desenvolvêssemos uma a uma, com toda a brevidade possível?

CAPÍTULO 2

(24) É preciso admoestar de modo diferente os homens e as mulheres.

É preciso admoestar de modo diferente os homens e as mulheres. Aos homens, é preciso impor obrigações mais pesadas e às mulheres, mais leves, de modo que eles sejam estimulados a assumir tarefas maiores e elas, em troca, sejam atraídas com doçura.

(25) É preciso admoestar de modo diferente os jovens e os idosos.

De um modo devem-se admoestar os jovens e de outro os idosos. Geralmente, uma admoestação severa dispõe os jovens a progredir na caminhada, enquanto petições carinhosas dispõem os idosos a agir melhor. Está escrito, de fato: *Não repreenda duramente um ancião, mas exorte-o como se fosse um pai.*¹

(26) É preciso admoestar de modo diferente os pobres e os ricos.

Aos pobres e aos ricos, admoestações diferentes: aos pobres, nós devemos oferecer uma

consolação que lhes alivie a provação; aos ricos, devemos infundir um temor que se opõe ao orgulho. Com efeito, disse o Senhor a uma pobre mulher, pela boca do profeta: *Não tenha medo, pois você não ficará envergonhada.* E, pouco depois, disse com ternura: *Pobre mulher, açoitada pela tempestade.*² Depois, ele a consola novamente: *Eu a escolhi na fornalha da pobreza.*³ Paulo, ao contrário, disse a um dos discípulos, a propósito dos ricos: *Comanda aos ricos deste mundo que não sejam orgulhosos e não coloquem a confiança nas suas precárias riquezas.*⁴ É preciso notar com atenção que o mestre da humildade não diz, referindo-se aos ricos, *peça*, mas *comanda*, porque, para com a fragilidade, se deve usar compreensão, mas para com o orgulho nenhuma honra é devida. Aos ricos, portanto, o que é justo dizer é bem que seja dito com tom de comando, visto que estes se incham com pensamentos de orgulho acerca dos seus bens passageiros. A respeito deles o Senhor diz no Evangelho: *Ai de vós, os ricos, já haveis a vossa consolação.*⁵ Como eles ignoram o que sejam as alegrias eternas, se consolam com a abundância da vida presente.

É preciso, portanto, oferecer a consolação àqueles que ardem na fornalha da pobreza e infundir temor a quem se orgulha, consolando-se com as glórias temporais; os primeiros tomem consciência de possuir riquezas que ainda não veem e os outros se convençam de que não poderão conservar para sempre as riquezas que veem. Todavia, com frequência, o valor moral inverte a ordem das pessoas: o rico é humilde e o pobre é orgulhoso. Bem depressa, então, a palavra do pregador deve se adaptar à vida de quem o escuta: trate com grande severidade o orgulho do pobre, orgulho não dobrado nem mesmo com a ameaça da pobreza, e louve a humildade do rico com a mesma suavidade com que ele não se exalta apoiado em suas riquezas.

Não obstante, às vezes também o rico orgulhoso deve ser tratado com uma amável exortação, pois, frequentemente, graves feridas são aliviadas com lenitivos brandos, e um médico afável reconduz ao estado normal dementes furiosos; quando se condescende com doçura, o acesso do demente se acalma. Não negligenciemos este detalhe: quando o espírito maligno dominava Saul, Davi pegava a sua cítara e acalmava o seu delírio.⁶ Saul não faz pensar no orgulho dos potentes, e Davi no modo humilde de viver dos santos? Quando Saul é tomado pelo espírito imundo, o canto de Davi modera o seu delírio. Quando o sentimento dos poderosos, por seu orgulho, se transforma em delírio, é necessário que a tranquilidade do nosso falar, assim como a doçura da cítara, o reconduza à normalidade. Às vezes, quando se admoestam os poderosos deste mundo, é necessário conduzi-los, por meio de comparações, a se interrogar sobre um caso que parece diferente do deles, e quando eles pronunciam a sentença correta, como se se tratasse de um outro, então, com os modos oportunos, repreendê-los por suas faltas. Diante disso, a pessoa, cuja alma é inchada de orgulho pelo seu poder temporal, não pode lançar-se contra quem lhe fez a repreensão, dado que com o seu próprio julgamento dobrou a cerviz da sua soberba, nem pode tentar se defender, bloqueada que é pela sentença pronunciada pela sua própria boca.

Eis por que o profeta Natã, tendo ido para acusar o rei, começou pedindo-lhe a sentença sobre a causa de um pobre contra um rico,⁷ a fim de que o rei primeiro a expressasse e somente depois sentisse falar do seu pecado, de modo que não contradissesse a justa sentença que ele mesmo havia pronunciado antes. Considerando juntos o pecador e o rei, o homem de Deus, com um admirável procedimento, quis primeiro, como a um réu audaz, ligá-lo com a sua confissão, e depois feri-lo com sua acusação. Brevemente manteve em segredo o que pretendia, mas o feriu imediatamente assim que o sentiu em seu poder. Talvez tivesse tido menor eficácia, se desde o início do discurso houvesse tentado denunciar abertamente a culpa com as suas primeiras palavras, mas começando com uma comparação, tornou mais viva a acusação que mantinha em segredo. Tendo ido como um médico

junto a um doente, ele via a ferida a ser incisa, mas duvidava da paciência do doente. Esconde, portanto, o bisturi sob sua veste e, retirando-o, improvisamente o afunda na ferida, de modo que o doente sentisse o corte antes de o ver, e não se negasse a senti-lo por tê-lo visto antes.

CAPÍTULO 3

(27) **É preciso admoestar de modo diferente os tipos joviais e os melancólicos.**

É preciso admoestar de modo diferente os tipos joviais e os melancólicos. É preciso colocar sob os olhos dos tipos joviais as tristes consequências que derivam do castigo. E sob os olhos dos melancólicos, as alegrias prometidas como fruto do Reino. Que os joviais aprendam pela severidade das ameaças o que devem temer; que os melancólicos ouçam falar das alegrias que podem alcançar. Aos primeiros se diz: *Ai de vocês, que agora riem, porque irão chorar.*⁸ Os outros ouvem ainda o que diz o Mestre: *Eu os verei de novo e o coração de vocês se alegrará e ninguém tirará essa alegria de vocês.*⁹ Às vezes, não são os acontecimentos que tornam as pessoas alegres ou tristes, mas o temperamento delas. É preciso, então, explicar-lhes bem que certos vícios têm afinidade com determinados temperamentos. Os tipos joviais são expostos à luxúria; os melancólicos, à ira. É, portanto, indispensável que cada um examine não somente as deficiências por causa do seu temperamento, mas também os impulsos que o seguem de perto, nas formas piores; não aconteça que, por não lutar contra o vício, caia nele, ao ceder diante do mal contra o qual se acredita imune.

CAPÍTULO 4

(28) **É preciso admoestar de modo diferente os súditos e os superiores.**

É preciso admoestar de modo diferente os súditos e os superiores, para que a submissão não deprima os primeiros e a posição elevada não ensoberbeça os outros. Os primeiros não cumpram menos do que lhes é ordenado, os outros não mandem mais do que for justo. Os primeiros se submetam humildemente, os outros comandem com moderação. De fato, aos súditos se diz, com palavras que podem ser entendidas também com sentido figurado: *Filhos, obedecem a seus pais, no Senhor*, e aos outros: *E vocês, pais, não irritem os seus filhos.*¹⁰ Os súditos aprendam como dispor o próprio íntimo aos olhos do juiz invisível; e os superiores, como dar em público exemplos de vida honesta àqueles que lhes foram confiados.

Porque os superiores devem saber que, se alguma vez eles se desviam, merecem a morte tantas vezes quantos são os exemplos de perdição dados aos seus súditos. É, portanto, necessário que, com maior cuidado, se guardem de dar contratestemunhos, porque, cometendo o mal, não serão somente eles a morrer. É preciso admoestar os súditos para que não recebam punição mais severa, se não conseguem ser encontrados livres de culpas, ao menos na sua atividade pessoal; e os superiores, que serão julgados pelos erros dos súditos, ainda que se sintam seguros quanto às próprias ações. Os súditos vigiem, com muito cuidado, sobre a própria atividade, visto que não devem responder por aquela do próximo; os superiores assumam a guia dos outros, de modo que não se descuidem de si mesmos e se empenhem com fervor naquilo que lhes diz respeito, e em nada sejam preguiçosos no que se refere à custódia daqueles que lhes foram confiados. De fato, àquele que deve prover somente a si mesmo, é dito: *Vamos, preguiçoso, olhe a formiga, observe os hábitos dela, e aprenda.*¹¹ Ao superior, é dirigida esta terrível admoestação: *Meu filho, se você foi fiador do seu próximo, e fez acordo com algum estrangeiro; se você se comprometeu, dando sua palavra, e ficou preso pelo que disse.*¹² Quem se faz fiador de um amigo é como se fizesse sua a alma de um outro, com risco da própria vida. Dá-se a mão a um estranho porque a alma é vinculada por uma responsabilidade que antes não tinha. Encontra-se, além disso, ligado pelas palavras da sua boca e prisioneiro pelo que

disse, porque, obrigado a transmitir um conjunto de valores aos súditos a ele confiados, deve ele, por primeiro, honrar as verdades proclamadas. É, por isso, preso pelo laço das palavras da sua boca, dado que, por dever de coerência, é obrigado a fazer de modo que a sua vida não se deixe levar por escolhas que estão em contraste com os ensinamentos transmitidos. Portanto, aos olhos do severo juiz, ele tem a obrigação de realizar, na sua conduta de vida, todo o bem que, em palavras, ele indicou aos outros. Por isso, no texto citado, segue logo e oportunamente esta exortação: *Faça, portanto, o que eu lhe digo, meu filho, e liberte-se, pois você caiu nas mãos do seu próximo; corra, apresse-se, desperte o seu amigo, não conceda sono aos seus olhos, não cochilem as suas pálpebras.*¹³ Quem é posto diante dos outros como um exemplo de vida recebe a missão de não somente velar sobre si mesmo, mas também de despertar o seu amigo. Porque não é suficiente para ele estar acordado com uma boa conduta; é preciso que ele desperte do torpor do pecado quem lhe é súdito. De fato, se diz com razão: *Não conceda sono aos seus olhos, não cochilem as suas pálpebras.* Conceder sono aos próprios olhos significa negligenciar totalmente o cuidado dos fiéis, abandonando a atenção por eles. As pálpebras cochilam quando, sob o peso da preguiça, o nosso espírito conhece muito bem as faltas que deve repreender nos fiéis, mas as dissimula. Dormir profundamente significa não conhecer e não corrigir as faltas de conduta daqueles que nos são confiados. Não se dorme, mas se cochila, quando se conhecem as situações que devem ser repreendidas, mas, por uma forma de tédio da alma, omitem-se as repreensões aptas à correção. O cochilo leva ao sono profundo, quando quem governa se habitua a não arrancar o mal que conhece, e chega, por causa da sua negligência, a nem mesmo saber mais discernir as transgressões dos fiéis.

É preciso, portanto, exortar aqueles que governam a se esforçarem para se tornar, por meio de uma séria vigilância, como animais celestes,¹⁴ aqueles animais celestes que a Escritura descreve cheios de olhos por dentro e por fora.¹⁵ É conveniente que todos aqueles que governam tenham olhos por dentro e por fora, esforçando-se para agradar ao juiz interior e, oferecendo ao exterior bons exemplos de vida, tomem consciência daquilo que nos outros deve ser corrigido.

Os súditos devem ser exortados a não julgar temerariamente a vida dos seus pastores se os virem agir de modo repreensível: eles têm razão de denunciar o mal, mas estejam atentos, porque um impulso de orgulho poderia precipitá-los em culpas mais graves. É preciso exortá-los que, quando consideram as culpas dos seus pastores, não se tornem insolentes contra eles, mas, caso se encontrem neles algumas graves culpas, saibam julgar no seu íntimo, de modo que, movidos pelo temor de Deus, não rejeitem obedecer-lhes com respeito.

O exemplo de Davi nos ajudará a melhor esclarecer. Saul, o seu perseguidor, entrou numa caverna para satisfazer suas necessidades naturais. Davi estava lá com os seus homens. Já há bastante tempo Davi suportava o sofrimento de ser perseguido. Os seus homens o incitavam para que ferisse Saul, mas ele os repreendeu, respondendo que não devia estender a mão contra o ungido do Senhor. Todavia, se levantou secretamente e lhe cortou a borda do manto.¹⁶ Quem representa Saul senão os maus pastores? E Davi senão os bons súditos? Saul, que satisfaz uma necessidade natural, designa os maus pastores que estendem a malícia concebida no coração a obras nauseabundas e manifestam, nos atos que realizam exteriormente, os pensamentos maliciosos do seu íntimo. Todavia, Davi teve medo de feri-lo, o que significa que as almas bondosas, quando se guardam da peste da difamação, não ferem a vida dos pastores com a espada da língua, mesmo desaprovando os seus defeitos. Se alguma vez, por fraqueza, não conseguem abster-se de falar, mesmo com humildade, de certas faltas mais graves e manifestas dos pastores, é como se cortassem em silêncio a borda do seu manto; atentar à dignidade do pastor, mas sem dano e discretamente, é como fazer um rasgo na roupa de quem é

constituído rei. Sem dúvida, refletem e repreendem com severidade a si mesmos por essa pequena laceração causada pela palavra. Por isso, justamente está escrito: *Depois de fazer isso, Davi sentiu o coração bater forte por ter cortado um pedaço da barra do manto de Saul.*¹⁷ Não se deve ferir a conduta dos pastores com a espada da língua, mesmo quando existem motivos que justifiquem repreendê-los. E, se alguma vez a língua não se contém e diz algo contra eles, mesmo em coisas de pouco valor, é preciso humilhar o coração pela dor do arrependimento; assim, refletirá sobre si mesmo, e por haver faltado contra a autoridade pastoral, terá grande temor do julgamento daquele que a constituiu. De fato, quando faltamos contra os pastores, nos opomos à vontade daquele que os constituiu sobre nós. Por esse motivo, também Moisés, quando soube que o povo murmurava contra ele e contra Aarão, disse: *Quem somos nós? A murmuração de vocês não é contra nós, mas contra o Senhor.*¹⁸

CAPÍTULO 5

(29) É preciso admoestar de modo diferente os servos e os patrões.

É preciso admoestar de modo diferente os servos e os patrões: os primeiros, para que tenham sempre presente o espírito de humildade da própria condição; os patrões, para que não se esqueçam de que, por natureza, os seus servos e eles são iguais. É preciso exortar os servos a não rebelar-se contra Deus, opondo-se, por orgulho, à ordem por ele estabelecida; é preciso também exortar os patrões que se orgulham contra Deus, pelo seu dom, quando não reconhecem iguais a si, pela comum natureza, aqueles que, por sua condição social, mantêm submissos. Estes últimos sejam exortados a não se esquecer de ser servos dos seus patrões, e os patrões a reconhecer que são companheiros de serviço dos seus servos. A estes, de fato, se diz: *Servos, obedecem aos seus senhores humanos.*¹⁹ E ainda: *Aqueles que se encontram sob o jugo da servidão devem tratar seus patrões com todo o respeito.*²⁰ Aos patrões, se diz: *Senhores, tratem seus servos do mesmo modo. Deixem de lado as ameaças, sabendo que único é o Senhor, nos céus, para eles e para vocês.*²¹

CAPÍTULO 6

(30) É preciso admoestar de modo diferente os sábios deste mundo e os incultos.

É preciso admoestar de modo diferente os sábios deste mundo e os incultos. É preciso exortar os sábios a renunciar a saber o que sabem, aos outros, a desejar saber o que não sabem. Nos primeiros, é preciso destruir, de início, a convicção de serem sábios; nos outros, é a hora de edificar, com tudo o que se conhece da sabedoria celeste, porque estes corações sem orgulho estão prontos, como à espera das pedras da construção. Com os sábios, é preciso trabalhar para que se tornem mais sabiamente insensatos, abandonem a sabedoria insensata e aprendam a sábia insensatez de Deus;²² aos incultos, ao contrário, é preciso pregar que, a partir daquela que é considerada insensatez, se aproximem sempre mais da verdadeira sabedoria. Aos primeiros, de fato, se diz: *Se alguém de vocês pensa que é sábio segundo os critérios deste mundo, torne-se louco para chegar a ser sábio;*²³ e aos outros se diz: *Não há muitos sábios segundo a carne.*²⁴ E ainda: *Deus escolheu o que é loucura no mundo, para confundir os sábios.*²⁵ Os primeiros são convertidos, geralmente, por meio de argumentos racionais; para os outros, são mais úteis, em certos casos, os exemplos. Aos primeiros, faz um grande bem serem vencidos nas suas argumentações; para os outros, ao contrário, em geral é suficiente que conheçam ações dignas de louvor realizadas por outras pessoas.

Por isso, o grande mestre, que dizia *estar em dívida com sábios e ignorantes,*²⁶ ensinando aos Hebreus – alguns dos quais eram doutores e outros eram incultos – que o Antigo Testamento havia chegado ao seu cumprimento, recorreu a este argumento para superar os seus argumentos: *O que é*

*antigo e velho logo vai desaparecer.*²⁷ Vendo, porém, que alguns se convenceriam somente com a força dos exemplos, acrescentou na mesma carta: *Os santos foram humilhados e surrados, amarrados e jogados na prisão. Foram apedrejados, serrados ao meio, mortos a fio de espada.*²⁸ E ainda: *Lembrem-se dos dirigentes, que ensinaram a vocês a Palavra de Deus. Imitem a fé que eles tinham, tendo presente como eles morreram.*²⁹ E assim, a argumentação vitoriosa converte os sábios, e a influência de um bom testemunho eleva os incultos aos bens superiores.

CAPÍTULO 7

(31) É preciso admoestar de modo diferente os atrevidos e os tímidos.

É preciso admoestar de modo diferente os atrevidos e os tímidos. Quanto aos primeiros, somente uma dura admoestação pode conter o seu vício de atrevimento, enquanto uma moderada exortação, quase sempre, é em grau de dispor os outros para o melhor. Os atrevidos não se dão conta de fazer o mal senão quando são repreendidos, e até mesmo por mais pessoas; para converter os tímidos, em geral, é suficiente que um mestre lhes recorde, com suavidade, as faltas cometidas. Para os atrevidos, para que se corrijam, há melhor eficácia uma severa repreensão; com os tímidos, se alcança um melhor resultado se se toca de leve o que neles deve ser repreendido. O Senhor repreende abertamente o povo judeu, quando diz: *O seu rosto se tornou como aquele de uma prostituta e não quiseste te envergonhar.*³⁰ Por outro lado, reconforta o povo tímido, ao dizer-lhe: *Você esquecerá a vergonha que passou na juventude, e nunca mais se lembrará da vergonha do seu tempo de viúva, porque será seu Senhor aquele que a criou.*³¹ Também Paulo admoesta os Gálatas que pecavam de modo descarado: *Gálatas insensatos! Quem foi que os enfeitiçou?*³² E de novo: *Vocês são tão insensatos a ponto de ter começado com o Espírito e agora terminar na carne?*³³ Mas as faltas dos tímidos ele repreende quase com compaixão: *Foi grande a minha alegria no Senhor, porque finalmente vi florescer de novo o interesse de vocês por mim. Na verdade, vocês já tinham esse interesse antes, mas vocês estavam ocupados.*³⁴ Desse modo, com uma firme repreensão tornava manifestas as faltas dos atrevidos e com uma linguagem mais suave advertiu a negligência dos tímidos.

CAPÍTULO 8

(32) É preciso admoestar de modo diferente os pretensiosos e os pusilânimes.

É preciso admoestar de modo diferente os pretensiosos e os pusilânimes. Os primeiros, muito confiantes em si mesmos, sentem para os outros desestima e desdenho; os segundos, demasiado conscientes da própria fragilidade, com frequência, caem no desânimo. Os pretensiosos consideram de nível extraordinário tudo aquilo que fazem; os pusilânimes julgam depreciável aquilo que fazem e sucumbem ao desânimo. Por isso, é preciso submeter as ações dos pretensiosos a uma crítica penetrante, de modo que compreendam que, por comprazer-se de si mesmos, desagradam a Deus.

Um meio mais eficaz de reconduzir os pretensiosos ao bom caminho é aquele de demonstrar-lhes que o seu modo de agir, bom aos próprios olhos, é mau; assim, ao sentimento de haver merecido alguma glória, seguirá aquele de uma saudável confusão. Às vezes, quando eles são totalmente inconscientes de agir com essa pretensão viciosa, um meio mais rápido de levá-los a se corrigir é aquele de evocar outra falta mais evidente, cujo opróbrio os confunde; não podendo se defender sobre esse ponto, eles reconhecem que não têm como defender a própria pretensão. Paulo, quando viu que os Coríntios se opunham uns aos outros, pretensiosos, inchados de orgulho, de tal modo que um se dizia de Apolo, outro de Paulo, outro de Cefas, outro de Cristo,³⁵ declarou abertamente o pecado de incesto que entre eles se havia cometido e ainda não corrigido, dizendo-lhes: *Todos dizem*

*que entre vocês existe imoralidade, e tal imoralidade que não se encontra nem mesmo entre os pagãos, a ponto de uma pessoa conviver com a mulher do seu pai. E vocês se enchem de orgulho, ao invés de ficarem tristes, para que o autor desse mal seja eliminado do meio de vocês.*³⁶ Como se dissesse abertamente: “Por que na vossa presunção dizeis pertencer a este ou àquele, se com esta vossa negligência demonstraís não pertencer a ninguém?”.

Conseguimos, ao contrário, reconduzir mais facilmente os pusilânimes ao caminho do bem, se nos informamos indiretamente de alguma boa ação que tenham feito, e assim, corrigindo e repreendendo sobre algumas coisas, louvando e aprovando outras, fortificamos o seu ânimo sensível, ferido pela repreensão da falta. Geralmente, conseguimos com eles um maior progresso, se evocamos as suas boas ações; se eles fizeram algo de irregular, não apelemos à repreensão, como se se tratasse de fatos já acontecidos, mas apresentemo-lhes como algo que não se deve fazer; desse modo, a benevolência demonstrada estimulará os atos que nós aprovamos, e a exortação discreta terá mais força nesses pusilânimes contra as faltas que repreendemos. Por isso Paulo, inteirando-se de que os Tessalonicenses, fiéis na observância da palavra que tinham acolhido, se deixam turbar por uma verdadeira pusilanimidade, como se fosse iminente o fim do mundo, primeiro os louva pela fortaleza que vê neles e depois, exortando-os com prudência, lhes fortifica a fragilidade, dizendo-lhes: *Irmãos, devemos agradecer sempre a Deus por vocês! É justo que o façamos, pois a fé que vocês têm está crescendo cada vez mais, e o amor que vocês têm uns pelos outros está se tornando cada vez maior. Desse modo, podemos gloriar-nos de vocês entre as Igrejas de Deus, por causa da firmeza e da fé que vocês demonstram.*³⁷ Depois de haver pronunciado este afetuoso elogio de suas vidas, logo acrescentou: *Agora, irmãos, quanto à vinda de nosso Senhor Jesus Cristo e ao nosso encontro com ele, pedimos a vocês o seguinte: não se deixem perturbar tão facilmente! Nem se assustem como se o Dia do Senhor estivesse para chegar logo, mesmo que isso esteja sendo veiculado por alguma suposta inspiração, palavra, ou carta atribuída a nós.*³⁸ Ele agiu como um verdadeiro mestre, fazendo com que primeiro ouvissem um elogio que eles reconheciam bem fundado, e depois, uma exortação indicando a linha de conduta a ser mantida. Para que a admoestação que seguiria não turbasse as suas almas, um elogio anteriormente feito os robustecia solidamente. Ele sabia que eram angustiados pela perspectiva de um fim próximo do mundo, mas não os repreendia por isso e, como que ignorando o que havia acontecido, lhes proibia de persistir em tal angústia. Desse modo, visto que acreditavam que o seu mestre não conhecesse a inconstância dos seus sentimentos, teriam tido medo de merecer repreensão, enquanto permanecia neles o temor de ser por ele conhecidos.

CAPÍTULO 9

(33) É preciso admoestar de modo diferente os impacientes e os pacientes.

É preciso admoestar de modo diferente os impacientes e os pacientes. É preciso dizer aos impacientes que, negando-se a frear a própria impetuosidade, ver-se-ão arrastados a muitos abismos de iniquidade que eles não teriam procurado, porque o furor empurra a alma para onde ela não desejaria, e esta, perturbada, age sem saber o que está fazendo, lamentando-se somente depois de dar-se conta do que fez. É preciso também dizer aos impacientes que, precipitando-se sob o impulso de suas paixões, agem como se estivessem fora de si mesmos, e então, com dificuldade se dão conta do mal feito. Quando não opõem resistência alguma àquilo que os perturba, desfiguram até mesmo o bem que eles haviam realizado com ânimo tranquilo, e por um impulso repentino destroem tudo o que haviam construído com grande esforço, durante muito tempo. Até mesmo a caridade, virtude que é a mãe e a guardiã de todas as outras virtudes, se perde por causa do vício da impaciência. Pois está

escrito: *A caridade é paciente.*³⁹ Sem a paciência, a caridade não existe. Pelo vício da impaciência, também a ciência que alimenta as outras virtudes se dissipa. Pois está escrito: *A ciência de um homem se reconhece pela sua paciência.*⁴⁰ Consequentemente, mais um homem se revela impaciente, menos se demonstra ser douto. Na verdade, não é possível transmitir verdadeiramente o ensinamento do que é bom, se na vida não se sabe suportar em paz os defeitos dos outros.

Esse vício da impaciência carrega também, frequentemente, uma culpável arrogância, flecha mortal para a alma. Quando alguém não suporta ser desprezado neste mundo, se esforça de ostentar os méritos escondidos, e assim, por sua impaciência, chega até a arrogância. E já que não pode suportar o desprezo, vai em busca de glória com a ostentação, colocando-se em vitrina. Assim está escrito: *O homem paciente vale mais que o homem soberbo.*⁴¹ É que o homem paciente prefere sofrer qualquer mal a fazer conhecer com arrogância seus méritos interiores. Pelo contrário, o homem soberbo prefere que sejam exaltados os seus méritos, ainda que falsos, para não ter de sofrer a mínima contrariedade.

Quando se deixa de lado a paciência, tudo o que se fez de bem precedentemente é destruído; justamente por isso é indicada a Ezequiel a cavidade que se encontra no altar de Deus, onde serão protegidos os holocaustos que se põem sobre ele.⁴² Porque, faltando essa cavidade, um golpe de vento poderia dispersar toda a oblação que se encontrasse sobre o altar. O que entendemos por altar de Deus, senão a alma do justo que põe diante dos olhos de Deus, como um sacrifício, todas as boas ações que realizara? E o que significa a cavidade do altar, senão a paciência dos bons que, humilhando a alma até a suportar as adversidades, a mostram como se fosse uma cavidade colocada embaixo? Portanto, que haja uma cavidade no altar, para que o vento não disperse a oferenda colocada sobre ele: que a alma dos eleitos de Deus conserve a paciência, para que, quando for agitada pelo vento da impaciência, não perca o bem que realizara. Justamente se recorda que essa cavidade media um só cúbito; se não falta a paciência, a medida da unidade é conservada. Também Paulo diz: *Carreguem os fardos uns dos outros, e assim vocês estarão cumprindo a lei de Cristo.*⁴³

A lei de Cristo é o amor da unidade; aqueles que o praticam plenamente, mesmo sob a pressão do mal, não o transgridem. Que os impacientes ouçam a palavra da Escritura: *O homem paciente vale mais que um guerreiro valente, e aquele que domina o seu ânimo, mais que um conquistador de cidades.*⁴⁴ A vitória sobre uma cidade vale menos, porque o que lá se submete é algo exterior; bem maior é o que se vence com a paciência, porque é o coração mesmo que se supera ao conseguir submeter-se a si mesmo quando a paciência o obriga a dominar-se no seu interior. Que os impacientes ouçam o que a Verdade diz aos seus eleitos: *Pela paciência, vocês possuirão as suas almas.*⁴⁵ Com efeito, nós fomos criados de modo admirável, de modo tal que a razão possui a alma e a alma, o corpo. A alma perde o seu direito de possuir o corpo, se antes a razão não a possui. O Senhor, portanto, indicou que a paciência é a guardiã do nosso ser criado, quando ensinou que por ela nós nos possuímos a nós mesmos. Por conseguinte, reconhecemos quão grave seja a culpa da impaciência, pela qual perdemos a posse do que somos. Que ouçam ainda os impacientes o que foi dito por Salomão: *O insensato desfoga todas as suas paixões, mas o sábio sabe esperar e as reserva para mais tarde.*⁴⁶ Sim, sob o domínio da impaciência, toda a paixão desfoga para fora a sua perturbação o mais rapidamente possível, porque não há alguma sábia disciplina que a conserve interiormente. O sábio espera e deixa para mais tarde. Ofendido, ele não deseja se vingar hoje, pois, mesmo devendo suportar, prefere usar compreensão, não ignorando, porém, que no último juízo os direitos serão todos restabelecidos.

Por outro lado, é preciso exortar os pacientes a não queixar-se interiormente pelo que suportam

exteriormente. Eles oferecem externamente um sacrifício perfeito, de grande valor; que, interiormente, não deixem que o veneno do mal o corrompa. Os homens não se dariam conta, mas o olhar divino descobre o pecado, e a queixa seria uma falta tanto mais grave porque, diante dos homens, assume as aparências da virtude.

É preciso, portanto, dizer aos homens pacientes que procurem amar aqueles que devem suportar; não aconteça que o amor não acompanhe a paciência, e assim, a virtude manifestada se transforme num pecado pior, de ódio. Depois de ter dito *A caridade é paciente*, Paulo acrescenta em seguida: *É benigna*,⁴⁷ indicando que ela não cessa de amar aqueles que suporta com paciência. Esse incomparável mestre aconselhava a paciência aos seus discípulos quando lhes dizia: *Afastem de vocês qualquer aspereza, desdém, raiva, gritaria, insulto e todo tipo de maldade*;⁴⁸ mas, estando assegurada a boa conduta exterior, ele se volta para o interior, acrescentando: *com toda espécie de malícia*.

Em vão, de fato, desaparecem externamente desdém, gritaria e insultos se, no íntimo, domina a malícia, mãe dos vícios; como é em vão que se cortam os ramos da malícia por fora, se ela for conservada na raiz, para depois ressurgir multiplicada. Por isso, a Verdade mesma diz: *Amem os seus inimigos e façam o bem aos que odeiam vocês. Rezem por aqueles que os perseguem e caluniam*.⁴⁹ Diante dos homens, é virtude suportar os adversários; diante de Deus, é virtude amá-los. Porque o único sacrifício agradável a Deus é aquele que, diante dos seus olhos, arde sobre o altar das boas obras, a chama da caridade. Eis por que ele diz ainda aos homens pacientes, mas sem amor: *Por que você fica olhando o cisco no olho do seu irmão, e não presta atenção à trave que está no seu próprio olho?*⁵⁰ O turbamento da impaciência é cisco de palha; a malícia do coração é a trave no olho. O vento da tentação agita o cisco de palha; a maldade consumada conserva a trave quase sem se perturbar. Justamente, portanto, se acrescenta: *Hipócrita, tire primeiro a trave do seu próprio olho, e então você enxergará bem para tirar o cisco do olho do seu irmão*.⁵¹ Isso para dizer à alma que se rói por dentro e se apresenta externamente como santa por sua paciência: “Antes de tudo, remova de você esta pesada malícia e, depois, repreenda aos outros sua leve impaciência, porque, se você não se esforçar para vencer a sua duplicidade, suportar os males alheios poderia se tornar uma culpa ainda mais grave”.

Pode também acontecer às pessoas pacientes, que sofrem por causa de adversidades ou injúrias, que não experimentem no momento alguma reação de amargura e que pratiquem a paciência, conservando um coração livre de todo desejo de mal. Quando, porém, pouco depois, se lembram das ofensas recebidas, se inflamam com o fogo do ressentimento, buscam desculpas para se vingar e, transformando-se no íntimo, mudam em maldade a mansidão conservada quando praticavam a paciência. Para estes o pastor de almas prontamente oferece socorro, colocando diante deles o motivo de tal transformação. Aqui, de fato, o astuto adversário provoca uma guerra contra duas pessoas: a uma ele incita para que seja a primeira a proferir injúrias, e à outra para que, sentindo-se ofendida, as devolva. Porém, muitas vezes, enquanto o adversário vence aquela que persuadiu para que lançasse o insulto, é vencido por aquela que suporta o insulto com serenidade. Vitorioso sobre a primeira, subjugando-a com a tentação, se lança com toda a força sobre a outra, irritado porque lhe resiste com coragem e o vence. Não conseguindo perturbá-la quando se lançavam os insultos contra ela, renuncia por um momento ao combate aberto e a atormenta com dissimulações insinuantes, procurando o momento propício para enganá-la. Vencido em campo aberto, arde pelo desejo de tramar insídias em segredo. Num momento tranquilo, volta-se para o seu vencedor e lhe recorda bem os danos sofridos, as injúrias lançadas e, exagerando o mais possível tudo o que ele suportou, lhe

apresenta isso como algo intolerável. E perturba a sua alma com tal aflição que, muitas vezes, esse homem paciente, de vencedor passa a ser prisioneiro, se envergonha de haver suportado serenamente as ofensas, prova tristeza por não ter restituído os insultos e procura restituí-los de modo ainda pior, quando se apresenta a ocasião.

A quem se assemelham estas pessoas, senão àqueles soldados que, vencedores em campo aberto, graças à sua coragem e, depois, por negligência, se deixam aprisionar dentro dos muros da cidade? Não se assemelham àquelas pessoas que, tomadas por uma grave enfermidade, não perdem a vida, mas que uma febre recidiva, insinuando-se pouco a pouco, consegue fazê-las morrer? Os pacientes devem, portanto, ser exortados a fortificar o seu coração após a vitória, a vigiar sobre o inimigo, o qual, vencido em campo aberto, trama insídias aos muros da alma; a temer a enfermidade que volta a se insinuar mais do que antes; não aconteça que o astuto inimigo se regozije com maior alegria ainda, tecendo as suas tramas, pelo fato de poder dobrar o pescoço dos seus vencedores, até agora inflexíveis contra ele.

CAPÍTULO 10

(34) É preciso admoestar de modo diferente os benévolos e os invejosos.

É preciso admoestar de modo diferente os benévolos e os invejosos. É preciso exortar os benévolos a regozijar-se pelos méritos dos outros com um grande desejo de ter, eles também, os seus próprios méritos. Louvem com amor as boas obras do seu próximo, mas de modo que as multipliquem, imitando-as. Se no estádio da vida presente eles assistem a uma competição como simpatizantes calorosos, mas, todavia, como preguiçosos espectadores, permanecerão privados do prêmio após o combate por não haver dele participado; contemplarão com tristeza a palma da vitória daqueles que enfrentaram fadigas, enquanto eles permaneceram ociosos. Falta grave é não amar as belas ações dos outros; mas nosso mérito é nulo se, na medida do possível, não as imitamos.

É preciso, portanto, dizer aos benévolos que eles não se apressem a imitar as boas ações que eles aprovam e elogiam; a complacência que sentem pela santidade das virtudes é igual àquela dos tolos expectadores dos jogos públicos. Estes exaltam com aplausos as proezas dos aurigas e dos comediantes, mas não desejam ser como eles, mesmo louvando-os tanto. Eles os admiram porque realizaram belas atuações, não obstante evitam atuar de modo semelhante. É preciso dizer aos benévolos que, quando contemplam tais ações do seu próximo, examinem o seu próprio coração e não presumam das ações dos outros; não louvem as belas ações, enquanto se negam a fazer o mesmo. No juízo final, de fato, serão tratados com maior severidade aqueles que apreciaram o bem, sem, porém, querer praticá-lo.

É preciso exortar os invejosos a refletir sobre a cegueira daqueles que se deprimem pelos sucessos dos outros e se entristecem pela felicidade do próximo. É, de fato, uma tristeza que alguns se tornem piores porque os outros se tornam melhores e que, testemunhando o crescimento da felicidade dos outros, se aflijam, ansiosos, e morram pela infecção dos seus corações. O que há de mais triste para estas pessoas que, vendo a felicidade dos outros, sofrem um tormento que as torna mais iníquas? Se se comprovassem dos bens dos outros, que eles não podem ter, os fariam seus. De fato, todos os que estão firmemente unidos na fé são como membros de um só corpo; são diversas as suas funções, mas, graças a uma mútua concordância, eles se tornam uma só coisa.⁵² Sucede que o pé veja por meio do olho e que os olhos caminhem graças aos pés, que o ouvido sirva à boca e que a língua colabore com as orelhas naquilo que é sua função, que o ventre sustente as mãos e as mãos trabalhem para o ventre. Pela própria constituição do nosso corpo, nós percebemos o que devemos fazer. Seria, portanto, vergonhoso não imitar o que nós mesmos somos. Nossas são as ações que

amamos nos outros, ainda que não sejamos em grau de imitá-las, e tudo aquilo que se ama em nós se torna propriedade daqueles que nos amam. Que reflitam, portanto, os invejosos, quanto é grande a potência da caridade, que torna nossas, sem fadiga, as obras da fadiga alheia.

É preciso também dizer aos invejosos que, se não se guardam do próprio ciúme, afundam na antiga malícia do astuto inimigo. Acerca dele está escrito: *Pela inveja do diabo, entrou no mundo a morte.*⁵³ Ele perdeu o céu e teve inveja do homem que tinha sido criado e, vendo-se perdido, tornou mais terrível a sua desgraça, arrastando outros à perdição. É preciso exortar os invejosos para que saibam a quantas quedas e qual progressiva decadência estão expostos, porque, se não removem a inveja do seu coração, se precipitam em ações abertamente iníquas. Se Caim não tivesse tido inveja de que o sacrifício de seu irmão fosse agradável a Deus, nunca teria chegado a tirar-lhe a vida. Por isso está escrito: *O Senhor dirigiu o seu olhar sobre Abel e suas oferendas, mas não olhou para Caim e as suas oferendas. E Caim ficou então muito enfurecido e andava cabisbaixo.*⁵⁴ A inveja por um sacrifício foi o germe de um fratricídio. Que o seu irmão fosse melhor que ele entristeceu Caim, e para que não o fosse, o matou. Dir-se-á aos invejosos que, deixando-se corroer intimamente por este veneno, destroem em si mesmos qualquer outra coisa boa que parecem haver. Por isso, está escrito: *Vida para os corpos é a saúde do coração, cárie para os ossos é a inveja.*⁵⁵ O que se entende por corpo, senão alguma coisa frágil e tenra? E por ossos, senão as ações fortes? Com frequência acontece que alguns, com inocência de coração, parecem frágeis em algumas obras, enquanto outros realizam ações egrégias aos olhos dos homens, mas no íntimo são corroídos pela inveja por causa do sucesso dos outros. Diz-se com razão: *Vida para os corpos é a saúde do coração*, porque, ao se conservar a inocência do coração, mesmo as ações que externamente parecem frágeis um dia se robustecerão. Justamente se acrescenta: *Cárie para os ossos é a inveja*, porque devido ao vício da inveja, inclusive aquilo que aos olhos dos homens aparece como forte é nulo aos olhos de Deus. Os ossos cariados pela inveja são como grandes valores que se perdem.

CAPÍTULO 11

(35) É preciso admoestar de modo diferente as pessoas sinceras e as pessoas mentirosas.

É preciso admoestar de modo diferente as pessoas sinceras e as pessoas mentirosas. É preciso louvar os primeiros, porque se esforçam em nunca dizer falsidades, mas devem também ser exortados a saber ocultar a verdade em algumas ocasiões. Como, de fato, a mentira sempre prejudica quem a diz, assim também, às vezes, causa dano àqueles que a vierem a conhecer. Por isso, diante dos discípulos, o Senhor, moderando as palavras com o silêncio, disse: *Ainda tenho muitas coisas para dizer, mas agora vocês não seriam capazes de suportar.*⁵⁶ É preciso, portanto, exortar as pessoas sinceras: assim como lhes é sempre útil evitar a falsidade, lhes é sempre útil dizer a verdade. É preciso exortá-las a unir a prudência à sua benéfica simplicidade, de modo que possam ter a tranquilidade que vem da simplicidade sem perder a cautela típica da prudência. Por isso, diz o apóstolo dos gentios: *Quero que vocês sejam sábios no bem e simples diante do mal.*⁵⁷ E a Verdade mesma aconselha aos seus eleitos: *Sejam prudentes como serpentes e simples com as pombas.*⁵⁸ Isso significa que, no coração dos eleitos, a astúcia da serpente deve tornar perspicaz a simplicidade da pomba, e a simplicidade da pomba deve moderar a astúcia da serpente, de modo que não caiam na astúcia seduzidos pela prudência, nem caiam, pela simplicidade, no torpor no uso da inteligência.

Por outro lado, é preciso exortar os mentirosos para que tomem consciência do quanto seja grave culpa o peso da duplicidade que eles carregam. Temendo ser descobertos culpados, eles estão sempre à procura de argumentos enganosos, sempre inquietos por temerosas suspeitas. Nada há de mais seguro para defender-se do que a transparência, e nada mais fácil de se dizer do que a verdade.

Quando alguém é forçado a cobrir a sua mentira, fadiga o seu coração com um trabalho muito duro. Por isso, está escrito: *A fadiga dos seus lábios os oprimirá.*⁵⁹ Essa fadiga que agora os satisfaz, depois os oprime; dá agora, ao coração, uma agradável inquietude, depois o oprime com uma severa condenação. Por isso, Jeremias diz: *Treinam a língua para falar mentiras e praticam o mal sem cessar.*⁶⁰ Como se dissesse abertamente: “Aqueles que, sem esforço algum, podiam ter sido amigos da verdade se esforçam para pecar e, recusando viver na sinceridade, se empenham com toda fadiga para morrer”. Porque, descobertos em suas faltas, evitando ser reconhecidos por aquilo que são, eles se escondem sob o véu da falsidade, e fazem todos os esforços para justificar seus pecados, já claramente conhecidos; e assim, quem procura corrigir as suas faltas, enganado pela névoa desta difusa falsidade, tem quase a impressão de ter perdido de vista aquilo que considerava seguro em relação a elas.

Por isso, justamente, o profeta, contra a alma que peca e se justifica, simbolizada pela Judeia, diz: *Ali o ouriço teve o seu trono.*⁶¹ O ouriço simboliza a duplicidade da alma falsa e hábil em se defender. O ouriço, ao ser surpreendido, ainda se veem a sua cabeça, suas patas e todo o seu corpo; mas, assim que é capturado, se enrola todo numa bola, guarda as suas patas em seu interior, esconde a sua cabeça e, entre as mãos de quem o segura, desaparece num instante tudo o que antes se podia ver. Assim são as almas mentirosas, quando surpreendidas nas suas transgressões. Vê-se a cabeça do ouriço porque se vê como inicia a falta do pecador. Percebem-se as patas do ouriço, porque se reconhecem os rastros que ficam das suas más ações; todavia, apresentando imediatamente as justificativas, a alma falsa põe para dentro as suas patas e esconde todos os rastros da sua iniquidade. Retrai a sua cabeça, porque mostra, por meio de surpreendentes desculpas, que nem mesmo começou a fazer o mal. E fica como uma bola entre as mãos de quem a segura, porque aquele que a corrige esquece, improvisamente, tudo o que dela conhecia; ele tem diante de si um pecador envolvido nos meandros de sua consciência, e depois de haver claramente constatado tudo, encontra-se ignorante de tudo, enganado pelas faltas escapatórias da defesa. O ouriço tem, portanto, a sua cova entre os animais mentirosos, porque a duplicidade da sua alma maliciosa, que se enrola sobre si mesma, se esconde nas trevas de uma falsa defesa.

Ouçam os mentirosos o que está escrito: *Quem caminha com sinceridade, caminha seguro.*⁶²

Na sinceridade da ação está a confiança de uma grande segurança. Ouçam o que diz o sábio: *O Espírito Santo que nos educa foge da fraude.*⁶³ Ouçam ainda a afirmação da Escritura: *É com os sinceros que ele conversa.*⁶⁴ Para Deus, conversar é revelar seus segredos às almas humanas mediante a luz da sua presença. Diz-se que ele conversa com os sinceros porque, com o raio da sua visita, ilumina as suas almas a respeito dos mistérios do alto, dado que nenhuma sombra de duplicidade as ofusca. É um mal particular aquele dos mentirosos, porque, enquanto enganam os outros com sua perversa e sutil ação, se julgam mais prudentes que todos, não pensam na severidade do castigo e, infelizes, exultam em sua própria ruína. Que eles ouçam com qual força o profeta Sofonias os ameaça com o rigor da indignação divina: *Eis que vem o dia do Senhor, grande e terrível, dia de cólera, de trevas e escuridão, dia de nuvens e ventania, dia da trombeta e do grito de guerra contra todas as cidades fortificadas e contra as torres dos ângulos.*⁶⁵ O que designam as cidades fortificadas senão as almas suspeitosas e sempre cercadas por uma defesa falsa que, quando repreendidas por uma culpa, não se deixam alcançar pelas flechas da verdade? E de que coisa são símbolo as torres dos ângulos, senão dos corações falsos, visto que dupla é a parede nos ângulos? Estes corações, enquanto fogem da simplicidade da verdade, se dobram sobre si mesmos pela perversidade da sua duplicidade e, o que é pior, se gloriam em suas consciências como se a culpa da

própria duplicidade os tivesse levado ao ápice da prudência. Portanto, vem o dia do Senhor, dia pleno de vingança e de ira contra as cidades fortificadas e contra as torres dos ângulos, porque a ira do juízo final destrói os corações humanos que se fecharam à verdade, e põe às claras os que estão envolvidos em duplicidades. Então, caem as cidades fortificadas, porque as almas que não se abriram a Deus serão condenadas. Então, as altas torres desmoronam, porque os corações que se orgulham por saber mentir serão abatidos pela sentença da justiça.

CAPÍTULO 12

(36) É preciso admoestar de modo diferente quem tem saúde e quem é doente.

É preciso admoestar de modo diferente quem tem saúde e quem é doente. Os primeiros devem ser exortados a fazer servir a saúde dos seus corpos àquela das suas almas. Eles receberam a graça de estar bem; não aconteça que desviem esse dom em proveito do mal, caiam em culpa mais grave pelo abuso do dom e mereçam depois suplícios maiores, por não haver temido fazer mau uso dos bens dados por Deus com tanta generosidade. É preciso exortá-los para que não negligenciem a ocasião oportuna de merecer a própria salvação eterna. Pois está escrito: *É agora o momento favorável, é agora o dia da salvação!*⁶⁶ É preciso recordar-lhes que, se não querem agradar a Deus agora que podem, mais tarde, quando o quiserem, não poderão fazê-lo. Eis por que a Sabedoria abandona aqueles que havia chamado antes durante muito tempo e que não quiseram dar-lhe atenção, dizendo: *Eu chamei, e vocês recusaram; estendi a mão, e ninguém deu atenção. Vocês recusaram o meu conselho e não aceitaram o meu aviso. Por isso, eu também vou rir da desgraça de vocês. Vou zombar quando o terror os assaltar.*⁶⁷ E ainda: *Então vocês vão me chamar, mas eu não responderei; de manhã se levantarão, mas não me encontrarão.*⁶⁸ Quando alguém se esquece de ter recebido a saúde corporal para fazer o bem, se dá conta do valor desse dom quando o perde. E, no final, não o havendo empregado com proveito no tempo oportuno, o procura em vão.

Por isso, disse Salomão oportunamente: *Não dê a estranhos a sua honra, nem os seus anos para gente cruel; que os estranhos não se fartem com o seu vigor, e a casa do desconhecido com os frutos do seu trabalho; que você não deva gemer nos últimos dias, quando as suas carnes e o seu corpo se consumirão.*⁶⁹ Quem são para nós os estranhos, senão os espíritos malignos excluídos da pátria celeste? Em que consiste a nossa honra, senão que, criados com corpos de barro, somos, todavia, formados à imagem e à semelhança do nosso Criador? E quem é o cruel, senão aquele anjo apóstata que, por seu orgulho, buscou a morte para si mesmo e, ainda perdido, não deixa de buscar a morte para o gênero humano? Confia a sua honra aos estranhos aquele que, criado à imagem e semelhança de Deus, emprega os dias da sua vida a serviço da volúpia dos espíritos malignos. Confia os seus anos a gente cruel aquele que gasta o tempo da sua existência segundo a vontade do adversário que o domina para a sua desgraça.

Com razão, acrescenta a Escritura: *que os estranhos não se fartem com o seu vigor, e a casa do desconhecido com os frutos do seu trabalho.* Aquele que, de fato, fazendo uso da sua saúde corporal e da sabedoria de espírito que lhe foi concedida, não praticar as virtudes, mas se abandonar aos vícios, não enriquece com as suas forças a própria casa, e sim a casa dos estranhos, isto é, faz multiplicar as ações dos espíritos imundos, seja pela luxúria, seja pelo orgulho e, incluindo a sua pessoa, aumenta o número dos que se perdem. Justamente, então, se acrescenta: *que você não deva gemer nos últimos dias, quando as suas carnes e o seu corpo se consumirão.* Com frequência, a saúde corporal recebida como dom é consumida com os vícios; mas quando ela é improvisamente retirada, quando a carne é afligida por moléstias e a alma está no ponto de sair do corpo, se implora, para viver bem, a saúde empregada mal por tanto tempo e, agora, perdida. Então, os homens gemem

por não ter querido servir a Deus, quando não estão mais em condição de reparar os danos causados pela própria negligência. Por isso, se diz em outra parte: *Quando os matava, então o buscavam.*⁷⁰

Por outro lado, é preciso exortar os doentes, para que se sintam filhos de Deus, pelo fato mesmo de que severas correções os atingem. Pois, se Deus não se dispusesse a dar-lhes a sua herança após tê-los corrigido, não se preocuparia de formá-los por meio das provações. Eis por que o Senhor diz a João, por meio do anjo: *Aqueles que eu amo, os repreendo e corrijo.*⁷¹ E também está escrito: *Meu filho, não despreze a correção do Senhor e não perca o ânimo quando for repreendido por ele; pois o Senhor corrige a quem ele ama e castiga a quem aceita como filho.*⁷² E o salmista: *O justo sofre muitas provações.*⁷³ Jó exclama na sua dor: *Se eu fosse inocente, não poderia levantar a cabeça, saciado como estou de aflição e de miséria.*⁷⁴ É preciso dizer aos doentes que, se eles creem que a pátria celeste é a sua pátria, é necessário que, aqui embaixo, numa terra estrangeira, eles sofram provações. Por isso, foram marteladas fora as pedras que deviam ser postas na construção do templo do Senhor, sem o ruído dos martelos. Assim, nós somos martelados agora pelas provações, para, em seguida, sermos colocados no templo de Deus, sem os golpes da correção. Os golpes devem agora eliminar tudo o que em nós é supérfluo, e então, somente a concórdia da caridade nos ligará uns aos outros no edifício.

É preciso exortar os doentes para que considerem como os filhos segundo a carne, para receber a sua herança terrestre, são duramente castigados pelos golpes que os disciplinam. Qual correção dada pelo educador celeste pode parecer mais dura, se, através dela, obtém-se uma herança que jamais será perdida e se evitam os suplícios que devem durar eternamente? Paulo diz: *Nós tivemos nossos pais humanos como educadores e os respeitamos. Será que não devemos submeter-nos muito mais ao Pai dos espíritos para termos a vida? Nossos pais humanos por pouco tempo nos corrigiam como melhor lhes parecia; Deus nos corrige para que sejamos participantes da sua santidade.*⁷⁵

É preciso exortar os doentes para que considerem o quanto o sofrimento do corpo faz bem à saúde do coração; ele chama a alma ao conhecimento de si mesma, reaviva a lembrança da sua fragilidade, que, em geral, a saúde faz esquecer. Assim, a alma conduzida para fora de si pelo orgulho toma consciência, pelos golpes que ela sofre na carne, da condição à qual está sujeita. Essa verdade é bem indicada pelo episódio de Balaão e no atraso que teve na sua viagem, se ao menos tivesse querido obedecer docilmente à voz de Deus.⁷⁶ Balaão estava totalmente orientado para a meta que havia fixado, mas a jumenta que ele montava impediu a sua vontade. Obrigada a parar na estrada, vê um anjo que a alma do homem não vê; e isso indica que, frequentemente, a carne ferida pelas provações indica à alma, por seu sofrimento, um Deus que a alma mesma, amante da carne, não via; assim, o copo bloqueia o anseio do espírito que deseja progredir neste mundo, impedindo o seu caminho até que se dê conta da presença do ser invisível que lhe vai ao encontro. Por isso, diz Pedro: *Foi repreendido por sua loucura. Uma besta muda, falando com voz humana, refreou a insensatez do profeta.*⁷⁷ O insensato é repreendido por uma besta muda quando a carne afligida recorda à alma tomada pelo orgulho a virtude da humildade que deveria haver. Porém, Balaão não aproveitou plenamente do dom da correção, porque pela estrada, com o propósito de amaldiçoar, mudou suas palavras, mas não o seu ânimo.

É preciso exortar os doentes para que considerem o valor do sofrimento corporal, que cancela os pecados cometidos e preserva daqueles em que se poderia cair. Causado por males exteriores, produz feridas de penitência ao espírito submetido a provações. Está escrito: *A marca das feridas é remédio contra os males, os golpes curam até o fundo das entranhas.*⁷⁸ A marca das feridas

remedeia os males, porque a dura correção faz desaparecerem as iniquidades pensadas ou realizadas. Por entranhas, em geral, entende-se a alma; porque, assim como o ventre absorve os alimentos, do mesmo modo a alma, absorvendo suas inquietudes, as purifica. Que as entranhas designem a alma é ensinado pela frase da Escritura: *Lâmpada do Senhor é o espírito do homem, que sonda as profundezas do ser.*⁷⁹ Como a dizer: quando o espírito divino ilumina a alma humana, faz com que se conheça a si mesma; ela, que antes tinha vindo do Espírito Santo, podia ter maus pensamentos e não saber que os pensava. Assim, *a marca das feridas é remédio contra os males, os golpes curam até o fundo das entranhas.* Os golpes recebidos exteriormente nos trazem a lembrança dos pecados, no silêncio e na aflição; nós colocamos sob os nossos olhos todo o mal que cometemos, justamente através desses sofrimentos externos sentimos imensamente a dor pelo mal praticado. Acontece assim que, por meio das feridas externas do corpo, nos purifica mais a ferida escondida do coração, porque esta cura o mal da obra perversa.

É preciso exortar os doentes para que conservem a virtude da paciência, de modo que considerem, constantemente, quantos sofrimentos suportou nosso Redentor por aqueles que havia criado. Suportou tantas injúrias e ultrajes, e para arrancar a cada dia almas da mão do antigo adversário, recebeu bofetadas de quem o insultava; lava-nos com a água da salvação e não escondeu o seu rosto aos escarros dos malvados. Livra-nos dos eternos suplícios, perorando a nossa causa, e suportou em silêncio os flagelos; reserva-nos uma glória eterna entre os coros dos anjos e sofreu batidas; salva-nos dos dardos dos pecados e não recusou a coroa de espinhos; embriaga-nos de eterna doçura e aceitou, em sua sede, a amargura do fel. Por nós adorou o Pai, ainda que igual a ele na sua divindade, e suportou em silêncio de ser adorado com zombaria; prepara a vida para os mortos e, sendo ele mesmo a vida, experimentou a morte. Por que, pois, deveria parecer cruel que a pessoa sofra provações por parte de Deus pelos pecados cometidos, se Deus aceitou, por parte dos homens, tantos males, em troca dos dons concedidos? Qual homem dotado de sabedoria quereria rebelar-se à dor, se não deixou este mundo sem ter experimentado a dor aquele que viveu sem pecado?

CAPÍTULO 13

(37) É preciso admoestar de modo diferente aqueles que, por medo do castigo, vivem sem fazer o mal e aqueles que são de tal modo endurecidos no mal que nem mesmo o castigo os pode corrigir.

É preciso admoestar de modo diferente aqueles que, por medo do castigo, vivem sem fazer o mal, e aqueles que são de tal modo endurecidos no mal que nem mesmo o castigo os pode corrigir. É preciso dizer àqueles que temem o castigo que nunca desejem, como se tivessem um grande valor, os bens temporais, que eles veem que os malvados possuem, e que nunca fujam dos males temporais, como se fossem insuportáveis, pois sabem que, com frequência, também os justos são afligidos por eles. É preciso dizer-lhes que, se desejam ser verdadeiramente preservados do mal, devem sentir terror dos suplícios eternos, e que não se contentem com esse terror dos suplícios, mas que cresçam na generosidade do amor, graças ao alimento da caridade. Na verdade, está escrito: *A perfeita caridade elimina o temor.*⁸⁰ E ainda: *Vocês não receberam um espírito de escravos para recair no medo, mas receberam um Espírito de filhos adotivos, por meio do qual clamamos: Abba! Pai!*⁸¹ E o mesmo doutor continua: *Onde se acha o Espírito do Senhor, aí existe a liberdade.*⁸²

Portanto, se é o temor do castigo o que detém de fazer o mal, com certeza não é a liberdade do Espírito que reina no coração de quem é dominado por esse temor. Pois, se não temesse o castigo, sem dúvida, cometeria o pecado. Ignora, portanto, a generosa liberdade a alma que se submete por um temor servil. O bem deve ser amado por si mesmo, e não ser praticado sob a pressão do medo.

Quem faz o bem porque teme o mal dos castigos desejaria que não existisse nada a temer, para poder cometer com atrevimento obras ilícitas. É, então, mais claro que o dia que, aos olhos de Deus, perde-se a inocência, pois sob esse olhar peca-se por desejo.

Por outro lado, àqueles que se enrijeceram na maldade nem com castigos se corrigem, é preciso repreender com tanto mais vigor quanto maior for a indiferença em que caíram. Com eles, em geral, é preciso mostrar desdém, mas sem desprezá-los; e também desesperança, porém, sem desesperar, de tal modo que essa desesperança os faça temer, e a exortação que se acrescenta faça renascer neles a esperança. É preciso citar-lhes as rigorosas sentenças divinas pronunciadas contra eles, para que, pela consideração do castigo eterno, retomem consciência de si mesmos. Ouçam que neles se realizou estas palavras da Escritura: *Mesmo que você soque o imbecil no pilão, a estupidez não se separa dele.*⁸³ Também o Senhor se queixa contra eles, dizendo pelo profeta: *Tu os trituraste e eles não aprenderam a lição.*⁸⁴ E o Senhor: *Eu fiz morrer e destruí este povo e eles não retornaram de seus caminhos.*⁸⁵ E ainda: *O povo não retornou a quem o golpeia.*⁸⁶

O profeta se queixa pela voz daqueles que castigavam: *Nós curamos Babilônia e ela não sarou.*⁸⁷ Babilônia recebe cura, mas não recupera a saúde, quando uma alma confundida por sua conduta desregrada ouve as palavras que a repreendem, sente os golpes que a corrigem e, todavia, desdenha retornar ao reto caminho da salvação. Por isso, o Senhor repreende o povo de Israel, reduzido a escravidão, mas que não renunciava à iniquidade, dizendo: *Para mim, a casa de Israel se transformou em sucata: todos eles são sucata de bronze, estanho, ferro e chumbo dentro de uma fornalha.*⁸⁸ Como se dissesse claramente: “Eu quis purificá-los com o fogo da provação e procurei torná-los prata ou ouro, mas na fornalha eles se tornaram para mim bronze, estanho, ferro e chumbo, porque, também na tribulação, se entregaram aos vícios e não à virtude”. Golpeado, o bronze soa mais forte que os outros metais. O homem que prorrompe em ruidosos murmúrios sob os golpes que o ferem se converte em bronze no meio da fornalha. O estanho, se trabalhado com arte, dá a impressão de ser prata; assim, aquele que na tribulação não se abstém do vício da hipocrisia se torna como estanho na fornalha. Quem atenta contra a vida do próximo se serve do ferro. Assim, aquele que nas adversidades não perde o vício de causar dano ao próximo é como o ferro na fornalha. O chumbo é o mais pesado de todos os metais. Por isso, é semelhante ao chumbo na fornalha quem é de tal modo oprimido pelo peso do seu pecado que, mesmo na tribulação, não sabe desapegar-se dos desejos terrenos. Por isso, novamente está escrito: *Por mais que alguém se esforce, nem com fogo a ferrugem se descola.*⁸⁹ O Senhor faz vir sobre nós o fogo da provação para nos purificar da ferrugem dos vícios, mas não perdemos a ferrugem nem mesmo com esse fogo quando não nos desapegamos do mal nem mesmo com os flagelos. Por isso, o profeta diz de novo: *O fundidor soprou em vão; suas maldades não foram destruídas.*⁹⁰

É preciso, porém, saber que, alguma vez, pessoas incorrigíveis em meio a duras provações devem ser tocadas no íntimo com uma suave admoestação. Pois, aos que os sofrimentos não corrigem, às vezes, a amabilidade os distancia de suas más ações. Com frequência, de fato, existem também doentes que uma forte poção de remédios não consegue curar e que recuperam a saúde somente com água morna; certas feridas que não podem ser curadas com intervenção cirúrgica se curam com aplicações de azeite. O duro diamante de nenhum modo pode ser cortado pela incisão do ferro, mas perde a sua dureza se imerso no suave sangue dos cabritos.

CAPÍTULO 14

(38) É preciso admoestar de modo diferente os taciturnos e os tagarelas.

É preciso admoestar de modo diferente os taciturnos e os tagarelas. É preciso fazer compreender aos taciturnos que, enquanto evitam imprudentemente certos vícios, se veem envolvidos, sem o saber, em outros vícios piores. Com frequência, freando a língua de modo excessivo, reprimem no coração uma loquacidade ainda mais grave, de modo que os pensamentos fervem na mente, em proporção à repressão que se fazem por um violento e excessivo silêncio. Geralmente, esses pensamentos fluem e se expandem amplamente, à medida que se creem mais seguros, não sendo vistos por quem poderia repreendê-los. Por isso, às vezes, suas almas se orgulham e desprezam como pessoas frágeis aquelas que eles ouvem falar. Fecham a boca corporal, mas não se dão conta de como, com o seu orgulho, se abrem aos vícios. Reprimem a língua, deixam exaltar o coração; e como não dão alguma atenção a sua própria maldade, no seu íntimo acusam a todos de modo desenfreado, justamente porque o fazem em segredo.

É preciso exortar os taciturnos, para que procurem saber com todo cuidado, não somente como devem mostrar-se exteriormente, mas também como devem se comportar interiormente, de modo que tenham mais o secreto juízo acerca dos seus pensamentos, do que a repreensão dos outros por causa de suas palavras. Pois está escrito: *Meu filho, preste atenção à minha sabedoria e dê ouvidos à minha prudência, para que guarde a reflexão.*⁹¹ Nada em nós é mais instável que o nosso coração, que se subtrai ao nosso domínio, todas as vezes que se abandona a pensamentos desregrados. Por isso, diz o salmista: *Meu coração me abandonou.*⁹² E dirigindo-se a si mesmo: *Teu servo encontrou seu coração para orar a ti.*⁹³ Quando o pensamento é guiado por uma atenta vigilância, o coração, habituado a vagabundear, se reencontra.

Em geral, quando os taciturnos sofrem alguma injustiça, se abandonam a um ressentimento muito mais vivo, porque não dizem palavra sobre o que os faz sofrer. Se sua língua falasse tranquilamente as injustiças que lhes são feitas, o ressentimento desapareceria de sua consciência. As feridas fechadas fazem sofrer muito mais. Quando a infecção que trabalha por dentro é expulsa, a dor encontra uma via para a cura. Devem, portanto, prestar atenção, aqueles que escolhem o silêncio mais que o necessário, para não aumentar a intensidade da dor enquanto, dos sofrimentos dos quais carregam o peso, se eximem de falar. É preciso também dizer-lhes que, se amam a seu próximo como a si mesmos, nunca lhes devem ocultar o que justamente deveria neles corrigir. A palavra é, então, um remédio duplamente salutar, para uma e para a outra parte: naquele que pratica uma ação maldosa, é reprimida,⁹⁴ e naquele que suporta a queimação do ressentimento, se atenua a dor pelo abrir-se da ferida.

Por conseguinte, todos aqueles que percebem o mal no seu próximo e, todavia, impõem o silêncio à própria língua, agem como pessoas que, vendo as feridas, não aplicam o remédio e se tornam causa de morte, por não ter querido curar a infecção, ainda que pudessem fazê-lo. Portanto, a língua deve ser moderadamente freada, mas sem deixá-la completamente amarrada. Está escrito: *O sábio guarda silêncio até a momento justo.*⁹⁵ De modo que, quando o considere oportuno, deixando de lado a censura do silêncio e dizendo o que convém, empenhar-se-á a ser útil. Está ainda escrito: *Existe um tempo para falar e um tempo para calar.*⁹⁶ É preciso, com discernimento, observar a sucessão dos momentos, de modo a não deixar a língua deslizar em palavras inúteis quando deve moderar-se, e quando deve falar para edificar, não deixar de fazê-lo por preguiça. O salmista notou corretamente: *Senhor, coloca uma guarda na minha boca, uma sentinela à porta dos meus lábios.*⁹⁷ Ele não pede que se coloque uma parede ao redor da sua boca, mas uma porta, a qual, justamente se abre e se fecha. Também nós, então, devemos nos formar à prudência, de modo que, no momento conveniente, a palavra abra a boca discretamente e, noutro momento, o amor do silêncio a feche.

Por outro lado, é preciso exortar aqueles que são muito tagarelas a examinar com atenção quantas vezes se dispersam, quando se afastam da retidão pela multiplicidade de palavras. A alma humana é como a água: quando represada de todos os lados, ela se acumula e se eleva ao nível mais alto, porque busca de novo a altura de onde havia descido, mas quando está solta se perde, porque se derrama inutilmente nos lugares mais baixos. Quando se dissipa em palavras supérfluas, rompendo os justos limites do silêncio, é conduzida fora de si mesma, como em tantos riachos; não consegue mais retornar, no íntimo, ao conhecimento de si, porque, dissipada por seu muito falar, lhe é bloqueado todo acesso ao lugar secreto da reflexão interior. Ela se descobre totalmente exposta aos golpes do inimigo que a tornam cega, porque não estava rodeada por nenhuma cinta de proteção. Está escrito: *Como uma cidade aberta e sem muralhas é o homem que não sabe se controlar.*⁹⁸ A cidade da alma sem as muralhas do silêncio está exposta aos dardos do inimigo, e quando ela se precipita fora de si mesma por suas tantas palavras, fica exposta ao seu adversário, e este a vence com poucas dificuldades, já que ela luta contra si mesma, devido à sua tagarelice.

Como, normalmente, a alma é empurrada passo a passo para cair, quando não evitamos as palavras ociosas, caímos nas palavras nocivas: inicialmente, há o prazer de falar das coisas alheias; depois, por detração, fere a vida daqueles dos quais fala e, enfim, a língua se precipita em claras injúrias. Daqui nascem as provocações, se desencadeiam rixas, se acendem as chamas do ódio e se extingue a paz dos corações. Por isso, justamente, diz Salomão: *Quem deixa escapar as águas dá início às brigas.*⁹⁹ Deixar escapar as águas é deixar escapar uma enxurrada de palavras de sua língua. E, ao contrário, se diz noutra parte: *Água profunda são as palavras que saem da boca do homem.*¹⁰⁰ Portanto, quem deixa escapar as águas é causa de brigas, porque quem não modera sua língua rompe a concórdia. Também está escrito em sentido inverso: *Quem impõe silêncio ao insensato aplaca as iras.*¹⁰¹

O profeta testemunha, além disso, que um homem escravo da sua tagarelice não pode conservar a retidão da justiça, quando diz: *O homem linguarudo não tem o direito de caminhar sobre a terra.*¹⁰² Eis por que Salomão diz ainda: *Na tagarelice, não faltará o pecado.*¹⁰³ E Isaías: *Garantia de justiça é o silêncio,*¹⁰⁴ fazendo compreender que se descuida da justiça da alma quando não se guarda da tagarelice sem medida. E Tiago: *Se alguém pensa que é religioso e não sabe controlar a língua está enganando a si mesmo, e sua religião não vale nada.*¹⁰⁵ E ainda: *Cada um seja pronto para ouvir, mas lento para falar.*¹⁰⁶ E, definindo a potência da língua, acrescenta: *É um mal sem freio e está cheia de um veneno mortal.*¹⁰⁷ A própria Verdade nos adverte, dizendo: *Eu digo a vocês: no dia do julgamento, todos devem prestar contas de cada palavra inútil que tiverem falado.*¹⁰⁸ A palavra inútil é aquela que não é motivada por justa necessidade ou por uma intenção de pia utilidade. Portanto, se se deverá prestar conta até de uma palavra inútil, reflitamos quão grande pena será dada à tagarelice, pela qual se peca também com palavras que causam dano.

CAPÍTULO 15

(39) É preciso admoestar de modo diferente os preguiçosos e os impulsivos.

É preciso admoestar de modo diferente os preguiçosos e os impulsivos. Aos primeiros, é preciso dizer que não deixem passar a ocasião de fazer o bem, deixando-a para depois; aos outros, é preciso dizer que não antecipem imprudentemente o tempo de uma boa ação, diminuindo assim o relativo merecimento. É preciso fazer compreender aos preguiçosos que, muitas vezes, quando, havendo a possibilidade, não queremos fazer o bem no momento oportuno, pouco depois, quando quereríamos agir, não podemos mais. A alma indolente que não se acende por um suficiente fervor sacrificará

completamente seus bons desejos, preguiçosamente invadida por um grande torpor. Por isso, justamente, Salomão afirma: *A preguiça conduz ao letargo.*¹⁰⁹ O preguiçoso, de fato, até que percebe bem, de algum modo está acordado, mas, quando não faz nada, se adormenta. Diz-se que a preguiça conduz ao letargo porque, quando cessa a preocupação de fazer o bem, pouco a pouco se perde inclusive cuidado de pensar bem. Por isso, se acrescenta, com razão: *A alma indolente sofrerá fome.*¹¹⁰ A alma, quando por negligência não aspira às coisas superiores, se dispersa em baixos desejos. A força de altos ideais não mais a polariza e ela é atraída pela fome de baixas ambições. De modo que, quanto mais rejeita aceitar os vínculos de uma disciplina, tanto mais se dispersa, faminta, na busca de prazeres. Por isso, Salomão ainda escreve: *O indolente é cheio de ambições.*¹¹¹ E a Verdade mesma proclama: quando um espírito sai, a casa é considerada limpa; porém, quando está vazia, ele volta com muitos outros que a ocupam.¹¹²

Geralmente, quando o preguiçoso deixa de fazer o que é necessário, deixa-se envolver, sem justos motivos, por algumas apreensões e assim, encontrando alguma coisa que, segundo ele, há razão de temer, faz ver que a sua inatividade não pode ser considerada como ócio. Sobre ele, diz bem Salomão: *Por causa do frio, o preguiçoso não quis trabalhar; no verão, ele mendigará e nada lhe será dado.*¹¹³ O preguiçoso não trabalha por causa do frio quando, deixando-se dominar pelo torpor e pela preguiça, ao pensar o que deve fazer, se desculpa e não o faz. Também deixa de trabalhar pelo frio quando teme males pequenos do adversário e tolera que se cometam males maiores. A palavra é, portanto, justa: *no verão ele mendigará e nada lhe será dado.* Quem agora não cumpre boas obras com o suor da sua fronte implorará em vão que entre no Reino, quando aparecerá no seu fulgor o sol do juízo, como quem no verão mendiga sem nada receber. É dito ainda, sempre por Salomão: *Quem fica olhando o vento nunca semeará; quem fica olhando as nuvens jamais colherá.*¹¹⁴ Que simboliza o vento, senão a tentação dos espíritos impuros? E o que designam as nuvens movidas pelo vento, senão as adversidades dos depravados? Com efeito, os ventos empurram as nuvens, como o sopro dos espíritos malignos move os depravados. Portanto, *quem fica olhando o vento nunca semeará; quem fica olhando as nuvens jamais colherá*, teme a tentação dos espíritos malignos, teme a perseguição dos depravados e não semeia agora o grão das obras boas, nem colherá depois as espigas da santa recompensa.

Por outro lado, aos impulsivos é preciso aconselhar que, quando antecipam o tempo oportuno de fazer boas obras, chegam a perder seu valor e, com frequência, chegam a cair no mal, não sabendo de modo algum discernir o bem. Eles não examinam o que e quando fazer; porém, normalmente, reconhecem que não deveriam ter feito assim. É a estes, na pessoa de um ouvinte, que se dirige Salomão: *Meu filho, não faça nada sem refletir, e não se arrependerá da ação cumprida.*¹¹⁵ E de novo: *Que seus olhos precedam os seus passos.*¹¹⁶ Os olhos precedem os passos quando uma boa deliberação precede a ação. Quem negligencia prever com atenção o que fará e move apressadamente os passos caminha com os olhos fechados e, continuando seu caminho, não enxerga diante de si e, por isso mesmo, cai à terra, porque não considera, através dos olhos da deliberação, onde deve pousar o pé do seu agir.

CAPÍTULO 16

(40) É preciso admoestar de modo diferente os mansos e os coléricos.

É preciso admoestar de modo diferente os mansos e os coléricos. Quando exercem a autoridade, às vezes, os mansos são sujeitos a um defeito semelhante a sua mansidão, muito próximo ao torpor da indolência. E, com frequência, com uma mansidão demasiado indulgente, eles suavizam mais que o

necessário o rigor da severidade. Os coléricos, ao contrário, quando ocupam um cargo de governo, deixam-se envolver pela cólera e se perdem no turbamento do espírito; assim, perturbam a vida dos seus súditos, tirando-lhes a tranquilidade. Estes, quando ficam furiosos, não sabem o que fazem quando tomados pela cólera e não se dão conta do mal que fazem a si mesmos. Às vezes, e isso é mais grave, eles pensam que a explosão de cólera seja zelo pela justiça. E quando o vício é considerado virtude, as faltas crescem sem temor algum. Desse modo, frequentemente, os mansos se entorpecem no tédio do relaxamento, e os coléricos se enganam quanto ao zelo pela retidão. A virtude dos primeiros se reveste de um vício secreto; os outros consideram seu vício uma fervorosa virtude. É preciso, por conseguinte, exortar os mansos a fugir do mal que lhes está bem próximo, e os coléricos a prestar atenção a um mal que está neles mesmos; os primeiros, a discernir o que não têm; os outros, o que têm. Que os mansos se empenhem em ser mais solícitos; os coléricos condenem a própria irritabilidade. É preciso exortar os mansos a procurar ter também o zelo pela justiça e os coléricos, a unir a mansidão ao zelo que eles reputam ter. Se o Espírito Santo se manifestou a nós na forma de uma pomba e também de fogo, é porque àqueles que ele preenche ele dá a doce simplicidade da pomba e o fogo ardente do zelo.

Não, não está pleno do Espírito Santo o homem que, na sua tranquila mansidão, abandona o fervor do zelo, nem aquele que, no ardor do zelo, perde a virtude da mansidão. Nós podemos demonstrar bem isso, citando um ensinamento de Paulo. A dois discípulos, dotados de semelhante caridade, ele dá diferentes conselhos para a pregação. A Timóteo, dirige esta exortação: *Corrija, exorte, repreenda, com toda paciência e doutrina.*¹¹⁷ E a Tito: *Diga-lhes todas estas coisas. Exorte-os e repreenda-os com toda a autoridade.*¹¹⁸ Por que Paulo dá o seu ensinamento com tanta arte, insistindo, junto a Tito, de apresentar-se com autoridade e, junto a Timóteo, com paciência, senão porque viu no coração de um mais mansidão e um pouco mais de ardor no coração do outro? Num, ele atíça a chama do zelo; no outro, ele a modera pela mansidão da paciência. Ele acrescenta num o que falta; no outro, ele tira o que tem em excesso. A Tito, procura impulsionar com um estímulo; a Timóteo, moderá-lo com um freio. Esse grande cultivador da Igreja, que a ele foi confiada, irriga alguns ramos para que cresçam, e poda aqueles que vê crescer mais que o necessário, para que não aconteça que alguns não deem fruto porque não crescem e outros o percam por crescerem excessivamente.

É muito diferente a cólera que aparece como se fosse zelo da cólera que transtorna um coração turbado, inclusive sem algum pretexto da justiça. A primeira se revela desordenada naquilo que deve; porém, a outra explode sempre em âmbitos que não deve. Por isso, é preciso saber que os coléricos diferem dos impacientes porque estes não toleram as ofensas recebidas, enquanto os outros são eles mesmos os autores daquilo que deve ser suportado. Os coléricos vos perseguem mesmo se vós vos esquivais, provocam rixas, se contentam em afadigar-se em polêmicas; a correção em relação a estes obtém melhor resultado se os evitamos enquanto estão no ardor da sua cólera. De fato, no momento da irritação, eles não se dão conta do que ouvem, mas reentrados em si mesmos, eles acolhem com mais boa vontade as palavras de exortação, enquanto se envergonham de ter sido suportados com calma. A uma alma enfurecida, tudo o que se pode dizer de justo lhe parece falso. Eis por que Abigail fez bem em silenciar diante da falta de Nabal, quando este estava embriagado, como fez bem em dizer-lhe quando lhe havia passado o efeito do vinho.¹¹⁹ Assim, ele pôde tomar consciência do mal realizado, enquanto na embriaguez não a teria escutado.

Quando os coléricos agridem sem que se possa esquivá-los, não devem ser repreendidos abertamente, mas é preciso tratá-los com cautela. Tudo isso é mais bem esclarecido se

considerarmos o exemplo de Abner. Quando Asael o perseguia com ímpeto exagerado, diz a Escritura a respeito de Abner: *Abner disse a Asael: “Pare de me perseguir. Por que eu haveria de ferir você e deixá-lo no chão?”*. Mas Abner não quis escutá-lo e não quis se afastar. Então, Abner *lhe furou a barriga com a parte de trás da lança e Asael morreu ali mesmo.* ¹²⁰ Quem representa Asael, senão aqueles que se deixam levar precipitadamente por um impulso de cólera? Estes, no ímpeto da ira, devem ser prudentemente evitados, porque se deixam arrastar ao ponto da loucura. Abner, que significa “luz do pai”, fugiu. Quer dizer: se a língua dos mestres, que faz conhecer a suprema luz de Deus, quando se dá conta de que a alma de alguém se deixa levar pelos precipícios da ira, e não lhe lança as flechas da sua palavra, age como quem não quer ferir aqueles que o perseguem. Quando, porém, os coléricos não se acalmam de nenhum modo e, como Asael, não param de agredir e de comportar-se de modo insano, é necessário que aqueles que procuram acalmá-los não se deixem, eles mesmos, arrastar pela ira, mas demonstrem toda tranquilidade possível. Todavia, não deixem de dizer sutilmente algumas coisas que toquem indiretamente a alma do encolerizado. Por isso, Abner, enfrentando o seu perseguidor, não o transpassou com um golpe direto de lança, e sim com a parte de trás da lança. Transpassar com o ferro da lança significa enfrentar com o ímpeto de uma clara repreensão. Golpear o perseguidor com a parte de trás da lança significa tocar com calma o homem enfurecido com uma ou outra palavra, e vencê-lo como que com respeito. Não obstante, Asael morreu imediatamente, e isso significa que as almas turbadas pela ira, quando sentem respeito em relação a elas e são tocadas no mais íntimo com respostas razoáveis e tranquilas, logo abaixam o tom exaltado que usavam. Aqueles que, tocados com suavidade, voltam atrás no ímpeto da sua cólera, são como quem morre quase sem ser alcançado pelo ferro da lança.

CAPÍTULO 17

(41) **É preciso admoestar de modo diferente os humildes e os orgulhosos.**

É preciso admoestar de modo diferente os humildes e os orgulhosos. Aos primeiros, é preciso fazer compreender como é verdadeira a grandeza que, na esperança, já possuem; é preciso persuadir os outros de que nada vale a glória temporal que eles, mesmo segurando estreitamente, não possuem. Que os humildes ouçam dizer que os bens aos quais aspiram são eternos e que são passageiros aqueles que eles desdenham; que os orgulhosos ouçam dizer que são efêmeros os bens que ambicionam, e eternos aqueles que eles perdem. Ouçam os humildes a voz magistral da Verdade: *Quem se humilha será exaltado.* ¹²¹ Ouçam os orgulhosos: *Quem se exalta será humilhado.* ¹²² Ouçam os humildes: *A humildade precede a glória.* ¹²³ Ouçam os orgulhosos: *A arrogância precede a ruína.* ¹²⁴ Ouçam os humildes: *Sobre quem pousarei os meus olhos, senão sobre o homem humilde e sereno, e que teme a minha palavra?* ¹²⁵ Ouçam os orgulhosos: *Por que se orgulham a terra e a cinza?* ¹²⁶ Ouçam os humildes: *Deus pousa o seu olhar sobre quem é humilde.* ¹²⁷ Ouçam os orgulhosos: *De longe ele conhece o soberbo.* ¹²⁸ Ouçam os humildes: *O Filho do homem não veio para ser servido, mas para servir.* ¹²⁹ E os orgulhosos: *O início de todo pecado é o orgulho.* ¹³⁰ Ouçam os humildes: *Nosso redentor humilhou-se a si mesmo, fazendo-se obediente até a morte.* ¹³¹ Ouçam os orgulhosos o que foi escrito sobre o seu chefe: *Ele é rei sobre todos os filhos do orgulho.* ¹³² O orgulho do diabo se tornou ocasião de nossa perdição, e a humildade de Deus, o instrumento de nossa redenção. De fato, nosso inimigo, criado como as demais criaturas, quis aparecer superior a todos; nosso redentor, ao contrário, sem deixar de ser grande, acima de todos os seres criados, dignou-se fazer-se pequeno entre todos.

Diga-se, portanto, aos humildes: enquanto se abaixam, eles ascendem à semelhança de Deus. Diga-

se aos orgulhosos: enquanto se enaltecem, se precipitam à imitação do anjo apóstata. Assim, o que existe de mais desprezível que o orgulho, que, quanto mais se eleva, mais se distancia do vértice da verdadeira grandeza? E o que existe de mais sublime que a humildade, que, quanto mais se abaixa, mais se une ao seu Criador, que habita acima do que há de mais elevado?

Há, todavia, a respeito dessas pessoas, outro tema sobre o qual ocorre refletir com prudência. Com frequência, algumas ficam iludidas pela aparência de humildade, enquanto outras se enganam, ignorando o próprio orgulho. Não é raro que algumas pessoas que se creem humildes tenham, diante dos outros, um temor que não deveriam ter e, por outro lado, que pessoas orgulhosas se caracterizem por um grande atrevimento no falar. Quando, então, se faz necessário repreender um vício, as primeiras se calam por temor, pensando que o fazem por humildade, e os orgulhosos falam com a impaciência da soberba, pensando fazê-lo com a franqueza da retidão. O temor faltoso, sob a aparência da humildade, não permite aos humildes repreender o que está errado; o ímpeto do orgulho impulsiona, ao contrário, os outros, sob o pretexto da liberdade, a repreender o que não devem ou a repreender de modo excessivo. É preciso, portanto, recordar aos orgulhosos que a sua liberdade tem limites, e recordar aos humildes que a sua deferência pode ser excessiva, de modo que os primeiros não façam da defesa da verdade um exercício de orgulho, e que os segundos, esforçando-se de respeitar as pessoas, mais do que deveriam, não acabem por respeitar até mesmo os seus vícios.

Devemos também dizer que, com frequência, corrigem-se mais eficazmente os orgulhosos se unimos às correções o conforto de alguns elogios. É preciso fazer-lhes presentes as qualidades que eles possuem, ou aquelas que poderiam ter, se não as possuem. É preciso repreender o mal que deles nos desagrada, quando o reconhecimento das suas qualidades, coisa sempre agradável, tiver disposto as suas almas à escuta. Também com os cavalos ainda não domados costumamos antes acariciá-los com a mão, para poder, depois, submetê-los totalmente, até mesmo com o arreio. A um remédio amargo se acrescenta a doçura do mel, para que, tomando o que será de proveito para a saúde, não se sinta demais a amargura desagradável ao paladar; e assim, enquanto o gosto amargo é enganado pela doçura, o humor portador de morte é vencido pelo amargo do remédio. Com os orgulhosos, é preciso adoçar as primeiras frases da repreensão com a mistura do elogio; recebendo os cumprimentos que tanto lhes agradam, acolherão também as correções que tanto detestam.

Normalmente podemos também convencer com melhor eficácia os orgulhosos se lhes dizemos que os seus progressos beneficiam mais a nós que a eles, e se lhes pedimos que se emendem como um favor, mais para nós que para eles mesmos. O orgulho, de fato, se curva mais facilmente ao bem, se acredita que, curvando-se, beneficiará aos outros. Por isso que Moisés, conduzido por Deus e continuando o seu caminho pelo deserto guiado pela coluna de nuvem, quando quis tirar o seu parente Hobab do meio pagão em que vivia e submetê-lo à autoridade de Deus todo-poderoso, disse-lhe: *“Vamos partir para o lugar que o Senhor prometeu dar para nós. Venha conosco e o trataremos bem, porque o Senhor prometeu coisas boas para Israel”*. Hobab respondeu: *“Não irei com você; retornarei ao meu país, lá onde nasci”*. Moisés insistiu: *“Não nos abandone, porque você conhece este deserto e os lugares onde podemos acampar. Você pode ser nosso guia”*. ¹³³ Não era certamente a ignorância a respeito da viagem que preocupava Moisés, ao qual o conhecimento da divindade havia aberto a sua alma à ciência profética; a coluna de nuvem, precedendo-o, indicava a estrada, e a familiaridade com Deus, na assídua conversação com ele, o instruíam interiormente sobre qualquer assunto. Todavia, dirigindo-se a um ouvinte soberbo, esse homem verdadeiramente prudente pediu-lhe uma ajuda; pediu-lhe que fosse o guia para o caminho, a fim de se tornar, ele, Moisés, o seu guia para a vida. Desse modo, portanto, fez com que o seu soberbo ouvinte, julgando-

se necessário, se abandonasse docilmente à voz daquele que o exortava ao bem; assim, acreditando ter a precedência em relação a quem o exortava, ele seria mais dócil à sua exortação.

CAPÍTULO 18

(42) É preciso admoestar de modo diferente os obstinados e os inconstantes.

É preciso admoestar de modo diferente os obstinados e os inconstantes. É preciso dizer aos primeiros que eles acreditam ser mais do que na realidade são e, por isso, não acolhem os conselhos dos outros; é preciso fazer compreender aos segundos que, desprezando-se, fazem demasiado pouco caso de si mesmos e, por isso, devido à insegurança de seus pensamentos, mudam de parecer a cada momento. Aos obstinados, é preciso dizer que, se não se julgassem melhores que os outros, não submeteriam os conselhos dos outros à sua decisão; é preciso dizer aos inconstantes que, se fossem mais atentos àquilo que são, o vento da mutabilidade não os arrastaria por tantos lugares diferentes. Aos primeiros, Paulo diz: *Não se considerem sábios aos próprios olhos.*¹³⁴ Pelo contrário, ouçam os outros: *Não nos deixemos levar de lá e de cá por qualquer vento de doutrina.*¹³⁵ Sobre os primeiros, diz Salomão: *Eles comerão os frutos do seu comportamento e ficarão fartos de seus próprios conselhos.*¹³⁶ E sobre os segundos, escreve: *O coração do insensato será inconstante.*¹³⁷

O coração dos sábios é sempre coerente consigo mesmo, porque, aderindo às sugestões justas, ele se orienta constantemente a fazer o bem. O coração dos insensatos, ao contrário, é inconstante, porque, sempre sob o domínio de variações, não permanece coerente com o que era antes. E como certos vícios geram espontaneamente outros, é muito importante saber que podemos melhor fazê-los desaparecer se, com a correção, secamos a própria fonte de suas amarguras. A obstinação nasce do orgulho, a inconstância da fragilidade de caráter.

É preciso exortar os obstinados a reconhecer o seu orgulho de espírito e a se aplicar para vencer a si mesmos; que, desdenhando externamente aceitar os justos conselhos de outros, eles não acabem ficando prisioneiros do orgulho. É preciso exortá-los a considerar seriamente que o Filho do homem, cuja vontade era sempre somente uma com a do Pai, nos diz, para nos indicar como vencer a nossa própria vontade: *Eu não busco a minha vontade, mas a do Pai que me enviou.*¹³⁸ E para exaltar mais ainda a beleza desta virtude, inicia dizendo que ele a conservará no juízo final: *Eu não posso fazer nada por mim mesmo, mas julgo segundo aquilo que escuto.*¹³⁹ Com que consciência pode um homem recusar-se a se submeter à vontade alheia, quando o Filho de Deus e do homem afirma que, no dia em que manifestar o seu poder glorioso, não poderá julgar por si mesmo?

Por outro lado, é preciso exortar os inconstantes a robustecer a própria alma com a força da ponderação. Pois, se arrancam de seus corações as raízes de sua volubilidade, fazem secar neles os brotos da variabilidade; um sólido edifício pode ser construído somente se antes foi providenciado um lugar seguro sobre o qual pôr os fundamentos. Assim, se não se começa corrigindo a volubilidade de espírito, não se vencerá a inconstância dos pensamentos. Paulo testemunha haver se mantido longe destas coisas, quando diz: *Será que fui leviano? Será que meus projetos foram inspirados por objetivos puramente humanos, de tal modo que em mim existe “sim” e “não” ao mesmo tempo?*¹⁴⁰ Como se dissesse claramente: “Eu não me deixo levar pelo vento da inconstância, porque não cedo a este defeito que é a volubilidade”.

CAPÍTULO 19

(43) É preciso admoestar de modo diferente os gulosos e os temperantes.

É preciso admoestar de modo diferente os gulosos e os temperantes: porque a gula é acompanhada pela tagarelice, pela inconstância no trabalho e pela luxúria; a temperança é, muitas vezes,

acompanhada pela impaciência e pelo pecado de orgulho. Se os prazeres do paladar não causassem uma excessiva necessidade de falar, o rico da parábola, do qual se diz que fazia, a cada dia, luxuosos banquetes, não teria sentido tão dolorosamente na sua língua o ardor do fogo, ao ponto de dizer: *Pai Abraão, tem piedade de mim! Manda Lázaro molhar a ponta do dedo para me refrescar a língua, porque este fogo me atormenta.*¹⁴¹ Essas palavras demonstram que, banquetecendo a cada dia, ele havia pecado mais frequentemente com a língua, visto que, imerso totalmente no fogo, pedia que lhe refrescasse especialmente a língua.

Além disso, que a inconstância no trabalho acompanha a gula, a autoridade da Sagrada Escritura o confirma: *O povo sentou-se para comer e beber, e depois se levantou para se divertir.*¹⁴² A voracidade, normalmente, leva à luxúria, porque a saciedade que dilata o ventre excita o aguilhão da voluptuosidade. Por isso, ao astuto inimigo que despertou a sensibilidade do primeiro homem para a avidez do fruto, sujeitando-o depois pelo laço do pecado, a voz divina disse: *Você se arrastará sobre o seu peito e o seu ventre,*¹⁴³ como para dizer-lhe abertamente: “Tu dominarás os corações humanos por meio do pensamento e da voracidade”. Que a luxúria acompanhe a gula, o profeta o atesta, fazendo compreender o sentido oculto de um fato constatado: *O chefe dos cozinheiros destruiu os muros de Jerusalém.*¹⁴⁴ O chefe dos cozinheiros é o ventre, ao qual os cozinheiros dedicam grande atenção, de modo que se preencha de manjares agradáveis. Os muros de Jerusalém são as virtudes da alma que se eleva ao desejo da paz que vem do alto. O chefe dos cozinheiros abate os muros de Jerusalém, porque, quando dilata o ventre pela gulodice, as virtudes da alma são destruídas pela luxúria.

Por outro lado, se as almas dos temperantes, normalmente, não perdessem a serenidade interior, por causa da impaciência, Pedro não teria dito: *Unam à fé de vocês a virtude, à virtude a ciência, à ciência a abstinência,* e não teria logo acrescentado com perspicácia: *à abstinência, a paciência.*¹⁴⁵ Previu que a paciência faltaria aos temperantes e exortou-os para que a cultivassem. Além disso, se o vício do orgulho não se introduzisse alguma vez nos pensamentos dos temperantes, Paulo não teria dito: *Aquele que não come não julgue aquele que come.*¹⁴⁶ E a outros destinatários, aludindo às prescrições de pessoas que se gloriavam de virtuosa temperança, ele acrescenta: *Estas prescrições de piedade, humildade e severidade com o corpo têm ares de sabedoria, mas na verdade não têm nenhum valor, a não ser a satisfação da carne.*¹⁴⁷

É preciso notar a esse propósito que, na sua declaração, o grande pregador une à escrupulosa piedade a humildade aparente, porque, quando o corpo é colocado à prova mais que o necessário através da abstinência, externamente se mostra humilde, mas internamente nasce um senso de orgulho agravado mais ainda por causa dessa humildade. Se o seu espírito não tivesse se envaidecido pela sua virtuosa abstinência, o fariseu arrogante não a teria incluído entre os seus grandes méritos, dizendo: *Eu jejuo duas vezes na semana.*¹⁴⁸ Devem-se, portanto, exortar os escravos da gula, para que, entregando-se aos prazeres dos alimentos, não se deixem transpassar pela espada da luxúria; que vejam bem de quais perigos a boa mesa os ameaça: tagarelice, volubilidade de caráter. Servindo sem moderação o próprio ventre, eles se deixariam cruelmente ligar pelas amarras dos vícios. Distancia-se, de fato, mais do segundo Adão quanto mais se repete a queda do primeiro, pelo hábito imoderado de estender as mãos para os alimentos.

Pelo contrário, aos temperantes é preciso exortar que considerem sempre com atenção que, fugindo do vício da gula, poderiam ver nascer, da sua própria virtude, vícios mais graves; que considerem que a mortificação da carne pode provocar bruscas impaciências do espírito e que vencer a carne não será mais uma virtude, se o espírito for dominado pela ira. Às vezes, quando os

temperantes reprimem a própria ira, são invadidos por uma estranha alegria que os corrompe; desvanece-se, assim, o mérito da abstinência, pelo fato de que se guardam menos dos vícios do espírito. Por isso, diz justamente o profeta: *Nos dias em que vocês jejuam, vocês dão lugar aos prazeres,* [149](#) e um pouco depois: *Vocês jejuam entre rixas, discussões e golpeando com socos.* [150](#) O prazer está ligado com a alegria, e os socos, com a ira. Portanto, em vão se mortifica o corpo pela abstinência, se a alma, cedendo a seus movimentos desordenados, é desfeita pelos vícios. É preciso também exortar os temperantes para que continuem praticando a abstinência sempre e sem relaxamento, e que jamais creiam que esta é a virtude mais extraordinária aos olhos do juiz invisível, de modo que, considerando-a demasiadamente meritória, não acabem tendo o coração embriagado pelo orgulho. Também foi dito por um profeta: *Por acaso é este o jejum que eu escolhi? Não! Reparta o seu pão com quem tem fome e introduza os pobres e os sem-teto na sua casa.* [151](#)

Sem o apoio de outras virtudes – tomemos consciência! –, como a virtude da abstinência aparece pequena! Eis por que Joel diz: *Santifiquem o jejum.*¹⁵² Santificar o jejum é apresentar a Deus uma abstinência digna dele, acompanhando-a com outras virtudes. É preciso exortar os temperantes para que saibam que a abstinência oferecida a Deus lhe agrada quando eles dão generosamente aos pobres os alimentos dos quais se privam. Deve-se escutar com atenção a repreensão do Senhor feita por meio do profeta: *Quando vocês, durante setenta anos, jejuaram e bateram no peito a cada quinto mês e a cada sétimo mês, por acaso foi para mim que vocês jejuaram? E quando vocês comem e bebem, não é para vocês mesmos que estão comendo e bebendo?*¹⁵³ Jejua-se para si mesmo e não para Deus, se não se distribui aos pobres aquilo que, por um tempo, se subtrai ao estômago e que se guarda para comer depois.

Portanto, que a gula não leve os gulosos à decadência do espírito, nem a mortificação da carne faça cair os temperantes pelo orgulho. Que os primeiros ouçam o que diz a Verdade: *Tomem cuidado para que o coração de vocês não fique insensível por causa da gula, da embriaguez e das preocupações deste mundo.*¹⁵⁴ E acrescenta uma salutar ameaça: *E esse dia não caia de repente sobre vocês. Pois esse dia cairá, como armadilha, sobre todos aqueles que habitam a face de toda a terra.*¹⁵⁵ Que ouçam os temperantes: *Não é o que entra pela boca que torna o homem impuro, mas o que sai da boca, isso torna o homem impuro.*¹⁵⁶ Que ouçam os gulosos: *Os alimentos são para o estômago e o estômago para os alimentos. Sim, mas Deus destruirá os dois.*¹⁵⁷ E ainda: *Nem orgias, nem bebedeiras.*¹⁵⁸ E ainda: *Não são os alimentos que nos aproximam de Deus.*¹⁵⁹ Ouçam os temperantes: *Tudo é puro para os puros; mas nada é puro para os impuros e sem fé.*¹⁶⁰ Ouçam os gulosos: *O deus deles é o ventre, sua glória está no que é vergonhoso.*¹⁶¹ Ouçam os temperantes: *Alguns renegarão a própria fé,*¹⁶² e um pouco depois: *Proibirão o casamento, exigirão abstinência de certos alimentos, embora Deus tenha criado essas coisas para serem recebidas com ação de graças por aqueles que têm fé e conhecem a verdade.*¹⁶³ Ouçam os gulosos: *É melhor não comer carne, nem beber vinho ou qualquer outra coisa, quando isso é ocasião de tropeço, escândalo e queda para o irmão.*¹⁶⁴ Ouçam os temperantes: *Tome um pouco de vinho, por causa do estômago e das frequentes fraquezas que você tem.*¹⁶⁵ Tudo isso, para que os gulosos aprendam a não buscar de modo desregrado os alimentos para o corpo e os temperantes, a não atrever-se a condenar os bens criados por Deus que eles não desejam.

CAPÍTULO 20

(44) É preciso admoestar de modo diferente aqueles que, sensíveis aos pobres, doam de seus bens, e aqueles que tentam roubar dos bens dos outros.

É preciso admoestar de modo diferente aqueles que, sensíveis aos pobres, doam de seus bens e aqueles que tentam roubar dos bens dos outros. Aos primeiros, é preciso dizer que não se coloquem, com o inchaço do orgulho, acima daqueles aos quais eles distribuem dos seus bens e que não se creiam melhores do que os outros porque veem pessoas às quais garantem a subsistência. Um dono de uma casa, aqui na terra, distribuindo cargos e serviços entre os seus criados, estabelece que alguns governem e que outros sejam governados. Aos primeiros, ele ordena que forneçam o necessário aos outros, e que estes o recebam. Todavia, frequentemente, os que governam desagradam ao pai de família, enquanto os governados dele recebem aprovação. Assim, os administradores atraem a ira e aqueles que subsistem graças à gerência de outros continuam a servir sem dano. É preciso exortar aqueles que, sensíveis aos pobres, doam de seus bens, para que se reconheçam como administradores estabelecidos pelo Senhor do céu, para repartir os bens temporais, e que eles os

distribuem com humildade, conscientes de que os bens que distribuem não lhes pertencem. Considerando-se postos a serviço daqueles aos quais eles doam dos bens que eles mesmos receberam, não se exaltem orgulhosamente, mas que o temor torne humildes as suas almas.

É, portanto, necessário que reflitam com grande atenção para não ser injustos na distribuição do que lhes foi confiado; não aconteça que deem algumas coisas a quem não deveriam dar nada, nem deixem de dar a quem deveriam dar algumas coisas; nem deem muito a quem devem dar pouco, nem deem pouco a quem devem dar muito, a fim de não desperdiçar inutilmente o que repartem devido à sua precipitação, nem façam sofrer os que pedem, devido à lentidão em dar-lhes; não se insinue aqui a secreta intenção de receber agradecimento, nem o desejo de louvores passageiros apague a beleza luminosa do ato de doar; nenhuma tristeza acompanhe o gesto da oferta; nenhuma alegria imoderada esteja no fundo do coração quando esse gesto foi bem-feito; quando tudo se fez como se deve, nada seja atribuído aos próprios méritos, para não perder, num segundo, tudo o que se realizou.

Para não atribuir a si mesmos o mérito da própria generosidade, ouçam esta palavra da Escritura: *Se alguém assume um serviço, que seja feito com a força que Deus lhe comunica.*¹⁶⁶ Para que não se regozijem além da medida de suas boas ações, ouçam ainda esta palavra: *Quando vocês tiverem cumprido tudo o que lhes mandarem fazer, digam: “Somos servos inúteis, fizemos o que devíamos fazer”.*¹⁶⁷ Para que a tristeza não altere a generosidade, ouçam: *Deus ama quem dá com alegria.*¹⁶⁸ Para que não se busque um louvor efêmero por causa de um favor realizado, ouçam o que está escrito: *Que a sua mão esquerda não saiba o que fez a sua mão direita,*¹⁶⁹ isto é, que a glória da vida presente jamais se misture com a obra de bondade, e o desejo de recompensa esteja longe de um gesto cumprido com retidão. Para que não se busque o retorno de um dom oferecido, ouçam o que está escrito: *Quando você der um almoço ou um jantar, não convide amigos, nem irmãos, nem parentes, nem vizinhos ricos. Porque esses irão, em troca, convidar você. E isso será para você recompensa. Pelo contrário, quando você der uma festa, convide pobres, aleijados, mancos e cegos. Então você será feliz! Porque eles não lhe podem retribuir.*¹⁷⁰ Para que não se dê muito tarde o que se deve dar rapidamente, ouçam o que está escrito: *Não diga a seu amigo: “Vá embora. Passe depois, que eu lhe darei amanhã”, se você pode lhe dar imediatamente.*¹⁷¹ Para que não se desperdicem inutilmente, sob pretexto de generosidade, os bens que se possui, ouçam o que está escrito: *A sua esmola sue na sua mão.*¹⁷² Para evitar que se dê pouco, quando seria necessário dar muito, ouçam: *Quem semeia com mesquinhez, com mesquinhez há de colher.*¹⁷³ Para evitar dar muito, quando for necessário dar pouco e, depois, não se impacientar por ter de suportar a escassez, ouçam o que está escrito: *Não queremos que o alívio para os outros seja causa de aflição para vocês; mas que haja igualdade. Neste momento, o que está sobrando para vocês vai compensar a carência deles, a fim de que o supérfluo deles venha um dia compensar a carência de vocês.*¹⁷⁴ Porque, quando o doador se despoja demais, sem saber suportar a indigência, cria ocasião para impacientar-se consigo mesmo. Ele deve, primeiro, preparar o seu coração à paciência e, depois, dar muito ou até mesmo todos os seus bens; não aconteça que, sobrevivendo a escassez, seja mal suportada e ele perca os méritos das esmolas dadas anteriormente, ou, o que é pior ainda, por causa das murmurações que as seguem, cause a ruína da sua alma. Para que não se deixe de dar algo do pouco que se deveria dar, ouçam o que está escrito: *Dê a quem lhe pede.*¹⁷⁵ Para que não se dê alguma coisa àqueles a quem não se deve dar absolutamente nada, ouçam o que está escrito: *Faça o bem ao justo e não acolha um pecador; seja benfazejo para com o humilde e não dê ao ímpio.*¹⁷⁶ E ainda: *Ofereça o seu pão e o seu vinho sobre o túmulo do justo, e não coma nem beba com os pecadores.*¹⁷⁷

Coloca o seu pão e o seu vinho à disposição dos pecadores aquele que dá ajuda aos iníquos, precisamente porque são iníquos. Por isso, alguns ricos deste mundo, enquanto a fome atormenta os pobres de Cristo, favorecem os comediantes com generosas doações. Por outro lado, quem dá do seu pão a um pecador indigente, não porque é um pecador, mas porque é um ser humano, na verdade não nutre um pecador, mas um justo que é pobre, porque nele, não ama o pecado, mas a sua natureza humana.

É preciso exortar aqueles que, sensíveis aos pobres, doam de seus bens, para que considerem com atenção que, redimindo-se, por meio de suas esmolas, dos pecados cometidos, se esforcem para não cometer outros pecados; que não julguem subornável a justiça de Deus, pensando que podem pecar impunemente, se eles distribuírem dinheiro pelos seus pecados. Porque *a alma vale mais que o alimento, e o corpo vale mais que o vestido.*¹⁷⁸ Quem dá alimento e vestido ao pobre, mas mancha a sua alma e o seu corpo com a iniquidade, oferece à justiça o que é menos precioso e ao pecado o que vale mais: deu de suas coisas a Deus, mas ele, ele mesmo se entregou ao diabo.

Por outro lado, é preciso advertir aqueles que se esforçam de roubar os bens alheios para que ouçam com atenção as palavras que dirá o Senhor, quando ele vier no dia do juízo. Ele declara: *Eu tive fome e vocês não me deram de comer; tive sede e não me deram de beber; eu era estrangeiro e vocês não me acolheram; eu estava nu e não me vestiram; eu estava doente e na prisão, e vocês não me foram visitar.*¹⁷⁹ A estes ele havia dito em precedência: *Afastem-se de mim, malditos. Vão para o fogo eterno, preparado para o diabo e seus anjos.*¹⁸⁰ Note-se que essas pessoas não ouvem dizer que tenham cometido roubos e todo tipo de violências e, todavia, elas são entregues aos fogos eternos do inferno! Disso podemos deduzir a quão grande castigo serão condenados aqueles que roubam os bens alheios, se com tanta severidade são admoestados aqueles que retiveram para si os próprios! Que reflitam seriamente sobre como é grave o reato de furto, se tal pena é reservada a quem não teve generosidade. Reflitam sobre o que merecerá a injustiça cometida, se a bondade não praticada é digna de um castigo tão grande.

Quando os homens têm a intenção de roubar o bem alheio, que ouçam o que está escrito: *Ai daquele que acumula riquezas que não são suas! Até quando acumula, contra si mesmo, o denso lodo?*¹⁸¹ Para o avarento, acumular contra si mesmo denso lodo significa acumular riquezas terrenas à custa do pecado. Quando estes desejam ampliar demasiadamente os espaços onde vivem, ouçam o que está escrito: *Ai daqueles que juntam casa com casa e emendam campo a campo, até ocupar todo o país. Por acaso, somente vocês habitarão na terra?*¹⁸² Como se dissesse claramente: “Até onde vocês querem se expandir, vocês que não conseguem ter companheiros num mundo que é de todos? Vocês oprimem os seus vizinhos, mas encontram sempre outras pessoas das quais dependerão para continuar se expandindo”. Quando aspiram a aumentar suas riquezas, ouçam o que está escrito: *Quem gosta de dinheiro nunca se sacia de dinheiro, e aquele que ama as riquezas não recolherá os seus frutos.*¹⁸³ Se quisesse distribuí-las bem, renunciando a amá-las, recolheria os seus frutos. Mas porque, amando-as, as retém com apego, deixá-las-á aqui, sem fruto. Quando se é ávido de ser repleto de todas as riquezas juntas, que se ouça o que está escrito: *Quem quer enriquecer rapidamente não ficará impune.*¹⁸⁴ Sim, pelo fato de que ele ambiciona aumentar a sua fortuna, não se cuida de evitar o pecado; preso numa gaiola como um pássaro, olha ávido a isca dos bens terrenos, e não se dá conta do laço do pecado que irá estrangulá-lo.

Quando se desejam as vantagens do mundo presente, quaisquer que sejam, e não se pensa nos danos que se sofrerá no futuro, que se ouça o que está escrito: *A posse antecipada de uma herança no final não será abençoada.*¹⁸⁵ Nesta vida, nós iniciamos uma caminhada para chegar aos últimos

tempos e receber a bênção. Aqueles que se apressam desde o início para ter a herança se privam, no fim, de ter parte na bênção: eles aspiram a enriquecer-se aqui por meio da sua culpável cobiça; serão deserdados do patrimônio eterno. Quando se ambiciona ter muito, ou se consegue ter tudo o que se ambiciona, que se ouça o que está escrito: *Que adianta a um homem ganhar o mundo inteiro, se vier a perder a sua alma?*¹⁸⁶ É como se a Verdade dissesse abertamente: “Que adianta a um homem acumular tudo o que está fora dele, em detrimento de um só bem, que é ele mesmo?”. Mas, geralmente, um meio mais rápido para corrigir a avareza dos rapinadores é, pelas palavras daquele que os exorta, mostrar-lhes quanto é fugaz a vida presente e recordar-lhes as histórias daqueles que se esforçaram durante muito tempo para enriquecer neste mundo e, todavia, não puderam ficar muito tempo em posse das riquezas adquiridas, pois uma morte repentina tirou-lhes, num átimo e de uma só vez, tudo o que a sua malícia havia acumulado, nem num átimo nem de uma só vez; aqui deixarão o que haviam roubado e levarão consigo, para o julgamento, a responsabilidade dos seus roubos. Que se ouça o exemplo destas pessoas que, sem dúvida, elas mesmas condenam com suas palavras, para que, retornando em si mesmos depois destes juízos, sintam vergonha em imitar aqueles contra os quais pronunciaram tais juízos de condenação.

CAPÍTULO 21

(45) É preciso admoestar de modo diferente aqueles que, sem desejar os bens dos outros, não distribuem dos seus e aqueles que doam daquilo que possuem, mas sem deixar de roubar do que é dos outros.

É preciso admoestar de modo diferente aqueles que, sem desejar os bens dos outros, não distribuem dos seus e aqueles que doam daquilo que possuem, mas sem deixar de roubar do que é dos outros. É preciso recordar aos primeiros que a terra de onde são tirados os bens é comum para todos os homens e que, por conseguinte, ela oferece a todos, sem distinção, os meios de subsistência. Portanto, em vão se consideram inocentes aqueles que reivindicam para si, como privado, o que é dom de Deus para todos. Negando-se a distribuir os bens recebidos, causam a morte do próximo, porque a cada dia deixam perecer tantas pessoas que morrem na pobreza, guardando para si os alimentos dos pobres. Quando repartimos o que é necessário com os indigentes, não damos generosamente do que é nosso, mas lhes devolvemos o que é deles; mais do que fazer uma obra de misericórdia, nós cumprimos um dever de justiça.

Por isso, a Verdade mesma, falando da precaução com a qual proceder nas obras de misericórdia, diz: *Prestem atenção! Não pratiquem a justiça de vocês diante dos homens.*¹⁸⁷ Em sintonia com essa sentença, o salmista diz: *Com generosidade dê aos pobres. Sua justiça permanece para sempre.*¹⁸⁸ Depois de ter falado da generosidade dispensada aos pobres, preferiu não chamá-la “misericórdia”, mas “justiça”; porque, quanto ao que foi dado pelo Senhor de todos, é justo que aqueles que receberam usem para a utilidade comum. Aqui, a palavra de Salomão: *Aquele que é justo distribui e nada retém.*¹⁸⁹ É preciso advertir estas pessoas para que reflitam com atenção sobre a severidade com a qual o agricultor se lamenta a respeito da figueira que não dava fruto, também porque ela ocupava inutilmente o terreno.¹⁹⁰ A figueira ocupa a terra sem produzir fruto, quando o coração dos avarentos guarda inutilmente o que poderia ser para o proveito de muitos. A figueira ocupa a terra sem produzir fruto quando um insensato sufoca sob a sombra da sua preguiça um pedaço de terra no qual um outro seria capaz de fazer frutificar com o sol das boas obras.

Mas estas pessoas, às vezes, dizem: “Nós usamos daquilo que nos foi dado, não procuramos o que pertence a outros e se também não realizamos algum ato de misericórdia que mereça uma recompensa, não fazemos nada de desonesto”. Tal é o sentimento delas, porque fecham o ouvido do

próprio coração às palavras divinas. Daquele *rico* do Evangelho *que se vestia de púrpura e de linho fino e que fazia a cada dia esplêndidos banquetes*,¹⁹¹ não é dito que ele havia roubado os bens dos outros, mas que ele usara dos seus sem fazê-los frutificar e que, depois desta vida, foi condenado ao suplício do inferno, não porque tivesse feito alguma ação ilícita em si, mas porque se entregou totalmente a alegrias lícitas, usando-as, porém, sem moderação.

É preciso exortar os avarentos a reconhecer que a primeira ofensa que fazem a Deus consiste no fato de que não lhe oferecem, a ele de quem tudo recebem, nenhum sacrifício de misericórdia. Por isso, o salmista diz: *Não apresentará a Deus ofertas de propiciação, nem o preço do resgate pela sua alma*.¹⁹² Pagar o preço do seu resgate significa corresponder com boas obras à graça que nos antecipa o que temos. Para os avarentos, João exclama: *O machado já está posto na raiz das árvores. E toda árvore que não der bom fruto será cortada e jogada no fogo*.¹⁹³ Portanto, os que se consideram inocentes porque não roubam os bens alheios, que se previnam diante do golpe do machado que está próximo e sacudam o torpor de uma insensata segurança; não aconteça que, por não produzir frutos de boas obras, sejam completamente cortados da vida presente, como pela raiz que alimenta as folhas.

Quanto àqueles que doam de seus próprios bens e não deixam de roubar os dos outros, é preciso exortá-los a não querer aparecer generosos: acobertando-se com esta aparência de bondade, tornam-se ainda piores. Repartindo os seus bens sem discernimento, não chegam, sem dúvida, às murmurações de impaciência da qual falamos acima, mas forçados pela falta de recursos se deixam arrastar pela avareza. Qual situação espiritual é mais infeliz? Nestes, a avareza nasce da generosidade, e uma messe de pecados é, pode-se dizer, semeada pela virtude! É preciso, portanto, exortá-los a assegurar, com maturidade, a posse dos seus bens, e depois, a não cobiçar os dos outros. Porque, se a raiz da culpa não for queimada no momento em que ela expande a sua seiva, o espinho da avareza crescerá abundantemente sobre os ramos, sem jamais secar. Consequentemente, desaparece a ocasião de roubar, se o direito de possuir for primeiramente bem estabelecido. Assim, que aqueles que foram exortados ouçam como devem distribuir de seus bens por compaixão, isto é, quando terão aprendido a não desnaturar a sua benfazeja misericórdia, mesclando-a com a maldade do furto. De fato, retomam assim, com violência, o que deram por misericórdia. Mas, uma coisa é praticar a misericórdia por seus pecados, outra coisa é pecar por praticar a misericórdia; neste caso, não pode ser chamada misericórdia, porque, tornada amarga pela seiva de uma raiz venenosa, não pode produzir um fruto saboroso.

Eis por que, por meio do seu profeta, o Senhor desaprova os próprios sacrifícios, dizendo: *Eu sou o Senhor que ama a justiça e detesta a rapina no holocausto*.¹⁹⁴ E ainda: *Os sacrifícios dos ímpios são abomináveis, porque são oferecidos mesmo provindo do crime*.¹⁹⁵ Ora, estes, com frequência, roubam dos pobres o que oferecem a Deus. Entretanto, com qual severidade o Senhor lhes responde, fazendo-os ver por meio de um sábio: *Como quem imola o filho na presença do próprio pai, assim é aquele que oferece sacrifícios com os bens dos pobres*.¹⁹⁶ O que pode haver de mais intolerável que a morte de um filho sob os olhos de seu pai? É bom fazer notar com qual cólera esse sacrifício é visto, tal que se compara à dor de um pai privado do seu filho. Geralmente, eles consideram o que dão, mas evitam pensar no que roubam. Fazem o cálculo de uma recompensa, mas se recusam a considerar as suas culpas. Portanto, que ouçam: *Aquele que acumulou sua recompensa colocou-a numa bolsa furada*.¹⁹⁷ Vê-se bem quando se coloca o dinheiro numa bolsa furada, mas não se vê quando se perde o dinheiro. Por conseguinte, aqueles que olham o quanto distribuem, mas não consideram o quanto roubam, colocam as recompensas numa bolsa furada, porque as acumulam com

a esperança de que estarão seguras, mas, sem se dar conta, as perdem.

CAPÍTULO 22

(46) **É preciso admoestar de modo diferente os litigiosos e as pessoas tranquilas.**

É preciso admoestar de modo diferente os litigiosos e as pessoas tranquilas. É preciso admoestar os litigiosos para que saibam, com clareza, que, ainda que sejam grandes e numerosas as suas qualidades, eles serão absolutamente incapazes de se tornar pessoas espirituais se se descuidarem de viver unidos ao seu próximo pela concórdia. *O fruto do Espírito, está escrito, é a caridade, a alegria, a paz.*¹⁹⁸ Quem não tem o cuidado de conservar a paz se recusa a produzir o fruto do Espírito. Por isso, Paulo diz: *Visto que persistem entre vocês inveja e discórdia, não são vocês carnis?*¹⁹⁹ E ainda: *Procurem estar em paz com todos. Progridam na santidade, porque sem ela ninguém verá o Senhor.*²⁰⁰ E admoesta de novo, dizendo: *Sejam solícitos a conservar a unidade do Espírito pelo vínculo da paz: um só corpo e um só espírito, assim como a vocação de vocês os chamou a uma só esperança.*²⁰¹ Não chegaremos à esperança única à qual fomos chamados, se não correremos para ela unidos de coração com os outros.

Com frequência, alguns, havendo recebido dons especiais, se ensoberbecem e, por isso, perdem o dom da concórdia, que é o mais precioso. Pode acontecer, por exemplo, que alguém domina a sua carne mais que os outros, restando a sua gula, e desdenha manter a concórdia com aqueles que supera por sua abstinência. Quem separa a abstinência da concórdia medite a admoestação do salmista: *Louvem-no com o tamborim e em coro.*²⁰² Num tamborim, um coro seco ressoa sob as batidas; num coro, as vozes são unidas em harmonia. Quem mortifica o seu corpo, mas deixa de lado a concórdia, louva a Deus com o tamborim, mas não o louva em coro. Muitas vezes, um conhecimento maior faz com que alguns se orgulhem e os distancia da comunhão com os outros; e quanto mais crescem o próprio conhecimento, mais perdem o gosto por esta virtude que é a concórdia. Que ouçam o que diz a Verdade em pessoa: *Tenham sal em vocês, e estejam em paz uns com os outros.*²⁰³ Sem a paz, o sal não é o dom de uma virtude, mas um motivo de condenação. Quanto mais uma pessoa conhece, mais grave é sua falta, e merece o suplício sem alguma desculpa possível, porque, com a prudência, se quisessem, poderiam ter evitado o pecado.

A essas pessoas, é dito por meio de São Tiago Apóstolo: *Mas se vocês têm no coração um ciúme amargo e espírito de rivalidade, não fiquem se gabando e não mintam contra a verdade. Esse tipo de sabedoria não vem do alto; é sabedoria terrena, animal, demoníaca. A sabedoria que vem do alto é, antes de tudo, pura e depois pacífica.*²⁰⁴ Pura, porque o seu olhar está isento de tudo o que a ofuscaria; pacífica, porque o orgulho não separa os laços que a unem aos outros. É preciso exortar esses dissidentes para que tenham bem presente que algumas de suas boas ações não podem ser um sacrifício oferecido a Deus enquanto os seus corações não pulsarem de amor ao próximo. *Se você for até o altar para levar a sua oferta e aí se lembrar de que o seu irmão tem alguma coisa contra você, deixe a oferta aí diante do altar e vá primeiro fazer as pazes com seu irmão; depois, volte para apresentar a oferta.*²⁰⁵ Esse preceito demonstra a que ponto resulta intolerável a culpa daqueles cuja oferta é recusada. Todo o mal é purificado por um bem que segue; consideremos quanto é má a discórdia, pois não permite que siga o bem, se não for totalmente eliminada. É preciso exortar os litigiosos para que, se eles fecharem os seus ouvidos aos preceitos divinos, ao menos abram os olhos da própria alma para ver o que se passa nos seres mais inferiores: os pássaros de uma mesma espécie sabem voar em bandos sem se separar, os animais sem inteligência pastam em grupos. Se considerarmos bem, compreendemos que a natureza irracional, de acordo consigo mesma, indica

quanto mal comete a criatura racional por meio da discórdia, quando perde, movida pela razão, o que o seu instinto natural a leva a conservar.

Por outro lado, é preciso exortar as pessoas tranquilas para que não se apeguem mais do que convém à paz que possuem, esquecendo-se de desejar aquela paz que dura para sempre. Muitas vezes, de fato, a tranquilidade das coisas prova duramente o elã das almas: no sentido de que, encontrando-se em situações sem fadiga, amam menos aquelas às quais são chamadas; e quanto mais os bens presentes encantam, menos se procuram os bens eternos. Distinguindo a paz terrena da paz do alto, e convidando os seus discípulos a se orientarem da paz presente à paz futura, a Verdade dizia com sua própria boca: *Eu deixo para vocês a minha paz, eu lhes dou a minha paz.*²⁰⁶ Isto é: “Eu abandono a paz provisória, eu dou aquela que permanece”. Se, portanto, o coração se apega à paz que foi deixada, jamais alcançará aquela que deve ser dada. Por isso, a paz presente deve ser conservada de tal modo que às vezes seja amada e às vezes seja desprezada: se for amada exageradamente, o coração que ama poderia cair na armadilha de uma culpa.

É preciso, portanto, advertir as pessoas tranquilas: que, por um desejo excessivo de estar em paz com todas as pessoas, não se abstenham de denunciar os erros de conduta, e não renunciem, simpatizando com os transviados, à paz que as une ao seu Criador, pois, temendo as controvérsias públicas com os homens, seriam punidas pela ruptura da aliança contraída interiormente. O que é a paz passageira, senão um vestígio da paz eterna? Por conseguinte, o que pode haver de mais insensato do que amar os vestígios deixados pelos passos na poeira, sem amar a pessoa que os deixou impressos? Vinculando-se totalmente pelo pacto da paz interior, Davi afirma não ter nenhuma união de coração com os malvados, quando diz: *Não odiaria eu aqueles que te odeiam? Não detestaria eu aqueles que se rebelam contra ti? Eu os odeio com ódio implacável! Eu os tenho por meus inimigos!*²⁰⁷ Odiar os inimigos de Deus com ódio implacável significa amá-los como suas criaturas, mas desaprovar o que fazem, condenar a sua conduta de transviados, mas servir suas vidas.

Quando não se ousa repreender os malvados, é preciso refletir quão grave culpa é manter-se em paz com eles, visto que um grande profeta ofereceu como sacrifício a Deus o fato de haver atraído contra si, por causa do Senhor, seus inimigos. Eis por que se diz que os homens da tribo de Levi, passando através do acampamento com a espada em punho, se recusaram a perdoar aos pecadores que deveriam ser castigados e consagraram assim suas mãos a Deus.²⁰⁸ Eis por que, desdenhando o favor de seus concidadãos pecadores que se uniam com os Madianitas, Fineias os golpeou, e por meio da sua cólera aplacou a cólera do Senhor.²⁰⁹ A Verdade mesma diz: *Não pensem que eu vim trazer a paz à terra; eu não vim trazer a paz, e sim a espada.*²¹⁰ Os laços de amizade que nós contraímos imprudentemente com os malvados nos associam às suas culpas. Josafat, cuja vida havia merecido até então tantos elogios, é desaprovado por causa da sua amizade com o rei Acab, até o ponto de quase perecer. O Senhor lhe disse por meio do profeta: *Você presta auxílio ao ímpio e você se liga por amizade com aqueles que odeiam o Senhor; portanto, você merece a cólera do Senhor; todavia foram encontradas em você boas ações, porque você fez desaparecerem os bosques sagrados da terra de Judá.*²¹¹ Nós vivemos em discordância com aquele que é a retidão soberana somente pelo fato de que somos, pela amizade, concordes com transviados.

É preciso exortar as pessoas tranquilas a não ter medo de perturbar a paz de seus dias se levantarem a voz para corrigir. Devem também ser exortadas a conservar no íntimo, com total amor, essa paz que exteriormente se turba por uma correção verbal. Davi declara que seguiu conscientemente essas duas regras: *Com aqueles que odeiam a paz, eu era pacífico; quando eu lhes falava, eles me atacavam sem motivo.*²¹² Portanto, enquanto ele falava, era atacado e, entretanto,

mesmo atacado, não perdia a paz, porque nunca deixava, de um lado, de repreender os furiosos e de outro, de amar aos que repreendia. Por isso, também Paulo diz: *Se possível, no que depender de vocês, estejam em paz com todos os homens.*²¹³ Antes de exortar os seus discípulos a estar em paz com todos, ele disse: *Se possível*, e acrescentou: *no que depender de vocês*. É que lhes era difícil corrigir as más ações, permanecendo em paz com todos. Mas quando a paz temporal é turbada no coração dos malvados por nossas correções, é indispensável que ela seja conservada intacta no nosso coração. Paulo tem razão de dizer: *no que depende de vocês*. Isto é: “Como a paz subsiste pelo consentimento das duas partes, se ela for rejeitada por aqueles que são corrigidos, que, ao menos, seja conservada intacta na vossa alma, em vós que corrigis”. Por isso, ele aconselha ainda aos seus discípulos: *Se alguém não obedecer ao que dizemos nesta carta, tomem nota e interrompam as relações com ele, para que crie vergonha*. E acrescenta em seguida: *E não o considerem como inimigo, mas como um irmão.*²¹⁴ Isto é: “Rompei com ele a paz exterior, mas conservai no fundo do coração, em relação a ele, a paz interior; que vosso desacordo golpeie a alma em culpa, sem que a paz, mesmo recusada, se aparte dos vossos corações”.

CAPÍTULO 23

(47) **É preciso admoestar de modo diferente os semeadores de discórdias e os artesãos de paz.**

É preciso admoestar de modo diferente os semeadores de discórdias e os artesãos de paz. Os primeiros devem ser exortados a dar-se conta de quem são seguidores. Está escrito sobre o anjo apóstata, quando se falou do joio misturado com o trigo: *O inimigo fez isso.*²¹⁵ A respeito da pessoa que o tem por chefe, disse Salomão: *Um apóstata, um homem inútil, anda usando palavras enganadoras, pisca o olho, arrasta os pés, fala com os dedos, seu coração perverso planeja a maldade e, em todas as circunstâncias, ele semeia discórdias.*²¹⁶ Salomão queria designar um semeador de discórdias e o chamou antes de tudo apóstata, porque se ele, como o anjo que se tornou orgulhoso, não tivesse primeiro caído interiormente longe da vista do seu Criador, do qual a sua alma havia se destacado, não teria chegado, depois, externamente, a semear discórdias. É justo descrevê-lo como homem que pisca os olhos, fala com os dedos e arrasta os pés. Está, de fato, no íntimo, o posto de vigilância que mantém, externamente, os membros bem ordenados. Aquele cuja alma perdeu a sua estabilidade deixa-se levar, por conseguinte, externamente, a uma caprichosa agitação, e sua inconstância exterior indica que ele não tem raízes que o sustentam.

Ouçam os semeadores de discórdias o que está escrito: *Felizes os artesãos da paz, porque serão chamados filhos de Deus.*²¹⁷ Por contraste, deduzam: se os operadores de paz são chamados filhos de Deus, aqueles que a perturbam são, sem dúvida, filhos de Satanás. Ora, todos aqueles que pela discórdia se separam da seiva da caridade secam. E mesmo que produzam frutos de boas obras nas suas ações, esses frutos não valem nada, porque não provêm da caridade que é una. Portanto, os semeadores de discórdias reflitam a que ponto multiplicam os pecados! Cometendo uma só iniquidade, eles arrancam do coração das pessoas as raízes de todas as virtudes. Por uma só maldade, eles causam inumeráveis males, porque, semeando a discórdia, extinguem a caridade, que é a mãe de todas as virtudes. Como nada é mais precioso aos olhos de Deus que a virtude da caridade, nada é mais desejável para o diabo que extingui-la. Portanto, todo aquele que, semeando discórdias, destrói o amor, serve como familiar ao inimigo de Deus porque, subtraindo aos corações feridos a virtude, por cuja perda ele cai, impede-lhes o caminho que conduz à perfeição.

Por outro lado, é preciso exortar os artesãos de paz para que não rebaixem o valor de sua nobre missão se não conhecem as pessoas entre as quais devem estabelecer a paz. É, sem dúvida, muito danoso que venha a faltar a unidade entre os bons, mas, é também igualmente muito danoso que ela

não falte entre os maus. Se os perversos se unem na concórdia para o mal, então, justamente, aumenta a sua força de fazer o mal. Quanto mais eles se põem de acordo na maldade, mais violentamente eles atacam para afligir os bons. Por isso, a voz divina declarou ao bem-aventurado Jó, contra os pregadores daquele vaso de perdição, o Anticristo: *Os músculos de seu corpo são unidos uns aos outros,*²¹⁸ e afirmou de seus satélites semelhantes a escamas: *Uma está unida à outra e nem mesmo um sopro passa entre elas.*²¹⁹ Como seus seguidores não são divididos entre si pela mínima divergência de sentimentos, o ataque deles contra a vida dos bons se torna mais forte. Associar os maus na concórdia é dar força à iniquidade; pois, perseguindo os bons unanimemente, os afligem com maior perigo ainda. Assim, o pregador por excelência, ocupado com os fariseus e saduceus tenazes em persegui-lo, procurou dividi-los, dizendo em alta voz: *Irmãos, eu sou fariseu, filho de fariseus; é por nossa esperança, a ressurreição dos mortos, que estou sendo julgado.*²²⁰ Os saduceus negavam a esperança na ressurreição dos mortos; os fariseus nela acreditavam, conforme os ensinamentos do texto sagrado. Um dissenso se introduziu na unanimidade dos perseguidores e Paulo saiu ileso da situação, visto que se dividiu este grupo que, antes unido, o havia atacado sem piedade.

É preciso, pois, exortar aqueles que se empenham em construir a paz, para que primeiro infundam o amor da paz interior nos corações maldosos, a fim de que, depois, lhes possa ser benfeitor a paz exterior. Atraídos pelo conhecimento da primeira, eles não serão arrastados para o mal desfrutando da segunda e, em previsão da paz celestial, não utilizarão a paz terrena para a própria degradação. Como os perversos são incapazes de causar dano aos bons, mesmo que o queiram, é preciso que se estabeleça entre eles a paz terrena, antes que conheçam a paz celeste. Assim, aqueles aos quais a malícia da impiedade torna intolerável o amor de Deus poderão se tornar mais mansos, ao menos, pelo amor do seu próximo e, passando daquilo que está ao seu alcance, caminhem para o melhor, de modo a chegar à paz que está bem longe deles, a paz do seu Criador.

CAPÍTULO 24

(48) É preciso admoestar de modo diferente aqueles que não compreendem corretamente os textos da lei santa e aqueles que a compreendem corretamente, mas não a anunciam humildemente.

É preciso admoestar de modo diferente aqueles que não compreendem corretamente os textos da lei santa e aqueles que a compreendem corretamente, mas não a anunciam humildemente. Os primeiros sejam advertidos para que se deem conta de que transformam uma taça de ótimo vinho numa bebida que será para eles um veneno e se servem de um instrumento cirúrgico, feito para curar, para se fazer uma ferida mortal, porque destroem em si mesmos tecidos sãos com o que deveria cortar os tecidos doentes. É preciso adverti-los para que se deem conta de que a Sagrada Escritura é posta como uma lâmpada para nós na noite da vida presente, e quando compreendem mal as suas palavras, ao invés de luz, se tornam trevas. Todavia, é evidente que uma tendência viciosa não os arrastaria a uma falsa compreensão se antes eles não se inchassem de orgulho. Considerando-se mais sábios do que os demais, eles desdenham seguir outros para uma melhor compreensão. E, para conseguir, a todo custo, fama de sabedoria junto ao povo ignorante, se esforçam para demolir o que os outros compreenderam corretamente e para fortalecer os seus próprios erros.

Foi justamente dito pelo profeta: *Rasgaram o ventre das mulheres grávidas de Galaad, só para alargar suas fronteiras.*²²¹ Galaad significa “monte do testemunho”. Assim como toda a comunidade eclesial está a serviço da verdade, professando-a pelo testemunho, não é sem sentido ver, em Galaad, figurada a Igreja, cujos fiéis, a uma só voz, testemunham acerca de Deus o que é verdadeiro. As almas são ditas grávidas: elas concebem do amor divino a compreensão da palavra e, chegando

ao cumprimento do tempo, estão prontas para dar à luz, com a manifestação das obras, a compreensão que haviam concebido. Alargar suas fronteiras significa aumentar a sua fama. Eles rasgaram o ventre das mulheres grávidas de Galaad para alargar suas fronteiras: os hereges fazem perecer, por suas perversas pregações, as almas fiéis que haviam já concebido pela inteligência um pouco da verdade, e eles aumentam a sua fama de sabedoria! Laceram com a espada do erro os corações dos pequenos, já, por assim dizer, grávidos da palavra que conceberam, e criam para si mesmos uma reputação de doutores! Quando procuramos instruí-los para que cessem de compreender equivocadamente, é preciso adverti-los primeiro a não buscar a vanglória. Que se corte a raiz do orgulho e sequem estes ramos que são as falsas afirmações.

Ainda uma admoestação é preciso fazer-lhes: que eles, ao gerar erros e discórdias, não permitam que uma lei dada para proibir os sacrifícios a Satanás leve a sacrificar a Satanás. Por isso, o Senhor se lamenta, dizendo pelo profeta: *Eu lhe dei o trigo, o vinho e o óleo; eu multipliquei para ela a prata e o ouro e eles trabalharam para Baal.*²²² Nós recebemos o trigo do Senhor quando, tirando o véu da letra, a propósito de textos mais obscuros, percebemos, graças à fineza do espírito, o que está no coração da Lei. O Senhor nos dá o seu vinho quando ele nos embriaga com uma profunda pregação de sua Escritura. Ele nos dá também do seu óleo quando, por meio de ensinamentos mais acessíveis, coloca ordem na nossa vida com fascinante ternura. Ele multiplica a prata quando coloca sob os nossos olhos páginas resplandecentes de verdade. Seu ouro nos enriquece quando a intuição de um esplendor supremo irradia o nosso coração. Tudo isso, os hereges oferecem a Baal porque eles pervertem o coração de seus ouvintes por meio de interpretações constantemente distorcidas. Com o trigo de Deus, seu vinho e seu óleo, sua prata e também o seu ouro, eles oferecem um sacrifício a Satanás porque usam palavras de paz para semear o turbamento da discórdia. É preciso, portanto, adverti-los para que se deem conta de que, provocando tendenciosamente a discórdia a partir de ensinamentos de paz, eles mesmos, por um justo juízo de Deus, encontrarão a morte pelas palavras de vida.

Por outro lado, é preciso advertir aqueles que, embora compreendendo corretamente o texto da Lei, não a anunciam com humildade, para que se examinem a si mesmos antes de apresentar aos outros a Palavra divina; criticando as ações dos outros, poderiam descuidar de si mesmos, e com o conhecimento exato que possuem de toda a Escritura, simplesmente omitir o que esta diz contra os orgulhosos. Desonesto e incompetente é o médico que deseja curar o mal dos outros e ignora a ferida pela qual ele mesmo sofre. Aqueles que não anunciam humildemente a Palavra de Deus devem, justamente, tomar consciência do veneno que os infecta antes de aplicar remédios aos doentes, a fim de que, enquanto curam os outros, não venham eles a morrer. Eles devem ser advertidos a vigiar para que o modo como se expressam não esteja em desacordo com a qualidade daquilo que é dito – advertidos a não pecar, pregando uma coisa com as palavras e outra com os seus exemplos. Que eles ouçam o que está escrito: *Se alguém fala, se expresse como com palavras de Deus.*²²³ Aqueles que não possuem como próprias as palavras que pronunciam, por que se orgulham como se fossem suas? Que ouçam o que está escrito: *Nós falamos como enviados de Deus, na presença de Deus, a respeito de Cristo.*²²⁴ Falar como enviados de Deus, na presença de Deus, é compreender que se recebeu de Deus a Palavra que se prega e que, por ela, se procura agradar a Deus, não aos homens. Que ouçam o que está escrito: *Abominação para o Senhor é todo homem arrogante.*²²⁵ Procurando a sua própria glória na Palavra de Deus, ele usurpa o direito do doador e não teme preferir o seu louvor pessoal ao louvor daquele do qual recebeu o dom que é louvado. Que ouçam o que foi dito por Salomão ao pregador: *Beba a água da sua cisterna, a água que jorra do seu poço. Escorram*

para fora as suas fontes e divida as suas águas pelas praças. Sejam elas somente para você, sem repartir com os estrangeiros. ²²⁶ O pregador bebe água da sua cisterna quando, reentrando no seu coração, escuta por primeiro o ele que diz. Bebe da água que jorra do seu próprio poço ao se inundar com o fluxo da sua própria palavra. Estas palavras expressam bem o que ele acrescentou: *“Escorram para fora as suas fontes e divida as suas águas pelas praças”*. É justo, de fato, que ele beba primeiro, para depois dar de beber aos outros com a sua pregação. Fazer escorrerem as fontes para fora significa infundir exteriormente nos outros a força da Palavra pregada. Dividir as águas pelas praças significa, diante de um grande auditório, colocar as palavras divinas à disposição de todos, segundo a possibilidade de cada um. E como, geralmente, o apetite da vanglória se desperta quando a Palavra de Deus chega a instruir grande número de pessoas, depois que foi dito: *“divida as suas águas pelas praças”*, ele, com razão, acrescentou: *“Sejam elas somente para você, sem repartir com os estrangeiros”*. Chama estrangeiros aos espíritos malignos, àqueles de quem diz o profeta, pelas palavras de um homem tentado: *Estrangeiros se levantaram contra mim e homens robustos querem a minha vida.* ²²⁷ Por isso, ele declarou: *“Divida as suas águas pelas praças e, todavia, sejam elas somente para você”*. O que significa claramente: *“É indispensável que você se consagre publicamente à pregação, mas sem haver contato, por meio do orgulho, com os espíritos impuros, nem admita que seus inimigos participem com você na pregação da Palavra divina”*. Nós, portanto, dividimos as águas pelas praças e, todavia, somente nós as possuímos, quando nossa pregação se expande amplamente para fora, sem que por ela nós sintamos a mínima busca de louvores humanos.

CAPÍTULO 25

(49) É preciso admoestar de modo diferente aqueles que, ainda que preparados para exercer o ministério da pregação, temem fazê-lo por excessiva humildade e aqueles que, porque não preparados ou por causa da idade, não deveriam pregar, mas se precipitam a fazê-lo.

É preciso admoestar de modo diferente aqueles que, ainda que preparados para exercer o ministério da pregação, temem fazê-lo por excessiva humildade e aqueles que, porque não preparados ou por causa da idade, não deveriam pregar, mas se precipitam a fazê-lo. É preciso advertir aqueles que podem pregar com fruto e, todavia, se retraem por uma humildade exagerada: que, refletindo sobre um caso de menor importância, eles compreendam quanto maior é a gravidade da sua culpa por não ocupar-se em questões mais importantes. Suponhamos que eles escondam dos seus próximos necessitados somas de dinheiro que possuem; se tornariam cúmplices da sua ruína. Que vejam, portanto, a culpa pela qual deverão responder; recusando-se a pregar a Palavra aos pecadores, seus irmãos, eles subtraem a almas agonizantes os remédios que fazem viver. Por isso, um sábio disse, com razão: *Sabedoria escondida e tesouro invisível, para que servem um e outro?* ²²⁸ Se a fome ameaçasse os povos e estes mantivessem escondido o seu trigo, seriam, sem dúvida alguma, causa de morte. Que considerem, portanto, com qual pena eles devem ser castigados, quando almas perecem de fome da Palavra e eles não lhes oferecem o pão que, de graça, receberam. Por isso, é muito correta a palavra de Salomão: *Aquele que esconde o trigo será amaldiçoado entre os povos.* ²²⁹ Esconder o trigo significa reter em si as palavras da pregação santa. Tal indivíduo é amaldiçoado pelos povos porque, pela culpa do seu silêncio, é réu do castigo de todos aqueles que poderia haver recolocado sobre o reto caminho. Aqueles que, conhecendo bem a arte de curar e vendo uma ferida sobre a qual é necessário intervir, se recusassem a fazê-lo, pela sua inércia tornaram-se, evidentemente, culpados pela morte de um irmão. Vejam, portanto, quão grave é a culpa que os envolve, a eles que, conhecendo as enfermidades das almas, se descuidam de curá-las com o corte

da Palavra. Por isso, diz bem o profeta: *Maldito aquele que poupa a sua espada de derramar sangue.*²³⁰ Poupar a espada de derramar sangue é impedir a palavra da pregação de fazer morrer a vida carnal. Diz-se ainda dessa espada: *E minha espada se nutrirá de carne.*²³¹

Assim, pois, quando estes escondem em si mesmos a palavra da pregação, ouçam com tremor as sentenças divinas pronunciadas contra eles, de modo que o temor remova dos seus corações toda trepidação. Que eles ouçam: “Aquele que não quis distribuir seu talento perdeu-o”.²³² Que eles ouçam: Paulo se considerou inocente do sangue dos seus concidadãos, porque não deixou de combater contra os seus vícios: *Portanto, hoje dou testemunho diante de vocês: se alguém de vocês se perder, não sou responsável, pois não deixei de lhes anunciar todo o projeto de Deus sobre vocês.*²³³ Que eles ouçam João, advertido pela voz do anjo: *Que aquele que ouve diga: Vem.*²³⁴ Se a voz murmura no seu íntimo, é para que, elevando a sua própria voz, ele atraia os outros para onde ele mesmo é arrebatado; não aconteça que encontre as portas fechadas, mesmo tendo sido chamado, se se aproxima com as mãos vazias daquele que o chama. Ouçam também como Isaías, que interrompeu o ministério da Palavra iluminado por uma luz do alto, se repreende a si mesmo com grande grito de arrependimento, exclamando: *Ai de mim, porque me calei!*²³⁵ Ouçam a promessa que fez Salomão: a sabedoria não cessará de crescer naquele que, tendo-a já recebido um pouco, não cede ao vício da inércia: *Prato succulento à alma que abençoa, e vinho inebriante a quem serve vinho inebriante.*²³⁶ Sim, aquele que na pregação abençoa publicamente recebe um aumento de bens interiores; e não cessando de inebriar os seus ouvintes com o vinho da Palavra, ele é, pela partilha do dom recebido, inebriado por uma imensa alegria. Ouçam o que Davi ofereceu como dom a Deus, pois não escondeu a graça da pregação que havia recebido, dizendo: *Eis que eu não fechei os meus lábios, Senhor, tu o sabes. Não escondi tua justiça no meu coração, proclamei tua verdade e tua salvação.*²³⁷

Ouçam o que é dito à esposa no seu colóquio com o esposo: *Tu que habitas nos jardins, meus amigos te ouvem atentos: faz-me ouvir a tua voz.*²³⁸ A Igreja habita nos jardins, atenta a cultivar as virtudes, jovens plantas que verdejam nos canteiros da alma. Os amigos atentos à sua voz são os eleitos que desejam a pregação da Palavra; e também o esposo deseja ouvir a sua voz, porque ele anela pregar às almas de seus eleitos. Ouçam o que fez Moisés quando viu Deus irado contra o seu povo e ordena de empunhar as espadas da vingança: estariam do lado de Deus, proclama ele, aqueles que golpeariam, sem hesitar, os crimes dos culpados: *Quem estiver do lado do Senhor, venha até mim; cada guerreiro coloque a espada na cintura. Passem e repassem o acampamento, de porta em porta, matando até mesmo o seu irmão, seu amigo e seu próximo.*²³⁹ Colocar a espada na cintura significa preferir o zelo da pregação aos prazeres da carne: quem se empenha a expressar as verdades santas deve cuidar de reprimir as sugestões ilícitas. Passar de porta em porta significa perseguir com repreensões, um depois do outro, estes vícios pelos quais a morte entra numa alma. Passar no meio do acampamento significa viver na Igreja de modo imparcial, repreendendo os culpados pelas suas faltas e não favorecendo a ninguém. Por isso, o texto acrescenta com razão: *matando até mesmo o seu irmão, seu amigo e seu próximo.* Matar o seu irmão, seu amigo e seu próximo significa que alguém, descobrindo culpas que devem ser punidas, não poupa ninguém da espada da Palavra, mesmo que fossem pessoas que ama por causa dos laços de sangue. Se, portanto, está da parte de Deus quem, por zelo de amor divino, se move a combater os vícios, sem dúvida se recusa a estar desta parte quem não aceita desaprovar, por quanto é possível, a conduta de quem vive segundo a carne.

Ao contrário, é preciso advertir aqueles a quem, por sua imperfeição ou idade, são impedidos de assumir o ministério da pregação, e que, todavia, se lançam precipitadamente: atribuindo-se

precipitadamente o peso de um ministério assim importante, eles interromperiam o caminho do próprio progresso e, arrogando-se antes da hora o cargo do qual são incapazes, eles seriam privados do fruto que, no momento oportuno, poderiam produzir; e esta sabedoria que se esforçam inoportunamente de ostentar se revelaria, ao contrário, justamente perdida. É preciso exortá-los a observar os filhotes dos pássaros: se se apressam a querer voar antes que as penas cresçam nas suas asas, o impulso para o alto se torna, para eles, um mergulho no abismo. É preciso exortá-los a considerar bem que, se sobre uma construção recente, não ainda bem consolidada, se coloca o peso das traves, não é uma casa que se constrói, mas uma ruína. É preciso exortá-los a considerar bem que, se as mulheres dão à luz, antes da hora, os filhos que conceberam, elas não enchem as casas, mas os túmulos. Por isso, a Verdade, o Cristo, que poderia tornar fortes num instante quantos quisesse, mas que quis dar um exemplo aos seus sucessores para que não tivessem a presunção de pregar sendo ainda imperfeitos, depois de ter plenamente instruído os seus discípulos sobre a força da pregação, disse-lhes: *Vocês permaneçam na cidade, até que sejam revestidos com a força do alto.*²⁴⁰ Nós permanecemos na cidade se nos fechamos no segredo de nossas almas, sem nos divagarmos fora com palavras: revestidos plenamente da força divina, nós poderemos de algum modo sair de nós mesmos, instruindo também os outros. Por isso, disse um sábio: *Jovem, fale apenas na causa que lhe diz respeito; e se você for interrogado duas vezes, então comece a responder.*²⁴¹ Eis por que o nosso Redentor, que está no céu, mesmo sendo Criador e na manifestação de seu poder, sempre mestre dos anjos, não quis ser mestre dos homens antes dos trinta anos, para infundir nos impacientes um vivo e salutar temor: ele, que não podia cair no erro, não pregou o dom da plenitude da vida senão na plenitude da sua idade. Está escrito: *Quando completou doze anos, o menino Jesus ficou em Jerusalém.*²⁴² Procurado por seus pais, sobre ele se diz pouco depois: *Encontraram-no no Templo e, sentado entre os doutores, os escutava e os interrogava.*²⁴³ Reflitamos com atenção: aos doze anos, nos é dito, Jesus estava sentado entre os doutores e os interrogava. Esse exemplo demonstra que uma pessoa despreparada não deve ter o atrevimento de ensinar, se é verdade que o menino quis se instruir interrogando, ele que pela potência da sua divindade havia concedido aos seus próprios doutores a Palavra que ilumina. Quando Paulo diz ao seu discípulo: *Prescreva e ensine estas coisas; que ninguém menospreze a sua adolescência,*²⁴⁴ é preciso saber que alguma vez, no texto sagrado, a juventude é indicada com o termo adolescência. Isso logo se demonstra, citando as palavras de Salomão: *Alegre-se, jovem, na sua adolescência.*²⁴⁵ Se, de fato, não entendesse com os dois termos uma coisa só, não teria chamado “jovem” aquele que exortava na sua adolescência.

CAPÍTULO 26

(50) É preciso admoestar de modo diferente aqueles que obtêm os sucessos temporais que desejam e aqueles que, cheios de ambições mundanas, fracassam sob o peso das adversidades.

É preciso admoestar de modo diferente aqueles que obtêm os sucessos temporais que desejam e aqueles que, cheios de ambições mundanas, fracassam sob o peso das adversidades. Aos primeiros, é preciso exortar para que, quando conseguem o que desejam, não se descuidem de buscar o Doador e não apeguem o coração aos dons recebidos; que não amem o peregrinar ao invés da pátria, que não transformem os auxílios dados para o caminho em obstáculos que o bloqueiam, que não se recusem a contemplar a luz do sol, deixando-se atrair pela claridade noturna da lua. É preciso exortá-los a considerar que aquilo que eles conseguem neste mundo é consolo para as suas misérias e não um prêmio de recompensa pelo seu trabalho, a orientar as suas almas diante dos favores do mundo para que a ele não cedam pelo prazer-se do coração. Quem, de fato, na sua consciência, não modera

os sucessos dos quais se alegra, por amor de uma vida melhor, converte o favor da vida que passa em ocasião de perene morte. Eis por que estes homens, simbolizados pelos idumeus, que tinham se deixado vencer pela prosperidade, são repreendidos por depositar a sua alegria nos seus sucessos deste mundo: *Eles se atribuíram a minha terra como herança, com alegria, com todo o coração e com toda a alma.*²⁴⁶ Essas palavras têm o seu peso: não por uma simples alegria, mas por uma alegria sentida com todo o coração e com toda a alma é que eles são repreendidos. Por isso, disse Salomão: *A rejeição dos pequenos os matará, e a prosperidade dos insensatos os perderá.*²⁴⁷ Também Paulo admoesta, dizendo: *Que aqueles que comprem sejam como se não possuíssem, e aqueles que usam deste mundo, como se dele não usassem.*²⁴⁸ Isso, evidentemente, para que os bens colocados à nossa disposição nos sirvam exteriormente sem desviar o nosso coração da busca das alegrias do alto; e tudo o que nos é dado como auxílio na nossa condição de exilados não diminua em nós a dolorosa sensação de ser peregrinos; e não coloquemos a nossa alegria nos bens passageiros, acreditando-nos felizes, nós, que separados dos bens eternos, nos reconhecemos miseráveis.

Eis por que a Igreja diz pela boca dos eleitos: *A sua esquerda está sob a minha cabeça, e a sua direita me abraçará.*²⁴⁹ A prosperidade da vida presente, mão esquerda de Deus, é colocada, por assim dizer, sob a sua cabeça, e a comprime, aspirando ao amor supremo. Mas a direita de Deus a abraça porque a Igreja, pelo dom total de si mesma, está firmemente mantida sob a sua eterna bem-aventurança. Por isso, disse ainda Salomão: *Vida longa na sua mão direita, e na esquerda, riqueza e glória.*²⁵⁰ Mencionando que a riqueza e a glória são colocadas na mão esquerda, ele nos ensinou como considerá-las. Por isso, diz o salmista: *Salva-me com a tua direita.*²⁵¹ Ele não disse “com a tua mão”, mas “com a tua direita”, para indicar, evidentemente, que pedia a salvação eterna. Daqui, este outro texto: *Tua mão direita, Senhor, destruiu teus inimigos.*²⁵² Os inimigos de Deus podem prosperar à sua esquerda, mas são feitos em pedaços com a sua direita, porque, se geralmente a vida presente exalta os perversos, a vinda da bem-aventurança eterna os condena.

É preciso exortar aqueles que prosperam neste mundo para que considerem com atenção que o sucesso da vida presente, às vezes, é dado para estimular a uma vida melhor, mas, às vezes, para uma condenação eterna mais rigorosa. Por isso, a terra de Canaã foi prometida ao povo de Israel para estimulá-lo a esperar um dia os bens eternos.²⁵³ Porque esse povo ainda imaturo não teria acreditado nas promessas de Deus para o futuro se não tivesse logo recebido alguma coisa daquele que lhe havia prometido. Para que a sua fé nos bens eternos fosse mais fortemente consolidada, não o atraiu somente com a esperança àquelas realidades, mas também com as realidades temporais conduziu-o a esperar. O salmista o testemunha claramente: *Deu-lhes as terras dos gentios, e tomaram posse do trabalho dos povos, para que guardassem os seus preceitos e observassem a sua lei.*²⁵⁴ Mas, quando a alma humana, no seguimento de seu Deus, não corresponde aos seus dons com boas obras, crendo-se amorosamente nutrida por eles, precisamente por isso é mais justamente condenada. Daqui esta outra palavra do salmista: *Tu os derrubaste, enquanto se elevavam.*²⁵⁵ Quando os desaprovados não correspondem aos dons de Deus com boas obras, quando eles se envolvem totalmente aqui embaixo, abandonando-se às prosperidades que afluem, os seus sucessos exteriores causam a sua ruína interior. Eis por que ao rico atormentado no inferno se diz: *Tu recebeste bens durante a tua vida.*²⁵⁶ Havia recebido bens nesta vida, ainda que malvado, para receber lá embaixo uma condenação mais severa, dado que aqui não tinha se convertido nem mesmo recebendo aqueles bens.

Ao contrário, é preciso exortar aqueles que têm ambições mundanas, mas fracassam sob o peso das adversidades, para que considerem com atenção como o Deus que criou e dispôs todas as coisas

vela sobre eles com bondade quando não os abandona aos caprichos de seus desejos. Ao doente sem esperança de cura, o médico permite tomar tudo o que ele deseja, mas, quando se acredita numa possível cura, o médico se opõe a muitos dos desejos do doente. Não damos dinheiro às crianças, para reservar-lhes a herança do patrimônio inteiro. Aqueles, pois, que a adversidade humilha ao longo da vida temporal, encontrem a sua alegria na esperança da herança eterna, porque, se a providência divina não os visse como pessoas a serem salvas para sempre, não lhes importaria, como a estudantes que devem ser instruídos, o freio da disciplina. É preciso exortar aqueles que, desejando os bens temporais, fracassam sob o peso das adversidades, a considerarem com atenção que também os justos, quando exaltados pelo seu poder temporal, a culpa os prende como na malha de uma rede. Como já dissemos na primeira parte deste livro, Davi, o amado de Deus, foi mais justo quando era vassalo do que quando foi rei. Vassalo, por amor da justiça, ele temeu ferir um adversário surpreendido sem defesa;²⁵⁷ rei, possuído pela luxúria, fez perecer um soldado fiel, aliás por meio de um artifício bem meditado.²⁵⁸ Portanto, quem poderia buscar sem prejuízo a riqueza, o poder e a glória, se riqueza, poder e glória foram nocivas a um homem que as teve sem ter de buscá-las? Quem será salvo em meio a tais coisas, sem um duro combate, se aquele que havia sido preparado para elas por escolha de Deus ficou turbado pela culpa que sobreveio? É preciso exortar essas pessoas para que considerem o caso de Salomão, o qual caiu na idolatria, diz a narração bíblica, depois de tanta sabedoria;²⁵⁹ antes da sua queda, não se recorda que tivera adversidades neste mundo, mas a sabedoria que lhe foi concedida abandonou completamente o seu coração porque nunca ele havia custodiado o ensinamento que pode advir da experiência de uma adversidade, mesmo de uma pequena adversidade.

CAPÍTULO 27

(51) É preciso admoestar de modo diferente aqueles que são vinculados pelo matrimônio e aqueles que são livres.

É preciso admoestar de modo diferente aqueles que são vinculados pelo matrimônio e aqueles que são livres. É preciso exortar aqueles que são vinculados pelo matrimônio para que, pensando mutuamente um no outro, cada um procure agradar a seu cônjuge sem desagradar ao seu Criador; que se ocupem dos seus bens neste mundo sem deixar de buscar os bens de Deus; que gozem das alegrias presentes, mas conservem com vigilante atenção o temor dos males eternos; que chorem os males temporais, mas encontrem pleno conforto na esperança bem ancorada dos bens eternos. Assim, conscientes de que é passageiro o que fazem e eterno o que desejam, não terão o coração quebrantado pelos males deste mundo, porque fortalecidos pela esperança dos bens celestes; não serão enganados pelas alegrias da vida presente, porque o olhar voltado para o julgamento que seguirá e para os castigos ofuscará a sua imagem. Desse modo, a alma dos esposos cristãos, frágil e plena de fê, incapaz de desprezar plenamente todos os bens da terra, e, todavia, capaz de unir-se, pelo desejo, às realidades eternas, poderá, mesmo conhecendo, nesse ínterim, a experiência sexual, refazer as suas forças com o alimento da esperança eterna. Se ela possui os bens deste mundo como ajuda no seu caminho, esperará os bens de Deus para neles se alegrar no final da caminhada, e não se compromete totalmente naquilo que faz para não encontrar-se distante da felicidade que deveria ter fortemente esperado.

Paulo o expressa claramente e com firmeza: *Aqueles que têm esposa, comportem-se como se não a tivessem; aqueles que choram, como se não chorassem; aqueles que se alegram, como se não se alegrassem.*²⁶⁰ Tem uma esposa, como se não a tivesse, aquele que usa, graças a ela, daquilo que satisfaz a carne, mas sem que o seu amor por sua esposa o faça desviar, até chegar a ações

depravadas, do reto caminho que eleva. Tem uma esposa, como se não a tivesse, aquele que, reconhecendo que tudo passa, aceita por necessidade o cuidado da carne, mas, pelo desejo, espera as alegrias eternas do espírito. Chorar sem chorar significa experimentar a dor das provações exteriores, sabendo, todavia, gozar a consolação de uma esperança eterna. Ao contrário, alegrar-se sem se alegrar significa encontrar nas menores coisas motivo para alegrar o coração, mas sem deixar de temer as realidades supremas. E lá, Paulo acrescentou pouco depois: *Porque é passageira a aparência deste mundo.*²⁶¹ Como a dizer, expressamente: “Não amai estavelmente o mundo, visto que este mundo que vós amais não pode ele mesmo ser estável. Em vão apegais o vosso coração a este mundo, como se devêsseis permanecer, enquanto foge este mundo que amais”.

É preciso exortar os esposos para que, se às vezes um descontenta o outro por causa de certos defeitos, se suportem com paciência, com a oração, e se salvem mutuamente. Porque está escrito: *Carregai uns os pesos dos outros, e assim cumprireis a lei de Cristo.*²⁶² A lei de Cristo é a caridade que, dele, fez afluir abundantemente em nós os seus bens e, com paciência, carregou nossas misérias. Nós cumprimos a lei de Cristo, conforme o seu exemplo, quando doamos cordialmente daquilo que temos de bom e suportamos com amor os defeitos do nosso próximo. É preciso também exortar a cada um dos esposos a acentuar menos o que suporta no outro e mais o que o outro suporta nele. Se, de fato, um considera o que o outro suporta nele, suportará mais facilmente o que o outro lhe faz pesar.

É preciso exortar os esposos a se recordar de que se uniram em matrimônio para gerar filhos; e quando, cedendo a relações desenfreadas, transformam o meio de procriar em instrumento de prazer; que reflitam seriamente: ainda que não saiam dos limites da união conjugal, eles transgridem, na mesma união, os direitos do matrimônio. É, portanto, indispensável que, por meio de frequentes orações, eles cancelem o que, pela mistura de sensualidades, ofusca a nobre beleza das relações conjugais. Eis por que o Apóstolo, conhecedor da medicina celeste, dirigindo-se menos às pessoas sadias, para instruí-las, do que aos enfermos, aos quais indicar o remédio, dizia-lhes: *Quanto aos pontos sobre os quais vocês me escreveram: é bom que o homem se abstenha de mulher, todavia, para evitar a imoralidade, cada homem tenha a sua esposa.*²⁶³ Ele expressou, por primeiro, o temor da imoralidade: certamente, ele não formulou um preceito para pessoas bem firmes sobre os pés, mas indicou um leito para as pessoas cambaleantes, que poderiam cair. Como estavam ainda enfermos, ele acrescenta: *Que o marido dê à sua esposa o que lhe é devido e, do mesmo modo, a esposa ao marido.*²⁶⁴ Concedendo um pouco de voluptuosidade no âmbito da nobreza do matrimônio, ele acrescenta: *Eu digo isso como indulgência, e não como ordem.*²⁶⁵ Insinua-se, portanto, que existe alguma culpa, se se fala de indulgência; mas tal culpa obtém rapidamente o perdão, porque não consiste em fazer um ato ilícito, senão em faltar de moderação num ato lícito.

Tudo isso Lot o expressa bem na sua pessoa: ele fugiu de Sodoma em chamas, mas, encontrando Segor em seu caminho, ele tarda a subir a montanha.²⁶⁶ Fugir de Sodoma em chamas significa evitar os ardores ilícitos da carne. A altura da montanha significa a pureza da continência. Estão bem, como sobre uma montanha, aqueles que, mesmo aderindo à união carnal, não se deixam jamais levar pelo prazer da carne fora das relações necessárias à procriação dos filhos. Permanecer firme sobre a montanha significa, portanto, não buscar na carne senão o fruto de uma descendência. Permanecer firme sobre a montanha significa não apegar-se carnalmente à carne. Existem, porém, muitos que, mesmo repudiando as graves transgressões de natureza sexual, não permanecem no seu matrimônio, somente no âmbito do uso devido, simbolizados, nesse caso, por Lot, que saiu de Sodoma, mas não alcançou logo a montanha: renuncia-se a uma vida digna de condenação, mas não se chegou ainda às

alturas de uma escrupulosa continência conjugal. No meio está a cidade de Segor, que é a salvação do débil em fuga; quando os esposos se unem sem o domínio dos sentidos, eles fogem, evitando as quedas graves; são, todavia, salvos por condescendência. Eles encontram como que uma pequena cidade onde serão preservados do fogo, porque tal vida conjugal, ainda que não seja admirável em suas virtudes, está, todavia, protegida dos suplícios. Por isso, Lot disse ao anjo: *Tem aqui perto uma pequena cidade aonde eu posso fugir; lá estarei são e salvo. Não é talvez, de proporções modestas? E lá, a minha vida será salva.*²⁶⁷ Essa cidade está próxima, disse ele; no entanto, ela é apresentada como um refúgio seguro, porque mesmo que a vida conjugal não seja separada do mundo, ela não é estranha à alegria da salvação. Vivendo essa vida, os esposos a protegem como numa pequena cidade, quando imploram por si mesmos através de contínuas súplicas. Justamente se diz a Lot por meio do anjo: *Eis que eu ouvi as suas orações e não destruirei a cidade da qual você falou.*²⁶⁸ Quer dizer: quando sua insistente oração se extravasa diante de Deus, não, a vida de tal casal não é condenada. Essa insistente oração é recomendada também por Paulo: *Não se recusem um ao outro, a não ser que estejam de comum acordo e por algum tempo, para se entregarem à oração.*²⁶⁹

Ao contrário, é preciso exortar aqueles que não são vinculados pelo matrimônio a obedecer com particular retidão aos preceitos divinos, visto que o jugo da união carnal não os orienta aos cuidados do mundo: não estando carregados pelo fardo lícito do matrimônio, o peso de uma ilícita preocupação terrena não os oprimirá, mas o último dia os encontrará prontos, tanto mais que eles serão mais livres de tudo; se negligenciarem de se dedicar ao melhor, eles, que têm a liberdade, merecerão os mais graves suplícios. Que ouçam Paulo, o qual, dispondo alguns discípulos à graça do celibato, não desprezou o matrimônio, mas quis excluir essa preocupação com os afazeres do mundo que o matrimônio faz nascer: *Digo isso para o bem de vocês, não para armar uma cilada; somente para que vocês façam o que é mais nobre e possam permanecer sem distração a serviço do Senhor.*²⁷⁰ De fato, o matrimônio produz preocupações terrenas, e eis por que o doutor dos gentios aconselhou aos seus ouvintes um estado melhor, a fim de mantê-los livres dessas preocupações. Quanto ao celibatário envolvido nos aborrecimentos do mundo, não está ligado por vínculos conjugais, mas não é livre dos seus fardos. É preciso advertir os celibatários para que não creiam que podem ter relações com mulheres livres sem merecer um julgamento de condenação. Inserindo o vício da fornicção entre tantas culpas execráveis, Paulo indicou a sua gravidade, dizendo: *Nem os fornicadores, nem os idólatras, nem os adúlteros, nem os efeminados, nem os homossexuais, nem os ladrões, nem os avaros, nem os bêbados, nem os caluniadores, nem os cobiçosos possuirão o reino de Deus.*²⁷¹ E ainda: *Deus julgará os fornicadores e os adúlteros.*²⁷² É preciso, portanto, adverti-los: se eles não podem resistir às tempestades das tentações, colocando em risco a própria salvação, dirijam-se ao porto do matrimônio. Está escrito: *É melhor se casar do que ficar ardendo.*²⁷³ Não há culpa, então, se se casam; se, porém, não optaram, com os votos, por um estado de vida mais perfeita. Se alguém se propôs aceder a um bem maior, torna ilícito o bem menor que lhe era lícito escolher. Porque está escrito: *Quem põe a mão no arado e olha para trás não é apto para o reino dos céus.*²⁷⁴ Quem, portanto, visava a um amor mais corajoso fica convencido de olhar para trás; renunciando aos bens maiores, retorna àqueles de mínima entidade.

CAPÍTULO 28

(52) É preciso admoestar de modo diferente aqueles que se reconhecem culpados de pecados da carne e aqueles que ignoram esses pecados.

É preciso admoestar de modo diferente aqueles que se reconhecem culpados de pecados da carne

e aqueles que ignoram esses pecados. É preciso exortar aqueles que têm experiência dos pecados da carne a ter temor do mar ao menos depois do naufrágio e a sentir horror dos perigos, bem conhecidos, da própria perdição: salvos por bondade após ter perpetrado o mal, que eles não morram ao repeti-los despididamente! Assim é dito à alma pecadora que jamais renuncia ao pecado: *Você se fez uma face de prostituta e não quis se enrubescer.* ²⁷⁵ Se estes não quiseram conservar íntegros os bens naturais recebidos, é preciso exortá-los para que se esforcem para, ao menos, reparar as lacerações feitas. Que reflitam bem: na grande multidão dos fiéis, quantos se mantêm de modo irrepreensível e conseguem tirar outros do erro! Então, o que irão dizer? Enquanto outros se mantêm íntegros, e eles, mesmo após as degradações que experimentaram, não se arrependem! O que irão dizer? Enquanto muitos levam outras pessoas consigo ao Reino, e eles, que nem sequer se voltam para o Senhor que os espera! É preciso adverti-los para que tomem consciência do mal que cometeram e evitem os males que os ameaçam. Por isso, às almas que se deixaram corromper neste mundo, figuradas pela Judeia, o Senhor lhes recorda, por meio do seu profeta, as suas culpas passadas, para que se envergonhem de se contaminar no futuro: *Elas se prostituíram no Egito, elas se prostituíram na sua juventude; lá lhes apertaram o peito e lhes violaram os seios virginais.* ²⁷⁶ São apertados os peitos no Egito quando a vontade humana se submete ao vil desejo deste mundo. São violados os seios virginais no Egito quando os sentidos naturais ainda intactos são viciados pelas pulsões corruptoras da concupiscência.

É preciso exortar aqueles que fizeram experiência dos pecados da carne a observar com vigilante atenção com qual benevolência Deus nos abre as entranhas do seu amor paternal quando, depois das nossas faltas, para ele nos voltamos: *Se um homem repudia a sua mulher, e ela se separa dele e se casa com um outro, terá ele, por acaso, direito de voltar a ela novamente? Não estará aquela mulher, imunda e contaminada? Você se prostituiu com muitos amantes. Todavia, você retorna a mim, diz o Senhor.* ²⁷⁷ Portanto, a respeito de uma mulher pecadora e repudiada, evoca-se um procedimento de justiça, enquanto a nós, se retornamos após uma queda, é reservada não a justiça, e sim a bondade paternal. Assim, se nossas faltas são perdoadas com tão grande bondade, podemos justamente concluir que pecamos gravemente quando não nos voltamos ao Senhor após as faltas, e é preciso que nos perguntemos se haverá ainda alguma indulgência para estes impudicos da parte daquele que não cessa de chamá-los depois de seus pecados.

Esta misericórdia que chama depois do pecado é bem descrita pelo profeta àquele que se desviou: *Os seus olhos verão aquele que o ensina, e os seus ouvidos ouvirão uma palavra atrás de você.* ²⁷⁸ O Senhor advertiu o gênero humano face a face quando prescreveu ao homem criado no paraíso e em posse de seu livre poder de escolha o que ele devia e o que não devia fazer. Mas o homem voltou as costas diante de Deus quando, orgulhosamente, desprezou as suas ordens. Ora, Deus não abandonou esse orgulhoso; para reconduzi-lo, deu-lhe a Lei, enviou-lhe mensageiros para exortá-lo e apareceu, ele mesmo, na nossa carne mortal. Advertiu-nos, portanto, como que permanecendo atrás de nós, ele que, mesmo desprezado, chamou-nos para que recuperássemos a sua graça. Isso que pode ser dito de todos em geral é necessário que seja compreendido por cada um em particular. De fato, posto diante de Deus, cada um percebe a palavra que o adverte, visto que, antes de cometer o pecado, conhece os preceitos da sua vontade. Estar diante de Deus significa, também, não desprezá-lo, cometendo o pecado. Mas, quando o homem renuncia à beleza da inocência e escolhe a iniquidade, volta as costas à face de Deus. Eis que, atrás dele, como que o perseguindo, Deus o adverte ainda; mesmo depois do pecado, ele o persuade a voltar para ele. Ele chama aquele que lhe voltou as costas, não olha as faltas cometidas; àquele que a ele retorna, abre as entranhas do seu amor paternal. Nós escutamos,

portanto, a voz que nos adverte por detrás se, ao menos, depois dos nossos pecados, retornamos ao Senhor que nos convida. Assim, devemos nos enrubescer diante da sua bondade que nos chama, se não quisermos temer a sua justiça; o despudor que a despreza é tanto mais grave enquanto ele, mesmo desprezado, não desdenha de ainda nos chamar.

Por outro lado, é preciso exortar aqueles que ignoram os pecados da carne a temer a queda no precipício com tanto mais cuidado quanto mais no alto se encontram. É preciso adverti-los que saibam bem que, quanto mais for elevado o lugar onde se encontram, mais o tentador os ataca com suas flechas. O tentador se ergue com mais ardor quando se vê fortemente vencido e, para ele, ser vencido é uma humilhação ainda mais insuportável, quando vê diante de si, no combate, a fortaleza de uma frágil carne íntegra. É preciso exortá-los a elevar incessantemente o próprio olhar para a recompensa: então, eles desprezarão de boa vontade, sem dúvida alguma, as penosas tentações que deverão suportar. Porque, se os olhos são fixos na felicidade, que uma vez alcançada não passa, torna-se leve a fadiga presente, que passa.

Que eles ouçam a palavra do profeta: *Porque assim diz o Senhor aos eunucos: “aqueles que observam os meus sábados escolhem fazer o que eu quis e se mantêm firmes na minha aliança, eu lhes darei, na minha casa e dentro de minhas muralhas, um lugar e um nome melhores que o de filhos e filhas”*.²⁷⁹ Os eunucos são aqueles que, reprimindo as pulsões da carne, eliminam em si a tendência à obra perversa. Em qual lugar eles se encontram junto ao Pai, é possível ver: na casa do Pai, na morada eterna, são colocados até mesmo diante dos filhos. Ouçam o que foi dito por João: *Aqueles são os que não se contaminaram com mulheres. Eles são virgens e seguem o Cordeiro aonde quer que ele vá*.²⁸⁰ Ouçam o seu canto, *um canto que ninguém podia cantar, senão os cento e quarenta e quatro mil*.²⁸¹ Cantar por privilégio esse canto ao Cordeiro significa alegrar-se com ele, para sempre, diante de todos os fiéis, pela incorruptibilidade da carne. Esse canto, os outros eleitos podem, ainda que sem cantar, escutá-lo, porque, pela caridade, eles se sentem felizes pelo privilégio daqueles que o cantam, se bem que não possam aceder aos mesmos prêmios. Os que ignoram os pecados da carne ouçam o que a própria Verdade diz sobre esta integridade: *Nem todos entendem esta palavra*.²⁸² Dignidade de todos? Não. Portanto, dignidade superior. Eis o que o Cristo esclarece. E, dizendo de início que é difícil compreendê-la, sugere aos seus ouvintes: quando se começou a compreendê-la, quanta cautela é necessária para conservá-la!

Por conseguinte, é preciso advertir aqueles que ignoram os pecados da carne a ter bem presente que, por um lado, a virgindade é superior ao matrimônio e, por outro lado, a não se acreditarem superiores às pessoas casadas, de modo que, colocando a virgindade em primeiro plano e colocando-se eles mesmos em segundo plano, não abandonem o que consideram o melhor e se guardem de um vão orgulho. É preciso exortá-los a considerar que, frequentemente, a atividade das pessoas do mundo é uma repreensão para os celibatários e para o seu modo de viver: os primeiros se encarregam de boas obras que excedem a sua condição, e os segundos não mantêm ardente o coração, precisamente com o que é próprio do seu estado. Desse modo, é muito bem dito pelo profeta: *Encha-se de vergonha, Sidônia, disse o mar*.²⁸³ De fato, Sidônia é levada a se envergonhar pela voz do mar, quando, em confronto com a vida dos seculares e daqueles que são jogados de um lado e de outro pelas movimentadas águas deste mundo, a conduta de quem está bem protegido, imóvel, acaba sendo desaprovada. Não é raro, com efeito, que pessoas que retornaram ao Senhor após os pecados da carne se empenhem com grande ardor em boas obras, justamente porque se julgam merecedoras de condenação pelas más ações que realizaram. E não é raro que pessoas que, perseverando na pureza total da carne, nada encontrem em si mesmas que as faça chorar e, pensando que a inocência das suas

vidas lhes seja plenamente suficiente, não procurem reavivar em si o fervor de espírito por meio de algum estímulo que reacenda a chama. Frequentemente se torna mais agradável a Deus uma vida ardente de amor após a culpa do que uma inocência que se entorpece na sua segurança. Assim é dito pela voz do Juiz: *Numerosos pecados lhe serão perdoados porque ela muito amou.* ²⁸⁴ E ainda: *Haverá mais alegria no céu por um pecador que se arrepende do que por noventa e nove justos que não necessitam de arrependimento.* ²⁸⁵ Poderemos compreender facilmente, a partir da nossa experiência, se observarmos o nosso modo pessoal de julgar. Porque preferimos um terreno que, desembaraçado dos seus espinhos, produza frutos abundantes a um terreno que, não tendo espinhos, cultivado, dê uma escassa colheita.

É preciso advertir aqueles que ignoram os pecados da carne a não se considerarem superiores aos outros, pelo privilégio de sua situação superior, visto que desconhecem tudo o que fazem de melhor os que estão num plano inferior. Porque, no exame do justo juiz, a dignidade das condições dá lugar ao valor das ações. Considerando o mundo das aparências, quem não sabe que, na classificação natural das pedras preciosas, a granada é mais preciosa que o jacinto? Todavia, prefere-se uma pedra de jacinto, cor do céu, a uma pedra de granada, porque o que lhe subtrai a condição da natureza lhe acrescenta o esplendor do aspecto, enquanto a granada, considerada mais preciosa pela sua íntima estrutura, fica depreciada pela qualidade da sua cor. Assim acontece na família humana: numa classe de fiéis superiores, existem os medíocres, enquanto, numa classe inferior, outros os ultrapassam, porque estes, ao viver bem, transcendem a condição do seu estado inferior, e aqueles rebaixam o mérito do posto superior ao não corresponderem com a própria vida.

CAPÍTULO 29

(53) É preciso admoestar de modo diferente aqueles que choram pecados de obras e aqueles que os cometeram somente com o pensamento.

É necessário adotar um diferente método de exortação em relação àqueles que choram pecados de obras e àqueles que os cometeram somente com o pensamento. Os primeiros devem ser exortados para que, com um perfeito arrependimento, cancelem o mal realizado, de modo que não se fixem tanto na dívida contraída pela ação perpetrada quanto em expiar os pecados com lágrimas de reparação. Pois está escrito: *Tu nos deste de beber lágrimas sem medida,* ²⁸⁶ de modo que o ânimo de cada um, no seu arrependimento, beba tantas lágrimas de compunção quanto se recorda de ter se tornado árido, distante de Deus, por causa de seus pecados. Devem ser exortados a reconduzir continuamente, sob os próprios olhos, os pecados cometidos e a agir na própria vida de modo que tais pecados não devam mais ser vistos pelo severo Juiz. Por isso, Davi, ao rezar, dizia: *Afasta os teus olhos dos meus pecados,* ²⁸⁷ tendo dito antes: *O meu pecado está sempre diante de mim.* ²⁸⁸ Como se dissesse: “Peço-te que não olhes o meu pecado, porque eu, eu não cesso de olhá-los”. Disse também o Senhor por meio do profeta: *Eu não me recordarei dos teus pecados, mas tu, recorda-os.* ²⁸⁹ É preciso exortar estes pecadores a examinar uma a uma as faltas cometidas, de modo que, ao chorar por cada uma delas, detestem a imundície do seu erro e se purifiquem com suas lágrimas, eles mesmos e os seus pecados. Por isso, disse bem Jeremias, refletindo sobre cada um dos delitos cometidos pela Judeia: *O meu olho fez derramar águas que se dividem.* ²⁹⁰ Nós fazemos derramar de nossos olhos águas que se dividem quando nossas lágrimas se repartem sobre cada um dos nossos pecados. Porque nossa alma não se aflige igualmente por todos os pecados num mesmo momento, mas enquanto a memória é tocada de modo mais vivo, ora por um, ora por outro, comovendo-se por cada um singularmente, purifica-se de todos.

É preciso exortar estes pecadores a confiar na misericórdia que imploram para não sucumbir sob a

violência de uma excessiva aflição. Porque o Senhor, com paternal amor, não colocaria sob os olhos dos culpados os pecados que deveriam chorar, se quisesse depois, ele mesmo, tratá-los com rigor. O que ele quis, sem dúvida alguma, foi subtrair ao seu julgamento aqueles que constituiu juízes de si mesmos, prevenindo-os com a sua misericórdia. Daqui a palavra da Escritura: *Apresentemo-nos diante dele, confessando as nossas culpas.*²⁹¹ Como diz também Paulo: *Se nós julgássemos a nós mesmos, não seríamos julgados.*²⁹² É preciso ainda exortá-los a cultivar uma confiante esperança, sem, todavia, entorpecer-se numa imprudente segurança.

Acontece, com frequência, que o astuto inimigo seduz, com o engano de uma pestífera segurança, a alma que já induziu ao pecado, quando a vê aflita por sua ruína. Isso é simbolicamente expresso onde se recorda o episódio de Dina. Está escrito: *Dina saiu para ver as mulheres do país. Siquém, o filho do heveu Hemor, príncipe do país, tendo-a visto, tomou-a, dormiu com ela e a violentou. A sua alma se tornou uma só coisa com ela e, por meio de carícias, aliviou a sua tristeza.*²⁹³ Dina, que sai para ver as mulheres de uma região estrangeira, é símbolo da alma que, negligenciando os seus próprios deveres e ocupando-se de atividades que lhe são estranhas, mete-se a vagar de um lado para outro fora da sua condição e estado de vida próprio. O príncipe do país que a violenta, Siquém, é o diabo que, encontrando-a ocupada em coisas externas, a corrompe. *A sua alma se tornou uma só coisa com ela*, porque o demônio a vê unida a si pela iniquidade. Mas quando, após o pecado, a alma toma consciência da sua culpa, sente-se condenada e se põe a chorar o pecado cometido; então, o corruptor faz surgir diante de seus olhos esperanças e seguranças vãs, a fim de destruir o bom fruto da sua tristeza. Eis por que se acrescenta, com razão: *por meio de carícias, aliviou a sua tristeza*. E assim lhe diz que as ações dos outros são mais graves, que não foi nada o que ela fez, que Deus é misericordioso, e inclusive lhe promete que mais adiante ela terá tempo para se arrepender. Desse modo, atraída com tais enganos, essa alma diminui a sua aplicação na penitência: não se entristecendo mais pelo mal realizado, não receberá algum prêmio, e será então plenamente submersa nos suplícios, visto que agora sente até mesmo alegria em fazer o mal.

Aqueles que, ao contrário, choram somente pecados de pensamento devem ser exortados a refletir com atenção, no segredo do próprio coração, se pecaram somente por complacência ou se o fizeram também com o consentimento. Acontece, muitas vezes, que o coração, submetido à tentação, sente, ao mesmo tempo, certo prazer, por conta da natureza corrompida, mas, pela razão, se opõe a tal malícia, e assim, no segredo da alma, se entristece por aquilo que lhe agrada e sente prazer por ter sentido tal tristeza. Outras vezes, porém, a alma se deixa de tal modo levar ao abismo da tentação, ao ponto de não lhe resistir de jeito algum; com deliberada vontade, acolhe aquilo do qual pode nascer o prazer e, se se determina uma concreta possibilidade, leva à consumação os íntimos desejos, levando-os logo aos fatos. Tudo isso, diante de olhar atento e justo do severo Juiz, não é mais pecado de pensamento, mas de ações: se, exteriormente, a lentidão do processo pôde retardar o pecado, interiormente, a vontade o realizou pelo ato de consentimento.

Nós aprendemos, por exemplo, de nosso primeiro pai, que sempre o mal do pecado é perpetrado segundo três graus: a sugestão, a atração, o consentimento. O primeiro, por obra do inimigo; o segundo, da carne, e o terceiro, do espírito. O Maligno sugere o mal, a carne se submete à atração e por fim, o espírito, vencido pela atração, consente. De fato, a serpente sugeriu o mal. Eva, como a carne, se submeteu à atração. Adão, como o espírito, cedendo à sugestão e à atração, deu o seu consentimento. Assim, nós conhecemos o pecado pela sugestão, nos deixamos vencer pela atração, nos tornamos escravos pelo consentimento. É preciso, portanto, exortar aqueles que choram pecados de pensamento a examinar com grande atenção em que grau caíram no pecado, de modo que se

levantem com um lamento proporcional ao grau de ruína que interiormente advertem em si mesmos; não aconteça que não provando suficiente arrependimento pelos seus maus pensamentos, estes os conduzam à concreta atuação do mal.

Todavia, o temor que é preciso neles incutir não deve, de modo algum, abatê-los. Com frequência, de fato, Deus misericordioso lava mais rapidamente os pecados do coração, não permitindo que se passe à ação; e o mal somente pensado é também rapidamente absolvido, pois assim não se liga estreitamente com a concretização do ato. Por isso, diz justamente o salmista: *Eu disse: manifestarei contra mim as minhas iniquidades diante do Senhor, e tu perdoaste a impiedade do meu coração.*²⁹⁴ Com a menção final da impiedade do seu coração, ele indicou que queria denunciar as iniquidades dos seus pensamentos. E, após ter afirmado: *Eu disse: manifestarei*, logo acrescentou: *e tu perdoaste*, demonstrando assim como, por estes pecados, é fácil o perdão. Ele prometia pedir, e o que ele prometia pedir já obteve: como o pecado não se concretizara em atos, também a penitência não deverá ser um suplício: a simples aflição do pensamento purificará a alma que havia sido manchada somente pela malícia do pensamento.

CAPÍTULO 30

(54) É preciso admoestar de modo diferente aqueles que choram os próprios pecados sem, porém, deixar de cometê-los e aqueles que os abandonam, porém, sem os chorar.

É preciso admoestar de modo diferente aqueles que choram os próprios pecados sem, porém, deixar de cometê-los e aqueles que os abandonam, porém, sem os chorar. Os primeiros devem ser exortados a seriamente tomar consciência de que, para purificar-se, em vão são os seus prantos, se, depois, mancham a própria conduta com novas iniquidades, porque, assim, derramam lágrimas que purificam, mas depois voltam a contaminar-se. De fato, está escrito: *O cão volta ao seu próprio vômito e a porca lavada torna a revolver-se na lama.*²⁹⁵ Quando o cão vomita, ele rejeita o alimento que oprimia o seu estômago, mas quando ele retorna ao seu vômito, ele ingere de novo aquilo de que se tinha aliviado. Aqueles que choram os pecados cometidos os rejeitam, confessando a iniquidade da qual se haviam saciado e que oprimia o íntimo de suas almas; mas, se voltam a repetir essa iniquidade depois de haver-lhe reconhecido a malícia, a reintroduzem em si. Quando a porca se lava revolvendo-se na lama, ela se torna mais suja ainda. Assim também, aquele que chora os pecados cometidos, mas não os abandona, se submete à pena de uma culpa mais grave, pois despreza justamente aquele perdão que pôde obter com as lágrimas e, por assim dizer, se revolve numa água lamacenta. Subtraindo às suas lágrimas a pureza da vida, ele faz com que essas mesmas lágrimas, aos olhos de Deus, se tornem lágrimas asquerosas. Por isso, está também escrito: *Não repetir palavras na tua oração.*²⁹⁶ Repetir uma palavra na oração é cometer, depois de ter chorado, o que é necessário voltar a chorar. Assim, é dito por meio de Isaías: *Lavai-vos, sede puros.*²⁹⁷ Negligência manter-se puro após o banho aquele que não conserva, após as lágrimas, a inocência da vida. Lavam-se sem ficar limpos aqueles que não deixam de chorar os pecados cometidos e cometem novamente aquilo pelo qual hão de chorar. Daqui, a palavra de um sábio: *Quem se purifica depois de haver tocado um morto e o toca de novo, para que serve a sua purificação?*²⁹⁸ Lava-se após o contato com um morto aquele que se purifica de um pecado por meio de suas lágrimas, mas volta a tocar um morto depois do rito de purificação aquele que repete o pecado, depois de haver derramado as suas lágrimas.

É preciso exortar aqueles que choram os pecados cometidos, mas que não os abandonam, para que reconheçam que, aos olhos do severo Juiz, são semelhantes àqueles que, quando estão na presença de certos personagens, os afagam com grande deferência, porém, uma vez longe deles, os atacam,

procurando-lhes inimizades e todos os prejuízos possíveis. Chorar um pecado não significa demonstrar a Deus a humildade que nasce do consagrar-se a ele? E cair novamente no pecado após tê-lo deplorado não é cultivar orgulhosas inimizades contra aquele ao qual se havia dirigido na oração? Assim atesta Tiago, que diz: *Quem quiser ser amigo deste mundo, se torna inimigo de Deus.*²⁹⁹ É preciso exortar aqueles que choram os pecados cometidos, mas que não os abandonam, a considerar com atenção que, muito frequentemente, a compunção dos malvados não produz o fruto da justiça, assim como, muito frequentemente, a tentação que prova os justos não produz o mal do pecado. Acontece, de fato, por uma admirável conformidade às disposições interiores, segundo a medida dos próprios méritos, que os malvados, quando começam a fazer algo de bom, mas sem ir até o fim, assumem uma orgulhosa confiança, até mesmo enquanto continuam a fazer o mal, e que os justos, quando são tentados pelo mal, sem, porém, a ele consentir, mesmo titubeantes pela fragilidade humana, orientam com plena adesão o caminho da alma para a justiça, praticando a humildade.

Balaão, dirigindo o olhar para as tendas dos justos, exclamou: *Possa eu morrer a morte dos justos, e o meu fim seja como o deles.*³⁰⁰ Mas, passado este momento no qual tinha sido vivamente tocado, deu conselhos para atentar contra a vida daqueles aos quais ele esperava se assemelhar também na morte; e quando encontra uma ocasião para satisfazer a sua cobiça, logo se esquece de toda a inocência que havia desejado para si. Paulo afirma: *Vejo outra lei nos meus membros em luta com aquela da minha mente e que me torna escravo da lei do pecado, que está nos meus membros.*³⁰¹ Se ele é tentado, é certamente para que, pelo conhecimento da sua fragilidade, se consolide com mais força no bem. Por que, então, Balaão sente compunção, mas não acede à justiça, e por que Paulo é tentado sem ser contaminado por um pecado? Não é uma prova clara de que o bem inacabado não traz socorro algum para os malvados e o mal não concretizado não condena os justos?

Por outro lado, é preciso exortar aqueles que abandonam os seus pecados, sem os chorar, para que não creiam que, agora, esses pecados estão absolvidos; é verdade, eles não os multiplicam, cometendo-os, mas não se purificam, chorando-os. Se um escritor termina de escrever, ele não cancela o que escreveu em precedência somente pelo fato de não acrescentar algo ao escrito. Assim, não é suficiente que aquele que profere injúrias silencie para obter reparação; é certamente indispensável que ele contradiga esta linguagem do orgulho, que inicialmente foi a sua, por palavras de respeitosa humildade. Um devedor não é absolvido porque cessa de acumular dívidas, mas somente se paga aquelas já contraídas. Assim também acontece quando pecamos contra Deus: nós não reparamos nada simplesmente cessando as nossas iniquidades, mas somente contrapondo aos prazeres antes amados lágrimas de expiação. De fato, ainda que, na vida, não fôssemos contaminados por culpa alguma no nosso agir, nunca, até que estamos nesta terra, a nossa inocência seria suficiente para nos dar segurança, porque muitas coisas ilícitas solicitam o nosso coração. Então, como sentir-se seguro de si quem, havendo cometido iniquidades, testemunha, contra si mesmo, não ser inocente?

Não que Deus se alegre com os nossos sofrimentos. Não, ele cura a doença do pecado com os remédios que lhe são contrários. Sob o fascínio da volúpia, nós nos distanciamos; é necessário que, pela amargura das lágrimas, a ele retornemos. Perdidos nas veredas do ilícito, nós caímos; é necessário que, abstendo-nos dos prazeres, mesmo aqueles permitidos, nós nos levantemos. Uma insana alegria havia inundado nosso coração; é necessário que uma salutar tristeza o abraze. O orgulho que se exalta o havia ferido; é necessário que a humildade de uma vida que se abaixa o cure. Por isso, está escrito: *Eu disse aos malvados: Não pratiqueis a iniquidade, e aos pecadores: Não eleveis demais a fronte.*³⁰² Os pecadores elevam demais a fronte se não se humilham até a penitência, tomando consciência da própria iniquidade. Assim, novamente se diz: *Deus não despreza um*

*coração contrito e humilhado.*³⁰³ Aquele que chora os seus pecados sem abandoná-los contrista o seu coração, sim, mas rejeita humilhá-lo. Aquele que abandona os seus pecados sem os chorar humilha o seu coração, sim, mas se recusa a contristá-lo. Daqui a palavra de Paulo: *Alguns de vós éreis assim. Mas fostes lavados, fostes santificados.*³⁰⁴ Porque uma vida mais ordenada santifica aqueles que a amargura das lágrimas lava e purifica mediante a penitência. Por isso, Pedro, vendo que alguns estavam aterrorizados pelo espetáculo das suas ações iníquas, lhes dá este aviso: *Arrependei-vos e cada um de vós se faça batizar.*³⁰⁵ Antes de falar do batismo, ele falou das lágrimas de arrependimento, para que antes se imergissem na água da própria aflição e, em seguida, se lavassem pelo sacramento do batismo. Por conseguinte, aqueles que não se preocupam de chorar os pecados cometidos, com que ânimo vivem seguros de obter o perdão, se o mesmo sumo pastor da Igreja considerou que se devesse acrescentar a penitência ao sacramento instituído, sobretudo com a finalidade de extinguir os pecados?

CAPÍTULO 31

(55) É preciso admoestar de modo diferente aqueles que se gloriam dos pecados cometidos e aqueles que os condenam sem, porém, evitá-los.

É preciso admoestar de modo diferente aqueles que se gloriam dos pecados cometidos e aqueles que os condenam sem, porém, evitá-los. É preciso exortar aqueles que se gloriam dos pecados cometidos para que tomem consciência de que, geralmente, pecam mais por suas palavras do que por seus atos. Pelos seus atos, serão somente eles a cometer o mal; por suas palavras, porém, louvando as suas iniquidades as ostentam e ensinam a tantas pessoas quantas são aquelas que os ouvem. É preciso adverti-los para que, se negligenciam erradicar o mal, deveriam ao menos temer semeá-lo. É preciso adverti-los para que considerem suficiente a própria perdição. É preciso adverti-los ainda para que, não temendo ser malvados, ao menos se envergonhem de ser conhecidos como tais. Acontece com frequência, de fato, que, escondendo um pecado, consegue-se evitá-lo, porque se uma alma se envergonha de ser conhecida pelo que ela não teme ser, acabará envergonhando-se de ser o que ela evita aparecer. Mas, quando o depravado não tem vergonha de ser reconhecido como tal, quanto mais livremente comete toda sorte de ações pecaminosas, mais as considera lícitas, e quanto mais as considera lícitas, sem dúvida, nelas se afunda mais ainda. Está escrito: *Como Sodoma, proclamaram o próprio pecado e não o esconderam.*³⁰⁶ Se Sodoma tivesse escondido o seu pecado, teria pecado ainda com temor. Mas ela havia renunciado totalmente aos freios do temor, ela que não procurava nem mesmo as trevas para pecar. Por isso está ainda escrito: *O grito de Sodoma e Gomorra se amplificou.*³⁰⁷ O pecado é chamado *voz*, quando há sentimento da culpa na ação; é chamado *grito*, quando é cometido sem freio algum.

Por outro lado, é preciso exortar aqueles que condenam os próprios pecados sem, porém, evitá-los, para que reflitam com prudência sobre o seguinte: o que dirão para se desculpar no rigoroso julgamento de Deus, eles que, segundo o próprio julgamento, não podem ser desculpados pelos delitos que os oprimem? Desse modo, o que são estes senão acusadores de si mesmos? Eles pronunciam palavras contra as suas próprias culpas e, com suas ações, arrastam-se a si mesmos ao banco dos réus. É preciso adverti-los para que considerem que, agora, por uma secreta sentença do julgamento divino, as suas almas são iluminadas para que vejam o mal que cometem e, todavia, não se esforcem de vencê-los. Desse modo, quanto melhor veem, mais lamentável é a sua perdição; percebem a luz espiritual, mas não abandonam as trevas da iniquidade. Pouco atentas ao conhecimento dado para ajudá-las, estas pessoas o convertem num testemunho contra si mesmas; assim, a luz espiritual aumenta os seus suplícios, pois elas a haviam recebido para poder cancelar os

seus pecados. Quando a sua malícia faz o mal e reconhece como tal, ela experimenta já aqui uma antecipação do julgamento futuro: reservada para os suplícios eternos que merece, no momento presente ela não é absolvida pela sua própria consciência; e tanto mais graves tormentos deverá receber lá, quanto mais aqui ela não renunciar ao mal, um mal que ela mesma condena. Justamente por isso, a Verdade diz: *O servo que, informado sobre a vontade do seu patrão, nada preparou e não agiu conforme esta vontade, receberá muitos açoites.*³⁰⁸ E o salmista afirma: *Ainda vivos descerão ao inferno.*³⁰⁹ Porque os vivos sabem e sentem o que se faz ao seu redor; os mortos, ao contrário, nada podem sentir. Ora, estes indivíduos descerão mortos ao inferno, se cometeram o mal sem o saber. Mas como eles sabem o que é mal e, no entanto, o fazem, eles descem vivos ao inferno da iniquidade, desgraçados e sentindo a própria desgraça.

CAPÍTULO 32

(56) É preciso admoestar de modo diferente aqueles que são dominados por uma imprevista paixão e aqueles que se deixam deliberadamente aprisionar pelos pecados.

É preciso admoestar de modo diferente aqueles que são dominados por uma imprevista paixão e aqueles que se deixam deliberadamente aprisionar pelos pecados. É preciso exortar aqueles que são dominados por uma imprevista paixão a considerarem atentamente que eles são empenhados cada dia nas batalhas da vida presente, e a proteger o seu coração, incapaz de premunir-se defronte a cada ferida, com o escudo de um vigilante temor; tenham grande terror dos dardos invisíveis do insidioso inimigo, e nesse combate assim tenebroso, se protejam com uma atenção contínua nas trincheiras da própria alma. Se um coração se priva de uma cuidadosa atenção, ele se expõe às feridas, porque o seu astuto inimigo lhe golpeia tanto mais livremente o peito quanto o encontra nu, sem a couraça da vigilância.

É preciso exortar aqueles que são dominados por uma imprevista paixão a se desprenderem de uma excessiva preocupação das coisas terrenas, porque, ocupando-se de modo exagerado das coisas transitórias, eles não se dão conta dos pecados que, como dardos, os trespassam. Por isso, a voz de quem é ferido enquanto dorme é expressa por meio de Salomão: *Bateram em mim e eu não senti dor; me arrastaram e eu não senti nada. Quando me acordarei e encontrarei de novo bons vinhos?*³¹⁰ A alma que dorme, negligente dos seus interesses, é batida e não sente dor, no sentido de que, como não se dá conta dos males que a ameaçam, tampouco reconhece os que cometeu. Ela é arrastada e não sente nada porque, levada pela sedução dos vícios, não se desperta para se custodiar. Deseja, porém, acordar para, de novo, encontrar bons vinhos, porque ainda que um sonolento torpor a oprima, impedindo-a de vigiar a si mesma, ela se esforça por ficar acordada por seus interesses mundanos, a fim de, sem cessar, se inebriar de prazeres. Quando deveria custodiar com atenção, ela dorme; quando poderia louvavelmente dormir, seu desejo está vigilante.

Por isso, está escrito mais acima: *Tu serás como quem dorme em pleno mar e como um timoneiro adormecido que abandonou o leme.*³¹¹ Dorme em pleno mar aquele que, em meio às tentações deste mundo, descuida de premunir-se perante o assalto dos vícios que atacam como ondas de águas ameaçadoras. E o timoneiro que abandona o leme é símbolo da alma que se subtrai ao empenho da solicitude em dirigir a nave que é o seu corpo. Abandonar o leme em pleno mar significa não manter o olhar fixo na meta, em meio às tempestades deste mundo. O timoneiro, ao contrário, que segura conscientemente o leme, ora dirige a nave contra os vagalhões, ora rompe obliquamente o ímpeto dos ventos. Assim, quando a alma guia a sua vida com vigilância: ora pisoteia e vence algumas paixões, ora, prudentemente, as evita, dominando com o seu esforço as dificuldades presentes e se fortificando com sua providência contra os combates futuros. Por isso se diz ainda aos corajosos

combatentes da pátria celeste: *Cada um tem a sua espada sobre a sua coxa, por causa dos terrores da noite.*³¹² A espada colocada sobre a coxa é a perspicácia da pregação santa, que refuta a sugestão depravada da carne. A noite simboliza a cegueira da nossa fragilidade, pois, durante a noite, não se vê o perigo que ameaça. Cada um coloca, portanto, a sua espada sobre a sua coxa por causa dos terrores da noite, porque os santos, temendo os perigos que não veem, estão sempre de pé, prontos para enfrentar o combate. Assim, se diz ainda à esposa: *O teu nariz é como a torre do Líbano.*³¹³ De fato, quando uma coisa não é visível aos nossos olhos, nós a percebemos, em geral, pelo seu odor. Pelo nariz, nós discernimos perfumes e fedores. O que designa, portanto, o nariz da Igreja, senão o prudente discernimento dos santos? Diz-se semelhante à torre do Líbano, porque os santos discernem olhando para a frente, postos tão no alto que veem as tentações a serem combatidas, antes mesmo que elas cheguem, e quando elas chegam, eles estão lá, de pé, preparados para resistir. Os assaltos futuros, de fato, se previstos, quando se fazem presentes, possuem menor força, porque, quando alguém se prepara com cuidado para enfrentá-los, o inimigo, convencido de ser inesperado, perde seu poder de ataque.

Ao contrário, é preciso exortar aqueles que se deixam deliberadamente aprisionar pelos pecados para que reflitam com prudente consideração que, fazendo conscientemente o que é mal, acendem contra si mesmos o fogo de um julgamento mais severo: a sentença os ferirá com mais dureza quanto mais estreitamente os amarram à culpa os vínculos de uma decisão refletida. O arrependimento, talvez, os purificaria mais rapidamente de suas faltas se eles tivessem caído somente por causa da precipitação. O pecado endurecido por uma prévia reflexão se cancela mais lentamente. Se a alma não desprezasse, em todos os modos, as realidades eternas, não pereceria caindo na culpa deliberada. Aqueles que caem no pecado conscientemente diferem daqueles que caem por precipitação, pelo seguinte: os primeiros, caindo do estado de justiça no pecado, caem, em geral, ao mesmo tempo, nos laços do desespero. Eis por que o Senhor, por meio do profeta, repreende não tanto os pecados cometidos pela precipitação quanto aqueles deliberados pelo gosto de pecar: *Que a minha ira não irrompa como fogo e queime, e ninguém possa apagá-la, por causa do vosso apego ao mal.*³¹⁴ E na sua cólera, diz ainda: *Eu vos visitarei conforme o fruto dos vossos apegos.*³¹⁵

Portanto, visto que os pecados cometidos com deliberada vontade diferem dos outros, o Senhor persegue menos o ato vicioso que o apego ao vício. De fato, nos atos, peca-se, com frequência, por fragilidade, por negligência; quando se trata de apego, peca-se sempre pela malícia da intenção. Ao contrário, justamente diz o profeta, descrevendo o homem feliz: *Ele não se sentou na cátedra da pestilência.*³¹⁶ A cátedra é a sede daquele que julga ou preside. Sentar-se na cátedra da pestilência significa fazer o mal conscientemente; sentar-se na cátedra da pestilência significa discernir o mal com a razão e, todavia, perpetrá-lo deliberadamente. Senta-se, de algum modo, na cátedra de uma assembleia perversa aquele que se exalta com o orgulho da iniquidade e chega a se esforçar para cometer o mal até o extremo, com decisões deliberadas. E como aqueles que, sustentados pela honra da cátedra, são superiores às multidões que os assistem, assim também os pecados procurados com premeditação superam, em gravidade, aqueles que são cometidos por precipitação. É preciso, portanto, exortar aqueles que se põem deliberadamente no pecado a concluir que um grave castigo os ferirá, eles que agora não são simples companheiros dos malvados, mas são os que caminham à frente deles.

CAPÍTULO 33

(57) É preciso admoestar de modo diferente aqueles que cometem pequenas faltas, mas frequentemente, e aqueles que se cuidam de cometer as pequenas, mas que, às vezes, se

afundam nas mais graves.

É preciso admoestar de modo diferente aqueles que cometem pequenas faltas, mas frequentemente, e aqueles que cuidam de não cometer as pequenas, mas que, às vezes, se afundam nas mais graves. É preciso exortar aqueles que com frequência caem em culpas, ainda que mínimas, para que não considerem a qualidade, mas a quantidade dos pecados que cometem. Se, quando pesam as suas ações, desdenham temê-las, devem espantar-se ao contá-las. Pequenas, mas inumeráveis, as gotas da chuva enchem as profundezas dos rios. O poço onde a água cresce sem rumor faz o que faz a tempestade que se desencadeia com estrondos. As erupções da sarna sobre os membros são pequenas, mas quando elas os cobrem com uma quantidade sem número, fazem perecer a vida do corpo tanto quanto uma grave ferida infligida em pleno peito. Daqui a palavra da Escritura: *Quem despreza as pequenas coisas decai pouco o pouco.*³¹⁷ Sim, quem negligencia chorar e evitar os pequenos pecados decai da condição de justiça, não de repente, mas de grau por grau.

É preciso exortar aqueles que com frequência caem em culpas, ainda que mínimas, a considerarem com atenção que, às vezes, os pecados pequenos fazem mais mal que aqueles graves. Porque uma falta mais grave, reconhecida o quanto antes como tal, mais rapidamente será expiada; uma pequena falta, ao contrário, se considerada uma coisa de nada, tem efeitos piores justamente porque se continua a praticá-la tranquilamente. Acontece, então, que a alma, habituada às pequenas faltas, não teme as mais graves; nutrida pelas faltas, chega a atribuir-se uma espécie de autorização para praticar o mal, desdenhando até mesmo temer a queda em pecados graves, por ter aprendido a cair, sem medo, naqueles mais leves.

Ao contrário, é preciso exortar aqueles que se cuidam de cometer as pequenas faltas, mas que, às vezes, se afundam nas mais graves, a examinarem com solicitude o seu próprio ponto fraco: contente de ter se cuidado das faltas leves, seu coração chega ao ponto de ser arrastado pelo vórtice do seu orgulho até cometer culpas mais graves. Exteriormente, eles têm o domínio sobre as pequenas coisas, mas interiormente incham-se de vanglória: a sua alma é vencida interiormente pela doença do orgulho e, exteriormente, a abatem com pecados mais graves. É preciso exortar, portanto, aqueles que se cuidam das pequenas faltas, mas que, às vezes, sucumbem nas faltas graves, a não cair, interiormente, onde exteriormente julgam estar bem firmes; não aconteça que, perante a retribuição do severo Juiz, a arrogância de uma justiça menor os leve a cair numa falta mais grave. Aqueles que, em vão, se exaltam atribuem às próprias forças a sua menor fidelidade ao bem, justamente abandonados a si mesmos se curvam sob o peso das faltas graves e aprendem, pela própria queda, que não haviam ficado de pé por si mesmos; desse modo, imensas misérias humilham este coração que se exalta por méritos mínimos. É preciso exortá-los a considerar que, por suas faltas graves, eles se carregam de uma pesada culpa, e por suas observâncias menores, em geral, não deixam de agravar seu pecado: por suas faltas graves, praticam a iniquidade e por suas observâncias, conseguem esconder das pessoas que são pecadores. Desse modo, as faltas graves que eles cometem diante de Deus são expressa iniquidade, e as suas fidelidades menores diante dos homens, são simulada santidade.

Eis por que é dito aos fariseus: *Vós filtrais o mosquito e engolis o camelo.*³¹⁸ Quer dizer: “Vós distinguis as menores faltas e devorais as grandes”. Por isso, eles são ainda repreendidos pela voz da Verdade com estas palavras: *Vós pagais o dízimo da hortelã, da erva-doce e do cominho, e deixais de lado os pontos fundamentais da Lei: a justiça, a misericórdia e a fidelidade.*³¹⁹ Um detalhe que não se deve negligenciar: falando do dízimo para todas as pequenas coisas, o Senhor escolheu entre as ervas, as últimas, mas perfumadas, para justamente indicar que, por meio de

práticas menores, os hipócritas procuram expandir ao redor de si o bom perfume de uma santidade reputada, e deixando de cumprir seus deveres mais importantes, observam as minúcias, que, segundo o julgamento humano, expande por todos os lados um ar de radiante virtude.

CAPÍTULO 34

(58) É preciso admoestar de modo diferente aqueles que nem sequer começam a fazer o bem e aqueles que, havendo começado, não o levam até o fim.

É preciso admoestar de modo diferente aqueles que nem sequer começam a fazer o bem e aqueles que, havendo começado, não o levam até o fim. Quanto aos primeiros, é preciso dizer-lhes que não devem começar a construir, com amor, de modo salutar, mas devem começar a destruir as coisas das quais se ocupam de modo iníquo. De fato, eles não vão aderir a um tipo de atividades das quais ouvem falar sem havê-las experimentado, se antes não compreendem quanto são nocivas as coisas das quais têm experiência; ninguém deseja ser levantado se até mesmo ignora de haver caído, e quando não se sente a dor da própria ferida, não se procura o remédio para curá-la. É preciso, portanto, mostrar a essas pessoas como são vãos os bens que amam e depois, apresentar com cautela a utilidade daqueles que negligenciam. Que, primeiro, tomem consciência de que devem fugir daquilo que amam e, depois, reconheçam sem dificuldade quanto são amáveis os bens dos quais fogem. Pois, lhes será mais fácil aceitar o que não têm por experiência se reconhecerem, de verdade, lucidamente, as reflexões que pretendem tecer sobre a experiência que fizeram. Aprendem, portanto, a buscar com todo o coração, os verdadeiros bens, quando tomam consciência, por meio de seguro julgamento, de que, em vão, possuíam falsos bens.

Que ouçam, portanto: os bens presentes passarão rapidamente, privados dos seus prazeres; todavia, o dano feito vai permanecer para puni-las, porque o que agora lhes dá prazer lhes será tirado contra a vontade, e o que lhes causa dor, também contra a vontade, será conservado para o seu castigo. Sintam, assim, um salutar terror daquelas mesmas coisas nas quais se comprazem e que lhes causam dano, a fim de que a alma, percebendo, transtornada, a profunda miséria para a qual a arrastará a sua queda, se surpreenda à beira do precipício, volte atrás e, temendo por aquilo que havia amado, comece a amar o que havia desprezado.

Por isso, é dito ao profeta Jeremias, enviado para pregar: *Eis que eu te estabeleci sobre os povos e reinos, para arrancar e para destruir, para perder e para dispersar, para edificar e para plantar.*³²⁰ Se ele não começasse destruindo o mal, não poderia construir, com proveito, o bem; se ele não arrancasse do coração dos seus ouvintes os espinhos de um amor vazio, certamente semearia nele, em vão, as palavras da sua santa pregação. Por isso, Pedro primeiro derruba, para depois construir, quando, no lugar de advertir os judeus sobre o que deveriam fazer, ele os repreende sobre o que haviam feito: *Jesus de Nazaré foi um homem que Deus confirmou entre vós, realizando por meio dele os milagres, prodígios e sinais que vós bem conheceis. E Deus, com sua vontade e presciência, permitiu que Jesus vos fosse entregue, e vós, através de ímpios, o mataram, pregando-o numa cruz. Deus, porém, ressuscitou Jesus, libertando-o das cadeias da morte.*³²¹ Pedro queria que, abatidos pela tomada de consciência da própria crueldade, eles ouvissem com proveito a santa pregação que edifica, e que eles o interrogassem com ansiedade. Por isso, logo perguntaram: *Irmãos, o que devemos fazer?* – *Arrependei-vos*, foi-lhes dito imediatamente, *e que cada um de vós seja batizado.*³²² Eles teriam certamente desprezado essas palavras que edificam, se antes não tivessem descoberto, para a própria salvação, a profundidade em que haviam caído.

Eis por que Saulo, quando resplandeceu sobre ele a luz enviada do céu, ouviu dizer, não o que deveria fazer de bem, mas o que havia feito de mal: *Quem és tu, Senhor?*, disse ele prostrado. E

ouviu a resposta: *Eu sou Jesus de Nazaré, a quem tu persegues.*³²³ E como ele retomou: *Senhor, o que me ordenas fazer?*,³²⁴ foi imediatamente acrescentado: *Levanta-te, entra na cidade, e lá te será dito o que deves fazer.*³²⁵ Eis que, falando do alto do céu, o Senhor desaprova a ação do seu perseguidor, sem, todavia, mostrar-lhe imediatamente o devia fazer. Eis: o edifício do seu orgulho havia desabado todo de uma vez e, em seguida, prostrado, humildemente, pedia que fosse edificado. No momento em que o orgulho fora abatido, as palavras que edificam ficaram provisoriamente emudecidas; evidentemente, a fim de que o cruel perseguidor, prostrado, permanecesse um tempo à terra, para poder depois se levantar tanto mais fortificado no bem, quanto mais completamente derrubado se encontrara de seus precedentes erros. Aqueles que ainda não começaram a fazer o bem devem, portanto, radicados como estão no mal, ser inicialmente abatidos pelo vigor da correção, para, em seguida, ser reerguidos à condição de quem realiza o bem. Assim, se nós cortamos embaixo uma árvore alta da floresta, é para elevá-la até o teto do edifício, mas não a usamos logo na construção, para que antes possa secar a sua nociva umidade: quanto mais se enxugar a sua seiva interior, mais solidamente poderá ser colocada no alto.

Pelo contrário, é preciso exortar aqueles que, havendo começado a fazer o bem, não o levam até o fim, para que considerem com vigilante atenção que, ao não levar ao término o que se propõem, reduzem a nada seus primeiros esforços. Se, de fato, o que parece ter de ser fazer não cresce com uma solícita aplicação, diminui também aquilo que tinha sido bem-feito. Neste mundo, a alma humana se assemelha a uma nave que sobe contra a corrente de um rio: nunca poderá ficar parada no mesmo lugar, porque volta de novo para baixo se não se esforça de ir para cima. Se a mão forte do trabalhador não leva o que ele começou de bom ao seu ponto mais alto de perfeição, a interrupção do trabalho irá comprometer aquele já feito. Eis por que se diz por meio de Salomão: *Quem é relaxado e descuidado no seu trabalho é irmão daquele que destrói a sua obra.*³²⁶ Sim, quem não persegue decididamente o bem começado imita, por sua negligência, a mão que destrói. Daqui a palavra do anjo à Igreja de Sardes: *Sê vigilante e fortalece tudo o que estava para morrer, pois não acho que as tuas obras sejam completas diante de meu Deus.*³²⁷ Assim como as suas obras não haviam sido encontradas completas diante de Deus, o anjo anunciava que também o que já tinha sido feito iria morrer. Se, de fato, o que é morto em nós não for reanimado, acaba extinguindo-se também aquilo que, de algum modo, se conserva ainda vivo.

É preciso, portanto, exortá-los a considerar que teria sido menos condenável o não tomar o bom caminho do que voltar as costas após tê-lo iniciado. Se eles não tivessem olhado para trás, o seu ardor do início não teria se tornado um indolente langor. Que ouçam a palavra da Escritura: *Melhor seria que não tivessem conhecido o caminho da justiça do que, depois de tê-lo conhecido, voltar atrás.*³²⁸ E também esta outra palavra: *Quem dera tu pudesses ser frio ou quente! Mas porque tu és morno, nem frio nem quente, vou te vomitar da minha boca.*³²⁹ Quente é quem, com decisão, começa uma boa tarefa e a conclui; frio é aquele que nem mesmo começa o que deveria fazer até o fim. E como do frio, pelo morno, se passa ao quente, assim do quente, sempre através do morno, se retorna ao frio. Portanto, aquele que, superada a frieza da infidelidade passa a viver, mas não consegue vencer a tepidez de modo que cresça no fervor, permanece na nociva condição de tepidez e, tendo perdido, irremediavelmente, a esperança de conservar o fervor, se comporta de tal modo que recai na frieza. Espera-se o frio antes da tepidez; mas, após o frio, pouca é a esperança de se retornar à tepidez. Aquele que ainda está no pecado não perde a confiança de que poderá se converter. Mas aquele que após a sua conversão permanece túbio, extingue inclusive a esperança que poderia ter sendo um pecador. É necessário, portanto, que uma pessoa seja ou quente ou fria, para não ser

vomitada porque é morna: não ainda convertida, ela dê esperança da sua conversão, ou então, já convertida, tenha o fervor das virtudes. Não seja vomitada, tornando-se morna, renunciando ao seu projeto de fervor e retornando, por seu torpor, ao perigoso frio.

CAPÍTULO 35

(59) É preciso admoestar de modo diferente aqueles que fazem o mal ocultamente e o bem à vista de todos, e aqueles que fazem o bem em segredo e, todavia, por algumas de suas ações públicas, permitem que se pense mal deles.

É preciso admoestar de modo diferente aqueles que fazem o mal ocultamente e o bem à vista de todos, e aqueles que escondem o bem que fazem, deixando, todavia, que se pense mal deles por algumas de suas ações em público. Os primeiros devem ser exortados a avaliar com qual rapidez os julgamentos humanos voam ao vento, enquanto os julgamentos divinos permanecem imutáveis. É preciso exortá-los para que fixem os olhos da alma no fim de todas as coisas, porque o testemunho de louvor dos homens passa, enquanto a sentença divina, que penetra também aquilo que se tem em segredo, entra em vigor para fazer justiça eternamente. Quando eles põem sob o olhar de Deus, que os julga, as más ações que escondem e, sob o olhar dos homens, as suas boas ações, o bem que fazem em público, ficam sem testemunha, enquanto as suas faltas dissimuladas não ficam sem uma testemunha por toda a eternidade. Desse modo, escondendo as suas faltas aos homens e ostentando as suas virtudes, colocam à vista de todos, procurando escondê-los, os motivos pelos quais deveriam ser punidos e acabam escondendo, procurando torná-los públicos, aqueles pelos quais poderiam ser recompensados. Com razão, a Verdade chama esses homens de *sepulcros caiados*, belos por fora, mas cheios de ossos de mortos por dentro,³³⁰ porque, no íntimo, escondem a malícia dos seus vícios e, diante dos olhos humanos, colocando bem-vistas algumas de suas ações, lisonjeiam com somente a aparência de justiça. É preciso exortá-los a não subestimar as suas boas ações e a crer que são dignas de uma maior recompensa. De fato, eles as desvalorizam quando pensam que o favor dos homens seja suficiente para recompensá-las. Quando se busca um louvor passageiro, por meio de uma boa obra, vende-se a um vil preço um bem digno de uma retribuição eterna. E é sobre esse preço que a Verdade afirma: *Em verdade vos digo: já receberam a sua recompensa.*³³¹ É preciso exortar essas pessoas a refletir que, comportando-se mal em segredo e, todavia, dando publicamente exemplos de boas ações, elas mostram um caminho que, na verdade, evitam, proclamam amável o que detestam; no final das contas, parecem vivas diante dos outros, mas em si mesmas são como pessoas mortas.

Ao contrário, é preciso advertir aqueles que fazem o bem em segredo e, todavia, por algumas de suas ações públicas, permitem que se pense mal deles, a fim de que, enquanto vivificam o próprio espírito com a força do bem que realizam, não se encontrem a conduzir outros à morte, com o escândalo da própria má reputação; não aconteça que amem menos o próximo que a si mesmos e, saciando a própria sede com um vinho benfazejo, apresentem às almas atentas em observá-los uma taça de perigoso veneno. Esses homens, evidentemente, não ajudam os outros a viver bem e, antes, lhes causam grave dano; eles se aplicam a fazer o bem em segredo, mas pelo exemplo de algumas de suas ações, semeiam o mal. Aquele que se torna capaz de desprezar todo desejo de louvor se esconde o que fez de bem, comete uma fraude no seu empenho de edificar o próximo; quem não dá a conhecer uma obra a ser imitada é como quem lança a semente à terra e depois a impede de germinar. Por isso, a Verdade proclama no Evangelho: *Vejam as vossas boas obras e glorifiquem vosso Pai que está nos céus.*³³² No mesmo Evangelho se encontra outra sentença que parece dizer o contrário: *Prestai atenção! Não pratiqueis a vossa justiça diante dos homens, só para serdes vistos por*

eles.³³³

O que significa isso? A obra que se faz deve ser feita sem que seja vista, e é prescrito que seja vista! Não será que nossas ações devem, às vezes, ser escondidas, pelo temor de que sejamos nós elogiados por causa delas, e, todavia, devem ser manifestadas para que acresçamos o louvor do Pai dos céus? Sim, quando o Senhor nos proíbe de praticar a nossa justiça diante dos homens, em seguida ele acrescenta: *para serdes vistos por eles*. E, prescrevendo, ao contrário, que nossas boas obras sejam vistas pelos homens, logo acrescenta: *para que glorifiquem vosso Pai que está nos céus*. Portanto, no final das sentenças demonstrou em que sentido devem ser vistas e em que sentido não o devem: a fim de que a alma de quem a realiza não procure que a sua obra seja vista, por causa sua, e, todavia, não a esconda, pela glória do Pai celeste. Acontece, com frequência, que uma boa obra realizada publicamente permaneça, de fato, como que na sombra e que, ao contrário, se torne pública aquela realizada em âmbito privado. Pois, aquele que, havendo feito o bem em público, não busca a sua glória, mas a glória do Pai celeste, esconde o que fez, porque a sua única testemunha é aquele a quem procurou agradar. E aquele que, havendo realizado uma boa obra em segredo, deseja ser descoberto e louvado, mesmo se ninguém pode ver o que procura tornar conhecido, dele é correto dizer que agiu diante dos homens, pois na sua boa obra se circundou de tantas testemunhas quanto de louvores humanos que procurou em seu coração.

Por outro lado, quando não se elimina do espírito das pessoas a maldosa interpretação de uma ação da qual são testemunhas, na medida em que algum pecado não a justifica, oferece-se a todos aqueles que acreditarão na notícia da falta o exemplo contagioso do mal. Acontece, portanto, com frequência, que aqueles que toleram por negligência que se pense mal deles não façam, pessoalmente, nada de mal e, todavia, pequem em muitos modos através de todos aqueles que passam a imitá-los. Eis por que Paulo disse aos discípulos que comiam alimentos imundos sem se contaminar, mas que se tornavam para os irmãos ainda imperfeitos motivo de tentação: *Cuidai, porém, que a vossa liberdade não se torne ocasião de queda para os fracos*.³³⁴ E ainda: *Desse modo, por causa do conhecimento que vós tendes, perecerá o fraco, esse irmão pelo qual Cristo morreu! Se vós pecais assim contra os próprios irmãos e feris a consciência deles, que é fraca, é contra o Cristo que pecais*.³³⁵ Por isso, quando Moisés deu esta ordem: *Não insultarás o surdo*, logo acrescenta: *E não colocarás nada diante do cego que poderá fazê-lo cair*.³³⁶ Insultar um surdo significa menosprezar aquele que está ausente e que não pode entender. Colocar um tropeço diante do cego significa cumprir uma ação bem meditada, mas que oferece uma ocasião de queda para aquele que não possui a luz do discernimento.

CAPÍTULO 36

(60) Quando a exortação se dirige a grande número de ouvintes, como encorajar as virtudes de cada um sem, porém, fazer crescer os vícios opostos às virtudes?

Estas são as orientações que deve seguir nas suas pregações um pastor de almas solícito em aplicar sobre as feridas de cada uma o antídoto apropriado. Mas, se é preciso grande empenho para prover às necessidades de cada um quando exorta os seus ouvintes individualmente, se é preciso fadigar bastante para munir cada um com aquilo que lhe convém, dando-lhe a atenção devida, será preciso trabalhar muito mais ainda quando os ouvintes são muito numerosos e atormentados por paixões diversas, a fim de lhes esclarecer sobre os seus deveres, todos ao mesmo tempo e através de uma única exortação.

Então, sim, a palavra deverá ser usada com tal arte, de modo que se diga o que é conveniente a cada um dos ouvintes com os seus diversos vícios, e que, ao mesmo tempo, não se contradiga; ela

passará entre as paixões, seguindo um único traçado, mas, como uma espada de dois gumes, ela cortará à direita e à esquerda os tumores dos pensamentos carnaís, de modo que a humildade seja pregada aos orgulhosos sem que o temor cresça no coração dos tímidos e que seja infundida segurança aos tímidos sem que a insolência cresça nos orgulhosos. Que se pregue aos ociosos e sonolentos a solicitude pelas boas obras, sem aumentar nos impulsivos o apoio para uma atividade desregrada. Que se imponha uma medida aos impulsivos, sem que os ociosos se sintam seguros na própria sonolência. Que se aplaque a ira dos impacientes, sem agravar a negligência dos indolentes e dos pusilânimes. Que se acenda no coração dos indolentes a chama do zelo, sem atizar aquela que incendeia os iracundos. Que se inspire a generosidade aos avarentos, sem afrouxar o freio à prodigalidade dos gastadores. Que se pregue a economia aos gastadores, sem aumentar nos avarentos a preocupação por reservas perecíveis. Que se faça aos incontinentes o elogio do matrimônio, sem estremecer a resolução dos continentes pelo desejo do prazer. Que se faça aos continentes o elogio da virgindade corporal, sem desprezar junto aos esposos a fecundidade da carne. É preciso pregar o bem sem emprestar o flanco ao mal. É preciso louvar os valores morais mais altos, sem desprezar os menores. É preciso potenciar os menores sem que, considerando-os suficientes, se deixe de aspirar aos mais altos.

CAPÍTULO 37

(61) Sobre a exortação que se deve fazer individualmente a quem sofre de paixões contrárias.

Para o pregador que deve pregar a numerosos ouvintes, é certamente uma árdua tarefa estar atento às paixões secretas e aos interesses de cada um e, como numa academia de ginástica, movimentar-se habilmente para a direita e para a esquerda. Mas a tarefa é ainda mais árdua e cansativa quando ele deve dirigir-se a uma só pessoa dominada por vícios contrários. De fato, frequentemente, essa pessoa se manifesta com um temperamento bastante expansivo, mas que depois, improvisamente, é abatido por um acesso de tristeza. O pregador deve, portanto, ter o cuidado de tirar a repentina tristeza, sem aumentar excessivamente a alegria própria do temperamento exuberante, e moderar essa exuberância, sem aumentar a repentina tristeza. Acontece que uma pessoa seja habitualmente bastante impulsiva, mas às vezes, uma intensa moção de temor, improvisamente, a paralisa, enquanto ela deveria agir com rapidez. Uma outra pessoa sofre por ser, habitualmente, temerosa demais, e, todavia, o desejo, às vezes, a impele a uma impulsiva precipitação. É preciso, portanto, na primeira, reprimir a improvisa moção de temor, sem que se acresça a impulsividade por muito tempo cultivada. Na outra, é preciso reprimir a repentina impulsividade, sem que se agrave a sua inata vulnerabilidade ao temor.

O que há de surpreendente se os médicos das almas observam todas estas coisas, visto que aqueles que curam não os corações, mas os corpos regulam as suas intervenções com uma grande arte de discernimento? Com frequência, uma grave enfermidade abate um organismo enfraquecido e seria necessário combatê-la com forte medicação, mas o organismo enfraquecido não tolera a forte medicação. O médico se esforça, então, por eliminar tal enfermidade sem aumentar a profunda debilidade do organismo, para não extinguir, com a enfermidade, também a vida! Ele, portanto, compõe o remédio com tal discernimento que, de uma só vez e ao mesmo tempo, trata a doença e a debilidade. Se, portanto, um remédio corporal administrado de uma só vez pode produzir diversos efeitos – porque se trata de verdadeiro remédio quando, curando uma doença que sobrevém, aumenta também a base da saúde do organismo –, por que um remédio da alma, aplicado com uma única e mesma pregação, não poderia curar enfermidades morais de naturezas diversas, visto que age de modo mais penetrante ainda, em se tratando de realidades invisíveis?

(62) É preciso tolerar defeitos menores para extirpar vícios mais graves.

Frequentemente, o assalto de uma enfermidade provém de dois vícios: um mais leve e outro mais pesado. É, então, oportuno opor-se, com urgência, àquele que pode conduzir mais rapidamente à morte. Se o pregador não puder evitar uma morte iminente, reprimindo esse vício sem piorar o outro, seu contrário, ele deverá tolerar este último: na sua exortação, o pregador usará de habilidade para deixar crescer o mais leve para poder conter o outro que leva à morte. Comportando-se assim, ele não agrava a enfermidade e preserva a vida do ferido com o remédio aplicado, até que surja um momento favorável para a busca da cura. Muitas vezes, de fato, uma pessoa que não sabe controlar a sua gula é pressionada pelo aguilhão da luxúria, pronta a dominá-lo; aterrorizada por esse terrível assalto, ela se esforça de se apegar à abstinência; fazendo assim, é turbada pela tentação da vanglória, de modo que não somente não extingue um vício, mas acaba por alimentar o outro. Que vício é preciso atacar com maior ardor senão aquele que preme com mais perigo? É preciso tolerar que, com a sua virtuosa abstinência, um nocivo orgulho cresça nessa pessoa; mas que ela viva. Não aconteça que a luxúria, por causa da sua voracidade, acabe totalmente com a sua vida!

Por isso, Paulo, consciente de que o seu ouvinte, na sua fragilidade, queria, seja continuar fazendo o mal, seja ser recompensado pela alegria que dá o louvor humano, por causa de uma boa conduta, declara: *Tu queres não ter temor da autoridade? Faze o bem e dela receberás louvor.* ³³⁷ Na verdade, não se deve fazer o bem por medo de uma autoridade deste mundo, ou para receber em troca uma glória passageira. Mas, considerando que uma alma frágil não podia alcançar um grau de coragem assim grande para evitar, ao mesmo tempo, a iniquidade e o louvor, o eminente pregador, com a sua exortação, ofereceu e tirou algo: fez uma pequena concessão e arrancou um mal mais grave. Como essa pessoa não conseguiria abandonar tudo de uma só vez, deixa-se ao seu coração a posse familiar de uma vantagem, para que ela seja despojada sem dor da posse daquela da qual devia ser libertada.

(63) Aos espíritos incultos, não altas pregações.

O pregador há de saber que não deve arrastar o ouvinte além de suas forças: a corda do seu espírito, pode-se dizer, se romperia, se esticada além do que é possível. Os altos discursos devem ser mantidos ocultos a muitos dos ouvintes, e descobertos a um pequeno número. Por isso, a Verdade mesma diz: *Quem é, no teu parecer, o administrador fiel e sábio que o patrão estabeleceu sobre a sua casa, para dar aos seus familiares, no tempo oportuno, a sua porção de trigo?* ³³⁸ A porção de trigo simboliza a moderação da palavra: dar a um coração estreito o que ele não pode conter seria derramar para fora. Eis por que Paulo declara: *Eu não pude vos falar como a homens espirituais, mas como a seres carnis. Como a criancinhas em Cristo, eu vos dei leite para beber, não um alimento sólido.* ³³⁹ Eis por que Moisés, quando saiu do seu encontro secreto com Deus, cobriu com um véu, diante do povo, o seu rosto resplandecente de luz. ³⁴⁰ Isso, evidentemente, porque às multidões ele não dá a conhecer os mistérios da luz interior. Por isso está prescrito pela lei divina que, se um homem escava uma cisterna e não toma o cuidado de cobri-la, deve pagar o preço do boi ou do burro que, porventura, nela cair. ³⁴¹ Aquele que, tendo chegado às águas profundas da ciência, não as esconde aos ouvintes de espírito rude, é passível de castigo se uma palavra sua for, para eles, almas inocentes ou impuras, uma ocasião de queda. Por isso se diz ao bem-aventurado Jó: *Quem deu a inteligência ao galo?* ³⁴² O santo pregador, quando fala bem alto neste tempo de trevas, se assemelha ao galo que canta na noite, ao dizer: *Eis agora a hora de despertar do nosso sono.* ³⁴³ E

ainda: *Despertai-vos, justos, e não pequeis.*³⁴⁴ O galo faz ouvir as suas notas agudas nas horas profundas da noite, mas quando o amanhecer se aproxima, ele emite sons mais baixos e tênues. A esses espíritos ainda obscurecidos, um bom pregador proclama com alta voz claros ensinamentos, mas não lhes dá a conhecer os mistérios escondidos; será aproximando-se da luz da verdade que eles poderão ouvir os ensinamentos mais penetrantes sobre as coisas do céu.

CAPÍTULO 40

(64) Os atos e a palavra do pregador.

Depois de tudo o que dissemos, somos conduzidos pelo zelo da caridade àquilo que expusemos acima: um pregador deve sempre se fazer ouvir mais por seus atos que por suas palavras; mais pelas pegadas que ele deixa no seu bom caminho, e que outros seguirão, que por indicar-lhes, com palavras, para onde eles devem ir. Este galo que o Senhor toma como exemplo para expressar como deve ser o bom pregador, quando se prepara para cantar, primeiro bate as asas para que, batendo-se em si mesmo, possa se acordar bem. Assim, antes de fazer ressoar as palavras de uma santa pregação, é preciso que o pregador se acorde pelo seu empenho em realizar boas obras; não aconteça que estimule os outros com suas palavras e permaneça ele mesmo entorpecido quando é o caso de agir. É preciso primeiro sacudir-se com boas ações e, depois, inspirar aos outros a solicitude em viver bem. É preciso primeiro bater em si mesmo as asas dos pensamentos, descobrir por meio de um sério exame tudo o que em si mesmo jaz no torpor e corrigir-se com uma severa censura, e então, sim, falar para pôr ordem na vida dos outros. É preciso haver o cuidado de primeiro expiar com lágrimas as suas próprias culpas, e depois denunciar o que deve ser expiado nos outros; e, antes de fazer ressoar as palavras que exortam, que proclame, com suas obras, tudo o tinha intenção de dizer.

¹ 1Tm 5,1.

² Is 54,4.11.

³ Is 48,10.

⁴ 1Tm 6,17.

⁵ Lc 6,24.

⁶ Cf. 1Sm 16,23.

⁷ Cf. 2Sm 12,1-15.

⁸ Lc 6,25.

⁹ Jo 16,22.

¹⁰ Cl 3,20-21.

¹¹ Pr 6,6.

¹² Pr 6,1.

¹³ Pr 6,3-4.

¹⁴ Cf. Ez 1,18.

¹⁵ Cf. Ap 6,6.

¹⁶ Cf. 1Sm 24,4ss.

¹⁷ 1Sm 24,6.

¹⁸ Ex 16,8.

¹⁹ Cl 3,22.

²⁰ 1Tm 6,1.

²¹ Ef 6,9.

²² Cf. 1Cor 1,25.

²³ 1Cor 3,18.

²⁴ 1Cor 1,26.

²⁵ 1Cor 1,27.

[26](#) Rm 1,14.
[27](#) Hb 8,13.
[28](#) Hb 11,36-37.
[29](#) Hb 13,7.
[30](#) Jr 3,3.
[31](#) Is 54,4-5.
[32](#) Gl 3,1.
[33](#) Gl 3,3.
[34](#) Fl 4,10.
[35](#) Cf. 1Cor 1,12.
[36](#) 1Cor 5,1-2.
[37](#) 2Ts 1,3-4.
[38](#) 2Ts 2,1-2.
[39](#) 1Cor 13,4.
[40](#) Pr 19,11.
[41](#) Ecl 7,8.
[42](#) Cf. Ez 43,13.
[43](#) Gl 6,2.
[44](#) Pr 16,32.
[45](#) Lc 21,19.
[46](#) Pr 29,11.
[47](#) 1Cor 13,4.
[48](#) Ef 4,31.
[49](#) Ls 6,27-28.
[50](#) Mt 7,3.
[51](#) Mt 7,5.
[52](#) Cf. 1Cor 12,12-30.
[53](#) Sb 2,24.
[54](#) Gn 4,4-5.
[55](#) Pr 14,30.
[56](#) Jo 16,12.
[57](#) Rm 16,19.
[58](#) Mt 10,16.
[59](#) Sl 139,10.
[60](#) Jr 9,4.
[61](#) Is 34,15.
[62](#) Pr 10,9.
[63](#) Sb 1,5.
[64](#) Pr 3,32.
[65](#) Cf. Sf 1,14-16.
[66](#) 2Cor 6,2.
[67](#) Pr 1,24-26.
[68](#) Pr 1,28.
[69](#) Pr 5,9-11.
[70](#) Sl 78,34.
[71](#) Ap 3,19.
[72](#) Hb 12,5-6.
[73](#) Sl 34,20.
[74](#) J6 10,15.
[75](#) Hb 12,9-10.
[76](#) Cf. Nm 22,23ss.
[77](#) 2Pd 2,16.
[78](#) Pr 20,30.
[79](#) Pr 20,27.
[80](#) IJo 4,18.
[81](#) Rm 8,15.
[82](#) 2Cor 3,17.
[83](#) Pr 27,22.
[84](#) Jr 5,3.
[85](#) Jr 15,7.
[86](#) Is 9,13.
[87](#) Jr 59,1.
[88](#) Ez 22,18.
[89](#) Ez 24,12.
[90](#) Jr 6,29.
[91](#) Pr 5,1.
[92](#) Sl 40,13.
[93](#) 2Sm 7,27.
[94](#) Cf. Lv 19,17.

[95](#) Eclo 20,7.
[96](#) Ecl 3,7.
[97](#) Sl 141,3.
[98](#) Pr 25,28.
[99](#) Pr 17,14.
[100](#) Pr 18,4.
[101](#) Pr 26,10.
[102](#) Sl 140,12.
[103](#) Pr 10,9.
[104](#) Is 32,17.
[105](#) Tg 1,26.
[106](#) Tg 1,19.
[107](#) Tg 3,8.
[108](#) Mt 12,36.
[109](#) Pr 19,15.
[110](#) Pr 19,15.
[111](#) Cf. Pr 21,26
[112](#) Cf. Mt 12,44.
[113](#) Pr 20,4.
[114](#) Ecl 11,4.
[115](#) Eclo 32,24.
[116](#) Pr 4,25.
[117](#) 2Tm 4,2.
[118](#) Tt 2,15.
[119](#) Cf. 1Sm 25,37.
[120](#) 2Sm 2,22-23.
[121](#) Lc 18,14.
[122](#) Lc 18,14.
[123](#) Pr 15,33.
[124](#) Pr 16,18.
[125](#) Is 66,2.
[126](#) Eclo 10,9.
[127](#) Sl 138,6.
[128](#) Sl 138,6.
[129](#) Mt 20,28.
[130](#) Eclo 10,15.
[131](#) Fl 2,8.
[132](#) J6 41,25.
[133](#) Nm 10,29ss.
[134](#) Rm 12,16.
[135](#) Ef 4,14.
[136](#) Pr 1,31.
[137](#) Pr 15,7.
[138](#) Jo 5,30.
[139](#) Jo 5,30.
[140](#) 2Cor 1,17.
[141](#) Lc 16,24.
[142](#) Ex 32,6.
[143](#) Gn 3,14.
[144](#) Cf. 2Rs 25,8-10.
[145](#) 2Pd 1,5.
[146](#) Rm 14,3.
[147](#) Cl 2,23.
[148](#) Lc 18,12.
[149](#) Cf. Is 58,3 (LXX).
[150](#) Cf. Is 58,4.
[151](#) Is 58,5,7.
[152](#) Jl 1,14.
[153](#) Zc 7,5-6.
[154](#) Lc 21,34.
[155](#) Lc 21,35.
[156](#) Mt 15,11.
[157](#) 1Cor 6,13.
[158](#) Rm 13,13.
[159](#) 1Cor 8,8.
[160](#) Tt 1,15.
[161](#) Fl 3,19.
[162](#) 1Tm 4,1.
[163](#) 1Tm 4,3.

[164](#) Rm 14,21.
[165](#) 1Tm 5,23.
[166](#) 1Pd 4,11.
[167](#) Lc 17,10.
[168](#) 2Cor 9,7.
[169](#) Mt 6,3.
[170](#) Lc 14,12-13.
[171](#) Pr 3,28.
[172](#) Cf. Agostinho, Ps. 102,12 e Ps 146,7.
[173](#) 2Cor 9,6.
[174](#) 2Cor 8,13-14.
[175](#) Lc 6,30.
[176](#) Eclo 12,5.
[177](#) Tb 4,18.
[178](#) Mt 6,25.
[179](#) Mt 25,42-43.
[180](#) Mt 25,41.
[181](#) Hb 2,6.
[182](#) Is 5,8.
[183](#) Ecl 5,9.
[184](#) Pr 28,20.
[185](#) Pr 20,21.
[186](#) Mt 16,26.
[187](#) Mt 6,1.
[188](#) Sl 112,9.
[189](#) Pr 21,26.
[190](#) Cf. Lc 13,6s.
[191](#) Cf. Lc 16,19.
[192](#) Sl 49,8-9.
[193](#) Lc 3,9.
[194](#) Is 61,8.
[195](#) Pr 21,27.
[196](#) Eclo 34,20.
[197](#) Ag 1,6.
[198](#) Gl 5,22.
[199](#) 1Cor 3,3.
[200](#) Hb 12,14.
[201](#) Ef 4,3-4.
[202](#) Sl 150,4.
[203](#) Mc 9,50.
[204](#) Tg 3,14-15.17.
[205](#) Mt 5,23-24.
[206](#) Jo 14,27.
[207](#) Sl 139,21-22.
[208](#) Cf. Ex 32,27ss.
[209](#) Cf. Nm 25,7-8.
[210](#) Mt 10,34.
[211](#) 2Cr 19,2-3.
[212](#) Sl 120,7.
[213](#) Rm 12,18.
[214](#) 2Ts 3,14.
[215](#) Mt 13,28.
[216](#) Pr 6,12-14.
[217](#) Mt 5,9.
[218](#) Jó 41,14.
[219](#) Jó 41,7-8.
[220](#) At 23,6.
[221](#) Am 1,13.
[222](#) Os 2,10.
[223](#) 1Pd 4,11.
[224](#) 2Cor 2,17.
[225](#) Pr 16,5.
[226](#) Pr 5,15-17.
[227](#) Sl 54,5.
[228](#) Eclo 20,32(30).
[229](#) Pr 11,26.
[230](#) Jr 48,10.
[231](#) Dt 32,42.
[232](#) Cf. Mt 25,14-30.

[233](#) At 20,26-27.
[234](#) Ap 22,17.
[235](#) Is 6,5.
[236](#) Pr 11,25.
[237](#) Sl 40,10-11.
[238](#) Ct 8,13.
[239](#) Ex 32,26-27.
[240](#) Lc 24,29.
[241](#) Eclo 32,7-8.
[242](#) Lc 2,42.
[243](#) Lc 2,46.
[244](#) lTm 4,12.
[245](#) Eclo 11,9.
[246](#) Ez 36,5.
[247](#) Pr 1,32.
[248](#) lCor 7,30-31.
[249](#) Ct 2,6.
[250](#) Pr 3,16.
[251](#) Sl 108,7.
[252](#) Ex 15,6.
[253](#) Cf. Ex 3,8.
[254](#) Sl 104,44-45.
[255](#) Sl 72,18.
[256](#) Lc 16,25.
[257](#) Cf. lSm 24,3-18.
[258](#) Cf. 2Sm 11,2-17.
[259](#) Cf. lRs 11, 4ss.
[260](#) lCor 7,29-30.
[261](#) lCor 7,31.
[262](#) Gl 6,2.
[263](#) lCor 7,1.
[264](#) lCor 7,3.
[265](#) lCor 7,6.
[266](#) Cf. Gn 19,30.
[267](#) Gn 19,20.
[268](#) Gn 19,21.
[269](#) lCor 7,5.
[270](#) lCor 7,35.
[271](#) lCor 6,9-10.
[272](#) Hb 13,4.
[273](#) lCor 7,9.
[274](#) Lc 9,62.
[275](#) Jr 3,3.
[276](#) Ez 23,3.
[277](#) Jr 3,1.
[278](#) Is 30,20-21.
[279](#) Is 56,4.
[280](#) Ap 14,4.
[281](#) Ap 14,3.
[282](#) Mt 19,11.
[283](#) Is 23,4.
[284](#) Lc 7,47.
[285](#) Lc 15,7.
[286](#) Sl 79,6.
[287](#) Sl 50,11.
[288](#) Sl 50,5.
[289](#) Is 43,25.
[290](#) Lm 3,48.
[291](#) Sl 94,2.
[292](#) lCor 11,31.
[293](#) Cf. Gn 34,1-3.
[294](#) Sl 31,5.
[295](#) 2Pd 2,22.
[296](#) Eclo 7,15.
[297](#) Is 1,16.
[298](#) Eclo 34,30.
[299](#) Tg 4,4.
[300](#) Nm 23,10.
[301](#) Rm 7,23.

[302](#) Sl 74,5.
[303](#) Sl 50,19.
[304](#) 1Cor 6,11.
[305](#) At 2,38.
[306](#) Is 3,9.
[307](#) Gn 18,20.
[308](#) Lc 12,47.
[309](#) Sl 54,16.
[310](#) Pr 23,35.
[311](#) Pr 23,34.
[312](#) Ct 3,8.
[313](#) Ct 7,4.
[314](#) Jr 4,4.
[315](#) Jr 23,2.
[316](#) Sl 1,1.
[317](#) Eclo 19,1.
[318](#) Mt 23,24.
[319](#) Mt 23,23.
[320](#) Jr 1,10.
[321](#) At 2,22-24.
[322](#) At 2,37-38.
[323](#) At 22,8; cf. 9,5.
[324](#) At 9,6; cf. 22,10.
[325](#) At 9,7; cf. 22,10.
[326](#) Pr 18,9.
[327](#) Ap 3,2.
[328](#) 2Pd 2,21.
[329](#) Ap 3,15-16.
[330](#) Cf. Mt 23,27.
[331](#) Mt 6,2.
[332](#) Mt 5,16.
[333](#) Mt 6,1.
[334](#) 1Cor 8,9.
[335](#) 1Cor 8,11-12.
[336](#) Lv 19,14.
[337](#) Rm 13,3.
[338](#) Lc 12,42; cf. Mt 24,25.
[339](#) 1Cor 3,1.
[340](#) Cf. Ex 34,29-35.
[341](#) Cf. Ex 21,33-34.
[342](#) Jó 38,36.
[343](#) Rm 13,11.
[344](#) 1Cor 15,34.

QUARTA PARTE

(65) COMO O PREGADOR, APÓS TER OBSERVADO DEVIDAMENTE ESTAS REGRAS, DEVE REENTRAR EM SI MESMO, DE MODO QUE NEM A SUA VIDA, NEM A SUA PREGAÇÃO O INDUZAM A SE ORGULHAR

A HUMILDADE

Com frequência, quando as frases de uma pregação fluem abundantes e no modo conveniente, uma secreta alegria sobe ao coração do orador pelo sucesso obtido. Desse modo, ele deve, com grande atenção, infligir a si mesmo a mortificação do temor para que, ao restituir a saúde aos outros, curando as suas feridas, ele não se inche de orgulho e negligencie a sua própria saúde; não abandone a si mesmo enquanto ajuda o próximo, e não caia, enquanto levanta os outros. Para muitos, a excelência da sua virtude foi a causa da sua perdição: confiantes nas suas próprias forças, seguros de si mesmos até o excesso, eles morreram improvisamente por sua negligência. Quando a virtude resiste aos vícios, o coração fica como que encantado por certo prazer, e pode acontecer, então, que aquele que age bem deixe de lado a preocupação de vigiar sobre a sua alma, que repousa, tranquila, confiante nas suas próprias forças.

Nesse estado de sonolência, o astuto sedutor lhe recorda todo o bem realizado, o que faz com que ela, imaginando-se superior a todos, se orgulhe, inchada de vaidade. O resultado é que, aos olhos do justo Juiz, a lembrança de sua virtude se torna uma armadilha para esta alma, pois, evocando o que fez, ela se exalta aos próprios olhos e, ao mesmo tempo, decai aos olhos do autor da humildade. Eis por que se diz à alma orgulhosa: *Porque tu és mais bela, desce e dorme com os incircuncisos.*¹ Como se dissesse claramente: “Porque tu te exaltas pelo esplendor das tuas virtudes, a tua mesma beleza te empurra para cair”. Eis por que, sob o símbolo de Jerusalém, a alma tomada pelo orgulho por causa da sua virtude é assim repreendida: *Tu eras perfeita, com a nobreza com a qual eu te havia revestido, diz o Senhor; e confiante na tua beleza, te prostituíste, em favor do teu nome.*² A alma se exalta confiante na sua beleza, quando se gloria em si mesma dos méritos de suas virtudes, com uma alegre segurança. Mas essa mesma confiança a conduz a se prostituir, porque quando, surpreendida, ela fica prisioneira das suas próprias imaginações, os espíritos malignos a corrompem com a sedução de vícios sem número.

É preciso notar bem esta palavra: *te prostituíste, em favor do teu nome*, porque, quando uma alma deixa de olhar para o alto, para aquele que tudo governa, ela procura, ao mesmo tempo, o seu próprio louvor e começa a atribuir a si mesma todo o bem que recebeu para servir à glorificação de seu benfeitor; deseja estender o esplendor do seu renome; faz de tudo para ser conhecida, objeto de admiração para todos. Ela se prostitui, portanto, em favor do seu nome, porque, abandonando o legítimo tálamo conjugal, entrega-se ao espírito corruptor, no seu ardente desejo de louvor. Por isso a palavra de Davi: *Entregou suas virtudes ao cativo e sua beleza nas mãos do inimigo.*³ A virtude é entregue ao cativo e a beleza nas mãos do inimigo quando o antigo inimigo domina sobre uma alma iludida pelo orgulho de uma boa obra.

Todavia, mesmo sem ser totalmente o dominador, este orgulho da virtude tenta, com frequência, de um modo ou de outro, o coração dos escolhidos; mas este coração que se exalta é abandonado a si mesmo e, abandonado a si mesmo, é conduzido ao temor. Por isso, diz ainda Davi: *Eu disse no tempo da minha abundância: Jamais vacilarei.*⁴ Ora, como a sua confiança em sua virtude o havia inchado de orgulho, ele acrescenta o que pouco depois teve de sofrer: *Tu retiraste de mim a tua face, e eu fiquei desconcertado.*⁵ Como se dissesse abertamente: “Eu me acreditei forte entre as minhas virtudes, mas, abandonado, eu aprendi a conhecer quanto sou fraco”. Assim, ele diz novamente: *Eu jurei e decidi observar os decretos da tua justiça.*⁶ Mas, como não dependia de suas forças o manter-se fiel à observância prometida, logo, turbado, descobriu a sua própria fragilidade. Recorreu, então, imediatamente, ao socorro da oração: *Eu fui humilhado até o fundo, Senhor; faze-me viver, segundo a tua palavra.*⁷

Antes de elevá-la por seus dons, às vezes, a Providência divina evoca à alma a lembrança da sua fragilidade, para que ela não se inche de vaidade por causa das virtudes que terá recebido. Por isso, cada vez que é convidado a contemplar as realidades celestes, o profeta Ezequiel é chamado *filho do homem*,⁸ como se o Senhor advertisse claramente: “Não deixes o teu coração se exaltar por orgulho por causa daquilo que tu vês; considera prudentemente o que tu és, de modo que, quando penetrares as mais altas realidades, reconheças que tu és homem, e arrebatado para além de ti, possas voltar a ti com solicitude pelo freio da tua fragilidade”. É, portanto, indispensável que, quando a abundância das nossas virtudes nos lisonjeia, nossa alma oriente o seu olhar sobre as suas enfermidades e se rebaixe com uma salutar humildade. Não olhe para o que já fez, mas para o que deixou de fazer; para que o seu coração humilhado pela lembrança da sua fragilidade se consolide com mais firmeza junto ao autor da humildade. Pois, ainda que doando aos pastores um conjunto de altas qualidades da alma, o Deus todo-poderoso lhes deixa, ordinariamente, qualquer pequeno defeito, a fim de que, mesmo resplandecendo por admiráveis virtudes, sintam tristeza pela própria imperfeição e não se orgulhem por causa dos grandes méritos, visto que devem ainda lutar contra os mínimos defeitos; incapazes de vencer estes últimos sinais de imperfeição, não ousarão se orgulhar por suas ações mais notáveis.

Eis, grande amigo, que, impelido pela necessidade de fazer minha própria crítica, apliquei-me a demonstrar o que deve ser um pastor, e eu, um mau pintor, delineei um belo retrato de homem; eu, que dirigindo os outros para as margens da perfeição, sou ainda jogado de lá e de cá pelos vagalhões do pecado. Mas, no naufrágio da vida, eu te peço, sustenta-me com a tábua da salvação e, como o meu peso me faz afundar, que a tua mão benfazeja me levante.

¹ Ez 32,19.

² Ez 16,14-15.

³ Sl 77,61.

⁴ Sl 29,7.

⁵ Sl 29,8.

⁶ Sl 118,106.

⁷ Sl 118,107; cf. 37,7.

⁸ Cf. Ez 2,3.6.8; 3,1.

Coleção **PATRÍSTICA**

1. Padres Apostólicos, Clemente Romano – Inácio de Antioquia – Policarpo de Esmirna – Pseudo-Barnabé – Hermas – Pápias – Didaqué
2. Padres Apologistas, Carta a Diogneto – Aristides – Taciano – Atenágoras – Teófilo – Hérmiias
3. Apologias e Diálogo com Trifão, Justino de Roma
4. Contra as heresias, Ireneu de Lião
5. Explicação dos símbolos (da fé) – Sobre os sacramentos – Sobre os mistérios – Sobre a penitência, Ambrósio de Milão
6. Sermões, Leão Magno
7. A Trindade, S. Agostinho
8. O livre-arbítrio, S. Agostinho
- 9/1. Comentário aos Salmos (Salmos 1-50), S. Agostinho
- 9/2. Comentário aos Salmos (Salmos 51-100), S. Agostinho
- 9/3. Comentário aos Salmos (Salmos 101-150), S. Agostinho
10. Confissões, S. Agostinho
11. Solilóquios – A vida feliz, S. Agostinho
12. A Graça (I), S. Agostinho
13. A Graça (II), S. Agostinho
14. Homília sobre Lucas 12 – Homílias sobre a imagem do homem – Tratado sobre o Espírito Santo, Basílio de Cesareia
15. História eclesiástica, Eusébio de Cesareia
16. Os bens do matrimônio – A santa virgindade consagrada – Os bens da viuvez: Cartas a Proba e a Juliana, S. Agostinho
17. A doutrina cristã, S. Agostinho
18. Contra os pagãos – A encarnação do Verbo – Apologia ao imperador Constâncio – Apologia de sua fuga – Vida e conduta de S. Antão, S. Atanásio
19. A verdadeira religião – O cuidado devido aos mortos, S. Agostinho
20. Contra Celso, Orígenes
21. Comentário ao Gênesis, S. Agostinho
22. Tratado sobre a Santíssima Trindade, S. Hilário de Poitiers
23. Da incompreensibilidade de Deus – Da Providência de Deus – Cartas a Olímpia, S. João Crisóstomo
24. Contra os Acadêmicos – A Ordem – A grandeza da Alma – O Mestre, S. Agostinho
25. Explicação de algumas proposições da Carta aos Romanos / Explicação da Carta aos Gálatas / Explicação incoada da Carta aos Romanos, S. Agostinho
26. Examerão – os seis dias da criação, S. Ambrósio
- 27/1. Comentário às Cartas de São Paulo/1 – Homílias sobre a Carta aos Romanos – Comentário sobre a Carta aos Gálatas – Homílias sobre a Carta aos Efésios, S. João Crisóstomo
- 27/2. Comentário às Cartas de São Paulo/2 – Homílias sobre a Primeira Carta aos Coríntios – Homílias sobre a Segunda Carta aos Coríntios, S. João Crisóstomo
- 27/3. Comentário às Cartas de São Paulo/3 – Homílias sobre as cartas: Primeira e Segunda a Timóteo, a Tito, aos Filipenses, aos Colossenses, Primeira e Segunda aos Tessalonicenses, a Filemon, aos Hebreus, S. João Crisóstomo
28. Regra Pastoral, S. Gregório Magno
29. A criação do homem / A alma e a ressurreição / A grande catequese, S. Gregório de Nissa
30. Tratado sobre os Princípios, Orígenes
31. Apologia contra os livros de Rufino, S. Jerônimo
32. A fé e o símbolo / Primeira catequese aos não cristãos / A disciplina cristã / A continência, S. Agostinho

Direção Editorial
Claudiano Avelino dos Santos

Coordenação de desenvolvimento digital
Erivaldo Dantas

Coordenação editorial
Bento Silva Santos

Assistente editorial
Jacqueline Mendes Fontes

Revisão:
Tiago José Risi Leme
Iranildo Bezerra Lopes

Capa
Marcelo Campanhã

Título original
Regula Pastoralis

Tradução
Sandra Pascoalato, ijbp

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Gregório, Bento, Santo, Papa ca. 540-604 Regra pastoral / Bento, Santo, Papa, Gregório; [tradução Sandra Pascoalato]. – São Paulo: Paulus, 2010. – (Coleção patristica)

eISBN 9788534939041

1. Evangelização 2. Padres da Igreja primitiva 3. Teologia pastoral - Igreja Católica I. Título. II. Série.
10-11982 CDD-253
Índices para catálogo sistemático: 1. Teologia pastoral: Cristianismo 253

© PAULUS – 2014
Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 São Paulo (Brasil)
Fax (11) 5579-3627 • Tel. (11) 5084-3066
www.paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

eISBN 9788534939041